

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ARMANDO DOGOMAR GONZÁLEZ BALDI**

**A PAMPA COMO CENÁRIO DISCURSIVO:  
“A ANTIGUIDADE DO HOMEM NO PRATA” E O *SUL*,  
DIÁLOGOS PALEONTOLÓGICOS E LITERÁRIOS  
ENTRE FLORENTINO AMEGHINO E JORGE LUIS BORGES,  
UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR**

**Porto Alegre, 2015**

**ARMANDO DOGOMAR GONZÁLEZ BALDI**

**A PAMPA COMO CENÁRIO DISCURSIVO:  
“A ANTIGUIDADE DO HOMEM NO PRATA” E O *SUL*,  
DIÁLOGOS PALEONTOLÓGICOS E LITERÁRIOS  
ENTRE FLORENTINO AMEGHINO E JORGE LUIS BORGES,  
UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR**

Tese apresentada como requisito para parcial para a obtenção título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dra. Lúcia Sá Rebello

**Porto Alegre, 2015**

### CIP - Catalogação na Publicação

González Baldi, Armando Dogomar

A pampa como cenário discursivo: "A antiguidade do homem no Prata" e O Sul, diálogos paleontológicos e literários entre Florentino Ameghino e Jorge Luis Borges, uma abordagem interdisciplinar / Armando Dogomar González Baldi. -- 2015.

218 f.

Orientadora: Lúcia Sá Rebello.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. intertextualidade. 2. dialógica. 3. interdisciplinaridade. 4. paleontologia. 5. literatura. I. Sá Rebello, Lúcia, orient. II. Título.

*Para todos aqueles que sabem que a luz  
não vem do sol e sim do passado...*

O autor

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por haver-me feito de uma parte do Cosmos;

A meu pai, Armando, *in memoriam*, tangófilo que me contagiou o amor pela História;

A minha mãe Lucía, professora rural aos 17 anos que me ensinou a amar os livros:

*“Tu debes ter a tua própria biblioteca...”;*

A minha esposa Lélia, que me mergulhou no mundo da educação:

*“É como uma cachaça, quanto mais bebe mais gosta...”;*

A meu professor de Literatura de ensino secundário em Uruguai, de quem ainda não consegui lembrar o nome, quanta ingratidão da minha parte e como ainda me cobro e me dói na minha alma...!

A meu chefe e amigo Alfonso "mono" López, da fábrica Niboplast, Montevideú, 1980-1990, que me ensinou o diálogo necessário entre engenharia, projeto e design industrial do produto, e artes;

A meu amigo e irmão maior postiço, professor e escritor Raúl Rodríguez Barreiro, a quem lhe devo o valor da palavra e o zelo pelo carácter, dignidade e decoro;

Aos professores Raymondo Helvecio Aguiar e Elisabeth Milititsky Aguiar, mentores da minha segunda época como aluno aqui no Brasil;

A meus professores de Doutorado;

A minha professora e orientadora de Mestrado, Dra. Márcia Hoppe Navarro, *in memoriam*;

A Richard Fariña, paleontólogo e docente da Faculdade de Ciências de Montevideú;

A Gustavo Politis, membro do CONICET-INCUBA, Faculdade de Ciências Sociais, UNCPBA;

Ao Dr. Eduardo P. Tonni, chefe da Divisão de Paleontologia de Vertebrados do Museu de la Plata;

E em especial, a minha orientadora desta tese doutoral, Dra. Lúcia Sá Rebello

O meu sentimento de gratidão que, acho, nunca terá sido suficiente.

*“Piedra en la piedra, ¿el hombre, dónde estuvo?  
Aire en el aire, ¿el hombre, dónde estuvo?  
Tiempo en el tiempo, ¿el hombre, dónde estuvo?”*  
Pablo Neruda

*“Porque não há nada oculto que não venha a ser revelado,  
e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz...”*

Lucas 8:17

## RESUMO

A presente tese de Doutorado tem por objetivo estabelecer, analisar e demonstrar as possíveis relações de intertextualidade implícita e os aspectos interdiscursivos ou dialógicos de natureza convergente e de cunho interdisciplinar existentes em duas obras da literatura argentina, uma oriunda das ciências, mais exatamente da paleontologia, do século XIX “A antiguidade de homem no Prata” do professor e paleontólogo Florentino Ameghino, de 1880, e o conto curto *O sul* de Jorge Luis Borges do seu livro “Artifícios” de 1944. O estudo realizado se fundamenta nos princípios e postulados da Literatura Comparada, a partir das teorias sobre o discurso, levantadas e defendidas pelo linguista e filósofo russo Mikhail Bakhtin durante o período estalinista da antiga União Soviética e os estudos de cunho inter e multidisciplinar propostos pelo professor e pensador judeu alemão Henry H. H. Remak quem defende a procedência de estudos comparatistas entre a literatura e outras esferas de expressão. Esta análise e investigação se complementam, e conta também, com a contribuição de outros teóricos provenientes da Antropologia, Filosofia, História, Literatura, Paleontologia, Paleoantropologia e Sociologia, dentre os quais destacam Arno Kern, Daniel Vidart, Richard Fariña, Gustavo Politis, Mario Vargas Llosa, Oscar Hann, Mircea Eliade, Jean Yves Tadie, Gaston Bachelar, Greoges Pérec, Raymond Gaignard, Enrique Martínez Estrada entre outros, conjuntamente com as considerações e conjecturas de Alicia Jurado, Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia e José Benítez no que se refere ao estudo do universo literário e perfil biográfico de Jorge Luis Borges.

**Palavras-chave:** intertextualidade; dialógica; interdisciplinaridade; paleontologia; literatura.

## RESUMEN

La presente tesis de Doctorado tiene por objetivo establecer, analizar y demostrar las posibles relaciones de intertextualidad implícita y los aspectos interdiscursivos o dialógicos de naturaleza convergente existentes y de cuño interdisciplinario en dos obras de la literatura argentina, una oriunda del as ciencias, más exactamente de la paleontología, del siglo XIX “La antigüedad del hombre en el Plata” del profesor y paleontólogo Florentino Ameghino, de 1880, y el cuento corto *El Sur* de Jorge Luis Borges de su libro “Artificios” de 1944. El estudio realizado se fundamenta en los principios y postulados de la Literatura Comparada a partir de las teorías sobre el discurso, levantadas y defendidas por el lingüista y filósofo ruso Mikhail Bakhtin durante el período estalinista de la antigua Unión Soviética y los estudios de naturaleza inter e multidisciplinarios propuestos por el profesor y pensador judío alemán Henry H. H. Remak quien defiende la procedencia de estudios comparatistas entre la literatura y otras esferas de expresión. Este análisis e investigación se complementa con la contribución de otros teóricos provenientes de la Antropología, Filosofía, Historia, Literatura, Paleontología, Paleoantropología y Sociología, de entre los cuales se destacan Arno Kern, Daniel Vidart, Richard Fariña, Gustavo Politis, Mario Vargas Llosa, Oscar Hann, Mircea Eliade, Jean Yves Tadie, Gaston Bachelar, Greoges Pérec, Raymond Gaignard, Enrique Martínez Estrada entre otros. Conjuntamente, se presentan las consideraciones y conjeturas de Alicia Jurado, Beatriz Sarlo, Ricardo Piglia y José Benítez en lo que se refiere al estudio del universo literario y perfil biográfico de Jorge Luis Borges.

**Palabras-clave:** intertextualidad; dialógica; interdisciplinaridad; paleontología; literatura



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 DE LITERATURA COMPARADA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 NOS TERRITÓRIOS DA LITERATURA COMPARADA: LITERATURA, PALEONTOLOGIA E COMPARATISMO, AQUELE ABRAÇO DO PEITO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 O NOVO ABC SEGUNDO MIKHAIL BAKHTIN. ....</b>	<b>30</b>
<b>2. 3. 1 Sobre Dialógica, Enunciado e Discurso.....</b>	<b>31</b>
<b>2.4 UMA POLIFONIA, PORÉM SEM MÚSICA. ....</b>	<b>35</b>
<b>2.4.1 No coliseu de Mikhail Bakhtin: um choque de Consciências Ptolomaicas e Consciências Galileanas. ....</b>	<b>36</b>
<b>2.4.2 No vasto Universo de Bakhtin, um duelo entre Forças Centrípetas e forças Centrífugas.....</b>	<b>38</b>
<b>2.5 DO TEXTO À “INTERTEXTUALIDADE”, UM NEOLOGISMO DOS ANOS SESENTA. ....</b>	<b>39</b>
<b>2.6 HENRY H. H. REMAK, “THE PERIPATETIC COMPARATIST”... (?!) .....</b>	<b>48</b>
<b>2.7 LITERATURA COMPARA: DEFINIÇÃO E FUNÇÃO SEGUNDO HENRY H. H. REMAK!!!.....</b>	<b>50</b>
<b>2.8 ATRÁS DAS PEGADAS DE REMAK.....</b>	<b>53</b>
<b>2.8.1 “Literatura e cinema, Macunaíma: do Modernismo na literatura ao Cinema Novo”, um casamento que deu certo e sacramentado por Randal Johnson. ...</b>	<b>53</b>
<b>2.8.2. “Diálogos entre Augusto dos Anjos e Frida Kahlo: a questão do escatológico e a finitude humana nas suas obras; uma abordagem interdisciplinar”. Um bate-papo entre uma pena brasileira e um pincel asteca....</b>	<b>55</b>
<b>3 A PAMPA, ONDE TUDO COMEÇOU.....</b>	<b>59</b>

3.3 RESUMO DE “A ANTIGUIDADE DO HOMEM NO PRATA” .....	79
3.4 UM TAL SR. AMEGHINO: “EL LOCO DE LOS HUESOS”!.....	85
3.6 PETER WILHEM LUND, UM NATURALISTA QUE VEIO DO FRIO PARA UM PAIS TROPICAL, ABENÇOADO POR DEUS E BONITO POR NATUREZA.....	96
3.7 “ATÉ TU, ÉRICO VERISSIMO, UM AUTOCTONISTA?!!!...” .....	98
3.8 O SUL, RESUMO.....	102
3.9 JORGE LUIS BORGES, UM LITERATO OLHANDO AO SUL, PARA A PAMPA... ..	103
4. A PAMPA: UM LUGAR PARA O ESPAÇO SIMBÓLICO E UM LUGAR PARA O ESPAÇO NÃO SIMBÓLICO, O LUGAR DOS LUGARES?... ..	120
4.1 A PAMPA SOB OLHAR DO RAIOS X DOS ESTUDOS DESCRITIVOS: SIR CHARLES DARWIN, O SR. PRESIDENTE DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO, DR. ROMAIN GAINARD E O FILÓSOFO EZEQUIEL MARTÍNEZ ESTRADA... ..	133
4.2 O SUL: O QUE É O SUL?... QUE HÁ NO SUL?.....	161
4.3 O SUL DE BORGES E DE JUAN DAHLMAN: A LHANURA DO ETERNO RETORNO... ..	175
4.4 A LHANURA AGUARDA MAIS UM CONFRONTO, ESTA VEZ SEM FACAS... ..	190
5 CONCLUSÕES .....	203
REFERÊNCIAS .....	209

## 1 INTRODUÇÃO

A presente tese de Doutorado tem por objetivo estabelecer, analisar e demonstrar as possíveis relações de intertextualidade implícita e os aspectos interdiscursivos ou dialógicos de natureza convergente a partir da confrontação interdisciplinar de duas obras da literatura argentina, uma oriunda das ciências, mais exatamente da paleontologia, do século XIX “A antiguidade de homem no Prata” do professor e paleontólogo Florentino Ameghino, de 1885, e o conto curto *O sul* de Jorge Luis Borges do seu livro “Artíficios” de 1944. O estudo realizado se fundamenta nos princípios e postulados da Literatura Comparada a partir das teorias sobre o discurso, levantadas e defendidas pelo linguista e filósofo russo Mikhail Bakhtin durante o período estalinista da antiga União Soviética e os estudos de cunho inter e multidisciplinar propostos pelo professor e pensador judeu alemão Henry H. H. Remak que não só defende a procedência como estimula os estudos comparatistas entre a literatura e outras esferas de expressão humana, sejam estas originárias das ciências exatas, das artes, da religião e da filosofia.

No primeiro capítulo, a tese fornece o embasamento teórico necessário para fazer possível a confrontação interdisciplinar e análise das obras investigadas. Assim sendo, o trabalho propõe uma retrospectiva do surgimento e evolução dos estudos comparatistas até os dias de hoje, localizando seus primórdios no surgimento da paleontologia e dos estudos de anatomia comparada realizados pelo zoólogo e naturalista francês Georges Cuvier, não em vão chamado “o pai” de ambas as disciplinas. Posteriormente, a tese aborda as ideias e postulados propostos por Mikhail Bakhtin sobre o discurso, dialogismo, intertextualidade e interdiscursividade durante o stalinismo soviético. Estes conceitos foram analisados por Ana Kristeva e logo incorporados à Literatura Comparada no último quarto de século. Os mesmos são, também, acrescentados pela contribuição de teóricos, pensadores, literatos e filósofos dentre os quais destacam José Luis Fiorin, Frederic Jameson, Jean Yves Tadie, Gean Genette, Dominique Maingueneu e Laurent Jenny.

Já para tornar procedente uma confrontação de cunho interdisciplinar, neste caso entre paleontologia e literatura faz-se necessário o uso dos postulados defendidos por Henry H. H. Remak que abrem caminho para a possibilidade do diálogo entre a literatura e qualquer outro tipo de expressão, inclusive aquelas para além da escrita como escultura, pintura, teatro, cinema e fotografia.

O segundo capítulo começa abordando a descrição, estudo e análise da pampa conforme os conceitos da geografia, dando ênfase em especial a sua orografia, climas, flora e fauna atuais. O autor desde já aclara que faz uso do termo em gênero feminino por tratar-se de uma figura feminina na mitologia indígena sul-americana. A seguir, a tese incursiona nos modelos teóricos propostos para os biomas pampianos, flora e fauna, há 12 mil A.P. momento histórico da provável chegada do *Homo Sapiens* por estas paragens. Estes modelos foram realizados à luz das descobertas paleontológicas e paleontopológicas nos últimos anos por teóricos brasileiros, argentinos e uruguaios entre os quais destacam Ab´Saber, Arno Kern, Eduardo P. Tonni, Aberto L. Cione, Aníbal J. Figini, Gustavo Politis, Cristina Bayon e Richard Fariña.

Como a pampa, enquanto bioma, foi historicamente o espaço majoritário onde se gestou a construção da nação argentina, torna-se necessário complementar os aspectos geográficos com um resumo histórico do país, dando ênfase à situação política de Argentina no século XIX, no momento das guerras internas e conflitos sociais que definirão o projeto de consolidação do estado argentino. Seguidamente, e para dar continuidade ao primeiro capítulo, se apresentarão os resumos das obras em questão, conjuntamente com as biografias e produção literária de ambos os autores. As biografias serão acrescidas com as opiniões e pontos de vista dos autores e, no caso específico e mais recente de Jorge Luis Borges, será complementada com comentários, anedotas e fatos, a partir do seu círculo íntimo de amizades como também de outros autores contemporâneos. Estas inferências tornam possível a compreensão e a explicação do seu universo literário.

Neste momento, a pesquisa abre um parêntese para trazer ao debate a questão dos Realismos Mágico e Fantástico, pois o próprio Jorge Luis Borges comentou no seu prólogo que “*O sul*” é um conto passível de duas leituras: uma linear e outra mais profunda que invade as moradas do fantástico. Com efeito, estes gêneros ainda provocam confusão inclusive nos meios acadêmicos perante uma falta de consenso enquanto às características de cada um, e para tal empresa, a

tese inclui os estudos sobre estranhamento do escritor peruano, - e naturalizado espanhol -, Mario Vargas Llosa, o autor e poeta chileno Oscar Hann e do tradutor e escritor de ensaios filosóficos José Thomaz Brum entre outros.

Dando continuidade ao estudo, a terceira parte da tese está dedicada à confrontação e a análise comparativa das obras. O mesmo procura desenterrar e demonstrar a intertextualidade implícita existente e o discurso interdisciplinar de natureza convergente que são passíveis de serem defendidos. Para tal empresa, e tendo em vista a existência de um texto literário na análise comparativa, neste caso *O sul*, o capítulo incorpora e aborda a questão do mito como elemento constante e existente nas capas mais profundas tanto da literatura oral ancestral como da literatura escrita. Em tal sentido, a tese adere às teorias e os estudos do historiador das religiões e o mitólogo romeno Mircea Eliade sobre o mito e o seu papel na evolução humana a partir da aparição do Homo Sapiens Sapiens. Dentre a grande ocorrência de mitos, o mito do Eterno Retorno é um dos mais amplamente abordado pelo estudioso. Na visão do autor desta tese, a inclusão do mito do Eterno Retorno para o debate do conto *O sul* torna-se fundamental para elucidar e compreender as suas camadas mais profundas. Por outro lado, em se tratando de um processo investigativo que tem por eixo temático um espaço determinado, neste caso a pampa, o trabalho acolhe as considerações de Gaston Bachelard e Georges Pérec sobre a poética do mesmo, as leituras de John Berger sobre o lado metafísico sensorial do espaço aberto, e as visões de Charles Darwin, Domingo Faustino Sarmiento, Raymond Gagnard e Enrique Martínez Estrada no que diz respeito à socioantropologia da ocupação do bioma pampa desde os tempos pré-colombianos até nossos dias.

E para encerrar a tese investigativa, na última parte da mesma serão expostas as conclusões obtidas pelo autor, as quais em momento algum pretendem ser infalíveis ou fechadas a posteriores críticas. A tese tem a pretensão e o atrevimento de querer esmiuçar e facilitar a compreensão da literatura borgiana tida por vários teóricos como uma literatura labiríntica. Mas o autor da pesquisa espera, paralelamente às mesmas, contribuir de alguma maneira, com o resgate da produção científica latino-americana durante o seu estado embrionário, neste caso as ciências biológicas da Argentina. Como se mostrará, a ciência argentina provou ser arrojada e vanguardista na segunda metade do século XIX, revelando uma erudição que no seu momento foi posta em dúvida tanto pelo academismo do Velho

Mundo quanto dos EUA, não pelo seu grau de idoneidade, mas sim como um sintoma e um vício decorrentes do menosprezo proveniente da dicotomia política, já existente, Norte-sul, ou mais conhecida como civilização-barbárie.

Finalmente o autor deseja estimular a partir desta tese, - reconhecida ainda como imperfeita -, a leitura das obras confrontadas com o intuito de compreender melhor a história, literatura e cultura do Rio da Prata, assim como também propiciar o constante debate e surgimento de novas teorias que tentem responder uma das maiores inquietudes filosóficas da humanidade: a questão da procedência, da proveniência, da origem em outras palavras.

## **2 DE LITERATURA COMPARADA...**

Neste capítulo, que inicia o desenvolvimento da tese doutoral, estão reunidas as ferramentas teóricas necessárias que dão suporte a hipótese defendida por este trabalho. Em primeiro lugar, o capítulo abordará de forma resumida, porém concisa, a origem e evolução da Literatura Comparada enquanto uma disciplina oriunda dos estudos literários, - e em especial, da teoria da literatura -, desde seus primórdios no século XIX, em pleno desenvolvimento da Segunda Fase da Revolução Industrial. Porém como se verá, as suas raízes ainda que discretas e não acabadas, remontam e podem ser detectadas já no século XVIII, durante o desenvolvimento do Iluminismo e o consequente Enciclopedismo. A sinopse atravessa as duas grandes guerras, a ascensão e decadência do comunismo soviético, o surgimento da globalização, e o advento do pós-humanismo (e as suas duas vertentes o pós e trans humanismo) até chegar aos dias de hoje.

Do processo evolutivo dos estudos comparatistas em quase cem anos de existência reconhecida, a pesquisa se detém nas análises e postulados levantados e defendidos pelo filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin, no que diz respeito ao conceito de discurso, aos princípios da dialógica e da polifonia, os quais geraram contribuições e avanços na ampliação dos horizontes da Literatura Comparada. Seguidamente, o capítulo continua com o desenvolvimento da nova visão de entendimentos comparatistas promovidos pelo teórico judeu alemão Henry H. H. Remak que abrem a possibilidade de diálogos interdisciplinares, entre a Literatura e qualquer outra forma de expressão, seja esta escrita ou não; simbólica ou não, tornando assim possíveis os estudos comparatistas entre as letras e as ciências exatas, as ciências biológicas, a religião, e as artes sob todas as formas.

Estas análises, também, serão norteadas e enriquecidas com a contribuição das pesquisas dos acadêmicos brasileiros Carlos Alberto Faraco, José Luis Fiorin, Gilda Neves da Silva Bittencourt, o mexicano Torres Vindas e os postulados sobre Sociologia da Literatura levantados pelo pensador e teórico francês Jean Yves Tadie, entre outros teóricos.

Seguidamente voltará para a mesa de discussão, a questão da intertextualidade como sintoma decorrente do fenómeno da dialógica para o qual serão tidas em conta as apreciações de Julia Kristeva, mentora de próprio termo, José Luiz Fiorin, Dominique Mainueneau, Gerard Genette, Cesare Segre, Ángel Romera, e Joaquín María Aguirre, entre outros tantos estudiosos.

O embasamento teórico proposto pelo autor deste trabalho conta, também, com a contribuição interdisciplinar de hipóteses, teorias e apreciações oriundas das ciências biológicas como a paleontologia e paleoantropologia respectivamente.

## **2.1 NOS TERRITÓRIOS DA LITERATURA COMPARADA: LITERATURA, PALEONTOLOGIA E COMPARATISMO, AQUELE ABRAÇO DO PEITO...**

Desde o princípio dos tempos, todos os grupos humanos, - na sua busca constante por lugares seguros que fornecessem condições de moradia, alimento e fontes de água para o seu sustento -, voltaram as suas abstrações do mundo circundante e a sua interação com o mesmo sob a forma de mitos, lendas e crenças, transmitidas de geração em geração até a criação da escrita, por volta de seis mil anos atrás.

Desta maneira, etnias tão distantes, como as que povoaram o Velho Mundo e as Américas, compartilharam uma cosmogonia semelhante, seja como resultado dos movimentos migratórios transcontinentais, ou seja, por uma convergência cultural de pontos de vista. É importante lembrar, neste sentido, que para a Península Ibérica a datação humana mais antiga alcança o horizonte geológico de uns trezentos mil anos com a presença do Homem de Atapuerca, Burgos, Espanha; enquanto na América do Sul, mais precisamente no Brasil, a datação supera os cinquenta mil anos<sup>1</sup>, segundo a antropóloga franco-brasileira, Niede Guidon (PESSIS, 2003), respectivamente.

De todas as maneiras, de uma forma ou outra ou pelas duas, por que não?, a literatura oral e escrita de ambas as habitações humanas, no decorrer de sua evolução, apresentavam deuses, divindades, gigantes, monstros, heróis, lembranças

---

<sup>1</sup> Descobertas recentes abrem a possibilidade de aumentar ainda mais esta datação.



de cataclismos e terras nostofílicas<sup>2</sup>, comuns. A modo de ilustração, o professor Eudoxio H. Ortega<sup>3</sup> (KOLOSIMO, 1983) resgatou a seguinte lenda sobre o passado remoto dos quéchuas, considerados o primeiro estrato étnico do Império Inca:

En el principio de los tiempos, vivían los Virarunas, seres gigantescos, hijos de la tierra y constructores de enormes ciudades, creados por su dios Japallan Camayoc. Fueron exterminados por los Aucacunas, individuos llegados del país donde nace el Sol y para castigarlos, el dios Japallan Camayoc desencadenó un tremendo cataclismo. Rayos y truenos sacudieron los cimientos del mundo con espantosos temblores de tierra, cayendo grandes bloques de piedra que destruyeron la vegetación.

Una lluvia torrencial, que duró muchos días, aniquiló todos los animales, cuyas carroñas entraron en putrefacción originando terribles epidemias. Al final, las aguas se retiraron formando vastos mares en lugares donde antes no había, sumergiendo numerosos poblados.

Murieron todos los Aucacunas. Japallan Camayoc mandó llamar a tres cóndores y les dijo que llevasen a la Tierra tres parejas de un mundo lejano para poblarlo nuevamente. Estas parejas fueron depositadas por los cóndores en Pincosmarca, y de ellas descendieron todas las gentes de estas tierras. Por tal razón, adornaron al cóndor y esculpieron su imagen en las rocas. (KOLOSIMO, 1983, p. 87).

Com o passar dos séculos no continente euroasiático, esta necessidade de escrita, - já assistida por uma visão sem o animismo, ideologias religiosas e doutrinárias -, dará lugar à aparição lenta e progressiva, de uma literatura mais crítica e reflexiva, estimulada pelos ventos do Renascimento, o Antropocentrismo, o Iluminismo e, finalmente, o Cientificismo dos séculos XVIII e XIX.

Este estágio de civilização, principalmente no continente europeu, permitiu levantar as primeiras observações sobre as produções literárias realizadas dentro e fora das nações já consolidadas e daquelas que estavam em processo de consolidação. Assim nasceria em breve o que posteriormente se conheceria como Literatura Comparada.

A Literatura Comparada hoje em dia, um dos ramos dos estudos da Teoria da Literatura, é uma disciplina que tem por objetivo o levantamento de análises comparativas entre textos literários e os motivos pelos quais se geram as possíveis relações existentes entre ambos. Sua existência como tal nos âmbitos acadêmicos se remonta ao período de transição entre a Primeira e a Segunda Fase da

<sup>2</sup> Nostofilia, memória genética de algumas espécies animais como peixes y aves, de voltar a seu lugar de origem para a reprodução. São casos notórios o salmão e a enguia.

<sup>3</sup> Professor e historiador peruano autor do livro "Manual de historia general de Perú".

Revolução Industrial, mais precisamente nas universidades francesas, por volta de 1830. Porém ainda que esta década seja tida como marco inicial, as suas origens devem ser rastreadas no século anterior com a aparição dos estudos de Anatomia Comparada do zoólogo francês Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert, o barão Cuvier, mais conhecido como Georges Cuvier, considerado o pai da anatomia comparada e a paleontologia. Os seus estudos e modelos teóricos estão baseados no seu princípio da correlação das partes, segundo o qual as características funcionais e estruturais dos órgãos do corpo de um animal estão necessariamente relacionadas entre si e com o entorno. Seus postulados estão compilados nas suas obras: “Leçons d’anatomie comparée”, “Discours préliminaire”, “Recherches sur les ossements fossiles”, e “Discours sur les révolutions de la surface du globe”.

Nos seus primórdios, os estudiosos, influenciados do comparatismo da metodologia científica do momento, procuravam analisar as produções literárias relacionando-as e identificando as semelhanças, influências e pontos em comum que apresentavam através dos autores, como também segundo o grau de repercussão obtido pela obra no estrangeiro.

Em uma visão não tanto quanto isolacionista, Marx e Engels afirmam no seu Manifesto do Partido Comunista, publicado pela primeira vez em fevereiro de 1848 sobre a questão literária:

Em lugar da velha autossuficiência e do velho isolamento locais e nacionais, surgem um intercâmbio generalizado e uma dependência generalizada das nações entre si. E tal como na produção material, assim também na produção espiritual. Os produtos espirituais de cada uma das nações tornam-se bem comum. A unilateralidade e estreiteza nacional vão-se cada vez mais tornando impossível, e das muitas literaturas nacionais e locais forma-se uma literatura mundial (ENGELS; MARX, 1987, p. 38).

Como se pode perceber, os autores se identificam com um conceito de literatura que não comunga com os contornos geopolíticos das nações criados a partir da incipiente burguesia internacional de então.

Os termos *influência* e *fontes* inseridos no vocabulário da Literatura Comparada marcaram neste período embrionário, os rumos desta disciplina, estabelecendo com isto, a ideia de que um texto é passível e está aberto a influências e fontes oriundas de outro texto literário, e que, portanto, são detectáveis.

No fim do século XIX, Gaston Paris<sup>4</sup> definiu a Literatura Comparada como uma nova ciência cujo interesse se centraliza pelo folclore, pela mitologia e pela história do espírito, enquanto que Ferdinand Brunetiere<sup>5</sup> a define como uma referência aos seus valores estéticos.

Com o advento do século XX, surgiram as primeiras publicações para divulgar a função e papel da Literatura Comparada e dar a conhecer seu raio de atuação que, naqueles tempos, se restringia a relacionar obras que tivessem um possível contato real entre si, e claro está, produções oriundas de países europeus. Mas não todos os teóricos compactuavam com a procedência da sua finalidade. Benedetto Croce<sup>6</sup> publica um artigo em 1903 onde expressa a sua desconformidade com a Literatura Comparada enquanto disciplina gerada a partir da mera prática da comparação, reforçando a ideia de que a mesma poderia ser incorporada à História da Literatura.

Como foi dito acima, as atividades comparatistas centraram seu foco no Velho Mundo, negligenciando e deixando de lado a literatura produzida nas Américas. É importante lembrar e destacar neste sentido, como já foi exposto, que a literatura latino-americana assimilou quase todas as correntes literárias originárias da Europa. O Brasil é o caso mais representativo por contar com todas as escolas literárias desde seu nascimento como país-estado até o primeiro quarto do século XX quando produz a sua própria escola Modernista<sup>7</sup>.

Por outro lado, as letras latino-americanas criaram um movimento literário no fim do século XIX, o Modernismo, que em breve cruzaria o oceano Atlântico para germinar no Velho Mundo, a partir do reconhecimento e beneplácito recebidos na Península Ibérica. Este reconhecimento foi principalmente através das obras do autor uruguaio José Enrique Rodó, célebre pelas suas obras “Ariel”, ensaio sobre o valor da democracia e a astúcia do expansionismo norte-americano -; “Motivos de Proteo”, obra sobre a moral e o idealismo e “El mirador de Próspero” uma compilação de ensaios de escritores latino-americanos.

---

<sup>4</sup> Bruno Paulin Gaston Paris, 1839 – 1903, escritor francês.

<sup>5</sup> Ferdinand Brunetiere, 1849 – 1906, foi um escritor e crítico francês.

<sup>6</sup> Benedetto Croce, 1866 – 1952, escritor, historiador, filósofo e político italiano, ministro de educação, simpatizante e apoiador de Benito Mussolini, logo se opôs a seu governo fascista.

<sup>7</sup> Este movimento de ruptura pode ter seus ecos no Velho Mundo por ocasião do surgimento da “Geração do 27” durante a tumultuada Espanha que se encaminhava, aos poucos, rumo a sua Segunda República.

A princípio da década dos trinta, enquanto a Espanha se preparava para por em marcha a Segunda República, a visão positivista defendida pelos acadêmicos franceses recebe um apoio importante com a aparição de um manual escrito por Paul Van Tieghem que pretendia padronizar e normatizar os aspectos metodológicos dos estudos comparatistas. Este teórico propôs duas nomenclaturas: Literatura Comparada a partir dos seus autores por um lado, e na contrastividade das suas respectivas obras por outro; e Literatura Geral para a investigação com a contribuição de várias literaturas simultaneamente.

Com efeito, para Van Tieghem, os estudos da Literatura Comparada consistiam em analisar as influencias entre duas literaturas dadas, no que se referia a gêneros e estilos, temas e tipos de lendas e mitos, ideais e sentimentos, sucesso, influência, recepção, repercussão e finalmente fontes. Noutras palavras, para Van Tieghem, os estudos da Literatura Comparada apontavam para a historicidade e empréstimos, sem examinar os valores estéticos das obras. Para Escola Francesa sobre estudos de literatura comparada se privilegiava o elemento histórico, as relações diretas ou casuais entre as obras e os autores, e a coincidência nos gêneros, correntes e estilos.

Babits<sup>8</sup> irá na direção de Marx e Engels ao sugerir no seu livro “História da literatura europeia” que existe uma corrente de literatura universal da qual derivam todas as literaturas nacionais.

No início da década dos anos cinquenta, Marius F. Guyard (COUTINHO, 2013) arrisca uma leitura alternativa de Literatura Comparada ao considerá-la como a história das relações literárias internacionais, onde o comparatista se coloca nas fronteiras linguísticas ou nacionais, e examina as mudanças de temas, ideias, livros ou sentimentos entre duas ou mais literaturas. O seu método, segundo Guyard, deverá necessariamente adaptar-se à diversidade das suas pesquisas, deve ser capaz de ler diversas línguas e saber encontrar as bibliografias indispensáveis.

Porém os métodos franceses serão criticados e sofrerão um forte embate quase trinta anos mais tarde, em 1958, quando o escritor tchecoslovaco René Wellek, durante o Segundo Congresso Internacional de Literatura Comparada (NITRINI, 1997), sugeriu que a Literatura Comparada, até então se havia limitado a estudar mecanicamente as fontes e as influencias, a fortuna, a reputação ou a

---

<sup>8</sup> Mihály Babits, 1883 – 1941, poeta húngaro.

acolhida reservada a um escritor ou obra e as causas deterministas das produções literárias, sem nunca haver-se preocupado em desvendar o que tais relações poderiam revelar no âmbito de um fenômeno literário mais generalizado, a não ser mostrar o fato de que um escritor leu ou conheceu a outro. Como se isto não bastasse, René Wellek traz à luz para a discussão a falta de conhecimento sobre o Formalismo Russo e a Nova Crítica Norte-americana por parte da escola francesa.

Como consequência desta não aceitação de visão monolítica, surge a Escola Norte-americana que levanta a bandeira dos estudos comparativos entre obras literárias para além das suas próprias fronteiras nacionais, despojando-se de inflexões estritamente nacionalistas, demonstrando um decidido ecletismo e um alinhamento e identificação com as visões internacionalistas predicadas por Goethe<sup>9</sup> e Posnett<sup>10</sup>. Esta visão de pós-guerra, de interesse e reconhecimento de outras literaturas, de alguma forma, apelava e procurava prestigiar as mesmas, como também trazia no seu seio o desejo de contribuição para harmonizar e estabilizar a situação mundial ainda com as marcas e sequelas do conflito bélico e do horror da bomba atômica. Por outro lado, esta postura de análises comparatistas apostava no entendimento e compreensão entre os povos europeus como uma possível garantia e maneira de evitar uma terceira guerra mundial.

Em 1961, os soviéticos enviam a primeira nave espacial tripulada, o Vostok 1, comandada pelo cosmonauta Yuri Gagarin, o primeiro homem no espaço, enquanto investigador Henry H. H. Remak também dá um grande passo e amplia os horizontes da Literatura Comparada ao propor que os estudos comparatistas devem incluir os estudos da literatura para além das suas fronteiras nacionais e linguísticas como qualquer estudo de literatura, envolvendo pelo menos dois meios de expressão, tornando assim possíveis e procedentes as relações entre artes, filosofia, história, as ciências exatas, as ciências biológicas, as ciências sociais e as religiões. Desta forma, nascia uma visão inter e multidisciplinar dos estudos comparativos.

Seis anos mais tarde, Claude Pichois e André Rousseau no seu manual de 1967 enfatizam a importância da questão do fato internacional e interlinguístico nas abordagens dos estudos comparatistas:

---

<sup>9</sup> Johan Wolfgang von Goethe propôs no século XVIII o conceito de *weltliteratur*, a ideia de uma literatura mundial, se opondo assim a todo tipo de isolacionismo literário.

<sup>10</sup> Huctson Macaulay Posnett, 1855 – 1927, advogado irlandês, um dos pioneiros dos estudos da literatura comparada que aderiu ao conceito de *weltliteratur* cunhado por Goethe.

Literatura Comparada: descrição analítica, comparação metódica e diferencial; interpretação sintética dos fenômenos literários interlinguísticos ou interculturais, através da história, da crítica e da filosofia, a fim de se compreender melhor a literatura como uma função específica do espírito humano (COUTINHO, 2013, p. 13).

Anos mais tarde e quase fim da década dos setenta, a semiótica búlgara Julia Kristeva, resgata e aproveita os estudos realizados pelo filósofo soviético Mikhail Bakhtin sobre o dialogismo e polifonia e os aplica à Literatura Comparada. O comparatismo adquire uma nova fisionomia e uma maior profundidade e entra em cena um novo termo cunhado pela própria Julia Kristeva: a intertextualidade. A intertextualidade define a presença de um texto dado em outro, o que resulta num procedimento natural e contínuo da reescrita, mas esta vez dando ênfase em analisar e interpretar as funções que deram lugar a tais relações.

Após este salto nos antecedentes da Literatura Comparada, a disciplina abre os seus horizontes e fixa seu olhar nas produções literárias dos países que quebraram o jugo colonial, constatando a existência de tradições culturais locais sobreviventes à ingerência do conquistador. Começa assim a aparecer a outra história desde o ponto de vista dos historicamente dominados e vencidos: o pós-colonialismo, cujas pautas centrais foram definidas pelo teórico palestino Edward Said no seu livro “Orientalismo” de 1978 que diz respeito à genealogia dos saberes europeus do “outro”, mostrando os vínculos íntimos entre as ciências humanas e o imperialismo. Este caminho foi trilhado por outros teóricos e filósofos indianos como Homi K. Bhabha, Gayatri Spivak e Rabahid Gua e o semiótico argentino Walter Mignolo.

Já o advento da década dos oitenta traz consigo para o Novo Mundo o declínio e fim dos principais regimes ditatoriais da América Latina, e, em especial, os do Cone Sul. A Guerra das Malvinas, que irrompeu em abril de 1982 como um intento que revelara o desespero da Junta Militar argentina sob o comando do general Leopoldo Galtieri, perante sua incapacidade de seguir no poder, acelera sua própria queda, precipita o regime de fato do Uruguai, e põe em xeque as ditaduras de Alfredo Stroessner no Paraguai e a de Augusto Pinochet no Chile.

O trabalho dos literatos latino-americanos como Juan Gelman, Adolfo Bioy Casares, Julio Cortázar, Mario Benedetti, Alejo Carpentier, Juan Rulfo, Augusto Roa Bastos e Eduardo Galeano, entre outros tantos, desde as trincheiras dos seus consoles se somam e desacreditam os processos militares, estimulando o resgate e

redescobrimto da identidade cultural latino-americana. Eduardo Galeano (1988) levanta e enumera os dez erros ou mentiras mais frequentes sobre a literatura na América Latina: fazer literatura consiste em escrever livros; por cultura entende-se a produção e consumo de livros e obras de arte; a cultura popular reside nas tradições típicas; o escritor cumpre uma missão civilizadora; uma verdadeira democracia é aquela que garante a liberdade de expressão aos escritores e artistas; não se pode falar de cultura na Latino-américa porque América Latina não é nada mais que uma realidade geográfica; a grande tarefa da nova literatura latino-americana consiste na invenção da linguagem; América Latina tem uma natureza exuberante, porém a sua literatura é barroca; a literatura política trata de temas políticos, enquanto a literatura social trata de temas sociais; e por último, no melhor dos casos, a literatura pode interpretar a realidade, porém se mostra incapaz de transformá-la.

Gilda Neves da Silva Bittencourt (2005) não muito distante de Galeano, ao refletir sobre a possibilidade de considerar e levantar uma literatura comparada restrita a América Latina, comenta:

A proposta, identificada no pensamento do uruguaio Angel Rama e do professor Antônio Cândido, e mais recentemente, nos estudos de Ana Pizarro e de Eduardo Coutinho, no Brasil, nasceu da constatação de que o objeto de estudo do comparatismo literário, ou seja, as obras literárias latino-americanas era naturalmente híbrido, já que resultava da amalgama das tradições, relacionadas às manifestações populares, aos mitos e lendas, com a tradição literária herdada do colonizador europeu. O estudo dessa produção, sob a ótica da Literatura Comparada tradicional resultava insatisfatório, pois não dava conta da diversidade cultural ali encontrada e nem das peculiaridades das sociedades pós-coloniais ali representadas. (BITTENCOURT, 2005, p. 46).

A aparição dos realismos Maravilhoso, Mágico, Fantástico e Irrealismo (ARBEA GARILAN, 1988) no seio da perspectiva cultural latino-americana, a partir da segunda metade do século XX, em contraste e em oposição às influencias, adaptações e outros processos de transculturação vindos dos países do Primeiro Mundo, é um argumento que pode ser usado a favor das teses defendidas pelos acadêmicos mencionados. Com efeito, como já fora comentado no capítulo anterior, estes realismos surgem, também, na América Latina como uma reação ao avanço da produção literária e fílmica da Ciência Ficção anglo-saxônica, por um lado; e por

outro, como manifesto contrário aos regimes militares que imperavam com o beneplácito, agrado e interesse dos Estados Unidos de Norte América.

Nos anos noventa, na Espanha, a Lei de Reforma Universitária propicia a aparição da graduação em estudos de Literatura Comparada unida à da Teoria da Literatura. Como um dos seus precursores pode-se considerar a Alejandro Cioranescu, professor romeno estabelecido na Universidade de La Laguna e autor de um manual produzido nos anos sessenta sobre uma considerável parte da história da disciplina e seus antecedentes.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, estudos comparatistas realizados não por acadêmicos oriundos da Linguística, Letras ou Filosofia e sim de ciências tidas como exatas -, davam a conhecer os resultados das suas pesquisas que envolviam ciência e a Bíblia. Seguindo a metodologia de Georges Cuvier de comparar e verificar os estágios embrionários comuns aos seres vivos como os peixes, os anfíbios, os répteis, as aves e os mamíferos, que guardam vestígios de uma origem em comum, um grupo de biólogos, astrônomos e físicos apresenta a Teoria do Design Inteligente ou Projeto Inteligente<sup>11</sup> segundo o qual o estudo de padrões encontrados na natureza revela que estes são melhor explicados como resultado da obra de um ser inteligente, em outras palavras, existem sistemas orgânicos que não podem ser explicados a partir do aleatório e do acaso, e sim pela intervenção de uma inteligência superior.

Para além do conceito de religião, a Bíblia seria para os defensores deste modelo, o registro histórico da presença e interação do criador ou criadores<sup>12</sup>. Esta visão alternativa da origem do Universo e da vida no planeta Terra se opõe diametralmente ao materialismo dos métodos científicos e defende a nomenclatura de Realismo Teísta, onde deus é real e o responsável pela criação, rompendo com esta postura a ideia de deus como religião. Entre os defensores desta escola destacam Michael Behe bioquímico e professor de bioquímica da Universidade de Lehigh, Pensilvânia; Stephen C. Meyer, diretor do Centro para Ciência e Cultura do Instituto Discovery, em Seattle; e William Dembsky, teólogo da Universidade de

---

<sup>11</sup> Esta teoria é uma versão conclusiva da Teoria do Astronauta Antigo defendida por Erich Von Daniken nos anos setenta e que defende a interferência na evolução humana de seres inteligentes vindos de outros mundos. Esta teoria não só foi muito bem acolhida nos círculos acadêmicos soviéticos como também já os teóricos marxistas teorizavam com essa possibilidade.

<sup>12</sup> O filme "Prometeus" (RIDLEY SCOTT, 2012) pretensamente a origem argumental que explicaria outro filme "Alien, o oitavo passageiro" (RODLEY SCOTT, 1979) trabalha com um roteiro baseado na Teoria do Astronauta Antigo, mas os problemas existenciais dos personagens correm por conta da Teoria do Projeto Inteligente.



Illinois, Chicago. Este movimento não contou nem gozou, em momento algum, da simpatia do academismo cartesiano e foi rotulado de pseudociência.

Por sua vez, Susan Basnett no novo contexto mundial, sem a presença soviética, promove uma nova redefinição para o dilema existencial acadêmico do papel real da Literatura Comparada: uma análise que envolve o estudo de textos entre culturas, com um enfoque interdisciplinar, voltada para os padrões de relações entre as literaturas no tempo e no espaço.

Com a chegada do Neoliberalismo, cujos pilares foram a privatização da economia e redução ao mínimo do Estado, liberação do mercado, anticolonialismo<sup>13</sup>, cortes de gastos públicos, redução de impostos, e flexibilização do mercado de trabalho, facilitado pela desapareição da União Soviética em 1989, sai à luz o seu principal herdeiro: a Globalização que terá como principal instrumento o computador e a rede de comunicação mundial: a Internet. O computador breve se transformaria no principal ícone dos anos noventa e de fins de século, como também de fins de milênio.

Seu uso antes restrito à segurança nacional e fins estratégicos de guerra nos países do primeiro mundo, e em especial nos Estados Unidos e na hoje extinta União Soviética, foi liberado para uso doméstico. A sociedade como um todo para além das diferenças ideológicas, culturais e religiosas assumiu uma nova fisionomia resultante do convívio com o computador: a condição de cibionte, ou ser ou existência assistidos pela cibernética,

Macroorganismo resultante da simbiose e da articulação do biológico como o mecânico e o eletrônico. As sociedades atuais constituem o cibionte, pois coexistem e co-evoluem juntos os seres humanos, as sociedades, as máquinas e as redes de informação formando um todo que prolonga o processo evolutivo, agora co-pilotado pelo ser humano (BOFF, 2004, p. 194).

Crary<sup>14</sup> e Kwinter<sup>15</sup> assinam embaixo ao reconhecer: “O problema moderno da vida é impensável se separarmos o organismo das máquinas” (SANTAELLA, 2003, p. 303).

---

<sup>13</sup> Este anticolonialismo deve ser entendido não como uma reflexão humanitária e sim como uma estratégia metodológica do capitalismo globalizado com o intuito de facilitar ainda mais o aprofundamento da sociedade de consumo e transito permanente de bens e utilidades.

<sup>14</sup> Jonathan Crary, crítico de arte e ensaísta norte-americano, professor de Arte Moderna e Teoria na Universidade de Columbia, Nova York.

<sup>15</sup> Sandford Kwinter, nascido em Canada, escritor, teórico de arquitetura e professor de Teoria e Crítica da Escola de Graduação de Desenho na Universidade de Harvard.

O cibionte breve daria lugar a uma nova ética o Pós-humanismo, termo cunhado por Ihab Hassan<sup>16</sup> nos fins dos anos setenta para contornar o incipiente processo de hibridização entre homem e máquina, entre carne e silício, isto é, a robotização do ser humano como necessidade para assegurar e prolongar a sua vida<sup>17</sup>, criando-se um convívio e dependência compulsórios do homem com tecnologias de ponta e inteligências artificiais. Estas tecnologias conduziram de forma inevitável e em curto prazo a uma nova discussão do ético e das artes também.

Do Pós-humanismo surgiria outra vertente o Trans-humanismo, como uma opção de melhorar voluntariamente a condição humana a través da substituição de órgãos e partes do corpo por tecnologias avançadas e de ponta, como a nanotecnologia, demonstrando assim, às claras, a sua abdicação da imperfeição humana e o desejo de longevidade a qualquer custo, sem atender códigos éticos, morais ou religiosos<sup>18</sup>. Deste movimento destaca o Extropianismo, surgido em 1988, em Los Angeles, sob a direção de Max More e a sua esposa Vita More que defendem a tese da condição obsoleta do corpo, o estágio humano evolutivo ainda não acabado, a superação da velhice, a expansão da existência humana sem limites e a criação, ao longo prazo, do *Transhomo Sapiens* até concretizá-lo através de um *upload* cerebral numa máquina.

Assim, o computador, agora melhor amigo do homem para quase todo mundo, obra prima da engenharia da comunicação em tempo real e do armazenamento infinito de dados logo passou a ser um eletrodoméstico a mais, como o radio, a cozinha e a televisão, conectando e comunicando pessoas e ideias de qualquer parte do planeta. Instrumento de expressão do avanço tecnológico dos países do Primeiro Mundo e projetado para dar continuidade a sua hegemonia sobre as nações debaixo da linha do equador, paradoxalmente foi de grande utilidade, também, para a revelação da realidade sociocultural latino-americana.

---

<sup>16</sup> Ihab Hassan, escritor e teórico da literatura, nasceu no Cairo em 1925 e migrou para os Estados Unidos em 1946. Além de propor o termo Pós-humanismo, elaborou uma tabela na qual apresenta as diferenças concretas e abstratas entre a Modernidade e a Pós-modernidade.

<sup>17</sup> Entram nesta condição aquelas pessoas que usam aparelhos de sofisticada tecnologia dentro dos seus corpos, como coração artificial, próteses inteligentes, implantes, etc.

<sup>18</sup> Este caso diz respeito a pessoas que voluntariamente modificam ou substituem partes do seu organismo por implantes inteligentes, implantes siliconados para melhorar certas regiões do corpo como seios, panturrilhas e glúteos. A criogênese, conservação do corpo ainda vivo a baixas temperaturas forma parte desta nova ética.

De fato, graças a sua veiculação pela internet, o mundo soube o porquê do Levantamento de Chiapas, no México, em janeiro de 1994<sup>19</sup>, do EZLN, Exército Zapatista para a Liberação Nacional, sob comando do Comandante Marcos, na defesa da reivindicação dos direitos dos camponeses empobrecidos e das etnias indígenas discretas que estavam por ser exterminadas pelo governo mexicano, a cargo do então presidente Carlos Salinas de Gortari.

Neste novo contexto mundial dominado pela informática, a Literatura Comparada assiste ao nascimento do hipertexto nas telas da Internet, onde um ícone, uma palavra ou uma imagem, posicionados em algum lugar do texto, ao clicá-los com o mouse, remetem e reportam a outros textos que por sua vez, apresentam a mesma condição de remeter a outros tantos textos em fração de segundos:

Mas o termo “hipertexto” só foi cunhado por Theodor Nelson<sup>20</sup>, nos anos 70, para descrever um sistema de escrita não sequencial: um texto que se desmembra e que permite escolhas ao leitor. Mais tarde, ele expandiu a noção para hipermídia para descrever uma nova forma de mídia que utiliza o poder do computador para arquivar, recuperar e distribuir informação na forma de figuras gráficas, texto, animação, áudio, vídeo, e mesmo mundos virtuais dinâmicos (SANTAELLA, 2010, p. 93).

O texto passa com esta nova realidade, por um processo de metamorfose, o texto impresso se desdobra e convive com uma espécie de clone ou réplica, porém este reside num espaço virtual, intangível. Assim surgem dicionários, enciclopédias, revistas, jornais e até bibliotecas virtuais. Enquanto isso, a Literatura Comparada observa atenta os câmbios que se produzem em decorrência do exposto, à espera de poder encontrar rastros que ampliem a assimilação e compreensão das novas dinâmicas que ainda se vislumbram chegar em breve.

Neste novo contexto virtual, Carlos Ceia disponibiliza no seu portal “Dicionário de termos literários” uma nova e reflexiva apreciação da Literatura Comparada:

---

<sup>19</sup> Este episódio é tido, por não poucos estudiosos y acadêmicos latino-americanos, como o marco do início da versão do Pós-modernismo na América Latina, a segunda emancipação latino-americana, esta vez contra a Globalização vertical de cunho neocolonialista. Este levantamento, no decorrer da década dos noventa, abrirá espaço para as presidências de Hugo Chávez na Venezuela, do socialista Tabaré Vázquez no Uruguai, do ex-guerrilheiro montonero, já falecido, Nestor Kirchner na Argentina, o líder sindicalista Luis Ignacio Lula Da Silva no Brasil, o indígena Evo Morales na Bolívia e o ex-guerrilheiro tupamaro José Mujica no Uruguai. Com a volta ao governo do Dr. Tabaré Vázquez no Uruguai, a esquerda continua na situação por três mandatos sem necessidade de reeleição.

<sup>20</sup> Theodor Holm Nelson, filósofo e sociólogo estadunidense, foi um dos pioneiros da tecnologia da informação e criador dos termos *hipertexto* e *hipermídia* em 1963.

Em síntese, a Literatura Compara parece poder surgir como espaço privilegiado para a tomada de consciência do caráter histórico, teórico e cultural do fenômeno literário, quer insistindo em aproximações caracterizadas por fenômenos transtemporais e supranacional quer acentuando uma dimensão especificamente cultural, visível, por exemplo, em áreas como estudos de tradução ou os estudos intersemióticos. Daqui decorrem três tendências, que julgo centrais para o entendimento das perspectivas atuais do comparatismo: uma tendência multidisciplinar (e mesmo eventualmente interdisciplinar); uma tendência interdiscursiva, visível no desenvolvimento das relações com áreas com a história, a filosofia, a sociologia e a antropologia; finalmente, uma tendência intersemiótica, que tenta colocar o fenômeno literário no quadro mais alto das manifestações artísticas humanas. De todas elas ressalta um aspecto comum: o de que a Literatura Comparada se situa na área particularmente sensível da “fronteira” entre nações, línguas, discursos, práticas artísticas, problemas e conformações culturais. Esta colocação faz dela um campo de indagações particularmente fértil para a colocação de problemas que, se tomados em absoluto, dificilmente poderão encontrar uma formulação epistemológica significativa.<sup>21</sup>

Para além dos conceitos colocados por distintos pensadores e teóricos ao longo da existência dos estudos comparatistas, algo parece certo no debate da Literatura Comparada: o indiscutível caráter de seu cunho inquestionavelmente multidisciplinar. Ainda que existam redutos do positivismo nos meios acadêmicos, com os seus vícios e empenho de fragmentar saberes, e ainda que subsista a ilusão do conceito de fronteira, para a Literatura Comparada os primeiros já não procedem, enquanto o segundo já não existe ou talvez, como pensa e se identifica o autor desta tese, nunca existiu como tal.

Desta breve sinopse sobre os primeiros cento e cinquenta anos de evolução dos estudos sobre Literatura Comparada, o trabalho se dedicará primeiro a analisar com maior profundidade a contribuição de Mikhail Bakhtin nos domínios do discurso e a sua incidência nos campos literários para logo seguidamente incursionar nos estudos de H. H. Remak e a procedência da multidisciplinaridade presente na análise dos estudos de cunho comparatista.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&link\\_id=919:literatura-comparada&task=viewlink](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=919:literatura-comparada&task=viewlink)>. Acesso em: 01.10.2014.

## 2.2 DESDE RÚSSIA COM AMOR: MIKHAIL BAKHTIN, VÁRIOS DISCURSOS CONTRA UM DISCURSO MONOLÍTICO

Mikhail Mikailovicht Bakhtin nasceu em 16 de novembro de 1895, na cidade de Orel, ao sul de Moscou, no seio de uma família aristocrática em decadência. A sua infância transcorreu em Vilnius e Odessa, cidade esta onde, começou os estudos universitários. Com dezesseis anos, muda para São Petersburgo onde estuda filosofia e letras, mas demonstrando interesse pela filosofia alemã.

Junto a seus colegas intelectuais cria o Círculo Bakhtin para acompanhar de perto e estudar o pensamento contemporâneo e os novos rumos e correntes da ciência. Foi professor de Literatura em Vitebsk onde fez uma grande amizade com o pintor francês de origem russa, Marc Chagal, autor este que breve se identificou e aderiu a uma escola alternativa de entendimento do real que escapava a todas as propostas até então trilhadas e que breve teria como seu grande ícone a Salvador Dalí: o Surrealismo<sup>22</sup>, produzindo telas características pela sua fantasia e cores brilhantes.

Por causa de suspeitas levantadas por práticas religiosas identificadas com a Igreja Ortodoxa, - fato este com pouco fundamento tendo em vista a sua visão de mundo que quase que em sintonia com o anarquismo -, o teórico perde seu trabalho e vai para Leningrado, a outrora São Petersburgo, cidade rebatizada após o levantamento revolucionário comunista de outubro de 1917.

Nesta cidade, Bakhtin conheceu os principais pensadores do Formalismo Russo, movimento que demonstrava interesse pelo estudo intrínseco do texto, deixando de lado outras disciplinas como a psicologia ou a sociologia e que se posicionou diametralmente oposto contra o marxismo imperante na União Soviética.

Pelas suas discrepâncias com o regime comunista, o pensador foi detido e deportado a Cazaquistão onde permaneceu por sete anos até receber a permissão de ensinar na cidade de Saransk, porém em breve se retiraria para Savalevo, fugindo dos grandes expurgos implantados por José Stalin dos quadros opositores

---

<sup>22</sup> Movimento artístico surgido no primeiro quarto do século XX que propunha a libertação total do inconsciente e cujas obras escapavam aos princípios da lógica e da razão, adotando a irracionalidade e as imagens oníricas como principais bandeiras. Dentre os seus expoentes destacam André Breton, Max Ernst, Tristan Tzara, o cineasta Luis Buñuel com a sua larga metragem “Um cachorro andaluz”, primeiro filme surrealista e o pintor catalão Salvador Dalí que breve se transformaria no representante mais autêntico desta escola, defendendo e propondo um surrealismo despojado e sem comprometimento algum com a moralidade.

em 1937. Por problemas de ossificação, Bakhtin passou pela amputação de uma perna. Quatro anos mais tarde, em 1941, apresentou a sua tese doutoral sobre François Rabelais<sup>23</sup> intitulada “Rabelais e a cultura na Idade Média e Renascimento”, no Instituto Gorki de Moscou, mas só em 1946 consegue defendê-la. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, retorna a Saransk e formará parte dos quadros da sua Universidade até se aposentar em 1961. Em 1969, ano em que os norte-americanos chegam à lua com Armstrong, Collins e Aldrin, procura tratamento médico na cidade de Moscou e decide radicar-se. Logo após uma longa doença, morre em 1975.

Da sua produção destacam: “Estética da criação verbal”; “Problemas da poética de Dostoievsky”; “Problemas literários e estéticos”; “Teoria e estética da novela”; “Marxismo e filosofia da linguagem”; e “O método formal nos estudos literários”. Muito embora os seus trabalhos trilhem os domínios da Literatura, as suas contribuições atingiram a linguística, a semiótica, a narratologia, a antropologia e os estudos sobre cultura e ideologia, pois seu novo paradigma, que diz respeito a dialogismo e polifonia, é o resultado decorrente das práticas sociais milenares inerentes ao ser humano.

Assim em contrapartida a uma leitura da realidade que não escapa à homogeneidade, estabilidade, positivismo e monologismo imposto pelo grupo ou classe dominante, Mikhail Bakhtin defende um pensamento filosófico aberto, sem limites, que propicia e prestigia a diversidade, a alteridade, a heterogeneidade, e a dinâmica:

Afinal, ele se posicionou contra o que se convencionou chamar as grandes narrativas do final do século XIX e do início do século XX, criticou o estruturalismo, a psicanálise, o formalismo, não foi existencialista, não aderiu propriamente ao marxismo, negou o coletivismo. Mostrou que todas as explicações totalizantes eram monológicas. Daí se conclui que não foi um modernista (FIORIN, 2006, p. 15).

Os seus escritos vão examinando e contestando os conceitos até então tidos como inapeláveis. Estes apresentam uma característica muito peculiar, pois muitos deles estão inacabados, o que dificulta, por vezes, a compreensão cabal das suas reflexões. Ainda assim, a sua heterogeneidade de visão lhe permite transitar até

---

<sup>23</sup> Humanista e escritor francês, 1494 – 1553, foi beneditino, médico e professor de anatomia. Autor de “Gargantua e Pantagrue”, obra humorística com estilo pessoal e expressivo, por vezes grotesca e escatológica para a moral reinante da época, na qual o escritor revela a sua própria filosofia da natureza e a sua moral epicúrea, encarnando o espírito do Renascimento.

pela própria Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Faraco (2001) em tal sentido comenta:

Por tudo isto, erram aqueles que tentam encontrar e, Bakhtin um linguista ou um teórico mais da literatura; ou aqueles que fazem uma leitura fragmentada dos seus textos. Tais especializações ou fragmentações estão longe da sua forma de pensar. Parece que é bastante evidente que Bakhtin não nos oferece uma teoria particular ou um modelo formalizado nos moldes com que a academia se acostumou. O que ele construiu deve ser entendido antes de tudo como uma espécie de sistema filosófico, ou nas palavras de Luiz Roncari uma sabedoria, ou como ensinou o próprio Bakhtin – uma antropologia filosófica -, conjunto a que muitos dos seus comentaristas têm dado o nome de dialogismo (DE CASTRO, FARACCO, TEZZA, 2001, p. 117 e 118).

Mas outro problema que se apresenta na leitura e o entendimento dos escritos do filósofo é o que diz respeito às traduções feitas a partir da sua língua materna, o russo, que não sempre conseguem passar para outro idioma, - como foi o caso ao francês primeiro, e logo ao inglês -, a verdadeira pretensão de Bakhtin, seja por falta de compreensão como por falta de uma terminologia adequada. Ainda nestas condições instáveis e restritas, seus trabalhos cobraram prestígio e reconhecimento mundial, transpondo e superando os impedimentos da Cortina de Ferro e da Guerra Fria. Com efeito, nos fins dos anos setenta, seus escritos foram traduzidos e divulgados na França pela semioticista Julia Kristeva numa edição da revista “Critique” de 1967. Com isto a Literatura Comparada já não seria mais a mesma.

### **2.3 O NOVO ABC SEGUNDO MIKHAIL BAKHTIN**

As denominações e as pesquisas feitas durante anos pelo filósofo na hoje extinta União de Repúblicas Socialistas Soviéticas vieram à tona para o mundo ocidental e cristão quase no fim dos anos setenta e ganharam maior impulso com a morte do mesmo. Com a tradução dos escritos de Bakhtin por Kristeva surgem à luz os desafios planteados pelos conceitos de dialogismo, polifonia, forças centrípetas, forças centrífugas, consciência ptolomaica, consciência galileana e enunciado. Estes

termos são a base das pesquisas do filósofo e este capítulo os abordará como a pedra fundamental para a sustentação desta tese.

### **2. 3. 1 Sobre Dialógica, Enunciado e Discurso**

Na visão bakhtiniana, os processos que acontecem na produção literária como também nas demais artes como meios de manifestação e expressão sociais, são pela sua própria natureza dialógicos, isto é se fundamentam no diálogo e na forma como este processo de comunicação acontece. Estas relações dialógicas (FIORIN, 2006) não só remetem ao simples diálogo entre pessoas e interlocutores, pois vão além: o dialogismo acontece sempre entre discursos ou enunciados. A pesquisa e estudos sobre o conceito de dialogismo se apresenta como o princípio fundador da obra do filósofo russo.

Bakhtin o examina desde diferentes ângulos de abordagem e o estuda nas suas diferentes manifestações, propondo e levantando três conceitos sobre dialogismo (FIORIN, 2006): o primeiro conceito de dialogismo como o modo do funcionamento real da linguagem e principal constitutivo do enunciado o qual se constitui a partir de outro enunciado, sendo este uma réplica a outro enunciado e de caráter heterogêneo, pois o mesmo revela duas posturas, a sua própria e aquela em oposição à qual se constrói. O segundo conceito diz respeito à existência do dialogismo composicional fruto da composição de vozes quando o enunciador incorpora a voz de outro ou outros no seu enunciado e, segundo o próprio teórico russo, isto acontece de duas maneiras, uma em que o discurso alheio é citado abertamente e nitidamente separado do discurso citante, e que recebe o nome de discurso objetivado, sendo o discurso direto, indireto, as aspas e a negação seus exemplos mais ilustrativos; e outra forma em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado no qual não há separação nítida entre o enunciado citante e do citado: a paródia, a estilização, a polêmica e o discurso indireto livre são exemplos deste segundo conceito. E finalmente, a última manifestação aponta que a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa e forma parte o sujeito. Com efeito, para o filósofo russo o sujeito não é totalmente submisso às estruturas sociais, nem apresenta uma total subjetividade autônoma em relação à sociedade, o ser humano é construído, porém também não está isento de construir:



O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser (FIORIN, 2006, p. 55).

Bakhtin ainda reflete e filosofa sobre a questão:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 1988, p. 88).

Faraco (2001) ao referir-se ao dialogismo e a sua dimensão na perspectiva histórica humana, resgata as próprias palavras de Bakhtin:

A vida é dialógica por natureza, viver significa participar num diálogo... O homem participa neste diálogo todo e em toda a sua vida: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com todo o corpo, com seus atos (DE CASTRO, FARACCO, TEZZA, 2001, p. 119).

O enunciado é, pela sua própria natureza, a unidade real da comunicação e segundo o Dicionário de Linguística (1978, p. 218) define: “A enunciação é o ato individual do uso da língua, enquanto o enunciado é o resultado desse ato, é o ato da criação do falante”. Para Bakhtin (1995), a enunciação é o produto final da interação de dois indivíduos socialmente organizados, portanto não pode ser entendida a enunciação como uma expressão da consciência individual interior.

Para Bakhtin, o ser humano não tem acesso direto à realidade, ao que está aí, pois o mesmo é mediado pela linguagem, o real se apresenta sempre semioticamente:

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não

está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p. 19).

O enunciado, enquanto tal, é proferido pelo autor quem detêm uma posição o ponto de vista dados e quando dois enunciados compartilham um mesmo plano de sentido geram entre si uma relação dialógica. Se bem as palavras que compõem um enunciado possuem um conteúdo semântico e aparentemente se mostram completas, no campo da dialógica não tem acabamento, pois só quando o vocábulo tem respaldo de uma autoria, isto é, quando alguém se responsabiliza por ela, o mesmo se transforma em enunciado.

Não muito distante de Bakhtin, Poster<sup>24</sup> (SANTAELLA, 2010) defende e argumenta que a compreensão pós-estruturalista da linguagem tal como expressam as obras de Foucault, Derrida e Lacan é relevante em especial pela conexão que estabelece entre linguagem e a constituição do sujeito sob as seguintes premissas: os sujeitos são sempre mediados pela linguagem; essa mediação toma a forma de interpelação e nesse processo, a posição do sujeito não está suturada ou fechada, porém instável, excessiva e múltipla.

A modo ilustrativo, o termo “merda”<sup>25</sup>, que ainda desperta rejeição e um sentimento de afronta às boas maneiras e bons hábitos e costumes, o seu uso gera outros campos semânticos conforme seu eventual locutor: para um ator de teatro antes de entrar no palco, significa desejo de sucesso; para alguém que esqueceu as chaves ou a luz ligada do carro é uma interjeição que exterioriza raiva e, finalmente, para alguém que sente nojo pelo mau cheiro do lugar.

Como se pode concluir, as palavras que compõem uma língua dada, segundo Bakhtin se apresentam neutras e armazenadas no dicionário. O dicionário adquire, neste sentido, status de museu, pois não consegue atualizar-se instantaneamente e ainda não consegue ficar em sintonia com o dinamismo do termo. Por esta condição de estatismo, as palavras atingem a qualidade de enunciados quando se revestem de manifestações, juízos, emoções, ideias, valores e expressões, isto é, quando adquirem um rosto humano:

<sup>24</sup> Mark Poster, 1941 – 2012, professor norte-americano de História e de Meios de Comunicação.

<sup>25</sup> Merda, do latim *merde*, para além do seu primeiro referencial de cunho escatológico, a merda é muito bem considerada por outras culturas ao ponto de chama-la de Ouro Marrom pela sua utilidade na fabricação de tijolos, construção de moradias na África, estradas na China e até usada como adubo pelos espanhóis nos cultivos de tomates.

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. E, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram o caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 1995, p. 41)

Mas para o filósofo russo o enunciado não só se materializa verbalmente, pois qualquer conjunto coerente de signos é também um texto, seja sob a expressão de uma pintura, de uma escultura, de um gesto, etc.

Para o pensador russo, a língua enquanto tal não é um sistema abstrato de normas, senão uma opinião plurilíngue e concreta sobre a realidade circundante do mundo, onde o enunciado se elabora a partir do devir das interações cotidianas. Neste sentido o sociólogo Torres Vindas (2007) comenta no seu portal virtual ALAI, América Latina en Movimiento, que Bakhtin aponta a possibilidade de estudar a linguagem na sua dinâmica, isto é, em situações sociais imediatas, em contextos situacionais, onde cada acontecimento é expresso entre pessoas socialmente organizadas dentro de um marco axiológico. Todo enunciado apresenta um duplo nível social: significa e valoriza; portanto aqueles que se envolvem enunciativamente articulam um horizonte valorativo e ideológico e a vida discursiva não existe sem a palavra do outro. Nestas condições, o enunciado concentra dentro de si múltiplas vozes em conflito, conclui Torres Vindas.

O conceito de enunciado em Bakhtin, como se pode deduzir pelo exposto anteriormente, é compatível e apresenta correspondência com um termo mais corriqueiramente usado e divulgado: discurso.

## 2.4 UMA POLIFONIA, PORÉM SEM MÚSICA

O segundo termo cunhado por Mikhail Bakhtin, que goza de prestígio e reconhecimento pela sua visão inovadora que traz, é o que diz respeito à polifonia. O teórico russo ao estudar as obras do seu conterrâneo, o literato Fedor Dostoievsky, levanta a hipótese de que dito autor havia criado um novo gênero. Bakhtin o denomina de romance polifônico. Fiorin comenta sobre o mesmo:

Este termo, tomado da linguagem musical, em que significa o conjunto harmônico de instrumentos ou vozes que soam simultaneamente, indica a presença de novos e múltiplos pontos de vista de vozes autônomas, que não são submetidas a um centro. As vozes são equipolentes, ou seja, elas coexistem, interagem em igualdade de posição. Nenhuma delas está submetida a um centro único, que dá a palavra final sobre os fatos. Ao contrário, as personagens são ideias e ideias inconclusas e, por isso, são personalidades inconclusas. Todas as consciências são autônomas e igualmente significantes (FIORIN, 2006, p. 79).

Pelo que se deduz desta concepção sobre a realidade, a polifonia estimula e consagra o pluralismo de ideais em que todas as vozes que compõem o espectro social gozam de reconhecimento e participação, sem a existência do verticalismo e a imposição. Assim, o romance polifônico tem a virtude de expor e fazer contrastar distintas cosmovisões da realidade, representadas através de cada um dos seus personagens, em igualdade de condições.

Bakhtin propõe a existência de dois tipos de escritores: os polifônicos, como é caso do autor já mencionado e analisado de Fedor Dostoievsky, e aqueles outros monológicos, dentre os quais Bakhtin identifica o seu conterrâneo o escritor e filósofo Leão Tolstói. Para Bakhtin os monológicos elaboram os seus romances nos quais os personagens e acontecimentos, de alguma forma ou outra, sempre terminam refletindo e revelando a posição, desejos e visão de mundo do autor.

Sobre este assunto, Tadie (2002) se alinha a Bakhtin ao comentar que a originalidade do estudo da Sociologia da Literatura radica em estabelecer e descrever as relações que existem entre a sociedade e a obra literária, posto que a sociedade existe antes da obra. Desta forma, o escritor está condicionado, de uma maneira ou outra, pela mesma e deste modo a reflexiona, faz uma raios-X, trata de

transformá-la, e se faz presente nela, pois nos deparamos com a sua marca e a sua descrição em algum momento dado da narrativa.

Com efeito, a polifonia democratiza os enunciados discursivos que em seu enfrentamento levantam e defendem óticas que podem estar ou não em sintonia, propiciando assim o reconhecimento do outro.

#### **2.4.1 No coliseu de Mikhail Bakhtin: um choque de Consciências Ptolomaicas e Consciências Galileanas**

O ser humano tem sido desde os primórdios, um individuo de hábitos gregários para assegurar a sua própria prole e dar continuidade a sua existência. Ao atingir um estágio evolutivo que o coroou com a aquisição da inteligência, construiu a sua consciência no seio da sociedade através da comunicação e a integração com seus semelhantes. Desta forma, sua apreciação da realidade e de si mesmo foi possível graças ao intercambio e discussão de visões de mundo, noutras palavras, o homem passou adiante para a sua descendência a sua leitura de mundo via linguagem.

Neste sentido, Fiorin (2006) expressa que para Bakhtin o sujeito se constitui discursivamente introjetando vozes sociais que formam parte da realidade em que está imerso e, ao mesmo tempo, as inter-relações dialógicas decorrentes. Como a realidade, continua Fiorin, é heterogênea, o individuo não absorve apenas uma voz social, senão várias que estão presentes em relações diversas entre si.

Pode-se assim se deduzir que a consciência do ser humano foi-se formando, com o passar dos séculos, de discursos sociais. Estes discursos sociais, o filósofo russo os divide em duas categorias: os discursos ptolomaicos e, em contrapartida, os discursos galileanos. Tomando como referencia as ideias de Ptolomeu, - quem defendia o geocentrismo, isto é, a Terra era fixa e o centro do Universo, enquanto os planetas giravam em torno dela em órbitas circulares e concêntricas -, Bakhtin chama de ptolomaicos aqueles discursos verticais, autoritários e centralistas que não deixam espaço para o crivo da crítica e não estão abertos à discussão (FIORIN, 2006). Nesta concepção de mundo, acham-se a visão feudalista, a postura do clero e a criação da inquisição; os regimes ditatoriais históricos como os de Stalin,

Stroessner, Pinochet; o conceito de pureza da raça ariana levantado por Adolf Hitler e o projeto de etnias para além da mesma; a política do Big Stick, Grande Porrete do presidente norte-americano Teodoro Roosevelt quem resgatou a doutrina Monroe, “América para os americanos” (e assim justificar a sua intromissão e expansão imperialista na América Central), e a visão da imutabilidade no campo da paleobiologia (VACAREZZA, 1968) que defendia que as espécies não mudam nem evoluem no tempo e no espaço. Hoje em dia, se percebem seus indícios na reafirmação da democracia burguesa da globalização, representativa, porém não participativa, que assegura a permanência ilimitada e vitalícia dos políticos e a sua descendência nas esferas do poder, sem a possibilidade real de alternância de ideologias, estimulando somente discrepâncias metodológicas.

Já a consciência galileana, segundo Bakhtin ao reconhecer a contribuição às ciências de Galileu Galilei como defensor do heliocentrismo<sup>26</sup>, se fundamenta numa postura de diálogo e intercambio de pontos de vista; o outro tem a sua vez e reconhecimento. Aliam-se ao discurso galileano os movimentos de cunho anarquista que defendem a autogestão na sociedade sem nenhum tipo de tutela em contraposição à sociedade capitalista burguesa e ao outrora stalinismo soviético de pós-guerra. No campo das ciências biológicas, o transformismo paleontológico (VACAREZZA, 1968) de Jean Baptiste Lamarck e Georges Cuvier e mais tarde Charles Darwin que defendem que as espécies são unidades dinâmicas, capazes de transformar-se em outras novas pela ação de inúmeros fatores físicos e químicos.

Como se pode apreciar, para Mikhail Bakhtin, os enunciados discursivos ao serem dotados de uma ideologia serão munidos de argumentos ptolomaicos ou galileanos como também de forças em constante confrontação.

---

<sup>26</sup> Em contrapartida ao modelo geocentrista promovido por Ptolomeu no século II, o heliocentrismo defendido tanto por Nicolas Copérnico como Galileu Galilei estabelecia o sol como centro do sistema planetário. A aparição deste modelo alternativo junto com a morte de Galileu Galilei defendendo as suas teses representam o divorcio definitivo entre o pensamento dogmático e o novo olhar científico do mundo dando origem a ciência em sua acepção moderna.

### 2.4.2 No vasto Universo de Bakhtin, um duelo entre Forças Centrípetas e forças Centrífugas

Como foram expostos no item anterior, os discursos proferidos pelas vozes sociais no seu contato cotidiano acolhem conteúdos ideológicos. À já mencionada nomenclatura de ptolomaico e galileano, Bakhtin acrescenta mais dois termos que dão continuidade e complementam os seus precedentes: as forças centrípetas e as forças centrífugas que determinam a existência dos jogos entre as vozes sociais circundantes, fato este que conduz, por um lado à inexistência da neutralidade enquanto tal, e por outro, à afirmação da presença do sujeito político.

As forças centrípetas (FIORIN, 2006) tratam de impor uma atração e uma vigilância no plano dos enunciados, sendo o conservadorismo uma das características principais, negligenciando-se com esta postura a presença do outro e rejeitando tudo aquilo que se mostra diferente. As oligarquias históricas, a doutrina da segurança nacional, a doutrina neoliberal da década dos oitenta são os melhores exemplos da contemporaneidade.

Por outro lado, as forças centrífugas estimulam e prestigiam a discussão, a diversidade, a alteridade, a descentralização e assumem uma postura progressista e de constante abertura. Tomando como base ilustrativa os gêneros literários, Bakhtin reflete:

Enquanto as variantes dos gêneros poéticos desenvolvem-se na corrente das forças centrípetas da vida verbo-ideológica que unifica e centraliza, o romance e os gêneros literários e prosaicos que ele atrai para si constituíram-se historicamente na corrente das forças descentralizadoras e centrífugas (BAKHTIN, 1988, p. 82, 83).

Do mesmo modo que o romance, as manifestações como o carnaval<sup>27</sup>, desde os seus primórdios, o sainete<sup>28</sup>, o diálogo entre culturas e o ecumenismo são de cunho centrífugo.

<sup>27</sup> Mikhail Bakhtin dedicou uma parte dos seus estudos ao carnaval em “A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais”. Bakhtin enxergava o carnaval como fenômeno ancestral e social, por considera-lo uma das manifestações de maior poder de confrontação ao poder instituído.

<sup>28</sup> Peça dramática oriunda de Espanha, de um só ato, de caráter satírico, cômico e popular, que no Rio da Prata acolhe a imagem do “compadrito” (malandro), o imigrante, a prostituta, a mãe e o filho abandonados, e o amor não correspondido entre outros, ambientado num “conventillo”, cortiço, lugar que promovem o confinamento e a promiscuidade.

Como se pode concluir após a análise dos principais tópicos dos postulados levantados pelo filósofo russo, o enunciado discursivo das vozes sociais, a partir da radiografia do seu conteúdo, poderá ser de natureza monológica, ptolomaica e centrípeta ou em oposição diametral pode ser dialógica, galileana e centrífuga.

Se bem os estudos de Mikhail Bakhtin dizem respeito à dialógica materializada no plano oral das relações humanas (porque é a partir da oralidade, - nos primórdios de natureza gutural e logo a voz de cunho semiótico -, que o ser humano atinge uma condição inevitavelmente gregária), os seus postulados e princípios são passíveis de serem aplicados numa segunda modalidade expressiva tão antiga, que acompanhou o homem nestes últimos 6 mil anos: a escrita. Com ela surge a literatura, onde as palavras, imagens acústicas, são vozes gravadas e pintadas, primeiro nas rochas, logo pintadas em couros animais, mais tarde desenhadas em papiros egípcios até serem sacramentadas em folhas de papel.

A dialógica apresenta uma nova fisionomia sob a forma de palavras que formam frases que formam versos que formam poemas e que formam prosas registrados em papel. O texto, enquanto tecido de discursos e enunciados eternizados no papel, faz a sua aparição e Mikhail Bakhtin, de alguma forma, se debruçou neles.

## **2.5 DO TEXTO À “INTERTEXTUALIDADE”, UM NEOLOGISMO DOS ANOS SSESSENTA**

A década dos anos sessenta foi uma década pródiga em grandes acontecimentos que sacudiram a tranquilidade dos anos de pós-guerra e guerra fria. Estes anos testemunharam a consolidação da revolução cubana sob o mando de Fidel Castro Ruz; a aparição e apogeu dos quatro garotos de Liverpool: os Beatles, as bandas de rock os Rolling Stones, Soft Machine, Pink Floyd e Jethro Tull; um novo conceito de música: a música progressiva<sup>29</sup>; a batalha de Argel e a posterior

---

<sup>29</sup> Gênero musical surgido nos anos sessenta a partir do rock e que apresenta uma modalidade diferente de fazer música: a duração das músicas excede os três minutos comercialmente estipulados pelas gravadoras podendo chegar aos trinta minutos ininterruptos, aposta em temas que giram em torno a mitos e lendas sem se comprometer com temas farto trilhados como a paixão ou a amor, incorpora instrumentos eletrônicos, explora as possibilidades de trabalhos conjuntos com sinfônicas e não prioriza as demandas das necessidades do mercado de consumo musical.



expulsão dos franceses; o golpe de estado no Brasil contra João “Jango” Goulart para abortar os seus projetos de mudanças de base; o surgimento do Movimento de Libertação Nacional Tupamaros em Uruguai sob a consigna “*Pátria para todos ou para ninguém*”, os montoneros em Argentina contra o avanço do fascismo portenho; a captura e execução de Ernesto “Che” Guevara em Bolívia a pedido do governo estadunidense que contou com a indiferença e omissão do PCB, Partido Comunista Boliviano e as autoridades soviéticas; o recrudescimento da guerra do Vietnam; a união dos estudantes e trabalhadores junto aos movimentos anarquistas e socialistas durante o Maio Francês de 1968, denunciando o esgotamento do sistema capitalista e a polarização do mundo; a chegada do homem na Lua como resultado final do projeto proposto por John f. Kennedy e que breve se transformaria numa carreira espacial entre soviéticos e norte-americanos pela supremacia do espaço sideral.

No meio destes anos de mudanças e ebulição, os estudos no campo da teoria da literatura não estiveram isentos de receber contribuições para aumentar os seus horizontes. Com efeito, muito embora Mikhail Bakhtin nunca usasse o termo intertextualidade nos seus estudos sobre dialógica, o mesmo aparecerá pela primeira vez (FIORIN, 2006) e ganhará espaço e reconhecimento no meio acadêmico internacional a partir de 1967, ano em que Julia Kristeva<sup>30</sup> faz uso do neologismo num artigo na revista *Critique* ao discutir as teorias do filósofo russo.

Na sua preocupação de discutir o texto literário, Kristeva (FIORIN, 2006) propõe que Bakhtin enxerga o discurso literário não como um ponto fixo, senão como um cruzamento de superfícies textuais, gerando um diálogo entre várias escrituras. Assim sendo, Kristeva identifica o texto como resultado de um mosaico de citações; tudo é absorvido e transformado de um texto para outro já existente. Noutras palavras, o discurso ou enunciado que a semioticista chamara de texto é o resultado do cruzamento de discursos ou textos no qual se fala ou lê-se, pelo menos, outro discurso ou outro texto.

Fiorin (2006) salienta que o conceito de intertextualidade refere-se ao processo de construção, reprodução ou transformação do sentido, quer dizer, o processo de incorporação de um texto noutra, seja para reproduzir o sentido

---

<sup>30</sup> Julia Kristeva nascida em 1941, em Sliven Bulgária, é filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa. Estudou na Universidade de Sofia e “História da linguagem” é um dos seus livros mais destacados.

incorporado, seja para transformá-lo, sendo que neste fenômeno se detectam três processos: a citação, a alusão e a estilização. Estes processos, continua Fiorin, podem ser para confirmar ou não o texto citado, noutras palavras, se apresenta polêmico ou contratual, enquanto o primeiro processo realiza a citação, o segundo não cita palavras, mas reproduz relações sintáticas semelhantes ou exerce a figurativização do mesmo tema ou assunto. Já a estilização reproduz procedimentos de discurso.

A intertextualidade se apresenta como a materialização do discurso no campo das letras, porém é passível de fazê-la, também, noutros meios de manifestação e expressão sociais como pintura e outras formas artísticas. Deduz-se, portanto, que a intertextualidade pressupõe a existência de uma relação entre enunciados ou discursos, isto é, a existência de uma interdiscursividade. Assim sendo, tudo o que é intertextual é interdiscursivo por natureza, porém não tudo que apresenta interdiscursividade é necessariamente intertextual.

Mas procede recolher a interpretação e definição deste fenômeno na opinião de alguns teóricos. Maingueneu (2000) destaca:

Intertextualidade envia tanto a uma propriedade constitutiva de todo texto, como conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto mantém com outros textos. Na primeira acepção é uma variante de interdiscursividade. Mas se intertextualidade e interdiscursividade tem um sentido equivalente, não são, com tudo, empregados nos mesmos domínios. E é sobre tudo, para tratar da literatura que falamos de intertextualidade, ou, mais amplamente, quando nos referimos a textos no sentido forte, a obras (MAINGUENEU, 2000, p. 87).

Genette (1982) prefere e sugere chamar de transtextualidade à intertextualidade à qual lhe outorga um valor mais restrito e estabelece, por outro lado, uma tipologia dessas relações de texto que enumera e denomina: intertextualidade quando um texto se faz presente noutro, seja por alusão ou citação; paratextualidade que diz respeito às adjacência e periferia do texto; metatextualidade à relação de comentários de um texto dado por outro; arquitextualidade, à relação de um texto com as diversas classes às quais pertence, como por exemplo: um poema de Charles Pierre Baudelaire que se encontra em relação de arquitextualidade com a classe de sonetos, com a das obras dos simbolistas com a dos poemas, etc.; e finalmente termina a sua nomenclatura com a

hipertextualidade quando um texto dado chamado de hipotexto se insere num texto anterior chamado de hipertexto, sem que se trate de um comentário. Este caso específico, acrescenta o teórico, aborda os fenômenos de transformação como paródia, transformação e transposições ou imitação, como pastiche<sup>31</sup> e falsificação.

Ángel Romera<sup>32</sup> no seu site “Manual de retórica y recursos estilísticos” oferece uma definição tanto primária quanto de cunho positivista: “Relación de copresencia que un texto mantiene con otro. Según un grado decreciente de literalidad y explicitad, puede ser cita, alusión o plagio”<sup>33</sup>.

Já o seu conterrâneo, Joaquín María Aguirre,<sup>34</sup> expressa:

La noción de intertextualidad ha sido reformulada con algunas variaciones y extensiones, pero básicamente está aquí expresada de forma clara. Pero, aunque se han dado múltiples explicaciones textuales y se ha aplicado al análisis, a mí entender, no se ha profundizado demasiado en lo que el concepto implica respecto a la dimensión del sujeto. Trataremos de aclarar algo esto. La idea de intertextualidad tiene una implicación evidente: ningún sujeto puede producir un texto autónomo. Al decir “autónomo” nos referimos a un texto en el que no existieran vínculos con otros textos, un texto que surgiera límpido, impoluto de la mente del sujeto que lo produjera. Esto implica que los sujetos producen sus textos desde una necesaria, obligada, vinculación con otros textos. El sujeto, pues, no es una entidad autónoma, sino un cruce, una intersección discursiva, un “diálogo”, en última instancia. Como señalaba Kristeva, “absorción” y “transformación” pasan a ser los dos momentos de la secuencia productiva textual<sup>35</sup>.

Com o acima exposto deve-se concluir, a priori, que não existe texto algum que não nos remeta a outro ou outros, fato este que de alguma forma faz precedente especular na aparição e evolução de uma literatura oral nos primórdios, passada de geração a geração, apoiada também na arte rupestre e expressão pictórica que desembocaria, após milhares de anos, na literatura escrita.

<sup>31</sup> Pastiche é definido como obra literária ou artística em que se imita abertamente o estilo de outros escritores, pintores, músicos, etc.

<sup>32</sup> Doutor em Filologia Hispânica e professor de Língua e Literaturas da Língua Espanhola, Espanha.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://retorica.librodenotas.com/Recursos-estilisticos-semanticos/intertextualidad>>. Acesso em: 02.05.2014.

<sup>34</sup> Professor titular do depto. De Filologia Espanhola, Faculdade Ciências Informação, Universidade Complutense, Madri, Espanha.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.literaturas.com/16colaboraciones2001jmaguirre.htm>>. Acesso em: 02.05.2014.

Os fenômenos de isolamento geográfico (indivíduos isolados por acidentes geográficos) e convergência evolutiva (indivíduos de espécies diferentes produzem uma característica orgânica comum) (PADOA, 1968) podem ser aplicáveis à cinegética e movimentos migratórios dos grupos humanos nos primórdios, cuja ancestralidade pode ser oriunda ou não de um mesmo local geográfico.

Com efeito, o *Homo Erectus* até atingir o cume evolutivo, o *Homo Sapiens Sapiens*, - na sua condição de transumante e nômade ou voltado posteriormente ao sedentarismo, segundo as eventuais exigências ambientais -, teria produzido uma literatura com perfil comum de abstração e concretude em diferentes regiões do planeta. Pode-se concluir, tendo como base o acima exposto, que não existe de fato texto algum que não remeta a outros anteriores, retomando Bakhtin, e assim sendo, o próprio “Don Quijote de la Mancha” escrito por Miguel Cervantes Saavedra em 1605 e continuado em 1615, não só deve a sua existência às novelas de cavalaria de então como também as incorpora que por sua vez se alimentam de anedotas e histórias oriundas deste entorno.

Neste sentido, podem-se mencionar outros casos ancestrais e recentes: “A Bíblia” o livro da criação do mundo segundo o povo hebraico e o “Popul Vuh”, a criação segundo a cosmovisão do povo Maia Quiche que também juntos remetem ao “Rig Veda” e o “Mahabarata” hindúes; a “Odisseia” de Homero e “Os lusíadas” de Luis Vaz de Camões, as gestas heróicas de dois povos com o tempo como testemunha. Já mais recentemente, no século XIX, destacam “O guarani” do autor José Alencar do período romântico brasileiro e “Tabaré” de Juan Zorrilla de San Martín, do pós romantismo uruguaio. Ambos os textos trazem uma imagem idealizada do indígena autóctone, a partir da ótica e valores da burguesia em ascensão, tanto brasileira como uruguaia. Estes casos revelam intertextualidade literária.

A sétima arte parece não ficar isenta do fenômeno como bem o demonstram as produções hollywoodianas das últimas décadas: “As aventuras de Pinóquio” (COLLODI, 1883) servem de inspiração para criar “Inteligência artificial” (STEVEN SPIELBERG, 2001) para discutir o dilema existencial de criações artificiais com aparência humana que procuram a sua origem e identidade; “O homem bicentenário”, escrito por Isaac Asimov e levado homonimamente às telas do cinema (CHRIS COLUMBUS, 1999), e “Blade runner, o caçador de andróides” (RIDLEY

SCOTT, 1982), baseado no romance de Philip K. Dick<sup>36</sup>, “Do androids dream of electric sheeps?” reivindicam o direito de um autômato com aparência humana de atingir sentimentos, qualidades e igualdade de direitos humanos; e finalmente “2001, uma odisseia no espaço” (STANLEY KUBRICK, 1968) e “Matrix” (ANDY e LARRY WACHOWSKY, 1999) debatem o enfrentamento entre homem e máquina inteligente, onde a segunda pretende acabar com a supremacia humana pela sua imperfeição decorrente da dicotomia afetividade-racionalidade. Estes são exemplos entre texto e cinema, e cinema e cinema, entre tantos outros. Todos os casos mencionados apresentam fenômenos de intertextualidade tanto implícita como discreta, abrindo espaço para a defesa de uma interdiscursividade de natureza convergente nos seus roteiros.

Mas não só na literatura mundial ou no cinema, as obras se retroalimentam e apresentam vozes, enunciados e interdiscursos que convergem: a arte não deixa a desejar como é, em especial, o caso de um trabalho artístico em cerâmica produzido pelos indígenas do noroeste de América. Com efeito, Galeano (1998) relata que na cerimônia de iniciação do ceramista, o velho ceramista oferece ao novo e jovem ceramista a sua melhor peça como o demanda a tradição ancestral. O novo artista, por sua vez, não guardará a vasilha para contemplá-la e admirá-la, senão tomará o presente para quebrá-lo contra o chão em centenas de cacos para logo apanhá-los e incorporá-los a sua própria argila. A argila do jovem artesão contará com o que materializara a abstração e o discurso do seu predecessor. A matéria prima, do mesmo modo que um enunciado oral não existe em estado puro, conta no seu seio como a contribuição de outras anteriores que obedecem à abstração dos seus autores.

A questão da intertextualidade parece ganhar mais prestígio e espaço que a dialógica ou interdiscursividade no campo do debate da literatura comparada. Este fato se deve a sua recente aparição, à falta de conhecimento em alguns meios acadêmicos, à falta de compreensão ou concordância com os postulados defendidos por Bakhtin ou por adotar uma leitura mais cômoda e menos exigente, de caráter positivista, superficial e imediatista e que não repara na existência da ideologia subjacente na obra.

---

<sup>36</sup> Philip K. Dick, Chicago, EUA, 1928 – 1982, escritor de ciência ficção também conhecido como PKD, reconhecido por dar outro rumo à literatura de antecipação.

Em tal sentido, Sagre (1985) sugere que a interdiscursividade é uma relação semiológica entre um texto literário dado com outras expressões como pintura, música, cinema, dança; etc., que também atende pela nomenclatura de intermedialidade, pois são meios onde se incluem o rádio, o cinema, a televisão e a fotografia por concentrarem informação, som e imagens socioculturais que se retroalimentam entre si dando lugar a novas formas discursivas.

Esta leitura, como se poderá apreciar, não difere muito daquela apresentada também por Ángel Romera: "Relación entre un discurso artístico escrito y un discurso artístico producido por otra disciplina artística diferente: discurso musical, pictórico, etc..."<sup>37</sup>.

Como já foi comentado anteriormente, a partir dos postulados de Bakhtin, não há intertextualidade não gerada pela dialógica, porém a intertextualidade fora do campo de gravitação da cosmovisão bakhtiniana, só levanta indícios que aludem, mencionam, copiam parcial ou totalmente aqueles já presentes em outra produção.

A intertextualidade, enquanto tal na sua superficialidade, negligencia e deixa de lado a sua responsabilidade de considerar o perfil, o tempo, a geografia de cada autor e a sua identificação ideológica, dados estes que contribuem para enriquecer a investigação e a discussão. Como caso ilustrativo, procede citar duas obras poéticas de dois literatos do século XIX: "O busto de neve" do espanhol Ramón de Campoamor y Campoosorio, e "Versos singelos" de José Martí, um caso de intertextualidade implícita em que se aborda o amor não correspondido por uma mulher. Enquanto a lírica de Campoamor só se detém no sofrimento sentimental, Martí põe ao descoberto não só a sua percepção de si mesmo, como a reflexão sobre a vida e o amor, assim como também a questão contemporânea da injustiça social, e em especial a crítica ao jugo espanhol em Cuba dos fins do século XIX.

Com efeito, enquanto Ramón de Campoamor y Campoosorio foi um poeta, - muito embora reconhecido e tido como um realista na literatura espanhola por querer fugir da beleza gerada por todo processo de idealização -, ainda preservou vícios do romanticismo e aderiu e defendeu o modelo monárquico espanhol como

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://retorica.librodenotas.com/Recursos-estilisticos-semanticos/interdiscursividad>>. Acesso em: 02.05.2014.

forma de organização do estado e menosprezou e criticou com veemência o projeto de concretude da Primeira República Espanhola<sup>38</sup>.

Já o escritor, político e pensador cubano e um dos precursores do Modernismo Jose Martí morreu lutando pela independência de Cuba, contra a dominação espanhola, usando como armas a pena e o fuzil.

Já para um caso patente de intertextualidade explícita na literatura brasileira, pode-se considerar o poema de Manoel Bandeira “Vou me embora para Pasárgada” que evoca um lugar imaginário onde todo desejo principalmente erótico se realiza:

Vou me embora para Pasárgada  
Lá sou amigo do rei,  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou me embora para Pasárgada  
Vou me embora para Pasárgada

[...] Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcalóide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar[...]<sup>39</sup>

Na releitura de Millôr Fernandes, desenhista, tradutor, escritor, dramaturgo e jornalista, recentemente falecido, o tema é abordado de forma crítica e humoristicamente contestatória:

Que Manuel Bandeira me perdoe, mas  
Vou me embora da Pasárgada  
Sou inimigo do rei  
Não tenho nada que eu quero  
Não tenho e nunca terei

[...] Pasárgada já não tem nada  
Nem mesmo recordação  
E nem fome nem doença  
Impedem a concepção  
Telefone não telefona  
Drogas são falsificadas

<sup>38</sup> A Primeira República Espanhola foi uma curta experiência de tentativa republicana na organização política da Espanha que durou desde fevereiro de 1873 até dezembro de 1874. A profunda instabilidade política e social, os conflitos internos, a violência desenfreada, a guerra contra a emancipação da Cuba colonial e a falta de um número majoritário de defensores do novo regime não permitiram a sua continuidade.

<sup>39</sup> Disponível em: <[http://www.releituras.com/mbandeira\\_pasargada.asp](http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp)>. Acesso em: 27.04.2015.

E prostitutas aidéticas  
São as nossas namoradas [...] <sup>40</sup>

Henrique Felipe da Costa, mais conhecido por Henricão, foi um cantor, ator, compositor e principalmente sambista paulistano que se aventurou na intertextualidade ao adaptar culturalmente um dos ícones do Tangocanção rio-platense em uma leitura sambista de “Caminito”, “Carmelito”:

Carmelito, você foi ingrato  
Fez de mim sapato  
Zombou da minha dor  
Fiquei no oceano da vida  
Feito embarcação perdida  
Sem ter remador.

Desde que se foi  
Nunca mais voltou  
Vou juntar meus trapos  
E também me vou... <sup>41</sup>

“Carmelito” foi recriado só com duas estrofes, enquanto a lírica de Gabino Coria Peñaloza, musicalizada por Juan de Dios Filiberto, de 1926, apresenta 6 estrofes das quais se destacam

Caminito que el tiempo ha borrado  
Que juntos un día nos viste pasar  
He venido por última vez  
He venido a contarte mi mal.

[...] Desde que se fue  
Nunca más volvió  
Seguiré sus pasos  
Caminito, adiós [...]

(GOBELLO, 2012, p. 78-79).

E a literatura lírica do tangocanção do Rio da Prata fornece do seu período fecundo, - também conhecido por Era de Ouro do Tango -, um tangomilonga que

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/millor/aberto/poemas/014.htm>>. Acesso em: 27.04.2015.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0703/0092.html>>. Acesso em: 27.04.2015.



adere à intertextualidade. *Naípe marcado* (GOBELLO, 1998), com letra e música de Angel Greco e gravada por Carlos Gardel em 13 de maio de 1933, cujos versos mencionam quatorze títulos de tangos de vários autores; a primeira estrofe menciona em sete dos seus oito versos, nove títulos que têm por missão a elaboração da própria proposição de cada verso:

[...] Vayan parando *El chamuyo*,  
 Van a cantar *Mano a mano*,  
*Lorenzo y El entrerriano*,  
 payadores *De mi flor*.  
 Saldrá el *Sentimiento criollo*  
 enancao a *El pensamiento*  
 sobre *El flete de Un lamento*  
 que va buscando un amor [...]  
 (GOBELLO, 1998, p. )

Como se pode apreciar, a análise de ocorrência de intertextualidade em textos dados não ultrapassará dos horizontes demarcados pela detecção, e identificação, neste caso, dos títulos e autores das obras citadas, mantendo assim uma leitura imediatista e descompromissada com o que existe além da superfície textual. Portanto, pode-se afirmar que a intertextualidade, disgregada da sua inerente discursividade, não passa de uma apreciação inacabada que se pode comparar ao conformismo e contentamento com o estudo isolado da ponta do iceberg, negligenciando o resto submerso. Esta postura é isenta de todo e qualquer tipo de comprometimento e desdenha a importância do contexto, outorgando uma imagem final inacabada, fragmentária e simplista.

## 2.6 HENRY H. H. REMAK, “THE PERIPATETIC COMPARATIST”... (?!)

Se bem que a questão da intertextualidade começou a ser considerada nos estudos da teoria da literatura nos últimos vinte anos do século passado, o discurso enquanto abstração a ser concretizada sob varias formas de expressão, foi o foco de apreciações e postulados, e um dos seus estudiosos foi Henry H. H. Remak.

Henry Remak, também conhecido no meio acadêmico como “The peripatetic comparatist”<sup>42</sup>, nasceu em Berlim no meio da Primeira Grande Guerra, em 27 de julho de 1916. Seus estudos foram realizados na França entre 1934 e 1936 estudando nas universidades de Strasbourg, Bordeaux e Montpellier. Em 1936, partiu para os Estados Unidos com uma bolsa de estudos oferecida pelos programas assistenciais da International YMCA para estudantes judeus em condição de refugiados. O programa o direcionou para o grupo de fraternidade Sigma Alpha Um da Universidade de Indiana. Breve se apaixonaria pelo lugar e a partir dele exteriorizou o seu amor e encantamento pela literatura, a natureza, a música, e as viagens, como também pelos seus alunos e colegas acadêmicos. Tinha uma marcada curiosidade pelas pessoas e as suas histórias. As peripécias vividas na sua terra natal com a ascensão de Adolph Hitler provocaram um sentimento de adoração e valorização sem igual para com a sua família.

Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu à marinha mercante nas águas do Atlântico e do Pacífico. Uma vez formado, ministrou aulas nos cursos da Universidade de Indiana até pouco tempo antes de falecer. Foi professor de Alemão, Literatura Comparada, e Estudos sobre Oeste Europeu. Em 1949, foi um dos fundadores do Programa de Literatura Comparada na Universidade de Indiana, publicou dois ensaios renomados “Comparative Literature at the crossroads” (“Literatura Comparada na encruzilhada”, tradução livre) em 1960, e “Comparative Literature: its definition and function” (Literatura Comparada: definição e função”, tradução livre) em 1961. Por outro lado, focou as suas pesquisas, também, nas relações literárias franco-germanas, no Romantismo e o Realismo, no romance no que diz respeito aos elementos estruturais da novela germana desde Goethe a Thomas Mann, e nos trabalhos de Teodoro Fontaine. Galgou os cargos de reitoria e diretor de Estudos Avançados na Universidade de Indiana.

Como professor e administrador, dava prioridade ao ensino, pesquisa e serviços de cunho social da universidade. Recebeu muitas distinções e reconhecimentos pela sua liderança e labor, principalmente no campo dos estudos da literatura comparada, tanto nos Estados Unidos como no resto do mundo. Deu palestras e foi convidado para lecionar em várias universidades do mundo e

---

<sup>42</sup> Peripatético, método de ensino que remete a Aristóteles, saberes e conhecimentos tratados durante passeios ao ar livre, em lugares abertos, da mesma forma que o filósofo grego soia fazer com os seus educandos.

acompanhou de perto e de forma participante as mudanças no campo dos estudos comparatistas.

O “peripatetic comparatist”, “o comparatista peripatético”, só parou com as suas atividades, - tão multidisciplinares quanto o que ele apregoaria sobre o papel da literatura comparada -, aos 88 anos, em 2005, por causa de uma enfermidade. Henry Remak veio a falecer na sua casa, rodeado pela sua família, quatro anos mais tarde, em 12 de fevereiro de 2009 aos 92 anos.

Mas, qual foi o legado profundo do professor peripatético que gerou uma maior abertura humana no íntimo da Literatura Comparada, por vezes tão limitada, por vezes tão engessada, por vezes tão preconceituosa?

## **2.7 LITERATURA COMPARADA: DEFINIÇÃO E FUNÇÃO SEGUNDO HENRY H. H. REMAK**

Testemunha e partícipe das mudanças e problemas, que tangenciaram questões até de cunho filosófico sobre o conceito, identidade e o papel dos estudos da Literatura Comparada, o teórico judeu alemão propôs a sua tentativa de abrangência dos territórios da Literatura Comparada no ensaio de 1961, acima mencionado, que sugere abertamente:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais, a religião etc. em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (COUTINHO; FRANCO CARVALHAL, 2011, p. 189).

Esta proposta reivindicativa de Remak não oculta a sua simpatia com o sociointeracionismo predicado pelo filósofo, cientista político e escritor comunista italiano Antônio Gramsci, e o pensador e cientista russo, Lev Semenovicht Vygotsky, em “Formação social da mente”. Estas posturas, pelo seu teor de fomentar e estimular a igualdade de condições necessárias para o desenvolvimento do homem em sociedade estão abertas ao diálogo e não poupam esforços para se contrapor

aos paradigmas que estimulam os vícios oriundos dos etnocentrismos e dos saberes fragmentados pelo positivismo.

Com efeito, o simples ato de comparar conduz às conflitivas considerações e conclusões apressadas ao subestimar, ponderar ou engrandecer uma obra dada com respeito a outra, quebrando assim a horizontalidade necessária para uma análise desprovida de arbitrariedades.

A literatura torna-se território e teatro de lutas, enquanto as ferramentas que pretendem teorizá-la, rotulá-la e classificá-la não deixam de cometer os mesmos erros de percurso o que obriga a refletir: a literatura enquanto expressão humana ancestral, - tão antiga como seu progenitor -, é passível de dissecções e fragmentações como Literatura Nacional, Literatura Comparada e Literatura Geral? Será que a humanidade na sua condição de evento biológico único e a sua produção cultural tem como ser apreciadas sob o crivo da fragmentação do isolacionismo e do positivismo?

Remak lança a provocação e adverte:

Somos inclinados a pensar que uma rígida divisão dos trabalhos entre os especialistas em literatura nacional, literatura comparada e literatura geral não é nem possível nem desejável. Especialistas em literatura nacional deveriam entender e guiar-se pela obrigação de ampliar suas perspectivas, e deveriam ser encorajados a empreender, de vez em quando, excursões em outras literaturas ou esferas relacionadas à literatura comparada. Especialistas em literatura comparada deveriam ocasionalmente retornar às áreas mais circunscritas da literatura nacional para certificarem de que pelo menos um pé está bem plantado no chão. E é exatamente isso o que têm feito com coerência os melhores estudiosos da área de literatura comparada, seja nos Estados Unidos seja no exterior (COUTINHO; FRANCO CARVALHAL, 2011, p. 201).

Se nos ativer aos postulados de Bakhtin, postura do autor da presente tese de doutorado, não haveria diferença entre as três catalogações, pois ainda que achando diferenças no que diz respeito às literaturas tidas de nacionais, existe um substrato comum a todas, o qual se apresenta muito mais patente após a “descoberta” do novo mundo pelos espanhóis e portugueses e o posterior choque de culturas, mas principalmente uma colisão de discursos.

Deduz-se que, deixando de lado os vícios positivistas e a crença da existência de um cânone que não é outra coisa senão um discurso etnocêntrico e elitista das potências históricas e que negligencia toda expressão que não

compactue com o mesmo, não existe uma literatura nacional, que não seja oriunda ou de alguma forma enraizada com a geral ou mundial, que não seja diagnosticada pela teoria da literatura e que esta última não esteja impregnada dos postulados levantados pela literatura comparada.

Com efeito, se tomamos o caso da literatura brasileira, a mesma contempla todas as escolas: literatura formativa, arcadismo, barroco, romanticismo, realismo, naturalismo, simbolismo, parnasianismo, modernismo além de outros “ismos”, e a própria criação da nomenclatura dos movimentos obedece a uma leitura e entendimento de cunho comparatista, muito embora muitos acadêmicos que ministram aulas de Literatura não percebam ou não queiram aceitar este fato, seja pelo comodismo e segurança transmitidos por um conteúdo curricular fechado e bem delimitado, ou seja, por falta de interesse de aprofundar seus conhecimentos a partir de outros campos do saber, como a filosofia e as ciências exatas.

Portanto, os enfoques propostos, tanto pela escola francesa, quanto pela escola americana, - esta última com uma visão mais aberta e abrangente -, não deixam de cometer o pecado de serem subjetivos e imprecisos, obedecendo a uma compreensão que não atinge um consenso comum necessário. O “comparatista peripatético” reflete e sugere neste sentido: “... literatura comparada, ou literatura mundial, ou literatura de tradução, ou literatura ocidental, ou teoria literária, ou a estrutura da literatura ou só literatura, qualquer que seja o caso” (COUTINHO; CARVALHAL, 2011, p. 202).

Esta compreensão do fato literário, sem dúvida, exige do acadêmico um desafio maior: a tarefa de reconhecer-se como depositário das vozes ancestrais da humanidade, da sua transumância, da sua multifacetada e multicultural interpretação cosmogônica, das suas criações, dos seus desejos, das suas expectativas, da sua vivência, do seu ir e vir, da sua incessante busca de respostas, em outras palavras da memória, da memória coletiva e ancestral retida sob a forma do simbólico ou não.

E é nesta tentativa de exegese que o homem através da literatura, das artes e dos discursos tidos como científicos, procura aplacar seu dilema existencial, quem sou e de onde eu venho. Remak, o professor itinerante, abriu o caminho.

## **2.8 ATRÁS DAS PEGADAS DE REMAK...**

A visão universalista de Remak serviu de estímulo e de ponto de partida na elaboração de estudos acadêmicos que propunham abrir diálogos horizontais entre as letras e outros campos da expressão e do saber, como das artes, dos mitos e lendas, das ciências e das religiões. Assim sendo, saia-se da órbita das literaturas, sejam estas quais forem nacionais ou mundiais, para incursionar em confrontações procurando e analisando a suas condições de intertextualidade e interdiscursividade, prospectando discursos convergentes ou não, desenterrando ideologias e intencionalidades dos seus autores.

Muito embora houvesse, desde o surgimento dos postulados de Remak, antipatias e falta de credibilidade enquanto a sua certificação de validade como estudos comparatistas por deixar a um lado o domínio do livro texto, muitos acadêmicos romperam com o conceito literatura livro e com a sua compreensível apreensão e arriscaram análises e estudos que renderam apresentações, defesas, ensaios, e até o tema de tese de doutorado. Para ilustrar o exposto, o autor apresenta dois estudos que julga representantes desta linha de pesquisa, sendo um deles do próprio.

### **2.8.1 “Literatura e Cinema, Macunaíma: Do Modernismo na literatura ao Cinema Novo”, um casamento que deu certo e sacramentado por Randal Johnson**

“Literatura e cinema, Macunaíma: do modernismo ao cinema novo” é um livro de divulgação escrito originariamente como tese de doutorado do aluno Randal Johnson Universidade de Texas em Austin, defendida em maio de 1977 e é o resultado de uma pesquisa de quinze meses no Brasil, subsidiada por uma bolsa de estudos da Social Science Research Council.

A ideia do projeto inicial era discutir as relações entre literatura e cinema num nível teórico e prático, a partir da análise do livro e do filme “Macunaíma”, de Mário de Andrade e Joaquim Pedro de Andrade respectivamente. Randal Johnson não só focou seu olhar nos códigos formais, como também dentro dos contextos em que as obras surgiram. O próprio autor comenta: “A análise literária deve ser, ao

meu ver, formal e contextual, pois a circunstância da escritura informa a obra estética de varias maneiras” (JOHNSON, 1982, p. 1). Por outro lado, o autor adverte, a modo de princípio crítico, que rejeita a noção de fidelidade do filme ao romance porque segundo ele, ela é a-histórica e impraticável, muito especialmente quando se trata de obras que foram elaboradas em diferentes contextos históricos; com efeito entre as duas obras há um hiato de quase de quarenta anos. Johnson ainda afirma que um filme, baseado ou não em um romance já existente, deve ser julgado antes de tudo como um filme e não como uma adaptação.

O livro consta de quatro capítulos. O primeiro capítulo discute em nível teórico as relações entre o romance e o filme, debatendo conjuntamente com Haroldo de Campos e outros teóricos a questão da adaptação fílmica, como uma forma possível de tradução e uma forma de recriação. Com base nas análises de Christian Metz, Umberto Eco e Gianfranco Bettetini, o autor traz para o debate as noções de equivalência, noções necessárias que permitem a possibilidade de transposição do discurso entre a obra literária e o filme, pois a primeira trabalha com a comunicação verbal, enquanto o cinema com a comunicação visual.

Johnson foca a sua atenção na tabela proposta por Bettetini de equivalência texto literário e filme, na qual o teórico italiano equipara os fonemas ao que ele chama de unidades técnicas, ambas sem comprometimento com significação independente; os morfemas com carga de significado independente a elementos técnicos ou unidades técnicas complexas que compõem a imagem, como luz e ângulo, e por último as frases que expressam uma intenção e tem sentido unitário a iconemas, considerado como unidades de significância e de relação, são unidades indivisíveis compostas por varias figuras, têm um significado unitário, quase independente e expressam uma intenção. O autor finaliza o capítulo abordando o papel da ideologia e da circunstancia na produção e interpretação da obra de arte.

No segundo capítulo, Johnson apresenta uma síntese das principais tendências do modernismo e do cinema novo, com o intuito de situar “Macunaíma” no seu contexto histórico, social e artístico.

Já no capítulo seguinte, o expoente analisa os dois Macunaíma à luz dos pressupostos levantados por Vladimir Propp e Haroldo Campos e procura mostrar que a estratégia seguida por Joaquim Pedro de Andrade na elaboração do filme foi a simplificação da ação do romance, a concretização dos seus elementos mágicos e

fantásticos e finalmente, a desmistificação de Macunaíma como um herói brasileiro contemporâneo.

No quarto e último capítulo, o autor faz uma leitura diacrônica do filme “Macunaíma”, demonstrando e decodificando o entrelaçamento de códigos cinematográficos e não cinematográficos. Esta leitura esta baseada numa análise feita de todos os planos e sequências da obra, os quais revelaram que muitos dos valores conotativos do filme são transmitidos por detalhes no discurso cinematográfico, os quais ficam ocultos atrás da narrativa principal e geralmente despercebidos numa primeira leitura.

Randal Johnson defende a tese de que o cineasta radicalizou e levou as suas últimas consequências determinados elementos do romance, notoriamente o canibalismo, no qual aparece a influencia de Oswald de Andrade sobre o diretor: “Entretanto, vorazmente, o Brasil devora os brasileiros. Macunaíma é a historia de um brasileiro devorado pelo Brasil” comenta Joaquim Pedro (JOHNSON, 1982, p. 180).

Randal Johnson, a modo de conclusão, já na análise ideológica do discurso, ainda reflete:

Na minha opinião, e evolução da nossa sociedade, e da sociedade latino-americana em geral, faz com que já não sejam suportáveis os esquemas de moral tradicional. É necessário denunciar as estruturas moralizantes; a caducidade de valores que só servem para ocultar uma sociedade antropofágica (JOHNSON, 1982, p. 182).

### **2.8.2. “Diálogos entre Augusto dos Anjos e Frida Kahlo: a questão do escatológico e a finitude humana nas suas obras; uma abordagem interdisciplinar”. Um bate-papo entre uma pena brasileira e um pincel asteca**

“Diálogos entre Augusto dos Anjos e Frida Kahlo: a questão do escatológico e a finitude humana nas suas obras; uma abordagem interdisciplinar” é o resultado de uma apresentação com posterior publicação do ensaio para os anais do evento INOVAMUNDI - Seminário de Pós-graduação promovido pela faculdade Feevale, Novo Hamburgo, em outubro de 2010.

O ensaio aborda, como já o sugere o título, a escatologia e finitude humanas nos discursos de ambos os autores. Embora tidos erroneamente durante muito



tempo como, o primeiro, pertencente à escola simbolista ou parnasianista brasileira, e a pintora mexicana associada à escola surrealista, ambos compartilharam a sua identificação com outra escola artística que compreendia mais criticamente o seu eu interior e artístico. Com efeito, para além do fato necrofágico e tanatológico comum nos seus discursos, o ensaio defende a procedência da existência de um entendimento de mundo identificado com o expressionismo nas suas produções artísticas.

O ensaio conta com um marco teórico baseado nos postulados defendidos e propostos por Mikhail Bakhtin e Henry H. H. Remak no que se refere aos estudos comparatistas e que permitem demonstrar o grau de intertextualidade e interdiscursividade de natureza convergente entre as produções levantadas no artigo.

Do sofrimento, da amargura, da impotência, do inconformismo e da fragilidade da natureza do ser humano surgiram as bases para o conteúdo trabalhado por ambos os autores. Enquanto o poeta paraibano o exteriorizava através da sua lírica impar e incomum pelo teor do seu conteúdo, a mexicana Frida extravasava o seu não diferente estado de espírito, pincelada após pincelada nas suas telas, tendo como elo comum entre ambos a escatologia.

O poeta paraibano faz uso de saberes, vocabulários e abstrações filosóficas, como também de neologismos provenientes de ciências como a paleontologia, a cosmologia e a medicina ao escrever: “A hedionda elefantíase dos seus dedos...”; “A paleontologia dos carvalhos...”; psicogenética, morfogênese, microzima, fóssil, zoófitos; entre tantos.

Mas a sua poética vai mais longe, pois a sua riqueza de termos que proliferam nos seus versos ilustra seu apelo escatológico que contempla os dois campos semânticos do termo<sup>43</sup>: a finitude do ser humano e o fim dos tempos para a preparação de uma vida no além, segundo a visão cristã: “[...] Podre meu pai. A morte a olhar lhe vidra [...]” em “*Sonetos, A meu pai morto*”; e o segundo campo que trata sobre tudo o relacionado às excreções humanas que provoca nojo: como fezes, vômitos, sangue entre outros, e o baixo corporal: “[...] Amo o esterco, os resíduos

---

<sup>43</sup> Se bem a língua portuguesa apresente um único termo que abrange as duas visões, em Espanhol, ainda que pouco usados, existem dois termos: escatológico que significa pornográfico, de *scatos* del grego, excremento; e esjatológico de *esjatos*, o último que diz respeito a São João, (CASTELLANI, 1977).

ruins dos quiosques [...]” em *“Monólogo de uma sombra”*; [...] E ensanguentava os dedos da mão nívea [...] em *“Os doentes”*; entre outros.

Já a artista mexicana não só reconhecida como tal, mas também pelo seu ativismo político identificado com o comunismo soviético e os movimentos populares contra o avanço do imperialismo norte-americano, pinta nas suas telas a sua vida após o acidente que a deixara com sérios problemas de mobilidade e a impossibilidade de engravidar e gerar filhos. Em *“Hospital Henry Ford”* de 1932, um feto que remete a uma vida que não vingou, compartilha o espaço com um encaramujo, sangue vazando, uma pélvis, - a sua própria-, e uma flor murcha. Em *“Meu nascimento”* de 1932, retrata a sua mãe com o rosto coberto no momento de pari-la, enquanto da vagina aparece a cabeça de Frida em meio de sangue e fezes; em *“A coluna partida”* de 1944, revela a sua coluna vertebral partida e fissurada e o colete de sustentação e autoflagelação que tanto limita seus movimentos, a sua liberdade; e em *“Sem esperança”*, de 1945, Frida deitada na cama, convalescente, vomita o conteúdo do estômago, composto por peixes, aves, linguças, porcos e até uma caveira que juntos pululam no meio dos sucos gástricos e a bÍlis, num entorno natural, ermo e seco.

Com efeito, as temáticas abordadas tanto por Augusto dos Anjos quanto por Frida Kahlo apresentam um conteúdo comum, ainda que distanciados pelo espaço geográfico e o transcurso do tempo, - a pintora contava com sete anos quando a morte do poeta paraibano -, ambos compartilham uma cosmogonia que revela vivências e pronunciamentos comuns.

Ambos retratam a fragilidade humana, as suas vicissitudes, os seus desencontros, as frustrações, e as feridas provocadas pela morte. A finitude e as falências orgânicas humanas foram expostas e tratadas de forma crítica e com inconformismo tanto por Augusto dos Anjos como por Frida o que revelou certa falta de fé perante a existência de um Criador ou perante um processo evolutivo que teve como resultado um ser humano inacabado e imperfeito.

Por outro lado, constata-se um sentimento ateuista, se bem não abertamente declarado, baseado na negação da conformidade com os preceitos de Deus ou negando a sua existência enquanto tal.

O dialogo possível entre ambos os artistas apresenta, para além do complexo espaço-tempo, uma interdiscursividade de natureza convergente e uma intertextualidade indiscutivelmente explícita.

Com estes dois exemplos o autor do trabalho pretendeu ilustrar não só a procedência dos postulados de Mikhail Bakhtin como também a procedência dos propostos por Henry H. H. Remak e demonstrar que é inteiramente possível sim confrontar a literatura com outras expressões das artes e com outros campos do saber, assim como também fazer possível o diálogo entre qualquer manifestação artística, - que não necessariamente seja a literatura -, com as ciências, a religião e a filosofia.

Porém é desejo do autor deste trabalho doutoral reconhecer que dentro dos círculos acadêmicos que dizem respeito à literatura com as suas vertentes, Teoria da Literatura e pelos próprios estudos avançados de Literatura Comparada, existe um número considerável de docentes, pensadores e teóricos que não comungam com o acima expressado e defendido.

Uma vez atingido o propósito deste capítulo sobre o referencial teórico, a continuação no capítulo II falar-se-á sobre o bioma pampa a partir da biologia, paleobiologia e orografia, conjuntamente com os resumos de ambas as obras e aspectos sobre as biografias dos seus respectivos autores.

### 3 A PAMPA, ONDE TUDO COMEÇOU...

As duas obras escolhidas “A antiguidade do homem no Prata” de Florentino Ameghino e o conto curto “O sul” de Jorge Luis Borges tem como pano de fundo e como espaço físico e psicológico predominantes a pampa, uma vasta região que apresenta peculiaridades próprias dentre as quais destaca o seu relevo morfológico levemente acidentado, com a discreta ocorrência de elevações de grande porte, e quase que imutável em toda a sua extensão nos últimos 12 mil anos de história de ocupação humana.

A pampa, voz quéchua (TERRA, 1968) oriunda do Império Incaico significa espaço sem limites, espaço sem fim, região plana, chata e como já foi advertido na introdução é identificada com o gênero feminino, a pampa é uma figura feminina. Eliade sobre este aspecto comenta:

A mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade de mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade tem um modelo cósmico: o da Terra Mater, da Mãe universal (ELIADE, 2010, p. 120 - 121).

O mitólogo ainda acrescenta que se bem em algumas religiões dos povos mediterrâneos acredita-se que a Terra-Mãe é capaz de conceber sozinha sem auxílio de um companheiro, a criação cósmica na visão religiosa das culturas oriundas de Oceania, Indonésia, Micronésia, Ásia, África e nas duas Américas é o resultado de uma hierogamia entre o Deus-Céu e a Terra-Mãe.

A pampa apresenta a sinonímia de *Ihanura*, pradaria, planície, savana e campo aberto, e designa uma vasta superfície territorial continental no Cone Sul que se estende por três países Argentina, Brasil e Uruguai. Com efeito, a região da

pampa ocupa quase que o 70% do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, todo o território uruguaio, e predomina majoritariamente nas províncias argentinas<sup>1</sup> de Corrientes, Santa Fe, Entre Ríos, Córdoba, Buenos Aires e La Pampa, limitando ao sul com a Patagônia, região austral ainda tida por alguns geógrafos como uma extensão mais inóspita da própria pampa.

Pela sua considerável extensão que atinge quase os 700 mil quilômetros quadrados, a pampa apresenta condições climáticas reinantes de alto contraste; a pampa se divide em duas sub-regiões: a Pampa Úmida e Pampa Seca. A Pampa Úmida, como o indica o nome, alberga terras férteis, pastagens, pradarias e vastos campos aptos para exploração agropecuária, estando presente em quase todo o território brasileiro do Rio Grande do Sul, em todo o Estado do Uruguai e nas províncias argentinas de Santa Fe, Entre Ríos, Córdoba e Buenos Aires. Já a sub-região da Pampa Seca, como o nome o indica, apresenta características contrárias como escassez de chuvas e fenômeno de estiagem o que dificulta qualquer prática de produção de alimentos. Basicamente esta sub-região se encontra em território argentino, na província de La Pampa e parte da província de São Luis respectivamente.

No Rio Grande do Sul, a pampa ocupa uma superfície territorial de aproximadamente 176.496 km<sup>2</sup>, o que corresponde ao 62,64% da área total do estado, dos quais 41,32 % mantêm uma cobertura vegetal nativa. Apesar de ser uma área de vastos campos abertos e cultivados, também apresenta outras formações geológicas como as falésias a beira mar no município de Torres; grutas e cavernas, encontradas em regiões dos municípios de Caçapava do Sul e Pedra do Segredo e elevações pedregosas em Alegrete e São Gabriel. Além disso, possui sítios paleontológicos muito antigos como os da Candelária, Santa Maria e Mata, ricos em abundância de florestas e árvores petrificadas e fósseis que remontam na escala geológica ao início da era Secundária, mais precisamente período Triássico<sup>2</sup>.

No que se refere à vegetação, a pampa (ARAUJO, 2014) tem o predomínio da herbácea, que possui entre 10 e 50 cm de altura, gramíneas, alguns arbustos e árvores perto de cursos d'água e plantas rasteiras, enquanto o relevo aplanado

---

<sup>1</sup> Lembramos que pela sua superfície territorial, a República Argentina está dividida em províncias, enquanto que o Uruguai, por não superar os 180 mil km<sup>2</sup>, está dividido em 19 municípios ou departamentos cuja capital Montevidéu o menor de todos e o mais povoado.

<sup>2</sup> Com efeito, o acervo fóssil conta não só com os dinossauros mais antigos do mundo, como o caso do *Staurikossaurus Priceis*, "*dinossauro do Cruzeiro do Sul*", como também de ancestrais de répteis mamíferoides que darão origem aos mamíferos.

possui entre 500 metros e 800 metros de altitude respectivamente. Ao ser observado ao longe, a pampa tem a aparência de um tapete verde por possuir paisagem plana e homogênea. Em comparação a savanas e florestas, a pampa é considerada fundamental na atenuação do efeito estufa, controle da erosão do solo e preservação da biodiversidade. Na parte da pampa que pertence ao Brasil, são encontrados mais de 3 mil tipos de plantas vasculares<sup>3</sup>, entre elas, destacam-se as gramíneas como o capim-mimoso, que compõe a dieta de equinos, bovinos e grandes herbívoros silvestres. Por outro lado, segundo o autor, com uma temperatura amena e chuvas que não apresentam muitas variáveis durante o ano, o clima da pampa sul rio-grandense é subtropical. Sobre este bioma austral brasileiro, Araujo (2014) acrescenta que a pampa conta com mais de 350 espécies de aves como as caturritas, anus-pretos (*Crotophaga ani*) e pica-paus (*Driocopus pileatus*), além de 90 tipos de mamíferos dos quais tatus (*Dasipus novemcinctus*), veados (*Ozotoceros bezoarticus*) e guaraxains (*Cerdocyion thous*) são os mais conhecidos e habituados à presença do homem, porém ainda encontram-se diversos animais ameaçados de extinção, entre eles estão: tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), caxinguelê (*Sciurus aestuans*), preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*), saguis (*Callitrix jacchus*), mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*), guariba (*Alouatta caraya*), macaco-prego (*Sapajus nigritus*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), onça pintada (*Panthera onca*), entre outros, lembrando que a anta, também conhecido por tapir (*Tapirus terrestris*), comum nestas regiões há mais de dois séculos, não é mais encontrada. Já as aves em condição de risco de extinção são: gaturamos (*Euphonia violacea*), saíras (*Hemitraupis ruficapilla*), tucanos (*Ranphastus dicolorus*), beija-flores (*Ramphodon naevius*), sanhaço (*Thraupis cyanoptera*), araponga (*Procnias nudicollis*), tié-sangue (*Ramphocellus bresilius*), jacutinga (*Aburria jacutinga*), macuco (*Tinamus solitarius*) e o jacu (*Penelope jacucaca*). Por outro lado, as populações de répteis como tartarugas (*Trachemys dorvigny*), cágados (*Bufocefala vanderhaegei*), lagartixas (*hemidactylus mabouia*) e lagartos de grande porte como o teju (*Tupinambis teguixin*) não sofreram o impacto antrópico.

---

<sup>3</sup> As plantas vasculares são as plantas com tecidos especializados para o transporte de água e seiva que alimentam as suas células.

Segundo o portal do instituto Pampa Brasil, além da predominância de vegetação campestre formada de plantas herbáceas e arbustivas e a existência de formações florestais às margens dos rios:

O clima é chuvoso, marcado pela frequência de frentes polares e temperaturas negativas no período do inverno. O relevo é caracterizado como aplainado e suave ondulado, formado por um mosaico de solos basálticos e sedimentares, geralmente rasos e frágeis. A vegetação é predominantemente campestre. Plantas herbáceas e arbustivas são dominantes, enquanto as formações florestais restringem-se principalmente às margens dos rios. Neste bioma, 41,32% da área apresenta cobertura vegetal nativa, mas apenas 0,4% do Pampa é protegido atualmente por Unidades de Conservação. A biodiversidade é representada por mais de 3.000 espécies de plantas vasculares, cerca de 385 espécies de aves e 90 espécies de mamíferos, entre outros grupos. Possui 26 espécies de animais ameaçados de extinção. A agricultura, a pecuária e o cultivo de monoculturas florestais têm exercido forte pressão sobre o local, resultando no desaparecimento de espécies nativas, no aumento do processo de arenização e na invasão de espécies indesejáveis. Além de ser uma fisionomia única, com biodiversidade característica, o Pampa constitui a base natural da cultura e da identidade rio-grandense. Se sua importância não for considerada, esse patrimônio natural e cultural tende a desaparecer...<sup>4</sup>

Dentre as espécies arbóreas mais significativas que ocorrem nas pampas gaúchas (SILVA PINTO, 2003) estão os algarobos (*Prosopis nigra* e *Prosopis juliflora*), os inhanduvás (*Prosopis affinis*), os espininhos (*Acacia caven*), as corticeiras (*Erythrina crista-galli*), as cini-cina (*Parkinsonia aculeata*), os quebrachos (*Aspidosperma quebracho-blanco*) e o angico (*Piptadema cebil*) que é considerado o monarca das matas ciliares.

A república Oriental do Uruguai se apresenta como uma extensão natural do Rio Grande do Sul. Com uma população que já atingiu os três milhões de habitantes quase no fim do século passado, o Uruguai, voz tupi-guarani que significa “rio dos pássaros pintados” apresenta um território caracterizado pela escassa altitude, onde a maior elevação do país é o cerro Catedral localizado em Aiguá, departamento de Maldonado, não supera os 520 metros de altura. Com efeito, seu solo é levemente ondulado, formado por vastas lhanuras e penilhanuras, eventualmente cortadas por elevações discretas, chamadas de “cuchillas”, coxilhas, as pampas uruguaias, que

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<[http://www.pampabrasil.org.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=50&Itemid=57](http://www.pampabrasil.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=57)>. Acesso em: 04.05.2014.

cobrem o 80% do país, e cortadas por rios de grande porte e cursos de água menores. Silva Pinto comenta:

O Uruguai apresenta – entrecortadamente- elementos intermediários entre planície e planalto. No sudeste existe uma grande extensão plana, nos departamentos de San José, Colônia, Soriano, Flores, Florida e Río Negro, que se estende desde o estuário do Prata até uma boa parte do interior do país. Mais a leste e ao norte começam ligeiras ondulações, com as maiores elevações na medida em que se afasta dos vales dos rios. A Coxilha Grande – uma formação granítica relativamente extensa, que alcança até os 600 metros de altura – atua como um divisor de águas separando os rios de pequeno curso que correm diretamente para o atlântico e os afluentes ou subafluentes do rio Uruguai. Uma outra extensão de coxilhas parte, um pouco mais ao oeste dessa última, desde Montevideu e Canelones, em direção da Coxilha Grande e da Serra Geral do Brasil. Ao longo da costa atlântica aparecem, novamente, as planícies, com campos naturais, de excelente qualidade, misturando-se com as dunas e praias arenosas e formando como um cordão que sinaliza o limite oriental da região e alcança as coxilhas de Maldonado, Rocha, Lavalleja, Treinta y três e Cerro Largo (SILVA PINTO, 2003, p. 55).

A flora predominante do Uruguai (DELFINO; PIAGGO, 2005) conta com aproximadamente 2500 espécies de plantas distribuídas em 150 famílias onde o tipo de vegetação dominante é a pradaria natural que ocupa quase 14 milhões de hectares, ou seja, o 80 % do território. Um dos caracteres da pradaria é o alto número de espécies, quase que 2000, e a diversidade de vegetais representados, com 400 tipos de gramíneas. Ainda que os solos apresentem um déficit hídrico que explica a ausência de vegetais de grande porte, salvo em regiões determinadas como quebradas, serranias, margens de rios e zonas baixas, a cobertura verde das pampas está assegurada o ano todo. Conforme a sua fisionomia, continuam os estudiosos, a vegetação da pampa uruguia se divide em monte ribeirinho, vegetação composta por árvores que crescem às margem dos rios; monte de parque vegetação desenvolvida entre o monte ribeirinho e as pradarias, composta por árvores de copa aberta distanciadas entre si, entre os quais existe uma cobertura de vegetação herbácea; as espécies hidrófilas mais destacadas são o "Sauce criollo" (*Salix humboldtiana*), "Sarandí colorado" (*Cephalanthus glabratus*), "Sarandí blanco" (*Phyllanthus sellowianus*), "Mataojos" (*Pouteria salicifolia*). Na zona intermediária aparecem: "Coronilla" (*Scutia buxifolia*), "Arrayán" (*Blepharocalyx salicifolius*), "Chal-Chal" (*Allophyllus edulis*), "Guayabo Colorado" (*Myrcianthes cisplatensis*). Na parte



externa, contra a pradaria predominam: o "Tala" (*Celtis tala*), "Molle rastrero" (*Schinus longifolius*), "Espina amarilla" (*Berberis laurina*) e também a "Coronilla" (*Scutia buxifolia*), respectivamente.

No monte de parque, são árvores dominantes o "Ñandubay" (*Prosopis affinis*), o "Algarrobo" (*Prosopis nigra*) e o "Espinillo" (*Acacia caven*). Em menor proporção encontramos: "Cina-Cina" (*Parkinsonia aculeata*), "Molle rastrero" (*Schinus longifolius*), "Espina Corona" (*Xylosma tweedianum*) y "Espina amarilla" (*Berberis laurina*). Nos solos alcalinos, cresce a palmeira "Caranday" (*Thrinax campestris*) e um arbusto, o "Quebracho blanco" (*Aspidosperma quebracho-blanco*).

O monte de quebrada apresenta plantas epífitas e trepadeiras oriundas de acidentes topográficos onde há ocorrência de elevada umidade, solos soltos bem drenados, ausência de ventos e uma temperatura pouco variável que gera uma vegetação comparável à tropical. São comuns "Laureles" (*Ocotea acutifolia*, *Nectandra megapotamica*, *Cinamomum porosum*), "Francisco Alvarez ó Caa-obetí" (*Luehea divaricata*), "Arbol del Jabón" (*Quillaja brasiliensis*), "Aruera" (*Lithraea molleoides*). Um estrato de árvores menores corresponde a: "Camboatá" (*Cupania vernalis*), "Pitanga" (*Eugenia uniflora*), "Guabiyú" (*Myrcianthes pungens*), "Yerba mate" (*Ilex paraguayensis*) e no estrato inferior corresponde à vegetação herbácea, onde destacam as samambaias dos géneros *Dicksonia*, *Aneimia*, *Adiantum*, *Dryopteris*, *Pteris*, *Pteridium*, *Blechnum*, *Asplenium*. E por último, podemos encontrar espécies epífitas: dicotiledóneas (*Peperomia* sp.), monocotiledóneas (orquídeas) e samambaias (*Polypodium* spp.)

No monte serrano, a vegetação acontece em serras e serranias na região leste do país onde os solos são de textura grossa, com boa drenagem e que propiciam a instalação e desenvolvimento de arbustos e espécies espinhosas respectivamente.

Nas encostas dos cerros, podemos distinguir três zonas. Ladeira baixa com "Chircales" (*Eupatorium buniifolium*, *Baccharis trimera*, *Vernonia* sp.). Ladeira média com árvores de maior porte: "Coronilla" (*Scutia buxifolia*), "Tala" (*Celtis tala*), "Tembetari" (*Fagara rhoifolia*), "Canelón" (*Rapanea laetevirens*). Já na ladeira alta encontramos: "Mimosa" (*Mimosa* spp.), "Espina de la Cruz" (*Colletia paradoxa*) enquanto nas profundezas entre as serranias ocorrem: "Chal-Chal" (*Allophylus edulis*), "Blanquillos" (*Sebastiania brasiliensis*, *Sebastiania commersoniana*),

"Arrayán" (*Blepharocalyx salicifolius*), "Envira" (*Daphnopsis racemosa*) e a "Chirca de monte" (*Dodonaea viscosa*) como também há samambaias.

Este bioma uruguaio, outrora acolhia animais de porte médio e grande como o puma, carpincho ou capincho ou capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), e o ñandú ou ema (*Rhea americana*), hoje reduzidos a populações quase inexpressíveis por causa da ação antrópica. Ainda detém - mesmo que de forma discreta -, espécies de tamanduá bandeira (*Mirmecophaga tridactyla*), zorro cinza (*Pseudalopes gymnoscerus*), tatú mulita (*Dasypus hybridus*), tatú bola (*Tolypeustes tricinctus*) cervo (*Ozotoceros bezoarticus*) e rato de banhados (*Myocastor coipus*), preá (*Cavia aprea*) e gambá (*Didelphis marsupialis*) entre os mamíferos. Entre as aves, destacam-se o João-de-Barro (*Furnarius rufus*), Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), Beija-flor (*Ramphodon naevius*), Quero-Quero (*Vanellus chilensis lampornotus*), Pato Siriri (*Dendrocygna viudata*), Coruja (*Strix virgata*), Cisne (*Cygnus melanocoryphus*) e o Piru (*Haematopus palliatus*). Já os répteis mais comuns são o lagarto (*Tupinambis teguixin*), a lagartixa (*Hemidactylus mabouia*), caimão (*Caiman latirostris*), falsa cobra (*Micrurus, Erythrolamprus, Oxyrhopus e Anilius*), tartaruga (*Chrysemys dorbigny*) e cágado (*Hydromedusa tectifera*). Quanto aos anfíbios, sobressaem-se as rãs, sapos e em especial o sapo cururu de grande porte (*Rhinella schneideri*).

Por outro lado, existem três espécies não autóctones que viraram praga nacional ao ponto de serem liberadas para caça: a lebre (*Lepus europaeus*), a caturrita (*Myiopsita monachus*) e o javali<sup>5</sup> (*Sus scrofa*).

O território pampiano argentino, como continuação dos campos sul-rio-grandense brasileiro e uruguaio, não difere muito deles no que diz respeito à orografia, flora e fauna. A única diferença é a ocorrência da pampa seca, bioma inexistente no Uruguai como também no Rio Grande do Sul. A pampa é considerada uma eco-região (CARREÑO, FRANK, VIGLIZZO, 2005) que constitui o mais importante ecossistema de pradarias da Argentina, totalizando uns 540 mil km<sup>2</sup> de extensão, com um relevo relativamente plano e uma suave depressão em direção ao oceano atlântico. Uma parte considerável da pradaria pampiana está exposta a alagamentos permanentes ou cíclicos, mas existem solos aptos para a agricultura e

---

<sup>5</sup> O javali, espécie de porco selvagem oriunda de Europa foi introduzido em Uruguai por Don Aarón de Anchorena para ser criado na sua fazenda, mas perdeu o controle das crias que se espalharam rapidamente em todo o território uruguaio, em especial em regiões de montes. Para a sua caça, são necessários, como mínimo, 15 cachorros e deve-se contar com cães, cachorros geneticamente produzidos na Argentina para esta operação.

criação de gado, muito embora esta condição decline pela ocorrência de um índice de isoietas<sup>6</sup> anuais que varia entre 1.000 mm ao nordeste e 400 mm ao sudeste e, com efeito, a maior parte das chuvas se concentra durante as estações de primavera e verão e as temperaturas médias oscilam entre os 14 e 20° C. Os autores ainda dividem a região pampiana em seis regiões relativamente homogêneas: pampa ondulada, pampa central, pampa semiárida, pampa austral, pampa em depressão e pampa mesopotâmica. No entanto, Bilenca e Miñarro (2004) propõem a seguinte subdivisão: pampa mesopotâmica, pampa ondulada, pampa interior plana, pampa interior oeste, pampa inundável e pampa austral.

Segundo León (1991) a flora nativa das pampas compreende em torno de mil espécies de plantas vasculares enquanto as pradarias estiveram originalmente dominadas por gramíneas dos gêneros *Stipa*, *Poa*, *Piptochaetium* e *Aristida*, complementados com outros pastos como *Andropogon*, *Briza*, e *Erianthus*. Sobre a fauna, as espécies nativas incluíam um elevado número de aves e mamíferos dentre o quais cabe citar o veado das pampas (*Ozotoceros bezoarticus*), a ema (*Rhea americana*), os perdigões (*Rynchotus rufescens*, *Nothura sp.*, *Eudrioma elegans*) e o puma (*Puma concolor*) e das quatrocentas e três espécies de aves, aproximadamente, umas trezentas habitam regularmente a pampa.

Como se pode apreciar, os territórios pampianos guardam ainda, para além da ação e intervenção humanas de cinco séculos, uma diversidade biológica considerável e persistente. Mas será que no passado a pampa foi assim?

### 3.1 A PAMPA ANTES DE SER CHAMADA DE PAMPA...

Há dez mil anos antes de Cristo<sup>7</sup> ou 12.000 A. P. (*anos antes do presente* para usar a nova nomenclatura aplicada em geologia e paleoantropologia), durante a

---

<sup>6</sup> Isoieta é a linha traçada em um mapa meteorológico que marca os pontos com igual precipitação pluvial.

<sup>7</sup> O autor usa esta datação por achar crucial no estudo da pré-história da humanidade não só no continente euroasiático como no que logo seria América do Sul, pois já há vestígios da habitação humana nesta região austral do continente e porque existe uma lacuna ou salto evolutivo drástico ainda não devidamente explicado que nos direciona às pirâmides egípcias sem haver uma teorização mais profunda.

transição Pleistoceno-Holoceno<sup>8</sup>, que coincide com o término da última glaciação Würm-Wisconsin<sup>9</sup>, as condições ambientais e biológicas da pampa apresentavam diferenças notórias com as atuais. Ab'Saber (1977) levanta e propõe, a partir dos seus estudos cartográficos dos domínios ambientais naturais na América do Sul, entre 13.000 e 18.000 A.P., a existência de paleoambientes compostos por florestas de araucárias, campos e estepes nas regiões norte e centro do estado de Rio Grande do Sul; desertos frios e estepes patagônicas na porção central ao Sul, se alastrando por todo o território do Uruguai, interrompidas por refúgios tropicais úmidos de florestas tropicais, florestas de expansão máxima e florestas-galeria. Estas paleopaisagens delimitariam ao Sul, no estuário do Rio da Prata, - que na época não existia -, com domínios áridos e semidesérticos, em especial estepes subdesérticas denominadas de *monte* que se estendiam por quase todo o espaço físico atual das pampas argentinas até se encontrar com desertos frios e estepes patagônicas austrais.

Por sua vez Kern (1991), nos seus estudos sobre o paleoclima no Rio Grande do Sul, teoriza que o clima deveria se caracterizar por verões temperados e invernos muito rigorosos, com geadas mais frequentes e duradouras, enquanto as precipitações de neve podem haver ocorrido em todo o âmbito do estado em uma frequência maior que a atual, principalmente nas terras altas do planalto e do escudo rio-grandense, e ainda sugere:

As condições de frio, seca e aridez se expandiram desde as geleiras e glaciações de montanha dos Andes do Sul e da Patagônia, atingindo em cheio o território do Rio Grande do Sul. As planícies gaúchas foram invadidas por formações vegetais xerófilas com cactáceas e pela típica paisagem de "monte" argentina, ou seja, um mosaico de dois tipos de vegetação: a floresta rarefeita de árvores tortuosas e estepe arbustiva. As florestas de galeria provavelmente desapareceram da parte sul do estado, sobrevivendo talvez em alguns lugares mais abrigados da serra do sudoeste. Nestas altitudes mais meridionais do Planalto Brasileiro, a oeste da Lagoa dos Patos, é possível ter existido um núcleo importante de pinheiros. (KERN, 1991, p. 25).

---

<sup>8</sup> Períodos que formam parte da quarta era geológica (eras Primária, Secundária, Terciária) chamada de Era Quaternária o Antropozóica e que começou por volta de 1,8 milhões de anos antes do presente.

<sup>9</sup> Nome dado ao quinto e último processo de glaciação que terminou por volta de 12 mil anos atrás e que determina o fim do pleistoceno. Wurm nomenclatura para a glaciação na Europa e Wisconsin para América.

Kern estima que as temperaturas médias de então seriam aproximadamente - 3º C em relação às atuais nas regiões do planalto gaúcho, como também pondera: “Os restos fósseis de lhamas e ratões-do-banhado sugerem um clima frio e seco já que os primeiros só são encontrados atualmente nos Andes e os segundos nas latitudes frias do sul do Brasil” (KERN, 1991, p.28). Por outro lado, ao analisar a situação orográfica da planície litorânea gaúcha, o teórico salienta que a mesma era mais larga e ampla que seu aspecto atual devido aos níveis marítimos muito baixos, pois parte da plataforma continental se encontrava ao descoberto. Com efeito, a formação de grandes calotas glaciais do período fizeram com que a linha costeira se encontrasse a 100 ou 150 metros abaixo do nível atual e a quilômetros mar adentro<sup>10</sup>, de tal forma que as falésias de Torres, que hoje são golpeadas pelas ondas do mar, naqueles dias eram pequenas elevações isoladas em meio à planície.

A realidade territorial do Uruguai era semelhante. Seu contorno oceânico achava-se também a uma centena de quilômetros da atual, e o estuário do Rio da Prata estava ocupado por uma língua de terra delimitada por uma bifurcação do atual rio Uruguai.

Não muito distante das apreciações do geógrafo brasileiro Ab´Saber, os paleoambientes argentinos, propostos por Kauffman, Messieneo e Pollitis (2003), sugerem que a região pampiana esteve constituída por uma diversidade de ambientes com recursos heterogeneamente distribuídos que variaram nos distintos momentos climáticos. Por outro lado, defendem que a fins do Pleistoceno entre 12 e 10 mil AP, nas lhanuras pampianas existiam condições climáticas frias em ambientes semiáridos, enquanto a grande barreira natural que constitui na atualidade o estuário do Rio da Prata entre as pampas argentinas e uruguaias, apresentava características geomorfológicas e meio ambientais diferentes. De fato, estudos realizados indicam que há 11 mil anos o nível do mar estava a uns 60 metros por debaixo do nível atual e o antigo paleodelta se apresentava como uma grande planície costeira dominada por uma rede de drenagem com braços délticos, lacunas costeiras e sistemas de dunas.

Já sobre o paleoclima pampiano argentino, a maioria dos indicadores climáticos tanto zoográficos como botânicos revelam um clima predominantemente

---

<sup>10</sup> Como prova ilustrativa disto: Um dente de mastodonte (elefante pré-histórico), medindo 25 cm de comprimento, foi encontrado por pescadores que atuavam no barco Santa Luzia, em alto mar, na altura do Albardão, na região sul do estado. O dente estava a 60 m de profundidade e foi conduzido até a embarcação por uma rede de arrastão (jornal Zero Hora, domingo, 03.11.1991, p. 38).

árido e muito mais frio que nos dias de hoje; não existem indícios de climas cálidos e todo o território pampiano era coberto por vegetação desértica, dunas e campos (CIONE; FIGINI; TONNI, 1999). Nesse sentido Bayón ainda acrescenta:

By the end of the Pleistocene, about 12,000 radiocarbon years ago (14C), the South Pampean landscape was noticeably different from the present one. The Atlantic coast was located many hundred kilometers east due to the 100-meter lower sea level, a situation that caused an enlarging of the continent area. Climate conditions were extremely dry, cold, and windy (ARAMAYO, et al, 2011, p. 209-210).

O modelo teórico levantado ainda defende que nos inícios do Holoceno, por volta de 10 mil A.P., se registra uma paulatina tendência do incremento da temperatura e umidade que culminarão no Holoceno tardio, isto é a 1.000 A.P. com o estabelecimento das condições atuais, enquanto o progressivo aumento dos níveis de temperatura registra um pico considerável a meados do Holoceno quando acontecem os eventos transgressivos do avanço marinho. Os teóricos ainda concluem que durante o Holoceno inicial e médio, aproximadamente entre 10 mil e 6 mil A. P. a região pampiana argentina, muito em especial a sua porção oriental, era um pouco mais fria e árida que nos dias de hoje.

Estas mudanças de alguma forma foram testemunhadas pelos antigos habitantes, os grupos indígenas Tehuelches, e ficaram registradas na tradição oral mantida de geração em geração, até chegar aos nossos dias, porém com algumas contaminações geradas pelo grande choque cultural que aconteceria a partir da chegada dos espanhóis ao Rio da Prata no século XVI:

“Elal, el héroe que era como un dios y que vivió en los primeros tiempos del mundo, había nacido en una isla en medio del mar. Cuando todavía era muy chico, se había escapado de allí, para no caer en manos de un gigante maléfico que lo quería matar. Lleno de poder, Elal había podido luego derrotar a ese peligroso enemigo que lo perseguía sin descanso y en poco tiempo se convirtió en un hombre hecho y derecho. En se entonces, la Patagonia. Fue justamente Elal quien se ocupó de hacer el Gueut, la tierra de los Tehuelches. Su herramienta fue el arco: con él iba tirando flechas y donde éstas caían el agua se sacaba y se iba yendo hacia el sur, por los cañadones que todavía hoy se ven; finalmente escurrió por las últimas lomas costeras hasta las playas. Echó entonces a los antiguos hombres al mar, donde se convirtieron en lobos marinos, pájaros y otros animales, y se puso en seguida a trabajar para hacer a los antepasados de los hombres actuales. Elal agarró barro y le fue dando forma hasta tener dos muñequitos: una mujer y un hombre. Los siguió modelando y perfeccionado más y más y por fin se fueron transformando en gente, hasta que tuvieron sangre y corazón. Esta

primera pareja humana se reprodujo y cuando hubo una buena cantidad de personas, Elal los separó: a unos los mandó para el norte y fueron los Kadde o blancos; a los otros los fletó para el sur y fueron los Aonikénk o Tehuelches. También les repartió los animales: las ovejas y las vacas para los Kadde, los guanacos y los avestruces o ñandúes para los Aonikénk. Pero como decían algunos ancianos, ahora está revuelto todo: hay Kadde y lanares acá en la Patagonia” (PALERMO, 1993, p. 28-29.)

Como já o sugere a lenda, houve também uma fauna que povoou as pampas pré-históricas que não era muito diferente à atual. A mesma estava composta por insetos, crustáceos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos, semelhantes aos de hoje em dia: moscas, mosquitos, aranhas, lagartos, tartarugas, emas, variedade de pássaros, porco-do-mato, antas, cervos, capivaras, zorros, cachorros e pumas, além de quantidade considerável de animais que pelo seu porte formam a megafauna: conjunto de animais – em particular mamíferos - de uma mesma região cuja massa adulta excede a tonelada de peso<sup>11</sup> (FARIÑA, VIZCAÍNO, 2009) e que foram comuns na paleontologia dos três países que compartilham o bioma pampa:

No final da última glaciação, no momento em que aparentemente estão chegando as primeiras populações pré-históricas, a fauna que povoava esta vasta região que vai dos pampas argentinos até o nordeste do Brasil, e na qual se encontra o Rio Grande do Sul, apresenta uma considerável homogeneidade, levando-se em conta as diferenças regionais, que não chegam a ultrapassar o nível de espécie. Este último período de Pleistoceno é conhecido do ponto de vista faunístico, como Lujanense<sup>12</sup>, a partir das pesquisas paleontológicas realizadas inicialmente na Argentina, e é caracterizado por uma fauna típica dos Pampas, e, portanto de paisagens abertas. No Brasil, 96% da fauna fóssil conhecida em Minas Gerais, por exemplo, é a mesma do Lujanense, inclusive sendo encontrados no Planalto Central brasileiro aqueles animais que somente existiram neste período. (KERN, 1991, p. 27).

No Rio Grande do Sul, Kern (1991) nas suas pesquisas de campo contabiliza em torno de dezoito espécies de megamamíferos hoje extintos agrupados em:

---

<sup>11</sup> Hoje em dia, os elefantes africano e asiático, o búfalo de América do Norte, o hipopótamo, o rinoceronte, a girafa e o yack do Himalaia são considerados os elementos da megafauna atual.

<sup>12</sup> Descobertas feitas em Luján, cidade que forma parte da Província de Buenos Aires e está situada a 73 km de Buenos Aires, capital.

desdentados, carnívoros, litopternos<sup>13</sup>, notoungulados<sup>14</sup>, proboscídeos, perissodáctilos<sup>15</sup> e artiodáctilos<sup>16</sup>. Os desdentados são representados por cinco espécies de preguiças gigantes, três espécies de gliptodontes e uma espécie de tatu gigante respectivamente. As preguiças gigantes eram de hábitos terrestres que atingiram comprimentos entre 2 a 6 m, cobertos por pelos grosseiros, locomovendo-se sobre as quatro patas; no momento da alimentação, que era a base das folhas dos galhos de árvores, se erguiam sobre as patas posteriores, apoiando-se na sua cauda musculosa. Deste grupo destacam: o lestodon (*Lestodon armatus*), o notrotério (*Nothrotherium maquinense*), o scelidotério (*Scelidotherium leptcephalus*); o glossotério (*Glossotherium robustum*), e o megatério (*Megatherium americano*). Os gliptodontes eram animais semelhantes aos tatus, com comprimentos de 2 a 4,5 m, sendo que alguns deles tinham um tamanho comparável com um carro fusca VW; possuíam uma carapaça óssea não articulável, e a cabeça e a cauda eram protegidas por placas ósseas rígidas. Destacam o gliptodonte (*Glyptodon clavipes*), o panocto (*Panoctus tuberculatus*), o dedicuro (*Deodicuro clavicaudatus*) e o tatu-gigante (*Priodontes giganteus*). O pampatério (*Pampatherium validus*) também existiu no RS e atingia quase 3 m de comprimento.

Os carnívoros estão representados pelo esmilodonte, mais conhecido por tigre-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*), que era maior que o leão atual, de membros robustos, cauda curta e dentes caninos superiores que atingiam 20 cm de comprimento. A sua mandíbula se abria verticalmente, a modo de poder usar os mesmos como punhais. Os litopternos, animais semelhantes a cavalos e antas tiveram um único representante, a macrauquénia (*Macrauchenia patachonica*), que alcançava 3 m de comprimento e 1,5 m de altura no garrote; frequentava pântanos e margens de lagoas. A arquitetura das fossas nasais no alto do seu crânio sugere a existência de uma tromba semelhante à da anta. Os notoungulados, herbívoros de tamanho médio e grande, semelhantes a hipopótamos e rinocerontes, ocorrem também com uma só espécie: o toxodonte (*Toxodon platensis*) de membros curtos e notável corcova dorsal, muito abundante no RS. Dos proboscídeos ou elefantes,

<sup>13</sup> Litopternos, ordem de mamíferos ungulados (com unhas) extintos endêmicos da América do Sul descendentes de mamíferos isolados pela deriva continental na época em que este continente era um continente-ilha.

<sup>14</sup> Notoungulados, ordem de mamíferos extintos durante o Pleistoceno, exclusivos da América do Sul.

<sup>15</sup> Perissodáctilos, ordem de mamíferos ungulados com número ímpar de dedos nas patas, como o cavalo, a anta e o rinoceronte.

<sup>16</sup> Artiodáctilos, ordem de mamíferos ungulados com número par de dedos nas patas como a girafa, os cervos, a vaca e o boi.



existiram duas espécies o estegomastodonte (*Stegomastodon platensis*), com uma altura de 3,4 m e presas longas e finas de quase 1,5 m e sem esmalte, e o haplomastodonte (*Haplomastodon waringi*) de menor altura 2,5 m, com presas curvadas e também desprovidas da cobertura dental. Os perissodáctilos, cavalos primitivos, ocorrem em duas espécies, um cavalo pequeno (*Hippidion bonaerensis*) menor e mais pesado que o atual e com um só dedo, e um cavalo maior (*Equus Amerhippus neogaeus*) semelhante ao atual. E finalmente os artiodáctilos representados por uma espécie de camelídeo, o paleolhama (*Paleolhama waddelli*) e uma espécie de cervo, o morenolafo (*Morenolaphus lydekkeri*).

No Uruguai pré-histórico, existiram praticamente as mesmas espécies acima descritas com a ocorrência, até o presente momento, de mais um desdentado preguiça-gigante o milodon (*Myiodon darwini*); um urso de focinho curto (*Arctotherium*), carnívoro, de porte semelhante ao urso grizzly da América do Norte (FARIÑA; VIZCAÍNO, 2009) e o capivara ou capincho gigante (*Josephoartigasia monesi*) de 3 m de comprimento, 1,5 m de altura e com quase 500 quilos de peso que o tornam o maior roedor do mundo. O mesmo foi descoberto por um paleontólogo amador há muito anos atrás e foi só recentemente estudado. O artigo foi divulgado em 2008. O fóssil consta de um crânio de 50 cm de comprimento e supõe-se que existiu a uns 4 milhões de anos atrás e pesaria em torno de uma tonelada, atingindo o tamanho de um carro popular.

A realidade zooarqueológica da Argentina é uma continuidade coerente do Uruguai e Rio Grande do Sul, salvo casos específicos como o Cuvieronius ou Cordilleron, uma espécie de elefante primitivo:

Cuvieronius apareció en el Oeste de América del Norte al final del Mioceno<sup>17</sup> y emigró a América del Sur durante el Pleistoceno hace alrededor de 2 millones de años. Se dispersó por las pampas cubiertas de hierbas, en el este, hasta las cumbres de los Andes, en el oeste, y llegó hasta Argentina. La caza provocó su extinción y es probable que sobreviviera hasta el año 400 de nuestra era. (DIXON et al, 1993, p. 241).

---

<sup>17</sup> Mioceno, um dos cinco períodos (Paleoceno, Eoceno, Oligoceno, Mioceno e Plioceno) que conformam a Era Terciária ou Cenozoica ou também conhecida como Era dos Mamíferos. O Mioceno começou há uns 22,5 milhões de anos e terminou por volta de 5 a 6 milhões de anos atrás (LAMBERT, 1979).

Porém, deve-se de ter em conta que a relação das espécies até agora apresentada e que habitaram ao longo dos territórios pampianos pré-históricos, não é finita, pois ainda serão desenterradas outras desconhecidas para a paleobiologia. As estimativas acreditam que novas prospecções trarão à luz novas espécies em regiões e estratos não estudados ainda.

Mas cerca de 12 mil A.P., a pampa não foi só bioma de floras e faunas tão variadas quanto exóticas. Uma nova espécie bípede aos poucos foi chegando, ocupando e explorando seu espaço vasto e sem limites: o ser humano.

### **3.2 A PAMPA ACOLHE MAIS UMA ESPÉCIE: O *HOMO SAPIENS*...**

A presença humana no bioma pampiano pré-histórico coincide com o fim da última glaciação, isto é em torno de 12 mil AP, momento de drásticas alterações climáticas no período de transição Pleistoceno-Holoceno, fim da Era Terciária e início da Era Quaternária, comumente conhecida como Era Antropozóica. No Rio Grande do Sul a habitação humana atinge uma datação de  $12.770 \pm 220$  A.P. (KERN, 1991).

Os primeiros habitantes eram grupos caçadores-coletores-pescadores que coexistiram e interagiram com os elementos da megafauna. Com efeito, pesquisas de campo revelam que desde a Patagônia ao sul do Brasil, na região das pampas gaúchas, os vestígios fósseis permitem deduzir a existência de um modo de vida baseado na caça da megafauna, porém não de forma exclusiva:

Este modo de vida está datado de  $12.770 \pm 220$  anos antes do presente no vale do Rio Ibicuí. Nesta área, os implementos das indústrias líticas estão associados, segundo Miller, aos restos das preguiças-gigantes (*glossotherium*), dos imensos tatus (*glytodon*), de vegetais, de moluscos fluviais e de peixes. Assim, no início da ocupação do nosso território, os dados confirmam a possibilidade de existência de caçadores da megafauna, com uma alimentação onívora variada, e que se utilizam de talhadores, raspadores rústicos e lascas. Não parecem conhecer as pontas de flechas líticas que caracterizam outros caçadores de megafauna do restante do continente americano, denominados paleoíndios. (KERN, 1991, p. 95).

Em 1992, a descoberta da mandíbula direita de um macrauquénia<sup>18</sup> na mesma camada geológica que continha material lítico no local conhecido com Sanga da Cruz, no mais antigo sítio arqueológico do RS, no município de Alegrete, confirma o acima exposto. Porém a antiguidade estimada do horizonte geológico em aproximadamente 18 mil anos faz repensar e recuar a data da ocupação humana nas pampas gaúchas segundo Saul Milder, professor de História Moderna e Contemporânea e pesquisador.

Bolcato Custódio (2004) comenta que estes paleohabitantes andavam em pequenos grupos, hordas, coletando frutos, sementes e utilizavam instrumentos rudimentares feitos de pedra e ossos, para cortar, rasgar, raspar, perfurar e esmagar. Cozinhavam seus alimentos sobre pedras aquecidas ao fogo em recipientes de couro cheios de água ou envolvidos em folhas vegetais e cobertos por terra. Os vestígios da sua presença foram localizados junto aos rios Uruguai, Ibicuí, Quaraí e nos abrigos rochosos dos vales do Caí e do Taquara.

Por volta de 6 mil A. P. o clima tornou-se estável, com calor e umidade, a vegetação começou a se expandir para fora dos vales, formando florestas nas encostas do Planalto e nas bacias dos rios Jacuí e Uruguai. Com estas condições ambientais mais favoráveis e menos rígidas, os grupos humanos se espraíram por todo o estado do RS, invadindo campos, florestas e litoral.

Bolcato Custódio (2004) analisa estas hordas e a partir da sua transumância e as divide em povos dos campos, povos da floresta, povos do litoral e povos dos cerritos e ou sambaquis. Os povos dos campos viveram nas pampas, acampando a beira de córregos onde montavam seus abrigos de galhos e peles de animais, abrigo de rochas e cavernas situadas nas encostas onde praticavam inscrições rupestres. Manufaturavam ossos e dentes de animais e produziam artefatos em pedra como pontas de projétil, furadores, raspadores, boleadeiras e flechas. Os arqueólogos classificam os vestígios destes grupos de Tradição Umbu.

Os povos da floresta procuraram abrigo nas florestas subtropicais próximas a rios e nas encostas do Planalto. Alimentavam-se de frutas e do pinhão, da caça e da pesca. Para a manufatura, usavam o basalto e outros tipos de rocha para confeccionar talhadores, furadores, raspadores e picaretas. Estes povos viveram nas florestas até a chegada dos grupos Guarani, migrantes da Amazônia que

---

<sup>18</sup> Jornal Correio do Povo, segunda – feira, 06.01.1993, p. 12.

ocuparam parte do seu domínio e influenciaram a sua cultura. Os vestígios deixados pelos povos da floresta são identificados como Tradição Humaitá.

O clima mais ameno e em elevação propiciou o aumento das faunas marinhas fato que favoreceu o assentamento de grupos coletores, pescadores e caçadores na região litorânea perto de lagoas, mangues ou baías. Estas hordas dariam origem ao povo do litoral no decorrer dos séculos. O acúmulo de restos de comida composta por conchas de moluscos formou em alguns lugares elevações artificiais consideráveis, chamadas de sambaquis<sup>19</sup>. Estes sambaquis virariam as moradias deste povo. Alguns dos montículos contem ossos de peixes, aves, animais terrestres e aquáticos, como também esculturas zoomórficas feitas em pedra polida. Um dos aspectos sobressalentes da cultura deste povo é a questão da funérea:

Foram encontradas sepulturas revestidas como argila, conchas ou ossos de baleia. Em alguns casos, os mortos eram desenterrados e seus ossos cobertos com pó vermelho extraído de minerais como a hematita ou vegetais como o urucum, e reenterrados com objetos pessoais tais como colares, pingentes e laminas de machado (BOLCATO CUSTÓDIO, 2004, p. 12).

Com efeito, o próprio chão onde construía as suas moradias de cabanas de sapé, faziam fogueiras e dormiam como também servia de lugar de sepultamento dos seus mortos.

Os povos dos cerritos, não muito diferentes dos povos do litoral, viviam junto a rios, áreas alagadiças e lagoas no litoral do estado e região leste do Uruguai. Eram descendentes dos povos dos campos e acampavam em locais com elevações aonde logo iam formando aterros conhecidos como cerritos:

Ao longo de sucessivas ocupações, foram construídos conjuntos de aterros, com formas circulares e elípticas em tamanhos variáveis, que atingiam até 6 m de altura e 100 m de diâmetro. Pesquisadores localizaram marcas de postes, que deviam sustentar as pequenas choupanas, além de enterramentos (BOLCATO CUSTÓDIO, 2004, p. 13).

Da mesma forma que os sambaquis, os aterros trouxeram à luz a indústria deste paleohabitantes como pontas de pedra lascada, ossos, bolas de boleadeiras,

---

<sup>19</sup> Este tipo de assentamento e povoamento não foi restrito só à pré-história do RS. O litoral do estado de Santa Catarina alberga um elevado número de sambaquis. O maior de todos, até o momento, com aproximadamente 500 m de comprimento e quase 40 m de altura encontra-se na Praia de Garopaba.

lâminas de machado, mão-de-pilão e moedores, e vestígios de alimentação a base de fauna marinha. Tradição Vieira foi o nome dado para o conjunto dos vestígios desta cultura.

Já o Uruguai, como extensão natural do RS, apresentava uma habitação humana, segundo Vidart (1996), que não ultrapassava os 11 mil A. P. como o confirmaram as datações com o radio carbono  $14^{20}$ , para os vestígios de hordas de paleoíndios coletores-caçadores oriundos, também, das paleopaisagens gaúchas do RS. Politis, por sua vez, concorda com esta datação: “In the campos of Uruguay, the occupation of the early hunter-gatherers has been dated ca. 11.000 BP” (POLITIS, 2008, p. 237). Porém, a descoberta acidental de restos de cinco indivíduos de *lestodon*, durante uma grande estiagem no Arroyo del Vizcaíno, perto da localidade de Sauce, município de Canelones, no fim dos anos noventa, faria recuar a presença humana nestas paragens até uma datação tão inesperada quanto inimaginável.

Com efeito, dentre o material coletado, há ossos que apresentam marcas que, pela sua morfologia e orientação, sugerem a manufatura humana decorrente de uma caçada e posterior consumo dos animais. Mas o mais inquietante é a datação fornecida pela proporção do carbono 14 existente no material:

En las muestras del Arroyo del Vizcaíno, esa proporción equivale a una antigüedad de 29.000 años. Puesto que la mayoría de los fechados aceptados en toda América andan por los 12 o 13.000 años, este hallazgo es de gran importancia, pues vuelve más antigua la colonización humana de América y pone nuestra especie en la escena de la extinción (de la megafauna), sea por caza directa, sea por modificación ambiental, sea por uso de fuego (FARIÑA, VIZCAÍNO, 2009, p. 102).

Deve-se chamar a atenção que esta datação, de alguma forma, vem ao encontro do já levantado por Milder quando da descoberta parcial da mandíbula do macrauquénia, associada à indústria lítica com horizonte geológico que atingiria os 18 mil anos, no município de Alegrete. A datação defendida pelos paleontólogos uruguaios ainda não goza do reconhecimento e prestígio da comunidade acadêmica internacional, se mantendo a anterior na literatura científica, de aproximadamente

---

<sup>20</sup> O carbono radioativo é absorvido pelos seres vivos e decompõe-se em ritmo regular. Uma pessoa emite 1.250 radiações por hora. Um crâneo de 5.600 anos de antigüidade emite 1.250 radiações; um crâneo de 11.200 anos, 625 radiações e um crâneo de 44.000 anos, três radiações por hora. Contando o número de radiações, pode-se calcular a antigüidade dos ossos (LAMBERT, 1979).

11mil A. P. A controvérsia ainda continua nos foros acadêmicos, porém a incontestabilidade da aferição obtida por Fariña, a curto o médio prazo deverá ser acolhida.

Cabe destacar que também existiram grupos humanos construtores de cerritos, também conhecidos por montículos e “cerritos de indios”, localizados nas regiões que hoje em dia ocupam os municípios ou departamentos de Rocha, Treinta y Tres, Cerro Largo, Tacuarembó e Rivera.

Estas construções artificiais foram já estudadas por José H. Figueira<sup>21</sup> quase no último quarto do século XIX quem propôs:

En toda la zona de este departamento (Rocha) comprendida en unos 45 kilómetros de su frontera con el Brasil y laguna Merim, existen pequeñas elevaciones de terreno formadas por sus primitivos habitantes y que actualmente los pobladores denominan, a causa de su aspecto, cerritos. Éstos son más abundantes en los parajes bajos y anegadizos, como los bañados de San Luis, por ejemplo. Los montículos, por lo general, tienen una forma más o menos circular; de diámetro varían entre 10 y 20 metros y su altura de 2 a 4 metros. Ordinariamente se hallan dispuestos en grupos de 1 a 15 y aun más. Los más elevados sirven de morada a los actuales pobladores de estos bañados (VIDART, 1996, p. 19-20).

Estudos posteriores por José H. Figueira e José de Arechavaleta<sup>22</sup> (VIDART, 1996) concluem que os cerritos foram criados lentamente pelos primitivos habitantes das redondezas da Lagoa Mirim; serviam tanto de moradia como de sepultura dos seus mortos. O corpo era encolhido e inclinado de lado, em posição fetal.

Estes montículos revelaram, - além de uma indústria lítica, ossadas humanas, de canídeos, e cerâmicas -, algo inesperado:

Fueron particularmente intensas las prospecciones cumplidas el año 1906 en las bajas tierras de Treinta y Tres y Rocha. En este departamento puso especial empeño e efectuar prolijos desmontes en los montículos situados en la Horqueta de San Miguel. Esta zona, más que otras, reveló la existencia de una significativa cantidad de piezas óseas humanas carbonizadas y previamente partidas, lo que hizo suponer que “las parcialidades que levantaron los montículos tenían hábitos de antropofagia” (VIDART, 1996, p. 39).

<sup>21</sup> José H. Figueira, 1860 – 1946, Uruguai, pedagogo e antropólogo que realizou estudos arqueológicos e estudou os primitivos habitantes de Uruguai.

<sup>22</sup> José de Arechavaleta, Espanha, 1838 – 1912, Montevideo; naturalista, farmacêutico, geólogo, entomólogo e professor, foi fundador da Biologia moderna em Uruguai.

Vidart (1996) prevê um horizonte geológico para tais grupos humanos que excede os 4 mil anos. Porém existem indícios que permitem aumentar a antiguidade ainda mais, segundo o antropólogo uruguaio José Inciarte<sup>23</sup>.

Na Argentina, a habitação humana evidencia vestígios que atingem os 12 mil anos na atual província de Santa Cruz, entre 10 mil e 11 mil anos na região sul de Buenos Aires, uns 11.600 anos em áreas da província de Catamarca, 10 mil anos em Mendoza e uns 9.500 anos na província de Jujuy (PALERMO, 1993). Eram grupos de caçadores e coletores que chegaram a fazer uso da megafauna para garantir a sobrevivência como também de raízes, sementes, folhas e frutos.

Mas recentemente novas descobertas revelam uma maior antiguidade em Los Toldos na Província de Santa Cruz, com um horizonte geológico de 12.890 ± 90 A.P. (MIOTTI; SALEMME, 2004) onde se localiza uma indústria lítica embrionária, conjuntamente com restos de camelídeos, como o guanaco e cavalos primitivos, do gênero *Parahipparion*. La Cueva de las Manos, situada no departamento de Lago de Buenos Aires, revela uma série de pinturas rupestres de mãos<sup>24</sup>, com uma datação que atinge os 9 mil anos. E o sítio Piedra Museo escavado em 1995, traz a luz uma habitação humana de em torno de 13.000 anos segundo os paleontólogos.

No sítio paleoicnológico<sup>25</sup> de Pehuen Co, balneário situado a uns 3 quilômetros da localidade do mesmo nome, foram encontradas em 2005 duas trilhas de pegadas quase que únicas no mundo que revelam o andar de um paleoindígena de lado de um megatério (ARAMAYO; BAYÓN; MANERA; POLITIS 2011) com uma datação que atinge o horizonte de 12.000 anos A. P. Esta descoberta abre um leque de possibilidades de interpretação a discutir como um eventual encontro, uma lenta perseguição para posterior abate do megamamífero ou ainda uma prova de domesticação da besta.

As pegadas humanas em questão revelam uma falta do registro dos dedos: "None of the footprints have marks of toes. This situation could be the product of the

<sup>23</sup> Em entrevista para ESPECTADOR.COM: Cerritos de indios podrían constituir un sistema de aldeas de 5 mil años. Disponível em: <<http://www.espectador.com/cultura/32253/cerritos-de-indios-podrian-constituir-un-sistema-de-aldeas-de-5-000-anos>>. Acesso em: 03.12.2004.

<sup>24</sup> Existem antecedentes de pinturas semelhantes feitas com a mesma técnica chamada de "mão em negativo" nas cavernas de Lascaux, França. Abstrações convergentes ou compartilhamento de saberes? Assim sendo, quem deu a idéia?

<sup>25</sup> Paleonictologia, segmento da paleontologia que trabalha e estuda os seres extintos a partir das suas pegadas e marcas de outras partes do corpo em estado fóssil. Em outubro de 2008, foram encontradas em Novo Hamburgo – RS, tocas gigantes, denominadas de *paleotocas*, produzidas por uma espécie de tatu gigante. Nos túneis produzidos, detectaram-se marcas de garras e de carapaça do animal. Estes elementos icnológicos servem para estudar os hábitos do espécimen.

use of some kind of footwear or because the sample is an undertrack” (ARAMAYO; BAYÓN; MANERA; POLITIS, 2010, p. 211). No mesmo sedimento estudado aparecem também as pegadas de macrauquenias e flamingos que cruzam as pegadas humanas.

Não muito longe e na mesma região pampiana, a uns 130 km de Pehuen Co, no sítio paleontológico de Arroyo Seco (ARAMAYO; BAYÓN; MANERA; POLITIS, 2010) foram datados mamíferos pleistocênicos em torno de 12.150 anos A. P. e encontrados ossos de *Megatherium* que apresentam marcas da ação humana, associados à indústria lítica.

Estas descobertas paleobiológicas nos territórios pampianos não deixam dúvida de que há 10 mil anos já havia seres humanos por estas paragens e que estes conviveram por muitos séculos com a megafauna autóctone e ainda com elementos faunísticos provenientes da América do Norte.

Os modelos teóricos até agora apresentados sobre o bioma pampiano pré-histórico, oriundos das descobertas das pesquisas de campo e das suas posteriores estimativas, não têm a pretensão de ser definitivos e muito menos aprofundados por não tratar-se, de fato, só de uma tese de paleontologia. Os dados aqui expostos devem sim servir como um conhecimento básico e necessário sobre o contexto da paleoantropologia do Cone Sul para todo acadêmico, sem importar a sua área de atuação e abrangência, pois isto facilitará de alguma forma a compreensão dos futuros acontecimentos resultantes do advento dos invasores, conquistadores e colonizadores do Velho Mundo a partir do século XV, com a “descoberta” de América.

A origem da grande maioria dos pressupostos teóricos mencionados até agora remonta aos estudos e pesquisas de campo realizados na segunda metade do século XIX, na Argentina, e cristalizados em um livro escrito pelo professor e paleontólogo argentino Florentino Ameghino; “La antigüedad del hombre en el Plata”, de 1880.

### **3.3 RESUMO DE “A ANTIGUIDADE DO HOMEM NO PRATA”**

Do acervo científico argentino do último quarto do século XIX, “La antigüedad del hombre en el Plata” (1880) é, talvez, a obra que mais reconhecimento, discussão



e polêmica gerou nos círculos científicos internacionais, pelo seu grau de irreverência, desafio e confrontação às teorias existentes sobre a aparição do homem sobre a face da Terra.

O livro é composto por dois volumes, Parte Primeira e Parte Segunda. A Primeira Parte se divide em Livro Primeiro e Livro Segundo. No Livro Primeiro, o autor foca seus estudos sobre os indígenas da América e a sua antiguidade, enquanto no Livro Segundo, o teórico centra as suas pesquisas nas épocas neolítica e mesolítica na América austral. Já a Parte Segunda aborda às formações geológicas pampianas, os fósseis, os mamíferos fósseis, a cronologia paleontológica, o descobrimento do homem fóssil, as provas da coexistência do homem com os mamíferos extintos da megafauna, os tempos pampianos modernos e o homem da época pampiana. As duas partes dos dois volumes somam, ao todo, 650 páginas.

Consciente da antipatia, da falta de compreensão e da rejeição para com os seus postulados, para época considerados tão intrépidos quanto sem fundamento, Ameghino adverte no prólogo: “Al emprender la publicación del presente trabajo descontamos de antemano en nuestro favor la indulgencia del público em general” (AMEGHINO, 1918, p. 7) como também reconhece:

Sabemos perfectamente que nos exponemos a que alguien nos pregunte quiénes somos y con qué derecho nos atrevemos a sondear una cuestión de tanta importancia ni nos extrañará tal pregunta. Altos y egoístas representantes de la ciencia en el Plata ya nos la han hecho y con armas nada nobles han combatido los resultados de nuestro trabajo. Se nos ha tratado de explotadores, de ignorantes y de otras lindezas por el estilo, por haber cometido el inmenso delito de afirmar que el hombre habitó las pampas en plena época cuaternaria (AMEGHINO, 1918, p. 9).

Com os resultados das suas pesquisas de campo, Ameghino adota uma classificação para os tempos geológicos pré-históricos no Prata, tomando como ponto de partida a Era Terciária na qual inseriu os períodos geológicos chamados de Patagônico ou Mioceno; Pampiano ou Plioceno, onde situa a época arqueológica por ele denominada de Eolítica (aurora da pedra) que contém os tempos Pampianos antigos ou Plioceno inferior; e tempos pampianos modernos ou Plioceno superior respectivamente. Nestes tempos, o paleontólogo focará seus estudos de forma enfática.

Após anos de pesquisa nos territórios pampianos argentinos, escavando fosseis de mamíferos e procurando vestígios de antropoides e rastros humanoides, Florentino Ameghino descobriu em estado fragmentário uma calota craniana e o fêmur de um ser extinto, associado a uma indústria lítica e a restos de mamíferos extintos variados, em capas de transição geológica entre a era Terciária e Quaternária. O autodidata argentino julgou e concluiu que estes vestígios de humanos eram muito antigos e de feições fartamente primitivas. Ele já proclamava confrontando os meios acadêmicos, como também ao Gênese bíblico:

Por mucho tiempo se ha creído que el hombre no habitó el continente americano durante la época geológica pasada (Terciaria). Fundábanse los unos en que la población americana era de origen joven muy reciente, error que ya hemos puesto en evidencia; los otros, en que no se habían encontrado restos humanos en las capas geológicas regulares de nuestro continente, aun cuando ésta no fuera una razón para negar la posibilidad de la existencia del hombre fósil americano. Apoyándose en esta misma prueba negativa, durante un largo número de años, se negó la existencia del hombre fósil en Europa. Más tarde hemos visto que los que tal sostenían estaban en un completo error. ¿Por qué no puede suceder lo mismo en América? Y desde que se ha demostrado ser errónea la antigua tradición hebraica que atribuía unos seis mil años de antigüedad a lo más, ¿por qué se ha de creer o conservar la otra tradición, hermana de la anterior, que supone la cuna del género humano en el continente oriental, si aun no tenemos pruebas científicas que lo demuestren, ni podemos apoyarnos en pruebas negativas desde que Darwin y Lyell han demostrado suficientemente la imperfección de los documentos geológicos, ni por otra parte hay razones para despojar al Nuevo Mundo de la gloria de ser la morada del hombre desde la más remota antigüedad?

¿Por qué razón no puede el género humano haber aparecido al mismo tiempo, o tal vez aun antes, en el nuevo mundo que en el antiguo continente. Si todo es posible, ¿por qué hemos de negar la posibilidad de la existencia del hombre diluviano y aun terciario en América. El mamut, el mastodonte, el elefante, el caballo, el maquerodo, el oso, el tigre, el perro, y otros muchos mamíferos de la fauna diluviana y terciaria de la vieja Europa, no tienen sus representantes fósiles pertenecientes a la misma época em el mundo de Colón? (AMEGHINO, 1918, p.87).

As inquietações do teórico argentino tinham como epicentro a localidade de Luján:

En los alrededores de Mercedes y de Luján, los huesos humanos y vestigios materiales de su existencia, se hallan sepultados debajo de capas vírgenes a diversas profundidades, conjuntamente con restos de Hoploforo, Mastodonte, Milodonte, Hippidió, Panoctus, Eutatus,

Lestodonte, Toxodonte, Gliptodonte, Smilodon y otros mamíferos extintos que más bien que una fauna cuaternaria parecen denotar una fauna francamente terciaria. Por más que la formación pampeana es considerada como cuaternaria por la mayor parte de los geólogos, por nuestra parte creemos con Bravard<sup>26</sup> que es terciaria y que los geólogos que han afirmado ser cuaternaria no tenían elementos necesarios para resolver afirmativamente la cuestión... La existencia del hombre, pues, em épocas geológicas pasadas, cuando nuestros continentes y nuestros mares tenían una forma diferente de la actual, está probada en ambas Américas, tanto en los antiguos aluviones del Misisipi como en los terrenos de transporte de la cuenca del Plata, tan antiguos que son anteriores a la formación del inmenso estuario (AMEGHINO, 1918, p. 94-95).

A partir desta descoberta, Ameghino levantou a hipótese de que o homem não somente era oriundo deste continente, como também breve defenderia que o berço da humanidade devia de encontrar-se nas pampas da América do Sul. Assim o cientista argentino refletia e propunha que o movimento supostamente iniciado desde o que hoje chamamos de Ásia para o que chamamos de América, bem pode ter acontecido em sentido contrário. Com isto, Florentino Ameghino levantava a bandeira em defesa do Autoctonismo Americano, rótulo usado para dar nomenclatura a esta nova visão paleoantropológica. Seu corolário de 16 pontos, que são a coluna do seu paradigma alternativo, levanta:

1. La población indígena de América no forma una raza única y homogénea; representa un cierto número de razas diferentes y alteradas por continuos cruzamientos;
2. Entre los indígenas de América se encuentran grupos de individuos o tribus enteras que representan razas del antiguo continente; pero la masa de la población difiere notablemente de la del Viejo Mundo. La civilización que los españoles encontraron en América, suponiendo que sea indígena, prueba que la población americana data de una remotísima antigüedad.
3. La civilización que los españoles encontraron en América, suponiendo que sea indígena, prueba que la población americana data de una remotísima antigüedad.
4. Que si bien es cierto que hay muchos puntos de analogía entre las civilizaciones, las ideas religiosas, la industria, et., de los pueblos más civilizados de América y algunos pueblos asiáticos, también es cierto que las desemejanzas son mayores que las semejanzas, y si fuéramos a juzgar del origen de la civilización americana por el mayor o menor número de analogías que presenta con las del antiguo mundo la consideraríamos como indígena.

---

<sup>26</sup> Augusto Bravard, 1800 -1861, naturalista, geógrafo e geólogo francês que veio para Argentina em 1853, falecendo após o terremoto de Mendoza. Descobriu fósseis e concentrou suas pesquisas de campo na procura de terrenos da Era Terciária. De suas obras destaca: "Geología de las Pampas" de 1858.

5. Que si bien es cierto que en diferentes puntos se encuentran grupos de individuos o tribus que hablan idiomas que tienen singulares analogías con algunos del antiguo mundo, se puede afirmar que las lenguas americanas en general no derivan de ninguna de las del otro continente.
6. Que en todas partes de América se encuentran inscripciones grabadas sobre rocas y que si algunas de ellas se puede probar que son de origen escandinavo, fenicio (?), etc., el mayor número han sido grabadas por pueblos a los cuales ningún vínculo los ha unido con los del antiguo continente.
7. Las tradiciones americanas no nos dicen que los pueblos de este continente fueran originados de otras tierras que no fueran las de América.
8. Las religiones, tradiciones, costumbres, lenguas, etc., nos prueban que en todos los tiempos y por todas partes América ha recibido emigraciones del otro continente, pero que estas emigraciones han encontrado el territorio poblado por verdaderos indígenas, cuyo carácter general no han podido cambiar.
9. En diversos puntos de América se encuentran vestigios de civilizaciones más avanzadas que las que allí encontraron los españoles.
10. Cuando toda la Europa estaba poblada por verdaderos salvajes, en América había pueblos sumamente adelantados que vivían en grandes ciudades y levantaban suntuosos monumentos.
11. La historia, la tradición, el estudio de las razas, etc., prueban que el antiguo mundo ha recibido en diferentes épocas emigraciones americanas, lo que complica singularmente el estudio de las razas humanas de ambos continentes, puesto que ya no se podrá tratar de hacer estudio serio de las razas primitivas sin tener en cuenta las numerosas emigraciones que pueden haber tenido lugar en todas direcciones.
12. El hombre ha habitado durante los tiempos geológicos, tanto el antiguo como el nuevo continente.
13. El estudio de los pueblos de la antigüedad en América, Europa y África, nos prueba que estaban en relaciones más frecuentes que en tiempos relativamente modernos.
14. En tiempos y épocas pasadas, la comunicación entre ambos continentes estaba facilitada por un cierto número de tierras y de islas, cuya extensión ignoramos, más tarde desaparecieron en el Atlántico.
15. La existencia de esas tierras está confirmada por la historia, la tradición, la prehistoria, la arqueología, la etnografía, la lingüística, la antropología, la botánica, la zoología, la paleontología y la geología.
16. La ciencia no puede determinar hasta ahora qué punto de la superficie del globo ha sido la cuna primitiva del género humano; por consiguiente no hay razón ninguna para hacer emigrar al hombre del antiguo al nuevo mundo, puesto que la emigración bien puede haberse verificado en sentido contrario (AMEGHINO, 1918, p. 122-123).

Desta forma, em “La antigüedad del hombre del Plata” (1880) o paleontólogo apresenta as bases da sua futura elaboração de um modelo teórico de árvore

genealógica onde aparecem os estádios evolutivos que terminam com a aparição do Homo Pampeanus, escavado nas regiões do Arroyo de Frias, Arroyo Chocorí e Arroyo La Tigra, província de Buenos Aires. Este homem fóssil das pampas dará origem ao *Homo sapiens*: *Tetraprothomo argentinus*, *Triprothomo*, *Diprotomo platensis*, *Prothomo*, *Homo*, *Homo pampeanus* e finalmente o *Homo sapiens* (AMEGHINO, 1909).

A sua teoria autoctonista torna possível e faz procedente a contemporaneidade e interação do homem com os elementos da megafauna da América do Sul, algo tão discutido como negado nos círculos acadêmicos de então, pois este fato recolocaria a presença do homem na Era Terciária ou Cenozoica:

El señor don José Larroque encontró, sobre la margen izquierda del río Areco, a una legua de distancia del Pueblo de San Antonio de Areco, un esqueleto casi completo de *Myloodon robustus*, colocado horizontalmente, con el dorso para arriba y las piernas dobladas. Al exhumar los huesos, operación que practicaba con un gran cuchillo, sintió que éste había chocado con un objeto resistente que se hizo pedazos. Era una piedra que se encontraba entre las costillas del Myloodon, en su costado izquierdo...Es una laja de piedra negruzca... lisa en una cara y en la otra tallada a grandes cascós de modo que su parte superior termine en borde cortante. Es evidente, pues que el hombre que talló esta piedra fue contemporáneo del *Myloodon robustus* (AMEGHINO, 1918, p. 243).

A descoberta de ossos com estrias, ossos quebrados longitudinalmente - o que indica a intenção de extrair a medula -, ossos com incisões, conjuntamente com carvão vegetal e terra cozida, associados a restos humanos reforça em Ameghino:

Ese hombre, en las llanuras de las pampas, entonces inundadas durante la mitad del año, no estaba seguramente representado por un gran número de individuos. Debía vivir en pequeñas tribus o grupos de individuos que fijaban su morada a orillas de los lagos y lagunas de entonces: ahí podían obtener agua potable y la caza necesaria para su sustento. Apoderábase de las corazas de los gigantes gliptodontes y construyase con ellas abrigos suficientes para preservarse de los ataques imprevistos del gigantesco *Arctotherium* (oso de las pampas) o del sanguinario *Smilodon*. En las pampas faltaban los bosques y, de consiguiente, los árboles frutales; y en consecuencia, el hombre de ese tempo debía de ser esencialmente carnívoro. Cazaba llamas, paleollamas, ciervos, caballos y pequeños roedores; pero atacaba también a los acorazados gliptodontes, al gigantesco mastodonte, al anómalo toxodonte y a los corpulentos megaterios. Cuando conseguía dar muerte a uno de esos gigantes colosos animados, hacía la adquisición de un verdadero tesoro; la carne le servía de alimento, el

cuero le servía de lecho, con los tendones fabricaría cuerdas, los huesos eran partidos para extraer la medula y con las astillas de esos mismos huesos elaboraba punzones para agujerear las pieles, rascadores, pulidores, etc. Conocía el fuego como lo prueban los huesos quemados y la tierra cocida, restos de antiguos fogones; sin duda se servía de él para asar la carne. Su industria era muy limitada. Reducíase a algunos pequeños cascós de pedernal que servían para tallar toscos instrumentos de hueso. Carecía de pedernal para la fabricación de sus instrumentos; los pocos cascós de sílex que empleaba los transportaba desde larguísimas distancias y debía consistir para él una materia tanto más preciosa, cuanto que le era sumamente difícil procurársela (AMEGHINO, 1918, p. 296).

A demonstracoo desta interacoo resulta para Ameghino uma descoberta sem igual para as cincias antropolgicas, pois segundo o entendimento do teórico este fato faz retroceder para épocas muito remotas a aparicoo do homem americano no continente em que habita, contrariando as crenças e teorias vigentes. A determinacoo de Florentino Ameghino vai além da comprovacoo da existncia do homem na formacoo pampiana e justifica no final do seu livro, Parte Segunda:

“Es preciso que tratemos de sorprender cules han sido sus creencias y aun su religión; cuales son las luchas que ha sostenido en medio de gigantescos seres que lo rodeaban; y por fin, nos queda aún determinar su origen primitivo y las leyes que han regido su evolución física; intelectual y moral. Nosotros continuaremos siendo campeones infatigables. El campo es vasto. Que cien otros sigan nuestro ejemplo y el de nuestros igualmente jóvenes colegas, dentro de pocos años se habrán disipado muchos misterios; el hombre sudamericano de otras épocas nos revelará secretos que quedaron con él sepultados debajo de la tierra y habremos adquirido honra y gloria para nuestro país (AMEGHINO, 1918, p. 300).

Mas quem foi, de fato, este pesquisador argentino que chegou a lançar um paradigma to revolucionário como controvertido  época, sem as pretenses de ser voluntariamente um Darwin latino-americano?

### **3.4 UM TAL SR. AMEGHINO: “EL LOCO DE LOS HUESOS”!...**

Por volta da segunda metade do século XIX, passados já os movimentos emancipatórios que concluíram com a independncia da Argentina dos jugos da Coroa Espanhola, os conflitos internos e as guerras entre federais e unitários assolavam os territórios argentinos na sua procura incessante por um modelo de

país. Por um lado, os federais prestigiavam o autóctone, respeitando as particularidades culturais regionais e apostando no desenvolvimento do campo como motor do progresso, e por outro os unitários defendiam a importação de um modelo de nação europeu, tendo a metrópole, Buenos Aires, como centro de poder diretivo pela a sua posição estratégica de porto voltado ao estuário do Rio da Prata. Nesta questão, Benítez comenta:

La Argentina se hizo independiente para entablar un arduo ciclo de luchas feroces entre los intereses del interior todavía apegado a un localismo fomentado por economías incapaces de enfrentar las normas de producción del siglo XIX, celoso en la defensa de un status quo propio del siglo XVIII, contra prerrogativas económicas y fácticas de un puerto afortunado, el de Buenos Aires, que llevaba siglos enriqueciéndose merced al comercio internacional y contrabando, su manera más lucrativa. Es fácil adivinar quiénes triunfaron sobre los atrasados telares, rebaños de ovejas y de cabras del interior, las fuentes de riqueza de señores feudales provincianos que nada pudieron contra la tecnología y los medios de producción importados por los señores de puerto, bien en contacto con el siglo (BENITEZ, 2004, p. 20).

Sucederam-se três governos decididos à abertura do país e foram, por ordem, as presidências de Bartolomé Mitre, Domingo Faustino Sarmiento e Nicolás de Avellaneda. Em 18 anos de administração se atinge a unidade política buscada nos moldes europeus, criando-se as instituições que dariam consolidação ao Estado. Inicia-se uma etapa de modernização tecnológica para permitir o ingresso de capitais britânicos e também poder competir com os mercados internacionais. A concretude do Estado sai do papel; se constroem escolas, estradas, correios, telégrafos, redes ferroviárias, se unifica a moeda, se criam impostos e linhas de crédito, enquanto se intensifica e hierarquiza a administração pública e se erradica quase que por completo a existência dos elementos indígenas das pampas e do gaúcho por apresentar nenhuma serventia às exigências do novo processo civilizatório posto em andamento.

No meio destas transformações estruturais, nasce Florentino Ameghino na primavera de 1854, 18 de setembro, no seio de uma família de imigrantes italianos na localidade de Luján<sup>27</sup>, província de Buenos Aires. Desde muito cedo, o menino

---

<sup>27</sup> Existe um forte indício, uma certidão de nascimento datada de 1853, que Florentino Ameghino haveria nascido em Moneglia, província de Gênova, Itália, mas que pela sua forte identificação com Argentina, considerou-se um argentino (MAGNUSSEN SAFFER, 2011).

Florentino mostrou grande curiosidade e desejo de conhecer a fundo os fenômenos da natureza. Realizou os primeiros estudos na escola municipal de Mercedes entre 1862 a 1867. Na escola, teve fama de ser um aluno muito aplicado aos seus estudos, demonstrando muito afinco e avidez para aprender todos os conteúdos curriculares da época. Os seus colegas o apelidaram de “O louco pelos ossos” pelo seu costume de procurar fósseis nas redondezas do rio Luján. Em 1869, ingressou na escola Normal de Preceptores de Buenos Aires, porém breve o estabelecimento seria fechado e no mesmo ano, foi nomeado subpreceptor da escola estadual elementar Nº 2 da cidade de Mercedes e, em 1877, foi nomeado titular da mesma.

Sua sede insaciável de aprender e conhecer o levou a interessar-se e breve dominar a língua francesa, fato este que lhe permitiu ter acesso a textos e publicações científicas. Em 1878 parte para Paris para participar da Exposição Internacional onde conhece científicos que representam a vanguarda do conhecimento daquela época. Na sua volta em 1881, instala a sua própria livraria que se chamou “El gliptodonte” (O gliptodonte) expondo com esta denominação, a sua profunda fascinação por este animal pré-histórico, parecido com um tatu gigante, escavado e detalhadamente estudado por ele mesmo anos depois.

A sua marcante condição de autodidata o transformou em naturalista, antropólogo e, muito especialmente, em paleontólogo. Realizou muitas pesquisas de campo na pampa argentina, escavando em terrenos sedimentários das eras geológicas Terciária e Quaternária, chegando a contabilizar a descoberta de quase nove mil espécies de animais extintos, principalmente pertencentes à megafauna:

Fue durante su residencia en Mercedes, que emprendió el estudio de los terrenos de la región pampeana haciendo numerosas colecciones de fósiles, e investigaciones geológicas y paleontológicas. Fue así que halló su primer fósil a orillas del Río Luján, en unos pequeños barrancos donde justamente en el siglo VIII se hallaron los primeros restos fósiles de América, que correspondían a un megatherium americanos (MAGNUSSEN SAFFER, 2009, p. 30 -31).

Mas não só megamamíferos o então jovem Florentino escavou nas imediações do Arroyo Frías, na Província de Buenos Aires: “Se trata de por lo menos dos esqueletos humanos recuperados em vários episódios de excavación. Éste fue el primer conjunto de fósiles humanos hallados por Ameghino cuando sólo tenía 16 años” (BONOMO; POLITIS, 2011, p. 103).



De fato, as suas investigações não só se centraram nos mamíferos pré-históricos, senão também nos estudos sobre a antiguidade da presença do ser humano no Cone Sul, como se exporá mais adiante.

A experiência e o constante dinamismo da sua produção científica lhe valeram como alavanca para assumir o cargo de professor de Zoologia na Universidade de Córdoba em 1884 e dois anos mais tarde, recebe o título de Doutor Honoris Causa e em sequência o cargo de subdiretor do Museu de La Plata em 1886 e, por fim, o diretor do Museu de Ciências Naturais da Plata. Em 1889, abriu uma nova livraria chamada Rivadavia e criou a Revista Argentina de Historia Natural. Um ano mais tarde, foi nomeado professor de mineralogia e geologia. Em 1902, foi nomeado diretor do Museu de Buenos Aires.

Sua atividade foi reconhecida e elogiada pela comunidade científica internacional a tal extremo que Domingo Faustino Sarmiento chegou a comentar que era um interiorano desconhecido, porém admirado pelos sábios do mundo inteiro. Para um país que adotou desde o seu período embrionário a religião católica, como exemplo e estandarte para a construção do perfil do cidadão argentino, Ameghino contestou e reagiu com uma postura fartamente crítica e diametralmente oposta, se reconhecendo abertamente como ateu, mas por outro lado, o estudioso reconhecia que não havia povo que não acreditasse na existência de um ser superior autor de todas as coisas. A sua postura ideológica, também, guarda certa identificação com o materialismo marxista ao comentar que lhe resulta impossível imaginar a existência de algo, fora das duas noções que tudo dominam: o espaço e a matéria:

La idea de Dios es una idea primitiva. Simple, sencilla, infantil, hija del temor que engendra lo desconocido y de la ignorancia, que solo tiene ojos para ver las apariencias. Idea nacida con el Hombre desde el estado salvaje y que han ido modificándose poco a poco, a medida que el hombre se civilizaba y cultivaba su inteligencia, hasta hacer de tal idea una concepción puramente metafísica, dotada de atributos no menos metafísicos, sirviéndome de ésta expresión en su acepción más vulgar, que quiere que sea metafísico todo aquello que no se comprende. Y, en efecto: nada hay, por consecuencia, tan metafísico como la noción de Dios y sus atributos, puesto que todo ello es lo más incomprensible. La noción de espacio es, por el contrario, una idea compleja, que sólo ha podido presentarse en espíritus elevados y afirmarse como resultado del conocimiento previo del Cosmos. Una no deja lugar para la otra; y así como todo pueblo inferior se aniquila, desaparece y se extingue al estar en contacto con uno superior, así también la noción de Dios se disipa ante la concepción

mucho más grandiosa, a la par que real y positiva, de la eternidad de la infinita materia en movimiento infinito que llena el infinito espacio. (INGENIEROS, 1951, p. 233 – 234).

Foi, ademais, um firme defensor e difusor das ideias evolutivas propostas por Charles Darwin em seu livro “A origem das espécies” de 1859.

De sua produção científica, destacam-se seis obras de fundamental importância e que são, por ordem de aparição, “La antigüedad del hombre en el Plata”, 1880; “El hombre cuaternario en la pampa”, 1876; “Los mamíferos fósiles de la América Meridional”, 1880; “Filogenia”, 1884; e “Contribución al conocimiento de los fósiles de la Argentina”, 1889. Na primeira década do novo século XX, escreveria artigos que seriam a coroação das suas hipóteses: “Notas preliminares sobre el *Tetraprothomo argentinus*: un precursor del hombre del Mioceno superior de Monte Hermoso” em 1907; “Le *Diprothome platensis*: un précurseur de l’home du Pliocène inférieur de Buenos Aires”; e “La industria lítica del *Homo Pampaenus*, procedente de la región litoral de Mar del Plata a Necochea”.

Em contrapartida ao seu espírito crítico e aberto à discussão e intercâmbio de saberes, - enfatizando sempre a sua posição predisposto a mudar de opinião tantas vezes fosse necessário para aprimorar a sua visão cosmogônica -, seu lado afetivo e sentimental não gozou de tais premissas. Com efeito, na primeira década do século XX, meados de 1908 falecem a sua mãe, a sua esposa e um dos seus melhores amigos num período de dois meses. O golpe foi de tal magnitude que breve cairia prostrado na sua cama; contudo conseguiu reunir forças para continuar escrevendo alguns artigos.

Já a teoria autoctonista ameghiana sofreu um duro golpe em 1910, durante o Congresso Internacional de Americanistas, levado a cabo em Buenos Aires e na cidade universitária de La Plata. O que era para ser reconhecido internacionalmente como uma revolução sem precedentes na história da humanidade, sofreu um revés inesperado e as controvérsias aumentaram. O teórico Ales Hardlicka<sup>28</sup> e um grupo de científicos submeteram a uma nova datação as descobertas de Ameghino e comprovaram que o horizonte geológico dos terrenos abordados pertenciam ao Quaternário tardio e não à Era Terciária, enquanto a controvertida calota

---

<sup>28</sup> Ales Hardlicka, 1869 – 1943, antropólogo e filósofo checo emigrado para E.U.A.; seus estudos se centraram no Homem de Neanderthal e os primeiros grupos humanos que povoaram as Américas. Defendeu junto com Williams Henry Holmes que o povoamento americano se produziu a través do estreito de Bering, do Norte rumo ao Sul durante centos de séculos.

fragmentária foi mal aferida<sup>29</sup> e resultou pertencer a um *Homo Sapiens Sapiens* relativamente recente; enquanto o fêmur não era de natureza humana e sim de um felino extinto de proporções pequenas:

Armas e ferramentas pré-históricas, encontradas na margem brasileira do rio Uruguai (12.500 anos), ossos humanos encontrados por Ameghino na sua margem ocidental – sepultos embaixo de uma carapaça de gliptodonte -, como os fósseis achados na fronteira patagônica chilena mais recente, com registro que chega a igual data, não levam a pensar-se no autoctonismo, mas registram, por suposto, a antiguidade da presença humana na parte sul da América Latina (SILVA PINTO, 2003, p.20).

Florentino Ameghino levantou uma hipótese que se bem amargou uma derrota irreversível, porém de uma coisa o pesquisador sim esteve certo, transformando-se praticamente no seu precursor e propulsor: o antigo habitante pampiano conviveu, e eventualmente não só caçou como também pode haver sido peça de caça de alguns elementos depredadores da própria megafauna, como o próprio tigre dentes-de-sabre. Seu modelo errático possibilitou não só um melhor entendimento do povoamento americano, e em especial no Cone Sul, como também estimulou o aprofundamento das pesquisas sobre a chegada e convivência do *Homo Sapiens* com os megamamíferos.

Mas este fato da convivência homem e megafauna também contou com a rejeição, num primeiro momento e até hoje em dia, por cada vez mais discretos setores da ciência que resistem a tal hipótese e cujo rigor e exigência de comprovação parecem padecer mais de uma visão viciada de conservadorismo que de uma crítica científica.

Este deslocamento de cenário das origens provocou adesões locais e regionais de cunho romântico que estimularam a argentinidade, enquanto por outro lado, gerou assombro, discussões e controvérsias nos meios acadêmicos internacionais, pois o berço da humanidade corria o risco de não pertencer mais ao

---

<sup>29</sup> A calota é conhecida como La calota del Puerto de Buenos Aires (MACN-Pv 5003) con el nombre de *Diprothomo* Ameghino se conocen los restos de una calota humana incompleta que fue hallada em 1896 por los obreiros que construían el dique seco de la Dársena Norte del Puerto de Buenos Aires. Ameghino (1909<sup>a</sup>) la publicó en su extensa monografía, proponiendo que se trataba “de un precursor directo de la humanidad” y que se encontraba em un estadio temprano de la evolución de la humanidad em el Plioceno inferior. Lo asignó al género *Diprothomo*, ya creado por él em 1884 y a la especie *Diprothomo platensis* Ameghino (BONOMO; POLITIS, 2011, p. 109) Como dado complementar, a calota em questão, depois de novos exames radiocarbônicos, resultou ter uma antiguidade de 230±40 anos (BONOMO; POLITIS, 2011).

Velho Mundo: “El país necesitaba un sabio argentino y universal y Ameghino cumplía con todos los requisitos y, además, proponía que el hombre pampeano, el primer argentino, había partido de este país para luego poblar la tierra” (PODGORNY, 1997, p. 50-51).

Bonomo e Politis, numa revisão da obra do teórico argentino ao celebrar-se os cem anos da sua morte, concluem:

Como corolario de esta revisión y puesta al día de los hallazgos de Ameghino, queda claro que este autor marcó la agenda de la discusión arqueológica y bioantropológica durante 30 años, desde la publicación de la “Antigüedad del hombre en el Plata” (1880-1881) hasta su muerte en 1911. El debate incluso trascendió su fallecimiento y continuó con los controvertidos descubrimientos del litoral atlántico pampeano. Ameghino puso a ambas disciplinas en los diarios de la época y popularizó la discusión científica con una intensidad que luego no se repitió. Sin embargo, sus hipótesis sobre el origen pampeano de la humanidad y las industrias líticas asociadas a estos supuestos ancestros humanos fueron erróneas, ya que todos los hallazgos en los cuales se basó (con excepción de Arroyo Frías) tiene una edad holocénica. (BONOMO; POLITIS, 2011, p. 116).

E não muito distante desta afirmativa, William B. Scott<sup>30</sup> defende: “Desconheço na história da ciência exemplo mais belo de valor e abnegação sob as mais adversas circunstâncias” (SILVA PINTO, 2003, p. 14).

Já no quesito da grande interrogante sobre o fim que levaram os megamamíferos, muito embora não haja unanimidade de critérios sobre no que se refere à sua extinção e a provável participação direta do homem, se pode aventar o fato de que, por volta de 3.000 anos A. C., as probabilidades de encontrar estas espécies vagando pelas pradarias rio-platenses como no resto da pampa primitiva, eram quase que inexistentes. Ameghino não estava tão errado.

Em 6 de agosto de 1911, vítima de uma profunda tristeza, somada a uma diabete aguda que não lhe permitia sair da casa, - e a sua taxativa negativa ante uma possível cirurgia reparadora -, faleceu aos cinquenta e sete anos de idade. No dia seguinte da sua morte, o governo decretou luto oficial.

Resta acrescentar como comentário que o paleoantropólogo argentino morreu defendendo e acreditando nas suas conclusões, na sua condição inquebrantável de ateu assumido num país fartamente católico, e em momento algum deu crédito aos

---

<sup>30</sup> William B. Scott, 1858 – 1947, paleontólogo norte-americano especialista em vertebrados.

seus oponentes. De alguma forma a sua ousadia também lhe permitiu julgar que a ancestralidade humana não é necessariamente precedente daqueles lugares lineares tidos como classicamente estágios embrionários da história que conhecemos, e sim um lugar relativo que se deslocou tantas vezes quanto à própria crosta terrestre.

### **3.5 AUTOCTONISMO, LUIS PAUWELS, JACQUES BERGIER, PIERRE CARNAC E A SRA. OU SRTA. (?) LUZIA: FLORENTINO AMEGHINO NÃO ESTAVA TÃO ERRADO ASSIM...**

Se bem que desde o início do século passado não existem dúvidas sobre a África como berço de toda a humanidade e ponto de partida das futuras rotas migratórias para todos os cantos do planeta, ainda há descobertas paleontológicas, paleoantropológicas e arqueológicas que confrontam e desafiam o modelo atual evolutivo e habitacional do ser humano, principalmente o do *Homo Sapiens Sapiens*, nos últimos 50 mil anos.

Este modelo, quase que assinado em baixo pela maioria dos teóricos, estabelece a ocupação mundial do ser humano a partir de África, Eurásia, pulando para a Polinésia e o estreito de Bering como portal para as Américas, carregando toda a sua bagagem sociocultural e se adaptando às condições regionais que o próprio trânsito imprimia aos grupos humanos em constante dispersão. Assim, e de forma sintética, o movimento humano foi do Norte ao Sul e do Leste ao centro e Sul respectivamente. A cultura antropológica e as vivências e saberes construídos ao longo dos milhares de anos de observação e interação com os diversos biomas foram transportados até o último reduto a habitar e desbravar: as Américas, sendo o cone sul o mais tardio de todos.

Mas não todos os pesquisadores dizem amém perante tal paradigma e que para alguns não deixa de pecar por apresentar vícios de simplismo e superficialidade. De fato, Pierre Carnac (1977), pseudônimo de Doru Tudericio, romeno, doutor em Letras e Ciências Humanas e doutor em História, a partir da descoberta de estruturas artificiais submersas nas cercanias da ilha Bimini, América Central, que lembram construções megalíticas e piramidais e que aparentam compor uma plataforma de consideráveis dimensões, propõe a Teoria do

Refluxo, ou a Onda do Refluxo, colocando as raízes da história oficial não em Suméria e sim em Meso-América. As correntes civilizatórias seriam oriundas não do Velho Mundo e sim desta parte do planeta, enquanto mitos, crenças e tecnologia partiram desta região centroamericana para espalhar-se em todo o planeta, adquirindo e assimilando estas particularidades regionais e locais.

Os Maias, os Astecas e as suas pirâmides, as muralhas megalíticas de Sacsayhuaman, a meseta de Marcahuasi, as ruínas de Tiahuanaco, as construções submersas recentemente descobertas no fundo do lago Titicaca a quase 40 metros de profundidade, entre Peru e Bolívia, os blocos megalíticos de Puma Punko em Bolívia, que apresentam um acabamento e encastramentos, entalhes e perfurações só possíveis com uma engenharia semelhante à atual, e outros tantos vestígios arquitetônicos ancestrais seriam os ecos radiativos do início dessa civilização. Centenas de séculos depois, as viagens que supostamente terminaram com a descoberta das Américas, seriam o produto das mesmas vozes que ecoavam nos ouvidos dos navegantes na procura do que deu origem ao mito do Éden, o paraíso perdido, a terra dos ancestrais:

Sobre esta plataforma, condenada a una lenta aniquilación – se dirá – los hombres hubieron de decidirse a abandonar la tierra que vio nacer su raza. Entonces embarcaron y navegaron siguiendo las grandes corrientes atlánticas. Alcanzaron, en primer lugar, África, tras una larga etapa en las Canarias, y luego, cuando lo permitieron las condiciones climáticas, se dirigieron hacia el oeste y el norte de Europa. Más “civilizados” que los autóctonos, se comportaron, ante todo, como iniciadores, y luego, como misioneros de determinada idea. Fueron ellos los que convirtieron en Egipto, en los shemsu-hor – los servidores de Horus – y a continuación, en la Europa Occidental y Septentrional, en los portadores de la idea megalítica. Por la misma época, y partiendo también de las Bahamas, el Viejo Mundo, al encontrar posiblemente una tercera ola que partiría en dirección al Este y que visitaría – desde las Baleares hasta Chipre –, estas corrientes civilizadoras terminarían su curso en el Oriente Medio mediterráneo, que desde entonces actuaría en función de crisol. Algunos milenios más tarde, las poblaciones semitas de este mismo Oriente enjambrarían, a su vez, en el mundo, para dirigirse, a la manera de una verdadera ola de reflujo, hacia un oeste que se había hecho legendario.

(CARNAC, 1977, p. 309 – 311).

Mas não só Pierre Carnac rebate a visão oficial da história que aparece nos livros de ensino escolar que é defendida e mantida nos meios acadêmicos. Pauwels e Berger (1981) contrapõem aos saberes canonizados, cristalizados e cunhados no

seio do positivismo, a tese segundo a qual há de se partir do princípio de que a realidade é ainda desconhecida. Os pensadores não economizam esforços em trabalhar com uma cronologia alternativa, profana e apócrifa que retrocede o processo civilizatório em milhares de anos para as monumentais ruínas acima mencionadas:

50.000 años antes de J. C.: en la meseta de Marcahuasi, nace la civilización Masma, la más antigua de la Tierra.

30.000 años antes de J. C.: fundación del imperio megalítico de Tiahuanaco.

De 10.000 años antes de J. C. a 1.000 años después de J. C.: cinco grandes imperios, separados por catástrofes sucesivas.

1.200 después de J. C.: Manco Capac funda el Imperio Inca. A partir de aquí, la cronología romántica coincide con la clásica.

(BERGIER, PAUWELS, 1981, p. 193).

Pauwels e Bergier ainda refletem e concluem que, quando se hajam decifrado as escrituras perdidas, interrogado todos os mitos com um espírito nem paternalista nem orgulhoso, - senão aberto às possibilidades de anteriores êxitos da inteligência criadora, - com uma predisposição permeável à ideia de circulação dos tempos, - a passagem do nosso presente no passado da mesma forma que há presença do passado no nosso presente -, nesse momento, haveremos infundido, finalmente, a verdadeira humanidade à história humana.

Ibarra Grasso<sup>31</sup> (1982), não muito distante dos autores acima mencionados, defende a existência de um intercâmbio comercial e cultural continental preexistente que perdurou quase até os tempos da conquista espanhola. Assim, a América recebeu indiscutivelmente muitas contribuições das culturas históricas desenvolvidas no Velho Mundo, mas não só se limitou a receber como também forneceu saberes e tecnologias, como é o caso da Arte Gótica. Segundo o teorizador, também argentino, uma das características fundamentais desta arte é o arco trifoliado<sup>32</sup>, que foi tomado da arte românica anterior, o qual foi copiado dos árabes da Espanha e estes da arquitetura síria; a esta região chegou da Índia e a Índia desde Indochina das civilizações Champa e Khmer. Um século antes que em Indochina, o arco em

<sup>31</sup> Dick Edgar Ibarra Grasso, Argentina, 1914 – 2000, investigador focado nos estudos sobre os povoadores indígenas e civilizações de América Central e Sul e a sua possível ingerência no Velho Mundo.

<sup>32</sup> Arco trifoliado, arco composto por três arcos em forma de círculo que se cortam formando ângulos agudos e salientes.

questão já aparece nas ruínas de Palenque do antigo Império Maia, em Meso-América.

Porém, estas inquietações históricas não só se restringem aos lugares discutidos, como também dizem respeito ao Brasil. Com efeito, muito embora os negros fossem arrancados, roubados e raptados à força das suas aldeias na África pelos portugueses, durante os séculos XVI e XVIII, para serem trazidos e negociados em condição de escravos, a verdade é que de fato foram reintroduzidos (!) no Brasil. Este foi denominado de Seleção Artificial<sup>33</sup> pelo biólogo Charles Darwin.

Treze mil anos antes do presente, perambulava pelas atuais terras do que é hoje o município de Lagoa Santa, região metropolitana de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Luzia (NEVES, PILÓ, 2008), uma moça quase trintona que morreu violentamente, possivelmente por causa do ataque ou do temor de um predador da época; talvez um tigre dentes-de-sabre. Seus congêneres não tiveram a possibilidade de efetuar o sepultamento como era de praxe nos grupos caçadores e coletores pré-históricos. Seus restos foram depositados num nicho natural protegido no fundo de uma fenda rochosa que deu origem a um grande abrigo natural. Por volta dos anos 1974 e 1975, durante escavações arqueológicas efetuadas no Grande Abrigo Lapa Vermelha, que atingiram um horizonte geológico de quase 12 metros de profundidade, foram achados espalhados os seus restos em bom estado de conservação. No momento da reconstrução do seu rosto a partir do crânio completo, para o assombro da coletividade acadêmica, as suas feições resultantes não eram compatíveis com os rasgos mongoloides asiáticos atribuídos a quase todos os paleohabitantes das Américas, apresentando muita semelhança com os aborígenes australianos e principalmente com o elemento negroide africano. Em outras palavras, Luzia era uma mulher negra o que nos obriga a reivindicar no Brasil não uma semana de Consciência Negra, - costume tão trilhado atualmente, nos meios escolares de ensino fundamental e médio -, e sim uma consciência negra que atinge os cem séculos.

---

<sup>33</sup> Em contraposição à Seleção Natural, a Seleção Artificial é uma atividade antrópica: o homem transporta e muda plantas e animais do seu habitats naturais para serem reconduzidos e implantados em outros. A batata, o milho, o tomate, a ovelha, a vaca, o porco e o cavalo são só alguns exemplos do cotidiano.



Luzia se transformou numa das mulheres mais antigas das Américas e a mais antiga da América do Sul até o momento, e a sua descoberta contribuiu para tornar obsoleto e ineficaz o Modelo Clovis<sup>34</sup> de povoamento.

Os paradoxos que atentam contra a teorização e criação dos saberes da biologia considerados como incontestáveis não param por aí. Os invasores, conquistadores e colonizadores europeus tidos como os que introduziram o cavalo nas Américas, a partir do século XVI, não fizeram outra coisa que apelar à seleção artificial darwiniana também, pois por volta de dez mil anos atrás, manadas de cavalos, em especial o hippidion, com um arco nasal pronunciado e proeminente, vagavam livremente pelas pradarias e pampas, quando não formavam eventualmente parte da dieta dos paleoíndigenas.

Como se pode apreciar, quanto mais se escava, mais incertezas parecem surgir para demolir modelos respeitados e sacralizados por décadas. Mas Florentino Ameghino, talvez não tenha sido o primeiro profanador da história oficial.

### **3.6 PETER WILHEM LUND, UM NATURALISTA QUE VEIO DO FRIO PARA UM PAÍS TROPICAL, ABENÇOADO POR DEUS E BONITO POR NATUREZA...**

Em procura de um lugar mais benevolente para as suas complicações pulmonares decorrentes das baixas temperaturas da Dinamarca e do seu interesse por estudar e pesquisar a flora e a fauna do Brasil Império, Peter Lund chegou a Rio de Janeiro em 1825. As suas pesquisas de campo realizadas em cavernas e grutas de Lagoa Santa, estado de Minas Gerais entre 1835 e 1880, lhe permitiram realizar uma série de descobertas paleontológicas que, conforme a sua interpretação, colocariam em xeque as teorias que até então procuravam explicar a origem e berço da humanidade.

Peter Lund constatou, em primeiro lugar, a presença de seres humanos conjuntamente com ossos de animais extintos representantes da megafauna no mesmo horizonte geológico e em segundo lugar, talvez mais desconcertante para a

---

<sup>34</sup> Modelo norte-americano surgido nos anos 30 a partir de descobertas em Clovis, localidade de Novo México, que defende que os primeiros paleoíndios seriam mongoloides e ancestrais diretos dos índios atuais. Teriam chegado ao continente americano pelo Estreito de Bering por volta de 12 mil anos atrás e migrado rumo ao Sul por uma passagem natural nas geleiras. Eram caçadores de mamutes que tiveram que diversificar o seu cardápio na medida em que se expandiam em direção ao Sul (ROMANINI, 2004).

época, que estes indivíduos, após um exaustivo estudo dos seus crânios, apresentavam características negroides e não mongoloides como se pensava que seriam todos os ancestrais dos autóctones encontrados nas Américas quando a descoberta nos fins do século XV. Sobre a megafauna mineira, o próprio Ameghino comentou:

De las numerosas cuevas naturales de Minas Gerais, el doctor Lund há extraído restos de la familia extinta de los Gliptodontes, representada por varias especies del género Hoplófero, dos nuevos géneros de la familia de los gravígrados, el Pantiónice y el Celodonte y los restos de um género de carnívoros muy cercano al Maquerodo del antiguo mundo, el *smilodon populator*. Juntamente con todos estos restos, el doctor Lund há notado la presencia de huesos de tapires, dicotilos, monos, carpinchos, zorros, zorrinos, miopótamos, etc. (AMEGHINO, 1918, p. 86).

E sobre a coexistência homem-megafauna, o teórico argentino ainda salienta:

El primer descubrimiento de huesos fósiles humanos en América, fué hecho por el sábio naturalista dinamarqués Lund, en las cavernas de Lagoa Santa, en Brasil. Ese infatigable explorador, después de haber removido en busca de fósiles el fondo de más de 800 cavernas, en una de ellas encontró restos de los menos treinta individuos de la especie humana que ofrecían el mismo aspecto y estado de descomposición que los huesos de animales extintos de que estaban acompañados. Las observaciones del doctor Lund fueron publicadas en 1844 (AMEGHINO, 1918, p. 88).

Face esta descoberta, o naturalista europeu propôs uma teoria em 1844, exposta em carta e dirigida à Sociedade Real dos Antiquários do Norte, Dinamarca, na qual afirmava que o homem haveria surgido nas Américas com um biótipo negroide para logo depois de milhares de anos evoluir para as feições mongoloides e, posteriormente, migrado para povoar o continente asiático numa cinogética Sul – Norte, contrariando as bases do pensamento consensual da segunda metade do século XIX.

Muito embora o seu paradigma evolutivo, semelhante ao do seu colega argentino, provou ser contestável e sem fundamentos, a sua contribuição às ciências biológicas lhe valeu o título de “O pai da paleontologia brasileira:

Em suma, Lund percebeu dois aspectos de grande importância sobre a ocupação do continente americano: em primeiro lugar, que essa

ocupação teria ocorrido muito antes do que se pensava à sua época, o que permitiu a convivência do homem com a megafauna; segundo, que os primeiros americanos tinham uma constituição biológica distinta daqueles dos asiáticos e dos ameríndios que os sucederam no tempo. Se o paradigma catastrofista<sup>35</sup> já no estivesse sendo questionado naquele momento, só a aceitação de sua primeira interpretação (convivência entre homem e megafauna) teria sido suficiente para causar uma grande revolução científica (NEVES, PILÓ, 2008, p. 117).

De alguma forma a sua ousadia também lhe permitiu julgar que a ancestralidade humana não é necessariamente daqueles lugares lineares tidos como classicamente regiões embrionárias da história que conhecemos, e sim um lugar relativo que se deslocou tantas vezes quanto à própria crosta terrestre.

As páginas geológicas do livro do planeta Terra, com o seu conteúdo de vestígios biológicos, lançaram o seu desafio à leitura e à interpretação das nossas origens enquanto somos, a priori, animais, mas animais inteligentes. A paleontologia, produto da necessidade de respostas tranquilizadoras, procurou e procura satisfazer as interrogantes evolutivas como também diminuir as ansiedades e inseguranças oriundas dos conflitos existenciais da humanidade. Charles Darwin e Florentino Ameghino, Peter Lund e Pierre Carnac se pronunciaram nesse sentido.

Mas não só as personalidades das ciências acima mencionadas comungaram e debateram sobre a origem geográfica alternativa do ser humano; um escritor brasileiro e gaúcho, também, deixou a sua marca sobre esta questão num romance da sua produção literária no início dos anos setenta, em plena ditadura militar.

### **3.7 “ATÉ TU, ÉRICO VERISSIMO, UM AUTOCTONISTA?!!...”**

“Incidente em Antares” é considerado o último romance escrito pelo escritor gaúcho Érico Verissimo, publicado em 1971, em plena ditadura militar, comandada na época por outro gaúcho, do município limítrofe de Bagé, Gral. Garrastazú Médici.

---

<sup>35</sup> Catastrofismo é um modelo teórico formulado pelo francês Georges Cuvier segundo o qual o planeta tal qual o conhecemos resultou de grandes cataclismos consecutivos que teriam destruído grande parte da flora e fauna. As regiões devastadas teriam sido repovoadas por espécies mais modernas, como resultado de episódios mais recentes da criação divina (NEVES, PILÓ, 2008).

Diferente dos seus discursos narrativos anteriores, focados geralmente em romances de cunho histórico como “O tempo e o vento” de 1949, que demandara quase quatorze anos para a sua concretude e que recria ficcionalmente duzentos anos da história e evolução política do Rio Grande do Sul, o escritor Érico Veríssimo transita, esta vez, pelos caminhos de uma realidade para além da verossimilhança: ingressa nas moradas do Realismo Mágico, seguindo os passos do literato colombiano Gabriel García Márquez em seu, não menos famoso, “Cem anos de solidão”, de 1967.

O romance gaúcho, que conseguiu driblar o filtro da censura prévia<sup>36</sup>, - que julgava o conteúdo e intencionalidade da obra -, consta de duas partes. Na primeira parte do romance, é apresentado o histórico das duas facções políticas da cidade, os Campolargo e os Vacariano, as mudanças da política nacional, a união dos mesmos em face da “ameaça comunista”, como é conhecida a classe operária na cidade, que reivindica seus direitos. Na segunda parte, acontece o “incidente”, com a greve geral em Antares e a morte inesperada de sete pessoas, incluindo a matriarca dos Campolargo Dona Quitéria. Durante o cortejo de Dona Quitéria, os Campolargo são impedidos de sepultá-la, pois os coveiros, em greve, cercam o cemitério, impedindo o enterro, e desta forma, aumentam a pressão sobre os patrões. Os mortos, não sepultados, voltam à vida e passam a vasculhar a vida dos parentes e amigos, revelando, então, a podridão moral da sociedade. Como as personagens são cadáveres, estão livres das pressões sociais e podem criticar à vontade a sociedade. Após muita agitação e alvoroço, a greve chega ao fim, os mortos recebem sepultura e a cidade decide negar e desmentir o incidente aos jornalistas vindos de todas as partes que procuram entender o que acontecera recentemente em Antares. O município continua sua vida pacata, mas sem querer tocar no assunto novamente.

Este mergulho no Realismo Mágico tem como objetivo fazer uma crítica e uma radiografia da sociedade brasileira dos anos setenta, apontando a deterioração moral, a falta de ética, a corrupção da classe dominante, a falsidade ideológica e as torturas e desaparecimentos praticadas pelo regime militar, como revelara o

---

<sup>36</sup> Ainda persiste a dúvida e controvérsia se foi devido à complacência do regime para com Érico Veríssimo para demonstrar uma ilusória ideia de estabilidade econômica e democracia, pois o romance apareceria nas prateleiras com um destaque: “NUM PAÍS TOTALITÁRIO, ESTE LIVRO NÃO SERIA PUBLICADO” (MACHADO DA SILVA, 2004) ou por miopia e falta de ilustração dos censores.

comportamento padrão das ditaduras que povoavam todo o continente latino-americano naqueles dias.

Mas a obra do literato de Cruz Alta não para aí e apresenta outro mérito. Com efeito, o início de “Incidente em Antares” revela informações oriundas da paleontologia como também da paleontropologia:

Afirmam os entendidos que os ossos fósseis recentemente encontrados numa escavação feita em terras do município de Antares, na fronteira do Brasil com a Argentina, pertenciam a um gliptodonte, animal antediluviano, que, segundo as reconstituições gráficas da Paleontologia, era uma espécie de tatu gigante dotado duma carapaça inteiriça e fixa, mais ou menos do tamanho dum Volkswagen, afora o formidável rabo à feição de tacape riçado de espigões pontiagudos. Calcula-se que durante o Pleistoceno, isto é, há cerca de um milhão de anos, não só gliptodontes como também megatérios habitavam essa região diabásica da América do Sul, onde – só Deus sabe ao certo quando – veio a formar-se o rio hoje conhecido pelo nome de Uruguai. **Ignora-se, todavia, em que época da Era Cenozoica surgiram naquela zona do Brasil meridional os primeiros espécimes do Homo sapiens.** (grifo do autor) Tudo nos leva a crer, entretanto, que esse problema jamais tenha preocupado os antarenses. (VERISSIMO, 1995, p.6).

Pelo que se desprende deste trecho, Érico Veríssimo demonstra não só um possível conhecimento do Autoctonismo de Florentino Ameghino, como também uma provável aceitação das suas teorias ao colocar no bioma pampa o berço da humanidade durante a Era Terciária ou Cenozóica.

Mas se o homem não surgiu no continente americano austral segundo os modelos levantados pelo argentino Florentino Ameghino e o dinamarquês Peter Lund: como chegou até aqui? Existem até o momento mais quatro modelos (ROMANINI, 2004) que pleiteiam entre si qual trilha seguida pelos primeiros povoadores tidos como americanos. O modelo Clovis já mencionado e que hoje em dia está em baixa e rumo ao descarte; o modelo Guidón proposto nos anos 80 pela francesa radicada no Brasil, Niede Guidón, que defende que o homem teria chegado há mais de 50 mil anos, até quase 90 mil anos, durante a última glaciação, vindo por múltiplas rotas, sem descartar a possibilidade de viagens pelos oceanos Atlântico e Pacífico quando as águas oceânicas estavam muito mais baixas com a possível ocorrência de numerosas ilhas que serviram de pontes naturais até atingir o continente. O modelo Greenberg, surgido nos anos 80, a partir de dados dentais e linguísticos analisados nas Universidades de Standford e Pittsburg acredita que

houve três migrações em direção ao continente americano, todos os grupos mongoloides vindos de Ásia pelo Estreito de Bering há uns 12 mil anos.

As diferenças morfológicas achadas nos ossos pré-históricos dos indivíduos seriam decorrência direta de mutações genéticas sofridas em território americano. E por último, o modelo Neves aparecido nos anos 90, no Brasil, baseado nas pesquisas de Walter Neves, da Universidade de São Paulo, que aponta que houve duas grandes migrações separadas: a dos paleoindígenas e a dos mongoloides, ambas correntes vindas da Ásia. A primeira teria ocorrido há uns 13 mil anos e apresentaria feições semelhantes às dos aborígenes da Austrália e teriam atravessado a Ásia e entrado no continente pelo Alasca, provavelmente viajando em canoas.

Ainda a paleoantropologia conta com outro modelo hipotético: um possível percurso transoceânico feito por antigos navegadores que teria começado na Austrália, atravessando o oceano Pacífico até atingir o continente da Antártica para logo subir para o extremo austral da América do Sul.

Os cenários hipotéticos comentados acima, ainda que conflitantes, revelam uma convergência enquanto a condição do *Homo Sapiens Sapiens* ser um forasteiro no continente americano e não um nativo do mesmo.

Mas por outro lado, as datações atingidas no horizonte geológico humano que ultrapassam os 120 séculos, como no caso específico de Brasil e das últimas aferidas em Uruguai, podem estar em consonância com as recentes descobertas efetuadas na Turquia e na Bósnia. Com efeito, na Turquia, na localidade de Gobekli Tepe, foi desenterrado o que aparenta ser uma cidade megalítica que recua a uma antiguidade de 12 mil anos; enquanto na Bósnia cientistas revelaram que, o que até pouco tempo atrás era considerada a colina de Visoko, se trata de uma de uma pirâmide de dimensões consideráveis cuja datação pode atingir os 25 mil anos, pois, no seu interior, encontraram-se vestígios orgânicos que alcançam os 12 mil anos de antiguidade. Assim sendo, esta pirâmide se tornaria a mais antiga do mundo no momento da elaboração deste trabalho.

Deve-se reconhecer que o teor inquietante destas descobertas impacta de forma desconcertante e negativamente nos meios acadêmicos, porque implicam a revisão necessária de conceitos e a construção de saberes tidos como inapeláveis e infalíveis quando de fato só obedecem a uma linha de estudo onde a prioridade não

é a comprovação do modelo teórico e sim a falta de sentido crítico para aceitar erros na elaboração do mesmo.

Mas agora, uma vez abordadas e finalizadas as discussões e os debates científicos sobre a origem da humanidade, com ferramentas da paleobiologia, resta para ver outro desafio não menor: o desafio que surge dos estratos profundos e labirínticos da literatura de Jorge Luis Borges no que diz respeito ao *Homo Sapiens Sapiens (argentinus?)*, pronto e realizado, perambulando pelas ruas e pelas pampas da Argentina dos séculos XIX e XX, a partir do conto curto *El sur*, do livro “Artificios”, de 1944.

### 3.8 O SUL, RESUMO

Da totalidade do seu legado literário, o conto curto *O Sul*, apesar do seu discreto volume de páginas que exige a sua impressão, é talvez seu texto mais profundo e desafiante, que mais reflexões filosóficas e abstrações metafísicas provoca e propõe a seu eventual leitor. Com efeito, o próprio Borges reconhece: “De “El Sur”, que es acaso mi mejor cuento, básteme prevenir que es posible leerlo como directa narración de hechos novelescos y también de otro modo...” (BORGES, 1994, p. 6). Mas, que há por trás deste conto? Quais são os motivos pelos quais o literato argentino chega a tal conclusão? Eis o desafio.

Corre o ano de 1939; Juan Dahlman, secretário de uma biblioteca municipal bonaerense, ao retornar a casa, contente e entusiasmado por haver conseguido um exemplar de “As mil e uma noites”, de Weil<sup>37</sup>, no momento de subir as escadas do prédio onde morava sofre um acidente doméstico ao golpear a cabeça contra uma janela basculante que estava aberta. A sua cabeça sangra profusamente e deve baixar a um hospital onde passará um longo tempo internado, debilitado, recuperando-se aos poucos entre pesadelos e momentos de inconsciência. Ao receber a alta médica, decide fazer uma viagem ao Sul, a uma estância que pertence a seus avós maternos, levando como companhia o seu livro predileto “As mil e uma noites”. Sua jornada começa na estação ferroviária de Constitución. Após

---

<sup>37</sup> Procedo comentar que para Jorge Luis Borges a tradução de Gustavo Weil de 1839 é a melhor tradução da obra para o alemão (BORGES, 1986).

horas, o trem em que viaja faz uma parada numa estação que não é habitual nem conhecida. Juan Dahlman desce e se depara com um espaço aberto e um povoado desconhecido. Dahlman abandona a estação e decide percorrê-lo até chegar a um velho armazém onde havia um palenque<sup>38</sup> com vários cavalos amarrados. Uma luz de lâmpada a querosene, pendurada do teto, ilumina o salão. Dahlman senta junto à janela para merendar umas sardinhas acompanhadas de carne de churrasco<sup>39</sup> e vinho. Uns paroquianos<sup>40</sup> frequentadores do lugar começam a tirar sarro dele, jogando-lhe bolinhas de migalha de pão. Juan Dahlman não suporta por muito tempo o desrespeito. O dono do armazém, que o chama pelo seu próprio nome, lhe pede para não levar a sério as provocações, mas Dahlman desconsidera o conselho e reage com intempestiva indignação. A sua atitude provoca um convite para um duelo a facão da parte de um dos paroquianos, com feições indígenas. Um gaúcho sentado num canto da sala e que observou o incidente atentamente, lhe alcança um facão. De um momento para outro e sem compreender o que se passa, Juan empunha uma arma branca que não sabe usar, sai do local rumo à *Ihanura*, a pampa, e espera para enfrentar seu agressor.

### **3.9 JORGE LUIS BORGES, UM LITERATO OLHANDO AO SUL, PARA A PAMPA...**

A meados da década dos 40 e paralelamente ao fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu na América Latina uma nova corrente de literatos que, por apresentar inquietudes e propostas em comum, se denominou a “Geração do 45” ou a “Geração Crítica”.

Deste movimento literário continental destacam os argentinos Jorge Luis Borges, Ernesto Sábato, Adolfo Bioy Casares e Julio Cortázar, nascido em Bruxelas e filho de pais argentinos; o paraguaio Augusto Roa Bastos; o chileno Pablo Neruda; o cubano Alejo Carpentier; os mexicanos Octavio Paz e Juan Rulfo; o colombiano

<sup>38</sup> Palenque passa para português brasileiro como palanque.

<sup>39</sup> Bife de carne, pois *asado* ou *carne asada* passa para o português brasileiro gaúcho como churrasco.

<sup>40</sup> parroquianos, termo rio-platense, cunhado para denominar aos frequentadores populares das “pulperías” (armazém de ramos gerais, localizados na campina e no campo, durante o século XIX), bares e botecos, que passam as suas horas de folga, bebendo e jogando cartas, cujo maior compromisso é com o lazer e a descontração.



Gabriel García Márquez, o Gabo; e os uruguaiois Ángel Rama, Juan Carlos Onetti, Idea Vilariño e Mario Benedetti entre outros tantos. Estes escritores mantiveram uma postura crítica e de distância perante a nova ordem mundial dividida entre o modelo econômico capitalista decorrente da embrionária Terceira Fase da Revolução Industrial<sup>41</sup> e o consolidado comunismo estatal soviético sob o comando de Josef Vissarionovicht Stalin. Por outro lado, a sua narrativa teve como eixos temáticos questões sociais, introspectivas e existenciais, incorporando a realidade cultural, a idiossincrasia e o imaginário coletivo de cada um dos seus próprios países como matéria prima principal.

Do amplo leque argentino, Jorge Luis Borges sobressai pela sua narrativa que aposta na quebra da lógica do complexo espaço-tempo para poder expor as suas reflexões e inquietudes filosóficas sobre o lugar do ser humano que lhe cabe no Universo e as suas principais angústias e preocupações metafísicas.

Jorge Francisco Isidoro Luis Borges nasce em 24 de agosto de 1899, aos oito meses de gestação, na casa de Isidoro Acevedo, seu avô paterno, na rua Tucumán 840. Pela influência da sua avó materna de origem inglesa Leonor Suárez de Acevedo, Georgie como era chamado, será bilíngue desde a sua infância e aprenderá a ler em Inglês antes que em Castelhana, sob a supervisão da Srta. Tink:

“De niño, cuando le hablaba a mi abuela paterna, lo hacía de una manera. Después descubrí que eso se llamaba hablar inglés. Cuando hablaba con mi madre y mis abuelos maternos lo hacía en otro idioma. Después supe que éso era el Español” (BENÍTEZ, 2004, p. 16).

Georgie tinha apenas seis anos quando disse para o seu pai que queria ser escritor. Aos 15 anos, começa o lento e progressivo processo de deterioro da vista que sofria e que o deixara totalmente cego já na sua maturidade. Em 1914, em companhia da sua família viaja a Europa e passa um tempo em Genebra dedicado aos estudos, enquanto se deflagrava a Primeira Guerra Mundial. Em 1918, após a morte da sua avó materna, a família Borges se traslada para Lugano, Itália, e um

---

<sup>41</sup> A Terceira Fase da Revolução Industrial surge com o advento e uso do computador no início dos anos quarenta.

ano mais tarde, passa para Espanha onde o jovem Borges se aproxima e se interessa pelo Ultraísmo<sup>42</sup>.

Ao regressar a Argentina em 1921, inicia a sua produção literária voltada a este movimento. Publica “Prisma”, uma revista mural e breve redige o Manifesto Ultraista. Em 1922, funda outra revista, “Proa”, junto a outros escritores como Macedonio Fernández y Ricardo Güiraldes. Escreve poemas e explora a narrativa; seus primeiros temas giram em torno a elementos sociais argentinos de grande visibilidade e a lugares da topologia urbana da metrópole bonaerense.

Destacam o *compadrito*<sup>43</sup> e o subúrbio de Buenos Aires como o ilustra em “Fervor de Buenos Aires” de 1923; entre 1924 e 1936 publica oito livros dos quais destacam “Inquisiciones”; “El idioma de los argentino”; “Historia universal de la infamia” e “Historia de la eternidad”. O literato experimenta, também, um regionalismo enraizado numa perspectiva metafísica da realidade e breve adere à escola que mais lhe brindará inspiração para os seus escritos: o Realismo Fantástico. Em 1940 publica “Antología de la literatura fantástica”.

Cinco anos mais tarde, em 1945 Borges trabalhava na biblioteca municipal e publica mais três livros, um deles em colaboração com Adolfo Bioy Casares: “Dos fantasías memorables”. Como conhecido opositor das teses defendidas por Juan Domingo Perón sobre nacionalismo, estatização e poder centralizado, é nomeado e “ascendido” pelo governo a inspetor de aves e coelhos, com abrangência num distrito da Capital Federal (!). Sem pensar duas vezes, perante tamanha humilhação, apresentou renúncia.

O fantástico parece apresentar-se como a marca das suas futuras publicações como “El Aleph”, de 1949, “Manual de zoología fantástica”, de 1957 em colaboração com Margarita Guerrero e “El libro de arena”, de 1975.

---

<sup>42</sup> Movimento alternativo surgido em Madri, Espanha, em 1918, que se identifica com a ruptura total do conhecido, desejo de novidade e apoio a todas as tendências vanguardistas de então. Seu principal mentor e estimulador foi Rafael Cansinos Assens, poeta, romancista, crítico literário e tradutor, nascido em Sevilha em 1884 e falecido em Madri, em 1964, durante a ditadura do Generalíssimo Francisco Franco Bahamonde.

<sup>43</sup> Elemento social rioplatense típico do início do século XX, oriundo “del bajo” a periferia, ou subúrbio; astuto, ardiloso, penceiro, mulherego, que não se identifica com o trabalho, por vezes gerencia prostitutas e se esmera na sua imagem. O tangocanção o tomou varias vezes como personagem central do enredo musical. Malandro, malandro do morro seria o seu análogo socioantropológico na língua e cultura do Brasil. O próprio Borges define o *compadrito*: “El *compadrito* fue el plebeyo de las ciudades y del indefinido arrabal, como el gaucho lo fue de la llanura y de las cuchillas” (BORGES; BULLRICH, 2000, p. 11).

Das suas obras, o conto curto *El disco*, pertencente ao livro “El libro de arena”, revela patentemente a sua caída pelo gênero: um objeto milenário e lendário que consta de uma única dimensão (!) é motivo de uma disputa que termina em assassinato.

Mas neste ponto, procede lembrar que este realismo em Borges, é muitas vezes confundido com o Realismo Mágico, portanto faz-se necessário abrir um parêntese no desenvolvimento da tese para esclarecimento sobre os realismos em questão. Com efeito, por ocasião da elaboração do presente trabalho de pesquisa, faleceu o escritor colombiano Gabriel García Márquez e durante a veiculação do fato nos meios de comunicação orais e escritos, não foram poucos os colunistas e apresentadores de telejornais que o identificaram tanto como um escritor do Realismo Mágico como do Realismo Fantástico. De fato o “Gabo” se identificava com o primeiro. Mas, por quê? Há diferenças entre as duas escolas? Ainda que este desafio seja considerável e por vezes controvertido e mal compreendido, há diferenças. Mas, onde?

Se já o que se convencionou chamar de Realismo é um tópico farto difícil de desmiúçar, sintetizar e reelaborar, viciado de ideologias de turno que dão sustentação ao que convencionamos chamar de mundo real, o próprio Borges comenta:

A propósito del realismo, dice (Borges) en el prólogo de la “Historia de la eternidad”: “...descreo de todas las interpretaciones, incluso la mía...”, en el cuento titulado *El milagro secreto*, Hladik demuestra otra vez la falacia del tiempo con los argumentos de Borges, quien agrega: “desdichadamente, no son menos falaces los argumentos que demuestran esta falacia” (JURADO, 1997, p. 79).

Os Realismos Mágico e Fantástico, quase sempre tidos como iguais, apresentam desafios semelhantes. Sobre a primeira questão, Fiorin (2007) reflete que os homens não tem acesso à realidade dado que a nossa relação com a mesma é pela linguagem, o que implica que o real se apresenta semioticamente para nós, sendo que o nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas ou o que está aí, senão com outros discursos que semiotizam o mundo, além do fato deste ser de cunho ideológico como já o levantara o filósofo russo Mikhail Bakhtin, tópico este já analisado anteriormente.

O Realismo Mágico como movimento literário surgiu na América Latina quase no fim da Segunda Guerra Mundial em resposta ao avanço do fantástico e ficção científica anglo-saxões e aos regimes ditatoriais que se alastravam pelo continente. Muitas vezes confundido com o Realismo Fantástico, pois ainda não existem consenso e unanimidade acadêmica enquanto à definição e detalhamento dos mesmos, o Realismo Mágico se nutre de fatos e eventos circunstanciais negados e desconsiderados pela ciência como: levitação, vozes do além, premonição, encantamento, aparições, visões, bruxaria e mortos ressuscitados.

O escritor peruano e recentemente nacionalizado espanhol, Mario Vargas Llosa, propõe para a discussão sobre o fenômeno de estranhamento o rótulo O Real Imaginário a partir da obra “Cem anos de solidão”:

Los sucesos y personajes imaginarios constituyen (dan una impresión de) una totalidad porque abarcan los cuatro planos que componen lo imaginario: lo mágico, lo míticolegendario, lo milagroso y lo fantástico. Voy a definir muy brevemente qué diferencia, en mi opinión, a estas cuatro formas de lo imaginario, porque pienso que ello queda claro con los ejemplos. Llamo mágico al hecho real imaginario provocado mediante artes secretas por un hombre (mago) dotado de poderes o conocimientos extraordinarios; milagroso al hecho imaginario vinculado a un cerdo religioso y supuestamente decidido o autorizado por una divinidad; o que hace suponer la existencia de un más allá; míticolegendario al hecho imaginario que procede de una realidad histórica sublimada y pervertida por la literatura, y fantástico al hecho imaginario puro, que nace de la estricta invención y que no es producto ni arte, ni divinidad, ni de la tradición literaria: el hecho real imaginario que ostenta como su rasgo más acusado una soberana gratuidad. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p.19).

Não muito distante, o escritor e crítico chileno Oscar Hahn (HAHN, 1998) sugere, sem mencionar o termo mágico, que uma condição indispensável para que se produza o fantástico é a existência de acontecimentos anormais que contradizem a nossa percepção do natural e também do sobrenatural, e que escapam aos nossos marcos referenciais. A realidade tal como pensamos entendê-la, de fato não a conheceríamos.

E ainda Thomas Brum na sua seleção e tradução de “Contos fantásticos, A horla e outras histórias” de Guy de Maupassant (2010) reflete para definir o estranhamento, que o homem carrega dentro de si uma instabilidade essencial, pois não há abismo entre o normal e o anormal, porém elos e pontes sob a forma de

obsessões e alusões, concluindo que o homem é um ser estranho para si mesmo, enquanto o outro é um abismo.

São típicos exemplos do Realismo Mágico: “Funerales de la Mamá Grande”, 1962, de Gabriel García Márquez; “Incidente em Antares”, 1971, do escritor gaúcho Érico Veríssimo; “La casa de los espíritus”, 1982, de Isabel Allende e *Triangulo isósceles*, em “Despistes y franquezas”, 1989, de Mario Benedetti entre outros tantos.

Já o Realismo Fantástico apresenta fatos passíveis de serem explicados pela ciência através de postulados e propostas teóricas como a teoria da relatividade de Albert Einstein, a teoria das cordas iniciada por Theodor Kaluza, também conhecida como a teoria de todas as coisas, a física quântica, o universo caótico<sup>44</sup> e manipulação genética experimental. *El almohadón de plumas*, em “Cuentos de amor, de locura y de muerte”, de Horacio Quiroga; “La invención de Morel”, 1940, de Adolfo Bioy Casares; “El Aleph”, 1949, Jorge Luis Borges; *Memoria electrónica*, em “Despistes y franquezas”, 1989 de Mario Benedetti revelam o estranhamento identificado com o fantástico. No caso deste romancista uruguaio, para além das obras citadas, não há outras narrativas fora dos seus romances denunciantes e protestatórios.

Mas, ao contrapor as duas escolas literárias, existe uma diferença nuclear entre elas, para além do quesito estranhamento, muito pouco debatida e raramente levantada: enquanto o Realismo Fantástico apresenta os fatos sem comprometimento com códigos éticos, morais e valores, e sem uma culminância ou fechamento necessariamente reparador<sup>45</sup>; o Realismo Mágico cobra e reivindica uma reparação do equilíbrio violado, da ordem universal, que vai além do antropocentrismo. Esta cobrança ou acerto de contas nos seus personagens se

---

<sup>44</sup> Universo caótico diz respeito à Teoria do Caos que trabalha com fenômenos imprevisíveis. Caos, para além de uma ideia ruim ou de desordem ou bagunça, é um padrão de organização dentro de um fenômeno desorganizado, ou seja, dentro de uma aparente casualidade. Se olharmos à nossa volta veremos diferentes fenômenos que não podem ser descritos ou previstos pelas leis matemáticas. A esses fenômenos imprevisíveis dá-se o nome de fenômenos caóticos. Entre os precursores desta tese destacam James Yorke e Edward Lorenz, autor do Efeito Borboleta: o bater das asas de uma borboleta no Brasil pode produzir um tornado em Texas, EUA.

<sup>45</sup> Com efeito, em *O travesseiro de penas* do autor uruguaio Horacio Quiroga, Alicia um dos dois personagens principais morre no seu leito, magra, pálida e sem forças para se mexer, após uma breve e rara enfermidade. Ao retirar o travesseiro, a empregada descobre algo anormal, pesa demasiado. Jordan seu marido pratica um corte do qual aparece um carrapato gigante que havia consumido todo o sangue da sua esposa.

realiza através de um evento sobrenatural, do estranhamento que, no fim redundará em um apelo por justiça e reflexão moral.

Todavia existe mais um conceito sobre a abrangência do Realismo Fantástico. Com efeito, alguns teóricos denominam e usam o rótulo de Realismo Fantástico não como um gênero literário, mas para aqueles fatos carregados de estranhamento que contradizem o sentido crítico e os postulados da ciência e abrem caminho para a existência de um outro paradigma para a reconstrução e entendimento da história. Charles Fort, Louis Pauwels e Jacques Berger são alguns dos seus defensores. Dentre as suas obras destacam: “Os livros condenados” do primeiro; “O despertar dos mágicos” e “O retorno dos mágicos” de Pauwels e Bergier. A temática dos mesmos gira em torno a descobertas impossíveis para os olhos da ciência oficial, como civilizações desaparecidas; extraterrestres e a sua intromissão histórica na sociedade humana; animais desconhecidos, e fenômenos paranormais que, caso comprovação unânime, revelariam outra realidade.

Dando continuidade a esta linha de esclarecimento, compete também trazer para este debate específico mais um gênero latino-americano: o Realismo Maravilhoso que por vezes prega confusões. Com efeito, o Realismo Maravilhoso ou Real Maravilhoso como é também conhecido, é uma categoria literária que apresenta como perfil de identidade a crença de que o extraordinário não necessariamente deve ser bonito ou feio, senão insólito e inovador, fatos que fogem às normas do convívio cotidiano. Alejo Carpentier, escritor cubano, foi o primeiro em tentar definir conceitualmente o Real Maravilhoso e convertê-lo em uma nova categoria literária no prólogo do seu livro “O reino deste mundo”.

Para Carpentier, o Real Maravilhoso se encontra de forma onipresente em tudo o que diz respeito ao latino-americano, ele encontra as suas raízes culturais em certas regiões, principalmente na região norte da América do Sul e América Central, em especial na ontologia caribenha. O literato cubano enxerga a existência do Real Maravilhoso na crença dos poderes sobrenaturais da licantropia; dos fatos tão inexplicáveis como aterrorizantes da prática cerimonial do vodu; na atitude decidida e corajosa dos incansáveis desbravadores na sua procura de lugares míticos como a Fonte da Juventude, as cidades lendárias perdidas, sejam nas montanhas, sejam na própria Patagônia (!), e a convivência de personagens ficcionais com personalidades históricas durante o desenvolvimento de fatos acontecidos e rigorosamente registrados. Por outro lado o Real Maravilhoso não oculta um certo

psicologismo nos seus personagens ao ponto de não se ter plena certeza de que “o que eles vivenciam pode ser não um fato maravilhoso, mas um produto da psiquis na sua relação direta com eventos tidos como sobrenaturais ou fora da ordem normal”.

Alejo Carpentier arrisca uma definição do Real Maravilhoso no prólogo do seu “O reino deste mundo” ao comentar:

Esto se me hizo particularmente evidente durante mi permanencia en Haití, al hallarme en contacto cotidiano con algo que podríamos llamar lo real maravilloso. Pisaba yo una tierra donde millares de hombres ansiosos de libertad creyeron en los poderes licantrópicos de Mackandal, a punto de que esa fe colectiva produjera un milagro el día de su ejecución ... (CARPENTIER, 1973, p. 9).

O choque cultural entre as populações autóctones e os colonizadores europeus e, em especial o conflito gerado pelo impacto da confrontação dos seus respectivos imaginários coletivos, será um dos gestores desta corrente literária. Nos seus estratos profundos o Real Maravilhoso diz respeito às lutas humanas pela liberdade, desejo tão ancestral quanto o homem, onde todas as armas, ferramentas, sonhos, atos de fé e crenças são aproveitadas para confrontar a escravidão, opressão e injustiça social decorrentes de uma autoridade monolítica, identificada sob a forma do catolicismo romano e o sistema econômico mercantilista de exploração trazidos pelos colonizadores. Mais tarde este modelo econômico seria substituído pelas regras impostas pelo modelo capitalista na segunda metade do século XVIII, aumentando ainda mais os abismos sociais impostos. A América Latina, como um quebra-cabeças de culturas e nações em constante estado de conflito e tensão, apelou a estes realismos para refletir e lapidar a sua própria ontologia como uma identidade continental, porém com a marca de um complexo existencial gerado pelo processo de atomização e dependência estimulados pelas potências do primeiro mundo.

Alejo Carpentier, não em vão, conclui: “¿Pero qué es la historia de América toda, sino una crónica de lo real maravilloso?” (CARPENTIER, 1973, p. 12). Resta acrescentar para concluir o esclarecimento, que o próprio “O reino deste mundo” é, por excelência, o representante mais conhecido da categoria literária.

Mas, qual a opinião do próprio Borges sobre o assunto? Sem entrar nas diferenças conceituais dos realismos acima discutidos, o literato argentino expressa:

Hay quienes juzgan que la literatura fantástica es un género lateral; sé que es el más antiguo, sé que, bajo cualquier latitud, la cosmogonía o la mitología son anteriores a la novela de costumbres. Cabe sospechar que la realidad no pertenece a ningún género literario; juzgar que nuestra vida es una novela es tan aventurado como juzgar que es un colofón o un acróstico. Sueños y símbolos e imágenes atraviesan el día; un desorden de mundos imaginarios confluye sin cesar en el mundo; nuestra propia niñez es indescifrable como Presépolis o Uxmal (JURADO, 1997, p. 81).

Feita esta devida ressalva, pelo exposto acima, Borges, no seu universo literário, aposta a uma realidade que se atrela ao Realismo Fantástico, com fatos imprevistos, recheados de exegeses que transitam no caos da ausência do relativismo: tempo, espaço se tornam lugares desconhecidos, o real se mostra desconhecido e foge às limitações da palavra; a visão escrutina o redor revelando-se a existência de outros mundos e universos adjacentes. Para o autor, o triunfo da ética e da moral fica de lado, sem prestígio, perante fenômenos e estranhamentos que cobram maior relevância ainda que haja indícios de sentimentos de melancolia e impotência:

Ana María Barrenechea hace notar que “en Borges falta totalmente la idea de la culpabilidad”. En efecto, no encontramos en su obra ningún juicio ético, explícito ni implícito; como el hipotético Dios para quien la víctima y el victimario no forman sino una sola persona; el escritor Borges presenta sus personajes sin demostrar simpatía por ninguno ni preocuparse por el problema del bien y del mal (JURADO, 1997, p. 127).

Deduz-se da narrativa borgiana que o homem habita um lugar na sociedade, no mundo, no universo, e estes são entendimentos discursivos, porém não são o que aparentam ou o que o homem convencionou serem, pois escapam ao seu controle.

Para o autor, o homem se revela desconhecido, desafiando a sua própria construção discursiva externa. O que está lá fora é tão desafiante e provocante como desconhecido: não há possibilidade de enquadrá-lo em modelos absolutos. O conceito se torna vazio do seu conteúdo e às vezes não se apropria do ontológico. O universo borgiano não esconde a sua predisposição de ser caótico, pois existe um apelo sistemático em quase toda a sua narrativa pelo evento imprevisível e



inimaginável. Ainda assim, o caos não deixa de obedecer a uma organização dentro da sua própria desordem aparente.

Mas não só o fantástico seduz o autor, o conceito de civilização e barbárie é patente e presente nas suas obras, porém a dicotomia deste conflito também flutua e navega, por vezes, num universo caótico, como acontece no conto *El evangelio según Marcos*, do livro “El informe Brodie”, de 1970: um jovem estudante de medicina Baltazar Espinosa de 33 anos fica retido numa fazenda, La Colorada, no distrito de Junín, na província de Buenos Aires durante a estação de chuvas o que provoca um alagamento, no mês de março de 1928. Para passar o tempo, o jovem lê e traduz uma Bíblia escrita em inglês, encontrada na fazenda para o capataz e a sua família, pessoas simples, sem polimento nem ilustração que habitam a casa. O evangelho de São Marcos é o que mais lhes chama a atenção ao ponto de terminar crucificando seu leitor, pois eles aprenderam e compreenderam que a prática de um sacrifício outorga uma retribuição, neste caso o fim das chuvas e os desastres provocados pelos alagamentos.

As suas obras denunciam as suas três principais obsessões: o labirinto, o tempo, e a biblioteca, sempre presentes em quase toda a sua prosa e lírica. O labirinto é uma viagem não só espaço-temporal como também, uma jornada introspectiva, na qual Borges busca seu ser, pois a sua ascendência anglo-saxônica lhe gerou conflitos de identidade; não em vão muitos das suas personagens apresentam sobrenomes anglo-saxões e carregam a marca do hibridismo e a aculturação forçada. *O sul* e *A intrusa*<sup>46</sup> são expoentes labirínticos. Sobre o mesmo, L. A. Murillo<sup>47</sup> expressa ao comentar “O aleph”:

En los cuentos de Borges, el labirinto, con sus múltiples asociaciones, simboliza la consciencia del hombre de nuestro tiempo: sus miedos que, pese todo su horror, no parecen diferir mucho de los antiguos temores del hombre primitivo; su frustrado deseo de poder, que se parece como nunca a las frustradas conjuraciones de las fórmulas mágicas; su impotencia, su ansiedad, su espanto ante la muerte y, sobre todo, su desesperación. No es el rasgo menos irónico de este librito, que los recursos de su arte altamente alambicado y esotérico, el ingenio y la exótica erudición de su autor, tengan por objetivo revelar (de manera curiosamente paralela a los descubrimientos científicos de antropólogos y psiquiatras) las

---

<sup>46</sup> O conto curto de Borges foi adaptado para cinema com o mesmo nome. 1979, largometragem de 110 minutos, com direção de Carlos Hugo Christensen e roteiro de Jorge Luis Borges, Carlos Hugo Christensen, Ubirajara Raffo Constat e Orígenes Lessa. A história é ambientada em Brasil e se passa em Rio Grande do Sul, em 1897.

<sup>47</sup> L. A. Murillo, escritor e roteirista de filmes espanhol.

desesperaciones más antiguas, más primitivas y más constantes del hombre (JURADO, 1997, p. 121).

A dimensão do tempo diz respeito à questão da eternidade, da sucessão em contraposição à morte, ao cessar como o próprio autor gostava de chamar, *Funes el memorioso*, em “Ficciones”, “Ficções”, de 1944: um jovem consegue armazenar na sua memória, com mínimos detalhes, informações que o deixam quase que sem as suas próprias e no momento de verbaliza-las, leva todo o seu tempo; e “Nueva refutación del tiempo”, de 1947 são exemplos, enquanto o autor filosofa que, se o tempo é infinito, estamos em qualquer ponto do tempo.

Já da biblioteca que Borges reinventou - como cenário de registro escrito do infinito número de probabilidades da existência do homem e das personagens oriundas das moradas literárias, *El fin*, em “Ficciones”, um caso de intertextualidade explícita com o “Martín Fierro” de José Hernández; e *Pierre Menard, autor do Quixote*: um Quixote com paternidade francesa (talvez ecos da antipatia professada por Domingo Faustino Sarmiento contra a hispanidade e os seus vícios catolicistas e “bárbaros”) alcançaram maior notoriedade e renderam e provocaram discussões sobre o lado oculto político consciente ou inconsciente do literato.

Da sua vasta produção, também, ecoam: “Inquisições”; *O punhal*; cujo título original foi *Lenda policial* microrrelato reflexivo que tenta desvelar as razões desta arma branca e a sua cumplicidade na história humana; “História da infâmia”, uma galeria de personagens perversos e sem escrúpulos de onde também destaca *O homem da esquina rosa*<sup>48</sup>, um relato reflexivo que põe ao descoberto a dúvida sobre a palavra e a hombridade de um compadrito da periferia de Buenos Aires, no momento de ajustar contas pendentes, e que conta com o fato anedótico da presença do próprio autor como depositário direto das revelações de um dos personagens: “Entonces, **Borges** (grifo do autor), volví a sacar el cuchillo corto y filoso que yo sabía cargar aquí, en el chaleco, junto al sobaco izquierdo...” (BORGES, 1998, p. 130); “Ficções”, compêndio de histórias com geografias diferentes que revelam profundos níveis de estranhamento e “El Aleph”, 1949, obra que explora, com seu realismo fantástico, a oniconsciência e onipresença: entre problemas existenciais, nostalgias e metas não realizadas das personagens, a

<sup>48</sup> No filme homônimo e baseado, também no conto curto, “Hombre de la esquina rosada” (RENÉ MUGICA, 1962), a presença de Borges é também mantida e respeitada com a inserção de uma personagem criada para a adaptação ao filme e que guarda uma inegável similitude fisionômica com o próprio e que, por sua vez, também é cego e usa bengala.

descoberta de um ponto encontrado debaixo de uma escada numa velha casa bonaerense, de onde podem se encher todos os lugares e momentos de toda a nossa história.

Mas Jorge Luis Borges também transitou pelas estradas dos ensaios com “Aspectos da literatura gauchesca” de 1950, onde analisa esta corrente do Rio da Prata e “Martín Fierro” de 1953, trabalho conjunto com Margarita Guerrero sobre a obra de José Hernández, focando-se principalmente na personagem homônima.

Por outro lado, o escritor não deixou de dedicar parte da sua narrativa à questão da existência de Deus, porém com uma leitura e visão não religiosas que abrem caminho para um provável ateísmo, como também a uma não aceitação da postura de Deus enquanto criador:

Los dogmas de todas las religiones son considerados por Borges con la misma actitud escéptica; quien no los tiene por verdades reveladas e incuestionables, sólo puede ver en ellos diversos modos de interpretar, con las limitaciones de la experiencia humana, una verdad espiritual que no está al alcance de la razón. Más le gustan algunas herejías famosas. Dice, citando a Hume: “El mundo es tal vez el bosquejo rudimentario de algún dios infantil, que lo abandono a medio hacer, avergonzado de su ejecución deficiente; es obra de un dios subalterno, de quien los dioses superiores se burlan; es la confusa producción de una divinidad decrepita y jubilada, que ya ha muerto (JURADO, 1997, p. 94).

Ainda assim Roani (2003) acredita ver em Borges um lado judaico ao tomar este contato com os escritos da mística judaica e ficar impressionado com o modus operandi da Cabala. Este modo está baseado numa premissa que contraria a lógica ocidental ao se ter a ideia de que a Escritura, enquanto tal é um texto absoluto, onde nada pode ser obra do acaso, pois foi ditada pelo próprio Espírito Santo, portanto a Sagrada Escritura não apresenta lacunas, fissuras nem fendas. Como uma inteligência infinita, o Espírito Santo condescendeu à tarefa humana de redigir um livro e o Espírito assim se transformou em literatura, conclui o teórico.

Roani encontra nos contos *El milagro*, que forma parte de “Ficciones”; em *Requiem alemán* de “El Aleph”; e o poema *El golem*<sup>49</sup> em “Las ruinas circulares” vestígios suficientes da sua identidade com o judaísmo.

---

<sup>49</sup> O golem é um ser da mitologia judaica antropomorfo, criado com matéria-prima inanimada, como barro ou argila que cobra vida ao serem escritos certos nomes de Deus na sua testa. O ser guarda em si o mito adâmico e o desejo do ser humano de poder criar um ser. O robô e as inteligências artificiais são ecos do golem mítico.

Jurado (1997), por sua vez, levanta outra questão: o misticismo em Borges:

Pocas personas han advertido las relaciones de Borges con el misticismo; una de ellas fue Estela Canto. Dijo, en una crítica sobre los cuentos de “El aleph”, que llamó relatos ensayos y también leyendas: “El Universo, su contradicción aparente, sus sentidos ocultos y la angustia del hombre frente a él, aparece de lleno en todos los cuentos de Borges. Una de las características de los pensadores místicos es su ficción a expresarse por símbolos. Yo diría que la mejor definición de Borges es la de uno de los grandes – y escasísimos – pensadores místicos de nuestra época”. Pensador místico, desde luego; no místico a secas (JURADO, 1997, p. 98).

Às suas inquietudes de cunho existencial e metafísico somou-se uma personalidade imprevisível, caracterizada pelas suas declarações inesperadas e provocantes como lembra Luis Guillermo Piazza, escritor argentino e logo naturalizado mexicano e fundador da editorial Novaro:

Un hombre valiente (se dice difícil), cabal, al borde de la irresponsabilidad divertida: capaz, en la Argentina!, de enfrentarse a Perón y su mitología (la mujer embalsamada incluso<sup>50</sup>), a Gardel y sus fantasmas<sup>51</sup>, al fútbol, al tango, al mate, al hipódromo; todo el folklore, nada más (MOLACHINO; PRIETO, 2005, p. 11).

As suas manifestações não eram isentas de sarcasmo, ironia, duvidosa modéstia, ambiguidade e contradição. Em mais de uma vez deixou transparecer a existência de dois Borges, um de carne e osso e outro o literário, criado por ele mesmo: “En mis escritos me disfrazaba de Quevedo, de Séneca, de Shakespeare. Ahora, ya me he resignado a ser Borges...” (FERNÁNDEZ; LOBATO, 1995, p. 128), y “Seguir siendo el mismo toda la eternidad, me parece horrible”. (FERNÁNDEZ; LOBATO, 1995, p. 128).

As suas posturas políticas, também, no fugiam muito da irreverência:

Los comunistas pregonan ser intelectuales, o sea, no son gente del pueblo. No quiero con ello decir que todos los intelectuales sean comunistas. Además de intelectuales, los comunistas son nacionalistas, y por supuesto están en contra de Estados Unidos y de casi todo lo que lleva el estigma de extranjero (MOLACHINO, PRIETO; 2005, p. 44).

<sup>50</sup> O comentário faz alusão ao corpo de Eva Duarte de Perón, embalsamado após a sua morte.

<sup>51</sup> Este comentário diz respeito à duvidosa virilidade do cantor de tango, Carlos Gardel.

O literato uruguaio Mario Benedetti, falecido em 2009, de alguma forma afere com aproximação o perfil político de Borges:

El discurso político de Borges, ése que a través de los años va atravesando y dando sentido a sus ficciones y a sus veredictos, no es por cierto una ambigua trayectoria, sino una larga y bien estructurada agresión a las fuerzas populares de su país y de otras tierras, ya se trate de ácratas o socialistas, comunistas o peronistas... Borges no es un político, sino un escritor que opina sobre política, y en consecuencia puede, en su actitud totalitaria, ir más lejos que cualquier dirigente político o sindical; paradójicamente, tal libertad de acción hace que sus ideas queden más expuestas, más al descubierto (MOLACHINO; PRIETO, 2005, p. 43).

Sobre os próprios políticos o escritor chegou a dizer: “De política entenderán algunas personas, entre las cuales hasta podríamos incluir a algún político...” (MOLACHINO; PRIETO, p. 47). Numa entrevista concedida ao jornalista brasileiro Álvaro Alves de Faria, que logo apareceria no seu livro “Borges, o mesmo e o outro” (2001), Borges chegou a comentar sobre Neruda que havia sido um poeta medíocre, dos piores que já havia conhecido, mas que o desenrolar da política o transformou num grande poeta latino-americano.

Houve vezes em que a sua falta de conhecimento crítico e certa ingenuidade perante fatos sociais gerou acirradas e indignadas respostas: “Borges era un genio literario y un imbécil político” (Carlos Fuentes<sup>52</sup>), (BENÍTEZ, 2004, p. 83) por ocasião da carnificina acontecida em Tlatelolco<sup>53</sup>, México, em outubro de 1968 quando o literato fez declarações de aparente condescendência com o crime.

Borges leva para a sua produção literária não só a suas obsessões como também a sua inquietude e expectativas de alcançar a ver uma Argentina arquitetada de fora para dentro, prestigiando a contribuição do imigrante europeu e daquele elemento social oriundo e logo europeizado. Sobre este tema polêmico, Galeano (1988) afirma:

Fala-se, por exemplo: Jorge Luis Borges acha que o povo argentino é imbecil, que os negros são inferiores e cheiram mal, que os índios, os gaúchos e os vietnamitas merecem as matanças que sofreram e que as espadas de Pinochet e Videla foram curtas, frente ao que

<sup>52</sup> Carlos Fuentes Macías, escritor e diplomata mexicano, nascido em Panamá, 1928 – 2012.

<sup>53</sup> Dias antes das Olimpíadas de México, sob o governo de Gustavo Díaz Ortaz Bolaños, durante manifestações estudantis por reformas, foram massacradas em torno de 300 pessoas, entre estudantes, trabalhadores e populares.

deveriam ter feito. “Ah!, mas a literatura de Borges é outra coisa”. No entanto, o desprezo pelo povo, a ideia de que tudo o que passou foi melhor – o passado de seus antepassados – e a concepção fatalista da vida estão presentes tanto nos livros como nas declarações deste homem que disse, por exemplo, em agosto de 1976: “A vontade livre e a liberdade são ilusões necessárias” e “a democracia é um abuso de estatística”. Uma ordem universal inexplicável e imutável brinca, ao seu bel-prazer, com a vontade humana na obra deste escritor, sem dúvida brilhante; e a vida é nela um labirinto, o labirinto da biblioteca sem fim, que nos conduz a lugar nenhum. No máximo, nos permite a nostalgia; a esperança, nunca. Em que sua concepção da condição humana contradiz um sistema que pretende confundir-se com a eternidade e esvaziar o homem, justamente, de liberdade e de história? (GALEANO, 1988, p. 32 – 33).

O poeta alegretense Mario Quintana deixou seu comentário discreto e, - como não poderia ser de outra forma -, não isento de humor sobre o controvertido escritor bonaerense:

Um amigo viajou para Buenos Aires e foi visitar Jorge Luis Borges na Biblioteca Nacional. Conversa vai, conversa vem, falaram no poeta brasileiro e Borges disse que já havia lido alguma coisa dele. O amigo mencionou o nome completo, Mario de Miranda Quintana. Borges interessou-se: “Então é meu parente, eu tenho Miranda na família”. Quintana, claro, ficou sabendo da história. Quando Borges morreu, ele comentou com Sergio Faraco: “Morreu feliz, morreu pensando que era meu primo (FONSECA, 2007, p. 60).

Algumas das suas apreciações pecaram de preconceito racial, seja na sua identidade literária, seja na sua identidade real: “A raça negra é inferior em tudo. A raça negra nada fez, nada faz. Se não existissem negros, a história do mundo não mudaria em nada (ALVES DE FARIA, 2001, p. 70).

Já o conceito de pátria fugia ao esperado pelo seu eventual entrevistador quem esperava uma abstração político-ideológica, poucos anos antes de falecer, disse refletindo:

Tantas cosas queridas. El joven amor de mis padres, la memoria de los mayores, los rostros y las almas, una vieja espada, las agonías, los destierros, una mano que templamuna guitarra, el olor de la madre selva, una enciclopedia, las galerías de una biblioteca por las que anduvo Paul Groussac, el sabor de una fruta, la voz de mi padre, la voz de Macedonio Fernández, una casa en la que he sido feliz o en la que he sido desdichado (lo mismo da), un ocaso que ya no tiene fecha, un daguerrotipo, el arco de un zaguán. El aljibe... la patria es ahora todas mis patrias, todos los árboles que me dieron su sombra, todos los libros que he leído para mí bien, todos los hombres

de buena voluntad que serán, que fueron y son. Creo ser un buen argentino, un buen europeo, un buen cosmopolita, un buen ciudadano de esa Utopía, clara remota, que nos librerá de fronteras y de batallas... (BENÍTEZ, 1999, p. 21-22).

Mas as suas ambiguidades, por vezes caíram em ingenuidade infantil: chegou a comentar sobre a Junta Militar que assumiu o poder na Argentina, em 1976: “Os militares que tomaram o poder na Argentina vão salvar o país da destruição a qual queriam levá-lo. Os militares são cavalheiros, senhores bem intencionados...” (ALVES DE FARIA, 2001, p. 60).

As suas atitudes, também, estavam em consonância, pois o autor desta tese lembra que em 1978, no dia da final do campeonato mundial de futebol, entre Argentina y Holanda, no mesmo horário, Borges se propôs dar uma palestra sobre tango no canal estadual, sendo que a sua simpatia pelo tango e pelo futebol eram quase que inexistentes.

Em 2 de abril de 1982, perante o avanço das denúncias de milhares de detidos e desaparecidos no regime<sup>54</sup>, os militares argentinos, sob o comando de Leopoldo Fortunato Galtieri Castelli, em uma intenção desesperada de manter-se no poder e ganhar certa simpatia e apoio do povo, decidem invadir e recuperar as Ilhas Malvinas, antiga reivindicação histórica dos governos argentinos. O escritor Borges foi taxativo ao comentar:

En otros tiempos yo estaba muy inquieto por mi país, pero ahora estoy desesperado. Los militares que nos gobiernan son tan incompetentes, tan ignorantes... Nadie conocía esas islas. Hizo falta que nuestros militares la desenterraran para hacer la guerra; los militares nuestros son mucho más peligrosos para nuestros compatriotas que para el enemigo. Las Malvinas fue una guerra de dos calvos por un peine (PALENA, 2012).

Um ano mais tarde, a Argentina retorna ao sistema democrático ao assumir a presidência da república o doutor Raúl Alfonsín do partido a Unión Cívica Radical, após vencer nas eleições nacionais ao representante do peronismo, Ítalo Argentino Luder, um peronismo só mantido na nomenclatura da chapa partidária. Em março do mesmo ano, Jorge Luis Borges publica no jornal *La Nación* de Buenos Aires o relato “Agosto 25, 1983”, em que programa seu suicídio para essa data. Perguntado tempo

---

<sup>54</sup> Dados oficiais calculam em torno de 30 mil pessoas sumariamente detidas, torturadas e eliminadas durante o processo militar entre 1976 e 1982, conhecidas por N.N., termo dado pela polícia para catalogar pessoas sob suspeita de crime e subversão contra a pátria (!).

depois por que não havia cumprido a sua sentença na data anunciada, simplesmente respondeu: "*Por cobardía...*".

Em 1985, após a revelação dos horrores praticados pela ditadura em apenas seis anos de duração, Borges participou de um dos julgamentos aos comandantes que formaram as Juntas Militares e teve a sua chance de "desambiguação":

Aquí no importa si es comunista o peronista. Es un ser humano que ha sufrido. Creo que tenía el derecho, si había cometido algún delito, de ser juzgado por un juez y un defensor. Después de lo que he oído, espero que la sentencia sea ejemplar. Estas barbaridades no pueden quedar impunes. Tengo la sensación de que he asistido a una de las cosas más horribles de mi vida (MONTENEGRO, 1999, p. 115)

Ainda ao deixar o tribunal de justiça, o escritor concluiu: "Siento que he salido del infierno" (MONTENEGRO, 1999, p. 114). A sua reação foi talvez um modo de tirar de cima o peso da sua falta de crítica perante um estado de exceção que, não poucas vezes, fez uso da imagem do literato para se promover.

Três anos mais tarde, Jorge Luis Borges morreu em Genebra, o dia 14 de junho de 1986, levando consigo, até o último momento, a imagem e a saudade da sua mãe Leonor Acevedo de Borges, falecida em 1975. Seus restos mortais ainda continuam no cemitério Pleinpalais, em Genebra e sobre a sua lápide reza a legenda: "*Tomou a espada de Gram e a estendeu entre os dois...*"

Néstor Montenegro (1999), jornalista e escritor foi talvez quem melhor definiu o emblemático literato argentino ao expressar que Borges não acreditava nas sociedades e nem nos estados; ele acreditava no indivíduo e em aqueles pequenos atos de fê que ajudam a construir o porvir. O jornalista ainda reconhece e acrescenta que seu maior mérito, por sobre todas as coisas, foi ele, enquanto escritor, que conseguiu fazer da sua vida o que poucos conseguiram: um ato de imaginação...

E agora, uma vez expostos os conteúdos previstos no capítulo II, dá-se lugar à confrontação dos textos em debate, no capítulo seguinte.



#### **4. A PAMPA: UM LUGAR PARA O ESPAÇO SIMBÓLICO E UM LUGAR PARA O ESPAÇO NÃO SIMBÓLICO, O LUGAR DOS LUGARES?...**

Uma vez expostas as ferramentas teóricas necessárias que permitem defender o propósito desta tese, este capítulo se dedicará a confrontar as duas obras pesquisadas e tentar demonstrar a procedência do bioma pampa não só como espaço orográfico depositário do berço da humanidade nas conclusões de Florentino Ameghino, como também um espaço discursivo abordado pela narrativa ficcional de Jorge Luis Borges. Apesar desta aparente falta de relação entre “A antiguidade do homem no Prata” e o conto curto *O sul*, o autor pretende debater e trazer à luz o grau de intertextualidade entre ambas as obras e provar a existência, ainda que discreta ou até imperceptível, de uma interdiscursividade de cunho convergente.

A pampa enquanto espaço aberto, sem limites e levemente ondulado assume o papel de centro das atenções e inquietações que geraram desafios e provocações aos seus observadores e desbravadores ao longo da história.

Estas inquietações transitam tanto nos domínios simbólicos como não simbólicos; ciências e literatura procuram aferi-la, catalogá-la ou poetizá-la. A pampa adquire polissemia de terra, de Novo Mundo, de Velho Mundo, - na compreensão ameghiana-, ou mundo, um mundo totalizante, conforme o olhar do eventual observador. Pierre Jean Jouvett ao teorizar sobre a questão da poética, que não deixa de estar presente no processo cultural étnico segundo a antropologia simbolista ideacionista<sup>1</sup>, sugere: “A poesia é uma alma inaugurando uma forma” (BACHELARD, 1977, p.9).

---

<sup>1</sup> Esta escola prega que o comportamento humano de uma sociedade dada depende só de valores simbólicos, enquanto que a cultura teria completa independência de fatores ambientais ou adaptativos. Já o seu oponente, a antropologia materialista, evolucionista e adaptacionista, muito embora não negue a importância do simbólico, defende a procedência dos fatores ambientais para modelar o processo de uma cultura (NEVES, PILÔ, 2008).

Bachelard (1977) ainda acrescenta que mesmo que a forma fosse conhecida, percebida e talhada em lugares comuns, ela seria, diante da luz poética interior, um simples objeto para o espírito, porém a alma detém o poder de inaugurar, habitar e deleitar-se com ela. Berger (1999), por sua vez, argumenta que ver precede as palavras e que o ato de ver estabelece nosso lugar no mundo circundante: “Explicamos esse mundo com palavras, mas palavras nunca poderão desfazer o fato de estarmos por ele circundados. A relação entre o que vemos e o que sabemos nunca fica estabelecida” (BERGER, 1999, p. 9). Assim, as inquietações presentes em ambos os autores argentinos, convergem, de alguma forma, para se transformar também em angústias existenciais. Em ambos os autores argentinos, a pampa é um lugar de prestígio como espaço geográfico continente para elaborações teóricas e abstrações simbólicas.

A pampa atinge um grau simbólico e se transforma num símbolo, um símbolo da cultura rio-platense, satisfazendo a definição proposta por Gadamer quem afirma: “A essência do símbolo é substituir ou estar em lugar de outra coisa” (EPSTEIN, 1997, p. 63) como também a levantada por Nadia Julien no seu “Dicionário dos símbolos” (1993) onde expressa que o símbolo é uma realidade concreta, um sinal tangível representando uma ideia abstrata, dificilmente acessível ao espírito humano, e que não deixa de resultar em uma verdade oculta.

Este poderoso símbolo já foi centro das atenções e inquietudes nas distintas formas de expressão. Já foi trabalhado, teorizado, abstraído, filosofado e refletido à altura dos teóricos e pesquisadores sobre o assunto, não só na literatura como também nas artes plásticas. No Rio Grande do Sul, Ernest Zeuner<sup>2</sup> produziu uma tela, na qual retrata o contraste dos velhos e novos meios de comunicação que modelaram a crosta pampiana, com seu estriado de redes de caminharia e trilhos, representados estes pela carreta puxada por bois, o trem, e o caminhão de carga, todos captados pelo olhar atento de um peão montado a cavalo, contrastando em um só momento o presente e o passado.

Já o pintor uruguaio Pedro Figari<sup>3</sup> recria a pampa através das suas manchas e cores expressivas e densas, e de cujo acervo pictórico nativista e campeiro

---

<sup>2</sup> Ernest Zeuner, 1895 – 1967, pintor, desenhista e ilustrador alemão radicado em Porto Alegre. O quadro em questão comentado forma parte do acervo permanente do MARGS.

<sup>3</sup> Pedro Figari Solari, 1861 – 1938, advogado, político, escritor, jornalista e pintor uruguaio. Começou a pintar com sessenta anos e cultivou um estilo próprio com reminiscências do impressionismo, mas caracterizado pela construção da imagem a partir de manchas espessas e pesadas.

destacam: “A pampa”, à sombra de umbus cinco cavalos pastam; “Na pampa”, um cavalo perto de um umbu; “Duelo crioulo”, a pampa como cenário de ajuste de contas entre dois gaúchos com um umbu como testemunha; “Assassinato de Quiroga<sup>4</sup>” uma das tantas variações da morte do caudilho argentino; e “Potros na pampa”, uma tropa de potros selvagens (?), descansa no vasto espaço do campo. Todos os óleos feitos sobre cartolina exploram e procuram retratar a vastidão, o silêncio e a natureza quase virgem das planícies inóspitas uruguaias que contam com a presença ostensiva do umbu.

Juan Manuel Blanes, artista nascido em 1830, ano da criação da primeira constituição do Uruguai, foi reconhecido tanto internamente como internacionalmente pela sua riqueza de detalhes no que diz respeito a sua leitura artística da pampa e, em especial, do seu principal morador: o gaúcho. As obras “A cativa”, 1880, o pranto de uma mulher branca perante o seu raptor, um indígena; “Entretenimento de gaúchos”, na frente da pulperia, um grupo de gaúchos joga baralho; “Cena campestre”, uma carreta faz uma parada no meio do campo a beira de um córrego; “O descanso”, um gaúcho descansa deitado na grama, do lado do seu cavalo; “Entardecer”, 1875, um gaúcho desopila, enquanto prepara um churrasco no meio da mata; “O vaqueano”, 1875, o gaúcho conhecedor de caminhos e atalhos, costumes, muito hábil e esperto nas suas tarefas; “A taba”, 1878, vários gaúchos tentam a sorte com este jogo; “A carreta”, uma carreta atolada denuncia o esforço dos bois e o desespero do carreteiro; e “Os três chiripás”, dois gaúchos e duas prendas encostados no palanque, em atitude de descontração são alguns recortes pictóricos do cotidiano que revelam a relação do homem com o bioma em questão.

Já na Argentina, vários pintores e artistas plasmaram a pampa nas suas telas e obras. Epaminonda Chiama (1844 – 1921) pintor italiano radicado em Buenos Aires explorou as naturezas mortas e temas religiosos, porém em “Rancho en la pampa”, óleo sobre tela, apresenta uma paisagem telúrica sem contornos definidos e com um toque de envelhecimento, com o qual conseguiu passar um sentimento de vastidão, silêncio e inércia pampianas: uma choupana, uma carreta, dois bois, a

---

<sup>4</sup> Facundo Quiroga, 1788 – 1835, militar, político e caudilho argentino e defensor do federalismo e autonomia das províncias argentinas contra o centralismo portenho, também conhecido por unitarismo. Domingo Faustino Sarmiento escreveu “Facundo: civilização ou barbárie” em 1845, uma tese sobre contrapõe a cidade representativa da civilização e o campo como cenário dos resquícios da barbárie. Borges assumirá o texto como um dos seus livros de cabeceira.

silhueta difusa de uma pessoa conformam uma ilha antrópica solitária na monotonia da paisagem. Esta obra, em especial, não esconde seu apelo primitivista com um cenário holocênico inicial.

Angel Dela Vella (1855 – 1903) na sua ótica realista resumiu bem o seu olhar da pampa com “Um alto na pampa” onde carretas fazem uma parada no meio da vastidão, e em “A volta dos indígenas” de 1892 que descreve uma horda indígena a cavalo após saquear uma fazenda, cujo maior motim aparenta ser o rapto de uma mulher branca. Tudo transcorre sob um céu escuro, complementando uma pampa desértica e bárbara. Em Dela Vella nem as carretas nem a teimosa presença do pioneiro desbravador conseguem transpor as condições naturais impostas pela pampa: o espaço sem fim e o autóctone aborígene.

Juan Ballester Peña (1875 – 1978) em “Pampa”, óleo sobre cartão, propõe uma pampa extrema: duas casinhas brancas contrastam no meio de uma vegetação (?) cinza interrompida pelo avanço de um deserto acobreado, tudo sob um céu cor chumbo que tende a se mimetizar com a pampa cinzenta e possivelmente erma.

Antonio Berni<sup>5</sup> (1905 – 1981) por sua vez, com a sua “A torre Eiffel na pampa” de 1930, mantendo uma discreta distancia do surrealismo, imaginou a famosa torre na pampa, sobressaindo da linha do horizonte, enquanto uma mulher morena e com fisionomia da Vênus de Milo olha para o eventual observador da tela, escutando música em uma vitrola. A predominância da cor amarela no solo da cena prenuncia uma natureza agreste e um verde inexistente: uma pampa desértica.

Por outro lado, Rubem Baima (1922) consagrado pintor paisagista rural apresenta uma pampa antrópica com a predominância de armazéns, casas antigas e chácaras limitados por caminhos de chão batido, prestigiando a presença do cavalo e denunciando a discreta população dos lugares. A urbanização chegou, porém não foi suficiente; os caminhos de chão batido, - como únicas estrias possíveis a serem arrancadas do solo pampiano -, nunca serão aperfeiçoados pelo advento do pavimento. Destacam do acervo de Baima: “Atardecer bonaerense”, “Atardecer pampeano”, “Almacén El Recreo”, “La tranquera” e “En el campo”.

Jorge Frasca, (1945) pintor realista contemporâneo com um estilo muito próximo do artista citado, em “Un viejo almacén”, “Almacén de Bragado”, “Almacén

---

<sup>5</sup> No Brasil, uma das suas obras mais famosas “Manifestação” de 1934 aparece em alguns textos de ensino fundamental e médio, nas disciplinas de História e Geografia. A obra lembra “Operários” de Tarsila do Amaral, de 1933.

de La pampa”, “Almacén santafecino”, “Trastienda”, “Tarde en Zapiola”, e “El puesto” entre outras telas, revela o contraste da vastidão da pampa, com arquiteturas que parecem resistir à passagem do tempo, mas que podem guardar dentro das suas paredes o inquietante segredo da ausência humana, tornando-se vestígios de um projeto de povoamento que não deu certo. Com efeito, não há pessoas nem muito menos animais domésticos, transformando o eventual observador das telas em uma testemunha de obras que se assemelham a monumentos que teimam em não desaparecer em meio de uma pampa incólume e eterna. Procede conjecturar que a produção pictórica de Frasca resulta como uma continuidade da obra do seu contemporâneo Ruben Baima no sentido de ser coerente com o processo paulatino de abandono do campo dos seus moradores para dar espaço a um êxodo rumo à capital bonaerense em busca de novas oportunidades de subsistência.

Na literatura brasileira, Erico Veríssimo escritor gaúcho autor da série literária “O tempo e o vento” composta por “O continente” de 1949; “O retrato” de 1951 e “O arquipélago” de 1961 recria ficcionalmente uma parte da história do Brasil, em especial a construção e história do Estado do Rio Grande do Sul desde o século XVIII ao século XIX, tendo como pano de fundo a pampa como espaço e matéria prima a desbravar para cristalizar os projetos e interesses de seus sucessivos povoadores. O romance histórico também reconstrói o surgimento do gaúcho como elemento social histórico híbrido, inserido nas disputas e conflitos das famílias que pretendem apossar-se do bioma e ilustra o processo e evolução do povoamento da parte mais austral do Brasil.

Já Ciro Martins com a sua trilogia “Sem rumo” 1937; “Porteira fechada”, 1944 e “Estrada nova”, 1954 que formam parte da “Trilogia gaúcho de a pé” retratam o homem das pampas rio-grandenses centrifugado e marginalizado pela nova ordem econômica, social e cultural, gerada pelo novo processo de industrialização e concentração urbana, tirando o gaúcho das pampas ancestrais para recolocá-lo numa outra pampa metamorfoseada pelo cimento e ferro, uma pampa antrópica.

José Enrique Rodó escritor, ensaísta e político uruguaio cultuou a defesa do latino-americanismo e estimulou a crítica à cultura imperialista e utilitarista norte-americana. No “Motivos de Proteo”, o literato inclui a sua visão da pampa e apresenta “*La pampa de granito*” onde ilustra este espaço como um espaço de sofrimento e sacrifício, um lugar ermo, desolado: um velho pai e as suas três

crianças, padecem o martírio da falência material e da escassez levada à inexistência do básico para a continuidade da vida:

Era una inmensa pampa de granito; su color, gris; en su llaneza, ni una arruga; triste y desierta; triste y fría; bajo un cielo de indiferencia, bajo un cielo de plomo. Y sobre la pampa estaba un vicio gigantesco; enluto, lívido, sin barbas; estaba un gigantesco viejo de pie, erguido como un árbol desnudo. Y eran fríos los ojos de este hombre, como aquella pampa y aquel cielo; y su nariz, tajante y dura como una segur: y sus músculos, recios como el mismo suelo de granito; y sus labios no abultaban más que el filo de una espada. Y junto al viejo había tres niños ateridos, flacos, miserables: tres pobres niños que temblaban, junto al viejo indiferente e imperioso, como el genio de aquella pampa de granito (RODÓ, 1972, p. 96 – 97)

Com efeito, a pampa encarna o espaço da vida, como um espaço de luta onde só a vontade ferrenha é capaz de gerar o milagre da sobrevivência perante tudo aquilo que é arcano e escuro: o arcano que diz respeito à ancestralidade do entorno, a antiguidade imemorial prévia ao nascimento do homem, enquanto o escuro provoca e tange a vontade e fé humanas. A pampa, ainda que figurativa, se mostra como instrumento que mede e avalia não só a adaptabilidade dos seus eventuais povoadores como também as suas forças morais, as suas ações munidas de altruísmo ou ignominia. A pampa de granito de Rodó é darwiniana, mas o autor uruguaio aposta na superação das restrições biológicas do ser humano para atingir uma existência de superação espiritual, decoro e bonomia. A pampa é o laboratório de teste, uma provação.

Godofredo Daireux<sup>6</sup> no seu livro “Los dioses de la pampa”, 1902, propõe a visita e a presença dos deuses da mitologia grega pela vasta pampa argentina. Porém em seu prólogo, o autor adverte para o leitor a futilidade da obra ao comentar que a mesma contem fantasias de perfeita inutilidade e não tem a intenção de fornecer conselhos práticos ou direções de cunho comercial ou industrial, e muito menos aventar pretensões filosóficas. O autor identifica o bioma como *La Diosa Pampa*, a deusa Pampa, e a qualifica de solitária. Mas contrariando o suposto espírito descompromissado com o qual Daireux justifica o propósito da obra, a sua

---

<sup>6</sup> Godofredo Daireux — Geoffroy François Daireux, París 1849 - Buenos Aires 1916, foi criador de gado, agricultor e fundador de povoados na campanha, entre eles a cidade que hoje leva seu nome, Daireaux, na província de Buenos Aires. Foi, também, docente, funcionário público, mecenas de artistas e crítico de arte, porém o seu lado mais notável foi o de escritor.

descrição da pampa já sugere a socioantropologia daqueles que optaram por se aventurar, ganhar espaço e afincar a sua presença na sua vastidão:

¿Con qué soñará la diosa solitaria? Ruda es, huraña, al parecer, como todos los solitarios que se quieren figurar, y quieren hacer creer que aman en realidad su soledad y su retiro. Y, con todo, es hermosa. Pregúntenle al Sol si no detiene, con admiración, su antorcha en sus poderosas formas; la Luna la mira con compasión, al ver sus encantos tan pobremente vestidos con los pocos adornos que le regala la Lluvia del cielo ¿Será desdeñosa? ¿Se querrá hacer desear? No; sólo que es, al contrario, injustamente desdeñada, y su sueño inconsciente es el de toda virgen: el de ser amada y de ser madre. Ignora por qué la desprecian; ansiosa, se pregunta por qué la dejan infecunda; si será por timidez o por indiferencia que rechazaron todos, hasta hoy, su amor. Resignada, espera, silenciosamente encerrada en su haraposa majestad al semi-dios que la quiera de veras, aunque la violente, brutal; pronta a entregarse al amante vencedor, brindándole a él y a las mil generaciones que engendre, los opíparos frutos de su inagotable fecundidad (DAIREAUX, 1902, p. 5-6).

O tangocanção incursionou, durante seu período de Ouro, também conhecido como período Fecundo, no território pampiano com várias músicas das quais destacam duas canções, “El aguacero” (Canción de la Pampa) de 1931, com letra de Juan González Castillo e música de Cátulo Castillo onde reza:

[...] Y la Pampa es un verde pañuelo,  
colgado en el cielo,  
tendido en el sol,  
como a veces resulta la vida  
sin sombras ni heridas,  
sin pena ni amor...  
El viento de la cañada  
trae gusto a tierra mojada  
y en el canto del viejo boyero  
parece el pampero  
soplar su dolor...[...]  
(GOBELLO, 1997, p .20)

enquanto em “Adiós pampa mía”, de 1945, letra de Ivo Pelay e música de Francisco Canaro e Mariano Mores pondera e reflete:

Adiós pampa mía!...  
Me voy camino de la esperanza.  
Adiós, llanuras que he galopado,  
Sendas, lomas y quebradas,  
Lugares donde he soñado.

Yo he de volver a tu suelo  
 cuando presienta  
 que mi alma escapa  
 como paloma hasta el cielo...  
 Adiós!  
 Me voy, pampa mía!...

Adiós!...  
 (GOBELLO, 1997, p. 22)

Em ambas as canções, a pampa é um complemento ontológico: em “El aguacero” a llanura é o depósito do vaivém afetivo e ético do seu eventual morador, a pampa transcende como testemunha. Já no “Adiós pampa mía”, a pampa propicia aos seus moradores a migração para um espaço melhor, mas cientes estes do seu impostergável retorno antes da finitude.

O próprio Jorge Luis Borges revela na sua ficção narrativa dos contos curtos *O fim* e *O sul* a sua subjetiva leitura da pampa. No primeiro conto, o escritor reflete: “Hay una hora de la tarde en que la llanura está por decir algo; nunca tal vez lo dice infinitamente y no lo entendemos, o lo entendemos pero es intraducible como una música...” (BORGES, 1994, p. 72). Já em *O sul*, há uma observação menos reflexiva e mais descritiva:

Vio (Juan Dahlman) casas de ladrillo sin revocar, esquinas y largas, infinitamente mirando pasar trenes; vio jinetes en los terrosos caminos, vio zanjas y lagunas y hacienda, vio largas nubes luminosas que parecían de mármol, y todas estas cosas eran casuales, como sueños en la llanura. También creyó reconocer árboles y sembrados que no hubiera podido nombrar, porque su directo conocimiento de la campaña era harto inferior a su conocimiento nostálgico y literario (BORGES, 1994, p. 83).

A sétima arte argentina não foi indiferente diante do desafio imposto pelo espaço sem fim. “O padre gaúcho”, de 1941, dirigido por Lucas Demare, recria o trabalho feito pelo padre José Gabriel Brochero<sup>7</sup> no extremo norte da pampa argentina, na província de Córdoba, mais exatamente na região do vale de Traslasierra, onde assumiu as necessidades do povoado, criando capelas, igrejas, escolas e uma casa de passagem para eventuais viajadores. Também abriu

---

<sup>7</sup> José Gabriel Brochero, 1840 – 1914, presbítero católico argentino. A sua doação pelo próximo foi tal que enfermou de lepra como resultado de conviver com enfermos e compartilhar o chimarrão. Por esta razão ficou cego e surdo antes de falecer. O papa Francisco o beatificou no ano de 2013.



caminhos e levantou pontes para encurtar as distancias entre os povoados. Procurou instruir e ilustrar os povoadores para tirar o melhor proveito do lugar, da terra, valorizando a natureza. No seu ideal de ocupação territorial de uso coletivo, chegou a enfretar, mais de uma vez, os latifundiários históricos da província. Na visão do padre gaúcho, a pampa é o espaço ideal para reivindicar a restauração do Éden bíblico. As bondades do bioma fornecem as condições necessárias para outorgar uma segunda chance para o homem e aprender a viver em harmonia individual e coletiva com a natureza e com o seu Criador.

Os longa metragens “Pampa bárbara” e “Pampa selvagem” procuraram ilustrar o vácuo ancestral da pampa como desafio a ser ocupado. O primeiro filme é uma produção argentina de 1945, dirigida por Lucas Demare e Arturo Fregonese. A trama acontece no meio da pampa argentina, por volta da metade do século XIX, num posto de avançada, onde é necessário trazer mulheres “voluntárias” da capital, Buenos Aires, para evitar a fuga dos seus soldados e o conseqüente fim do posto. A imensidão da pampa e as condições precárias para a subsistência, aliados ao ataque constante dos indígenas, fazem da pampa um lugar difícil de suportar. A monocromia do filme da época torna ainda mais patente a condição estética da pampa.

O segundo longa metragem, “Pampa selvagem” é uma produção argentina, espanhola e norte-americana de 1966, dirigida por Hugo Fregonese com roteiro de Homero Manzi, autor de varios tangos e milongas famosos como *Sur* (!), e Ulises Petit de Murat. A história se passa nos anos 1870, num forte perdido na pampa, que é o último posto de avançada da civilização ocidental. Um renegado decide subministrar armas e mulheres cativas aos indígenas para atacar a fortaleza e enfrentará um capitão com seus soldados. A policromia do filme esta vez ressalta a condição hollywoodiana da produção, negligenciando, de certo modo, o bioma que passa a ganhar condição de pano de fundo colorido.

“Os gaúchos judeus”, 1974, dirigida por Juan José Jussid, baseada na obra homónima de Alberto Gerchunoff<sup>8</sup>, retrata a imigração judaica à província de Entre

---

<sup>8</sup> Alberto Gerchunoff, Império Russo, 1883 – 1950, Argentina; escritor e jornalista, trabalhou no jornal *La Nación* durante muito tempo. Nos seus romances, procurou retratar a vida dos judeus na América latina. O próprio Jorge Luis Borges chegou a comentar: Fue un indiscutible escritor, pero el estilo de su fama trasciende la de un hombre de letras. Sin proponérselo y quizá sin saberlo, encarnó un tipo más antiguo: el de aquellos maestros que veían en la palabra escrita un mero sucedáneo de la oral, no un objeto sagrado.

Disponível em: <[http://www.pampaginga.com.ar/Pueblos/ENTRE\\_%20RIOS/gerchunoff.htm](http://www.pampaginga.com.ar/Pueblos/ENTRE_%20RIOS/gerchunoff.htm)>. Acesso em: 20.11.2014.

Ríos quase no fim do século XIX, vinda da Rússia por causa das perseguições antisemitas praticadas pelo próprio imperador Czar Alexandre III. As primeiras famílias aportaram na Argentina em outubro de 1888. Um ano mais tarde, inicia-se oficialmente a imigração judaica a través da Associação de Colonização Judaica do varão Mauricio de Hirsch quem comprou terras para milhares de judeus. A pampa torna-se uma segunda terra prometida para os imigrantes que deverão adquirir novos costumes ao se assentar em Villaguay na província de Entre Ríos:

La espera de aquella multitud evocaba en cada uno recuerdos borrosos. Cada uno veía la mañana en que abandonó el fosco imperio del zar y revivía la llegada a la tierra prometida, a la Jerusalén anunciada en las prédicas de la sinagoga y en hojas sueltas se proclamaba, en versos rusos, la excelencia del suelo:

*A Palestina y Argentina,*

*Iremos a sembrar,*

*Iremos, amigos, hermanos,*

*A ser libres y a vivir...*

(GUERCHUNOFF, 1975, p. 50).

“A intrusa”, filme argentino e brasileiro de 1979, dirigido por Carlos Hugo Cristensen, com música de Astor Pantaleón Piazzolla e baseado no conto curto homônimo de Jorge Luis Borges, narra a trágica história dos irmãos Cristian e Eduardo Nilsen e a jovem Juliana. Os irmãos descendentes de irlandeses e dinamarqueses estavam habituados a viverem sós no meio da campinha, num antigo casarão de tijolo visto, sem rebocar, cujas habitações não tinham outras comodidades que catres para deitar. Curtidos e formados pela barbárie crioula das lides duras e geralmente fora da lei, seus únicos luxos eram o cavalo, o facão de folha curta, as suas pilchas de gaúcho, o álcool da grapa<sup>9</sup> e uma carreta com uma junta de bois. Os irmãos se apaixonam pela mesma mulher de vida descompromissada, a levam para o casarão e concordam em repartir-se e compartilhá-la. Mas quando ambos percebem que o sentimento deles por ela ultrapassa a suas expectativas e põe em risco a relação entre irmãos, decidem vendê-la ao prostíbulo. Porém não conseguem por muito tempo viver sem ela, e tiram-na da prostituição e a levam a casa novamente. Pouco tempo passa e percebem que o relacionamento entre irmãos está se perdendo por causa da Julia. Breve, começam a enxergá-la

---

<sup>9</sup> Grapa, grappa ou graspa, bebida altamente alcoólica feita com o bagaço da uva originária da Itália, muito consumida historicamente em Argentina e Uruguai. Pode ser aromatizada com arruda e também com qualquer outro tipo de planta. Em Uruguai existe a produção industrial de grapa com mel.

como uma intrusa e decidem mata-la para reestabelecer e continuar a sua vida como era até então: uma relação homossexual<sup>10</sup> na solidão e o silêncio da pampa.

O cinema brasileiro e o uruguaio incursionaram, também, pelas suas pampas, “Anahy de las Misiones”, 1997, sob a direção de Sergio Silva, ambientada em 1839, durante a guerra entre os farrapos e o império, apresenta a jornada de uma mulher já curtida pelos conflitos regionais entre castelhanos e portugueses, que viaja sem um rumo certo com seus filhos numa carreta puxada por eles mesmos, pois os bois foram confiscados pelo exército farroupilha. A família itinerante vai catando os pertences dos mortos da guerra para negociar com eventuais compradores. A viagem entre dúvidas, incertezas, mortes, injustiças e a espera imprevista de um nascimento se torna, aos poucos, numa jornada introspectiva, em busca de respostas que parecem encontrar-se no deslocar constante pelo espaço pampiano. A aparição inesperada do lanchão Seival, - um dos dois lanchões construídos pelos farrapos -, no meio dos campos, carregado num carro com seis rodas e puxado por uma centena de juntas de bois é simbolicamente um dos picos do filme: a carga semântica da pampa é tão aberta quanto a sua própria vastidão, que ainda paradoxal, a pampa propicia o transporte de uma embarcação naval: a pampa vira mar, o mesmo mar que existiu no lugar, há milhões de anos atrás. Já quando Anhy se depara com um lodaçal no meio do caminho, a lembrança da morte recente do seu filho assassinado por um farrapo irrompe. Anahy unta as suas mãos com o barro e o esfrega pelo seu corpo, se joga nele, enquanto chora e grita impotentemente; o mesmo barro que Deus empregou para dar vida ao ser humano; o barro como possibilidade de nova criação, talvez sejam os pensamentos relâmpagos que se sucedem no mais íntimo de Anahy. Mas o final da sua jornada errática é o mais inquietante como premonitório do filme: uma toma aérea permite ver que, sem saber, a carreta se dirige direto rumo ao precipício dos cânions. O fim do gaúcho enquanto etnia híbrida?!

Já “Lua de outubro”, foi primeira produção filmica em conjunto do Mercosul, Argentina, Brasil e Uruguai, 1997, baseada no conto homônimo que compõe “Cavalos do amanhecer” do escritor uruguaio Mario Arregui, sob a direção de Henrique Freitas Lima. A história se ambienta no Rio Grande do Sul, no ano de

---

<sup>10</sup> Procede teorizar na suposta e possível existência de uma relação homoafetiva muito sutil e implícita entre os irmãos, mas o autor desta tese usa o termo não nesse sentido, mas na postura dos mesmos de cuidar seu convívio e zelo pelo seu próprio relacionamento.

1924. Terminada a Revolução de 1923 entre republicanos e federalistas, o capitão republicano Pedro Arzábal, procura paz e sossego e como recompensa pela sua bravura e entrega no conflito interno entre chimangos e maragatos, ele ganha a posse de algumas terras, na fronteira com o Uruguai, então governado pelo presidente colorado engenheiro José Serrato. Ao chegar à região fronteira, onde pretende estabelecer-se, ele se depara com a figura de Don Marcial López, chefe político da região, não muito disposto a compartilhar seus bens com forasteiros. Além de novos desafios e a iminência de confrontações, conhece a “la Niña” Leonor, filha de Don Marcial, que também está chegando, acompanhada de uma freira do colégio onde esteve interna. Todos percebem que a sua volta para casa ocorreu em função de algo grave que lá aconteceu. A pampa se torna um novo palco de disputas e reivindicações pelo direito à posse da terra, enquanto a presença enigmática da Niña Leonor leva ao extremo o confronto das paixões, desentendimentos, cobranças e traições, algo que se apresenta como o cotidiano humano na pampa.

Em “El último tren”, também conhecido por “Corazón de fuego”, produção argentina, espanhola e uruguaia, 2002, dirigida por Diego Arsuaga; um abastado diretor de Hollywood compra uma velha locomotiva uruguaia do século XIX, para o seu novo filme. A entidade sem fins de lucro Asociación Uruguaya Amigos del Riel<sup>11</sup> se opõe à transação e num intento desesperado para não perder a máquina (“El patrimonio no se vende”, reza o cartaz colocado na traseira da locomotiva) a roubam. Três idosos integrantes da associação e uma criança fogem para o interior de Uruguai, enquanto a policia se mobiliza para a sua captura. A vastidão dos campos e pequenos povoados perdidos e esquecidos, outrora prósperos e ligados à metrópole graças ao trem -, testemunham a passagem vertiginosa da locomotiva movida pelo idealismo dos seus eventuais foguistas e o entusiasmo e pureza do menino. Por questões de segurança, os idosos decidem fazer descer o menino numa estação e deixa-lo aos cuidados da esposa do foguista. Na sequência, um dos idosos de um momento para outro, sucumbirá aos sintomas do Mal de Alzheimer e deverá abandonar a sua cruzada libertadora numa parada obrigatória para abastecer a locomotiva de água. A pampa é o passe livre, o salvo conduto, enquanto o destino derradeiro da locomotiva num inesperado fim de linha localizado nas

---

<sup>11</sup> AUAR, entidade criada em 1954 que cultua e luta pela manutenção, modernização e extensão do transporte ferroviário urbano e nacional uruguaio.

proximidades de um povoado, nem seus próprios maquinistas, embargados de idealismo, imaginam poder acontecer.

Em “Artigas, la redota<sup>12</sup>” produção uruguaia de Cesar Charlone, 2011, a pampa uruguaia é o cenário do êxodo do povo da Banda Oriental<sup>13</sup>, insatisfeito e inconformado com a Coroa Espanhola e o governo centralista e oportunista de Buenos Aires. Sob as ordens de José Gervasio Artigas, uma coluna composta por umas oito mil pessoas e mil carroças parte de Montevideo rumo ao Norte, percorrendo quase trezentos quilômetros. No andar no meio da pampa, começa a se prefigurar a ideia e sentimento da procura de uma identidade e, breve, a necessidade da criação de um novo povo livre, autônomo e soberano entre duas grandes potencias: a coroa portuguesa e a recente independizada Argentina.

E finalmente, a paleontologia, por sua vez, além de estudar o histórico geológico e paleobiologia deste bioma, lhe brinda um tributo e reconhecimento, e o incorpora na taxonomia ao batizar duas espécies oriundas do mesmo, porém de diferentes eras geológicas: o *pampaphoneus biccai*<sup>14</sup>, que significa “matador das pampas” e o *pampatherium typicum*<sup>15</sup>, “besta das pampas” respectivamente.

Mas os campos não simbólicos, como a geografia, a história e a filosofia entre outros trazem a sua outra ótica da pampa sob um olhar científico.

---

<sup>12</sup> Corruptela do termo *derrota*.

<sup>13</sup> Em maio de 1810, Buenos Aires rompe com a Coroa Espanhola e proclama a sua independência, cria uma Junta Provisória que em 1812, será substituída por Triunvirato composto por Feliciano Chiclana, Juan José Paso e Manuel de Sarratea. Na Banda Oriental, Montevideu a metrópole continua fiel à Coroa, enquanto que o interior descontente pelo abandono e os altos impostos se subleva. A capital é sitiada por Buenos Aires que pretende administrar e controlar este lado do Rio da Prata. Artigas decide não mais servir a Espanha e propõe um êxodo para o Norte. A coluna está formada por famílias, pequenos comerciantes e militares. No caminho, se somam os povoados, gaúchos, e indígenas. As propriedades são queimadas e deixados para trás. A caravana atinge quase oito mil pessoas. A Coroa Portuguesa, sob a administração de João VI, segue com atenção o desfecho dos acontecimentos, com o intuito de aproveitar o melhor momento e anexar a Banda Oriental. O evento remete ao êxodo do povo judeu na sua saída de Egito, e permite ver, na postura do seu idealizador José Gervasio Artigas, um discurso convergente com o fato do Antigo Testamento, como também com o Novo Testamento ao expressar durante as suas lutas: “Que os mais humildes sejam os mais privilegiados...” parafraseando umas das bem-aventuranças de Jesus no sermão do monte: “Bem-aventurados os humildes porque eles herdarão a terra...”, Mateus, 5:5.

<sup>14</sup> Espécie de dinocéfálio (cabeça grande), lagarto ou sauro com cabeça grande, da era Paleozóica que viveu na região sul do Brasil; descoberto na Formação Rio do Rasto, São Gabriel, Rio Grande do Sul, que data entre 252 a 270 milhões anos atrás, no período Permiano. Estima-se ter atingido uns 3 metros de comprimento.

<sup>15</sup> Espécie de tatú gigante que viveu há aproximadamente 11 anos atrás e foi contemporâneo dos primeiros habitantes que aportaram por esta região, e foi descrito no capítulo II.

#### **4.1 A PAMPA SOB OLHAR DO RAIO X DOS ESTUDOS DESCRITIVOS: SIR CHARLES DARWIN, O SR. PRESIDENTE DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO, DR. ROMAIN GAINARD E O FILÓSOFO EZEQUIEL MARTÍNEZ ESTRADA...**

As inquietações e expectativas das ciências para teorizar e descrever o fenômeno geomorfológico denominado pampa começam a ganhar espaço nos círculos científicos por volta da segunda metade do século passado.

Charles Darwin durante a sua viagem pelo mundo no HMS Beagle que durou quatro anos, aportou na região do Prata, primeiro em Argentina e logo em Uruguai. Na sua estadia em território argentino, estudou a flora e fauna ficando surpreso com a existência de duas espécies de avestruz sul-americanos encontrados ao Norte da Patagônia, como também as espécies desaparecidas, em especial a megafauna. Em decorrência dos seus estudos e observações em terra firme à procura de novos fósseis, o cientista inglês teve oportunidade de conhecer e percorrer pessoalmente as vastas lhanuras que dão origem a pampa. Sobre as suas primeiras impressões da mesma, Charles Darwin destaca uma permanente monotonia geológica:

A grande vantagem das depressões e das elevações do solo não é frequentemente trazida à mente. As duas fontes miseráveis na longa passagem entre os rios Negro e Colorado deviam-se aos insignificantes declives nas planícies; sem eles, nem uma gota de água seria encontrada (DARWIN, 2008, p. 96).

Darwin ainda salienta que a uniformidade da cor percebida no entorno provoca uma extrema monotonia na paisagem, pois o cinza esbranquiçado das rochas de quartzo e o marrom claro das discretas relvas da planície dominam tudo sem uma única nota brilhante. Mas é a condição de planitude que Darwin levanta nos seus registros de viagem:

Por muitos quilômetros a Norte e a Sul de San Nicolas e Rosário, a terra é realmente plana. Quase nada que viajantes tenham escrito sobre sua extrema planura pode ser considerado um exagero. Ainda assim, nunca consegui me encontrar em um ponto de onde não se vissem objetos mais distantes nessa direção do que naquela, o que prova de modo evidente, a existência de irregularidades na planície. No mar, se os olhos de uma pessoa estiverem fixos a um metro e oitenta da superfície da água, verão o horizonte a distancia de quatro quilômetros e meio. Desta maneira, quanto mais lisa a planície, mais o horizonte se aproximará desses justos limites. Este fato, em minha opinião, destrói inteiramente a grandeza que alguém poderia ter

imaginado de uma vasta planície horizontal (DARWIN, 2008, p.154 – 155).

Por outro lado, o paleontólogo não esconde seu pavor e horror ao tomar conhecimento dos massacres provocado entre as tropas do General Rosas e as tribos autóctones tidas como selvagens:

O espanhol que trouxe as ordens para a expedição era um homem muito inteligente. Deu-me um relato do ultimo combate em que esteve presente. Alguns índios, que tinham sido feitos prisioneiros, deram informações sobre uma tribo que vivia ao norte do Colorado<sup>16</sup>. Duzentos soldados foram mandados, e eles acabaram descobrindo os índios por causa de uma nuvem de poeira erguida pelas patas de seus cavalos enquanto tentavam escapar. A região era muito montanhosa e ventosa, e tal fato deve ter ocorrido muito para o interior, pois a cordilheira estava visível. Os índios, homens, mulheres e crianças, eram em um número de aproximadamente 110, e foram quase todos presos ou mortos, pois os soldados passam a espada em todos os homens... Um índio agonizante mordeu o dedão do seu adversário e preferiu ter o olho arrancado a aliviar a pressão dos dentes... esse é um quadro negro, mais muito mais chocante é o fato inquestionável de que todas as mulheres que aparentam estar com mais de vinte anos são mortas a sangue-frio! Quando exclamei que isso parecia muito desumano, ele respondeu: Por quê? O que se pode fazer? Eles se reproduzem tanto! (DARWIN, 2008, p. 126 – 127).

Já o elemento típico das pampas o gaúcho, além do aborígene autóctone, foi pela primeira vez entusiasticamente descrito por ocasião da passagem de Darwin pela aldeia de Las Minas<sup>17</sup>, então Banda Oriental, hoje Uruguai:

Passamos a noite numa *pulpería* ou bodega. Ao entardecer, numerosos grupos de gaúchos vinham a beber e fumar. Esses indivíduos possuem aparência muito notável. São geralmente altos e elegantes, mas tem na fisionomia uma expressão de altivez e desilusão que lhes cai mal. Eles frequentemente usam bigodes, e os cabelos lhes caem pelas costas em longos cachos negros. Com suas vestimentas de um colorido vivo, as grandes esporas tilintando no salto das botas, a faca enfiada na cintura como punhal (e comumente usada com tal fim) eles parecem pertencer a uma raça de homens muito diferente da que se poderia esperar a partir do nome que levam, gaúchos, ou simplesmente homens do campo. São extremamente corteses. Nunca levam o copo aos lábios sem esperar que você o faça primeiro, mas com a mesma facilidade com que se

<sup>16</sup> Rio Colorado, um dos principais rios argentinos que atravessa as províncias de Mendoza, Neuquén, La Pampa, Rio Negro e Buenos Aires.

<sup>17</sup> Minas, hoje é a capital do departamento ou município de Llavalleja e se situa na região sul de Uruguai.

curvam no seu gracioso cumprimento, parecem dispostos, caso a ocasião o ofereça, a cortar a sua garganta (DARWIN, 2008, p.60).

Mas para além das planícies e lhanuras monótonas, quase que sem árvores, e a ação antrópica dos indígenas, gaúchos e povoadores descendentes de espanhóis, para Charles Darwin existe outro referencial de não menos prestígio para identificar a pampa, referencial este identificado com as suas pesquisas em paleobiologia:

Acredito que uma linha reta traçada em qualquer direção pelos pampas passaria por muitos esqueletos ou ossos. Além desses que encontrei durante minhas curtas excursões, ouvi falar de muito outros, e isso explica a origem óbvia de nomes tais como “o córrego do animal”, “a colina do gigante”. Outras vezes, ouvi falar de propriedades maravilhosas de certos rios que tinham o poder de transformar ossos pequenos em ossos grandes, ou como alguns sustentavam, nos quais os ossos cresciam espontaneamente... **Podemos assim concluir que toda a área dos pampas é um grande sepulcro de desses extintos e gigantes quadrúpedes** (grifo do autor) (DARWIN, 2008, p. 188).

Domingo Faustino Sarmiento Albarricín, antes de ocupar o cargo de presidente de Argentina entre os anos 1868 e 1874, foi professor, diretor de escola, escritor, jornalista, senador, sociólogo, diplomático e governador. Da sua produção literária, destaca “Facundo” também intitulado como “Civilização e barbárie”, lançado em 1845, quase dez anos após os estudos realizados por Charles Darwin, cujo título faz referência a Juan Facundo Queiroga, um dos líderes e caudilhos das guerras internas. O ensaio histórico aborda os aspectos físicos, características e população da Argentina, junto com os processos e levantamentos revolucionários de Maio de 1810, os posteriores conflitos sociais, o governo Unitário, o porvir da nação e finalmente as proclamas de Quiroga. Mas “Civilização e barbárie” foca seu discurso e discussão sobre o conceito de civilização a partir de uma ótica etnocentrista que rejeita e não reconhece toda manifestação que não comungue com os cânones e padrões de vida europeus surgidos com a segunda fase da Revolução Industrial.

Com efeito, Sarmiento defende um ideal de país onde não há espaço nem para o indígena autóctone nem para o gaúcho, que pelo próprio escritor são tratados com desprezo e subestimação. Do indígena, Sarmiento manifesta com veemência: “Al Sur y al Norte, acénchanla los salvajes que aguardan las noches de luna para



caer, cual enjambre de hienas, sobre ganados que pacen en los campos y en las indefensas poblaciones (SARMIENTO, 1964, p. 24).

Já do gaúcho, após suas observações de campo, valia a redundância, classifica-lo pelos seus hábitos, costumes, afazeres e atividades em quatro grupos: o rastreador, o vaqueano, o cantor e o gaúcho ruim, Sarmiento salienta:

La vida del campo, pues, ha desenvuelto en el gaucho las facultades físicas, sin ninguna de las de la inteligencia. Su carácter moral se resiente de su hábito de triunfar de los obstáculos y del poder de la naturaleza; es fuerte, altivo, enérgico. Sin ninguna instrucción, sin necesitarla tampoco, sin medios de subsistencia como sin necesidades, es feliz en medio de su pobreza y de sus privaciones, que no son tales para el que nunca conoció mayores goces ni extendió más altos sus deseos, de manera que si esta disolución de la sociedad radica hondamente la barbarie por la imposibilidad y la inutilidad de la educación moral e intelectual, no deja, por otra parte, de tener sus atractivos. El gaucho no trabaja; el alimento y el vestido lo encuentran preparado en su casa; uno y otro se lo proporcionan sus ganados, si es propietario; la casa del patrón o pariente, si nada posee. (SARMIENTO, 1964, p. 42 y 43).

Para reafirmar as suas conclusões sobre este elemento social, Sarmiento adere às impressões de Walter Scott<sup>18</sup>

Las vastas llanuras de Buenos Aires, - dice-, no están pobladas sino por cristianos salvajes conocidos bajo el nombre de *huachos*<sup>19</sup> (por decir gauchos), cuyo principal amueblado consiste en cráneos de caballos, cuyo alimento es carne cruda y agua, y cuyo pasatiempo favorito es reventar caballos en carreras forzadas. Desgraciadamente, - añade el buen gringo-, prefirieron su independencia nacional a nuestros algodones y muselinas (SARMIENTO, 1964, p. 32).

E Sarmiento ainda arremata sobre a etnologia sul-americana:

Las razas americanas viven en la ociosidad, y se muestran incapaces, aun en medio de la compulsión, para dedicarse a un trabajo duro y seguido. Esto sugirió la idea de introducir negros en América. Pero no se ha demostrado mejor dotada de acción la raza

<sup>18</sup> Walter Scott, 1771 – 1832, Reino Unido, escritor tido como o criador do romance histórico. Das suas obras destacam “Ivanoe” 1818; “The fortunes of Nigel”, 1822, e “The life of Napoleon Buonaparte”, 1827 em especial.

<sup>19</sup> *Huachos*, plural de huacho, termo indígena que significa sem pai nem mãe. Charles Darwin (2008) menciona o termo ao falar dos ovos de avestruz americano que ficam abandonados e sem chocar. Ainda, com o passar do tempo, este termo se transformou em guacho, no Rio da Prata como sinónimo de garoto garota.

española cuando se ha visto en los desiertos americanos abandonada a sus propios instintos (SARMIENTO, 1964, p. 32 – 33).

Mas, por outro lado, segundo Maglio (1999) Sarmiento deixou clara a sua abominação pelo gaúcho em outros termos menos críticos e mais arbitrários, por ocasião de uma carta dirigida ao então presidente Bartolomé Mitre, em 20 de setembro de 1861 na qual expressa:

Se nos habla de gauchos... La lucha ha dado cuenta de ellos, de toda esa chusma de haraganes. No trate de economizar sangre de gauchos. Este es un abono que es preciso hacer útil al país. La sangre de esta chusma criolla incivil, bárbara y ruda, es lo único que tienen de seres humanos.<sup>20</sup>

Quatro dias mais tarde, em outra missiva dirigida ao presidente, o seu tom ainda foi mais taxativo como agressivo:

Tengo odio a la barbarie popular... La chusma y el pueblo gauchos nos es hostil... Mientras haya un chiripá no habrá ciudadanos, ¿son acaso las masas la única fuente de poder y legitimidad? El poncho, el chiripá y el rancho son de origen salvaje y forman una división entre la ciudad culta y el pueblo, haciendo que los cristianos se degraden... Usted tendrá la gloria de establecer en toda la República el poder de la clase culta aniquilando el levantamiento de las masas.<sup>21</sup>

Mas no centro mesmo da dicotomia levantada pelo político argentino, civilização x barbárie, encontram-se dois espaços antagônicos que conformam os territórios da nação: a cidade e o campo, ou a cidade e a pampa. De fato, Sarmiento exterioriza um sentimento de preconceito e rejeição perante toda forma alternativa que fuja ao modelo da metrópole, uma metrópole cujas raízes não são em momento algum de cunho americano:

La ciudad es el centro de la civilización argentina, española, europea; allí están los talleres de las artes, las tiendas del comercio, las escuelas y colegios, los juzgados, todo lo que caracteriza, en fin, a los pueblos cultos. La elegancia en los modales, las comodidades del

<sup>20</sup> MAGLIO, 1999. Disponível em: <<http://www.fmmeduacion.com.ar/Historia/Notas/sarmiento.htm>>. Acesso em: 24.12. 2014.

<sup>21</sup> MAGLIO, 1999. Disponível em: <<http://www.fmmeduacion.com.ar/Historia/Notas/sarmiento.htm>>. Acesso em: 24.12. 2014.

lujo, los vestidos europeos, el frac, y la levita, tienen allí su teatro y su lugar conveniente. (SARMIENTO, 1964, p. 33 y 34)

Sobre o entorno que predomina fora do casco urbano, a campina, o campo, a pampa e os seus eventuais habitantes, o pensador argentino afirma:

Todo lo que hay de civilizado en la ciudad está bloqueado allí, proscrito afuera; y el que osara mostrarse con levita, por ejemplo, y montando silla inglesa, atraería sobre sí las burlas y las agresiones brutales de los campesinos. (SARMIENTO, 1964, p. 34).

Sobre a pampa e a sua continuação natural a Patagônia, Sarmiento reconhece o desafio imposto pelo espaço vácuo num país de dimensões continentais:

La inmensa extensión de país que está en sus extremos, es enteramente despoblada, y ríos navegables posee que no ha surcado aún el frágil barquichuelo. El mal que aqueja a la República Argentina es la extensión; el desierto que rodea por todas partes y se le insinúa en las entrañas; la soledad, el despoblado sin habitación humana, son por lo general los límites incuestionables entre unas y otras provincias. Allí, la inmensidad por todas partes; inmensa la llanura, inmensos los bosques, inmensos los ríos, el horizonte siempre incierto, siempre confundiéndose con la tierra entre celajes y vapores tenues que no dejan en la lejana perspectiva señalar el punto en que el mundo acaba y principia el cielo (SARMIENTO, 1964, p. 23 e 24).

E a raiz desta realidade, Sarmiento divide basicamente o país em três fisionomias distintas e bem identificadas, a região Norte, a região Central e a região Sul. Sobre esta última que diz respeito à pampa e Patagônia, acrescenta:

... al Sur, triunfa la pampa y ostenta su lisa y velluda frente, infinita, sin límite conocido, sin accidente notable; es la imagen del mar en la tierra; la tierra como en el mapa; la tierra aguardando todavía que se la mande producir las plantas y toda clase de simiente (SARMIENTO, 1964, p. 25).

E é na pampa onde Sarmiento localiza e identifica o que ele denomina de barbárie: “La vida primitiva de los pueblos, la vida eminentemente bárbara y estacionaria, la vida de Abraham, que es la del beduino de hoy, asoma en los campos argentinos, aunque modificada por la civilización de un modo extraño (SARMIENTO, 1964, p. 35). Mais enfático, Sarmiento como professor conclui:

El progreso moral, la cultura de la inteligencia descuidada en la tribu árabe o tártara, es aquí, no sólo descuidada, sino imposible ¿Dónde colocar la escuela para que asistan a recibir lecciones los niños diseminados a diez leguas de distancia en todas direcciones? Así, pues, la civilización es del todo irrealizable, la barbarie es normal, y gracias si las costumbres domésticas conservan un corto depósito moral. La religión sufre las consecuencias de la disolución de la sociedad; el curato es nominal, el púlpito no tiene auditorio, el sacerdote huye de la capilla solitaria, o se desmoraliza en la inacción y en la soledad; los vicios, el simoniacismo, la barbarie normal, penetran en su celda y concierten su superioridad moral en elementos de fortuna y de ambición, porque al fin concluye por hacerse caudillo de partido (SARMIENTO, 1964, p. 37 – 38).

As teses de Domingo Faustino Sarmiento consolidaram um binômio que chegou até nossos dias: o binômio campo/gaúcho. Se bem que estudos posteriores demonstraram as teses de Sarmiento<sup>22</sup> intencionais e arbitrárias, um resíduo de preconceito restou para com o mesmo.

Um século e meio mais tarde, Gaignard<sup>23</sup> (1989) apresenta um estudo minucioso que ele denomina a aventura humana durante o processo de chegada, ocupação, apropriação e posterior exploração do território em questão, desde 1530 até 1930, ano do Golpe de Estado do gral. Uriburu contra o então presidente constitucional do Partido Radical, Hipólito Yrigoyen. Gaignard comenta sobre o processo de apropriação dos solos pampianos no momento da chegada dos espanhóis:

(los españoles) se sentían desamparados frente a este nuevo océano, temible por su inmensidad, su forma plana, la ausencia de puntos de referencia, cursos de agua bien organizados más allá del río Salado, y por la presencia, en alguna parte en las hierbas altas y las depresiones de las dunas, de indios, sin duda muy poco numerosos, pero peligrosos por su movilidad y su inaccesibilidad (Gaignard, 1989, p. 198).

Gaignard reconstrói o processo histórico da Argentina e o avanço ao Sul, à fronteira que, na visão do autor, não é de fato uma fronteira de ocupação e sim de apropriação. O pesquisador francês teoriza que a independência argentina abre uma

---

<sup>22</sup> Martínez Estrada (1991) defende que Sarmiento criou as bases de uma pseudoestrutura de civilização e não percebeu que civilização e barbárie eram a mesma coisa, como forças centrífugas e centrípetas de um sistema em equilíbrio. Também não enxergou, continua o filósofo argentino, que a cidade era como o campo e que dentro dos corpos novos reencarnavam as almas dos mortos.

<sup>23</sup> Romain Gaignard, francês, Doutor em Geografia pela Academia Nacional de Agronomía y Veterinaria de Argentina.

nova etapa no processo de conquista e exploração da pampa. Entre 1830 a 1850 três fenômenos marcam esta fase inicial: os terrenos habitados duplicam a sua extensão; o modo de produção baseado na grande propriedade e criação do gado extensivo se afirma de maneira definitiva, enquanto o Estado nascente se dobra ao seu serviço; e por último, devido à liberdade do comércio marítimo, será a demanda do mercado internacional e em especial as demandas da Grã Bretanha que conduzirão a expansão e exploração do território argentino.

O espaço se torna a única riqueza e moeda forte de troca da classe dominante. A riqueza das oligarquias é o espaço, e o solo se mostra infinitamente disponível. Porém com o decorrer da evolução do país, os governos provinciais e mais tarde federais abusam desta riqueza natural e distribuem a terra aos seus protegidos e protetores. Por outro lado, o déficit do tesouro provincial ou nacional era equilibrado com a venda de milhares de quilômetros quadrados. Assim qualquer serviço se pagava em léguas quadradas e, muito em breve, o espaço potencialmente argentino ocupado pela presença ancestral do elemento autóctone indígena passa a ser o pagamento para a quitação dos empréstimos contraídos com os bancos ingleses. Os indígenas se constituem um obstáculo para continuar usufruindo a terra ainda existente. No final da sua mensagem de abertura das sessões do Congresso Nacional em 1º de maio de 1876, o então presidente argentino Nicolás Avellaneda expressou sobre a questão dos empréstimos:

Los tenedores de bonos argentinos deben, a la verdad, reposar tranquilos. La República puede estar dividida hondamente en partidos internos; pero no tiene sino un honor y un crédito, como sólo tiene un nombre y una bandera ante los pueblos extraños. Hay dos millones de argentinos que economizarían hasta sobre su hambre y sobre su sed, para responder en una situación suprema a los compromisos de nuestra fe pública en los mercados extranjeros.<sup>24</sup>

E assim, em 1879 começa a conquista do deserto, outro termo aplicado à pampa, que acabaria com o extermínio indígena e uma grande parte do outro elemento social indesejado: o gaúcho. Bastaram três anos para repartir o espaço utilizável, e as terras acabariam nas mãos de uns poucos proprietários principalmente os credores de dívidas e empréstimos de guerra, compradores nos

---

<sup>24</sup> Disponível em: <[http://constitucionweb.blogspot.com.br/2010/09/mensaje-del-presidente-de-la-republica\\_25.html](http://constitucionweb.blogspot.com.br/2010/09/mensaje-del-presidente-de-la-republica_25.html)>. Acesso: 24.12.2014.

leilões e oficiais de alta patente que participaram na campanha da conquista do deserto e foram posteriormente recompensados. Com feito, o pesquisador francês afirma:

La conquista del desierto se inscribe en el marco de un conjunto de medidas que apuntan a crear un Estado argentino equipado jurídicamente y que cubra con su autoridad el conjunto del espacio nacional, de modo de ofrecer a los inversores europeos el estado de derecho y de paz que esperan (GAINARD, 1989, p. 331).

A diagramação do projeto urbanístico subordinado às expectativas e interesses dos países industrializados pode se perceber na localização da malha ferroviária:

Los ramales se multiplican de modo que no dejan ninguna explotación agrícola a más de 20 km de una estación; la malla se hace menos tupida en las zonas exclusivamente pastoriles, por ejemplo en el sureste y centro-sur de la provincia de Buenos Aires. Hacia el este las líneas van a morir en la estepa, junto a un campo de médanos o una laguna, punta de rieles que marca el límite de la zona donde aridez impide el cultivo (GAINARD, 1989, p. 1989).

Gaignard destaca e traça o histórico da família Anchorena: umas das fortunas pessoais ou representando para alguns a maior fortuna do período. A fortuna era de tal magnitude e de domínio e conhecimento público que o poeta Estanislao del Campo<sup>25</sup> a menciona no seu poema “Fausto” pela boca do próprio diabo:

[...] si quiere plata tendrá,  
Mi bolsa está siempre llena,  
Y más rico que Anchorena,  
Com decir quiero, será [...]  
(DEL CAMPO, 2007, p. 53 – 54).

Com a chegada massiva de imigrantes europeus no primeiro quarto do século XX, procurando por um mundo novo, as terras não estariam mais disponíveis para compra e sim em condição de arrendamento. Gaignard ainda remata no seu ensaio

---

<sup>25</sup> Estanislao del Campo, Buenos Aires, 1834 – 1880, militar, funcionário de governo e escritor. Após ter assistido a obra “Fausto” no Teatro Colón em 1866, decide escrever seu “Fausto” conhecido como “Fausto criollo”.

sobre a pampa que a incompletude da Argentina<sup>26</sup> como um Estado rico e independente se deve ao desastroso e desumano gerenciamento da mesma e à subserviência da sua classe política dominante perante os interesses do capital internacional.

Porém da maioria dos estudos e análises existentes sobre a pampa enquanto espaço geológico, orográfico com seu posterior processo antrópico, os ensaios de Enrique Martínez Estrada<sup>27</sup> ainda continuam como referências obrigatórias pelo seu enfoque multidisciplinar que aborda a pampa como espaço milenar e espaço de habitação humana, desde a perspectiva da geologia, paleontologia, história, sociologia, filosofia e psicologia entre outras disciplinas.

Martínez Estrada no seu ensaio “Radiografía de la Pampa” promove a sua tese sobre o bioma em debate a partir da chegada do espanhol conquistador, munido do seu etnocentrismo e a sua figuração utópica do Novo Mundo que não correspondeu com a realidade que enfrentou: um mundo governado por forças primitivas, ainda que procurou preenche-lo com suas crenças, seus símbolos, seus signos e seus referenciais.

A condição socioeconômica precária daqueles que aportaram na América colonial se denunciava pela quase inexistente ilustração, inteligência torpe e seu léxico pobre, condições estas que determinariam um poder imaginativo limitado e sem serventia para equacionar a sua nova condição de vida.

Martínez Estrada não só enxerga a pampa como classe geológica de relevo, mas também com a própria Argentina enquanto país Estado. Ao falar da pampa, o pesquisador fala da Argentina, pois não só o país descansa majoritariamente no solo das pampas como também o inconsciente coletivo tanto do portenho<sup>28</sup> como do argentino provinciano decodifica a pampa como o lugar, o lugar pátrio, teatro ou cenário de confrontos onde se gestou a pátria.

---

<sup>26</sup> Os documentários históricos “La república perdida” I, de 1983 e “La república perdida” II, de 1986 ambos dirigidos por Miguel Aníbal Pérez, retratam o último processo militar argentino como desembocadura e fechamento final de um longo histórico de injustiças sociais que não permitiram a criação e a existência de um sistema minimamente democrático.

<sup>27</sup> Enrique Martínez Estrada, Argentina, 1895 – 1964, escritor, poeta, ensaísta, crítico literário e biógrafo, recebeu duas vezes o Premio Nacional de Literatura pela sua obra poética em 1933, e pelo seu ensaio “Radiografía de la pampa” em 1937. Martínez Estrada teria dado uma virada enquanto escritor lírico para dedicar-se ao ensaio sociocultural após o golpe de estado do general José Félix Benito Uriburu y Uriburu contra o presidente constitucional Hipólito Yrigoyen em 1930.

<sup>28</sup> Portenho, morador de Buenos Aires, metrópole e capital. Faz-se necessária a distinção, pois este morador introjetou o discurso centralista que derivou em sentimentos e vícios oriundos da altanaria, soberba, e autossuficiência, posturas estas não praticadas e rejeitadas pelo habitante das províncias.

O filósofo argentino estrutura uma cosmovisão sobre a pampa tomando como ponto de partida a sua antiguidade e a sua vastidão não desassociada de um inevitável sentimento de solidão:

La amplitud del horizonte, que parece siempre el mismo cuando avanzamos, o el desplazamiento de toda la llanura acompañándonos da la impresión de algo ilusorio en esta ruda realidad del campo. Aquí el campo es extensión y la extensión no parece ser otra cosa que el desdoblamiento de un infinito interior, el coloquio con Dios del viajero. Sólo la conciencia de que se anda, la fatiga, y el deseo de llegar, dan la medida de esta latitud que parece no tenerla. Es la pampa; es la tierra en que el hombre está solo como un ser abstracto que hubiera de recomenzar la historia de la especie – de concluirla. Falta el paisaje y falta el hombre; hacia el pretérito y el futuro se abren simas sin fondo; el pensamiento improvisa arias en torno de los temas conocidos, creando a su libre albedrío, libre, suelto. El cuerpo es un milagro y por los sentidos penetran los hábitos de una novedad que bien pronto se abaten sin voluntad, en un cansancio cósmico que cae con todo el peso del cielo. El paisaje del llano, si lo es, toma la forma de nuestros propios sueños, la forma de una quimera; y se esteriliza cuando el sueño es ruin (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 7).

Com efeito, para Martínez Estrada (1991), a pampa é uma ilusão; é a terra das aventuras desordenadas na fantasia do homem sem profundidade. Por outro lado, a solidão da pampa coloca o homem numa situação extrema, uma situação limite, entre um novo gênese e num previsível final apocalíptico<sup>29</sup>:

Pero la tierra no es una mentira, aunque el hombre delire recorriéndola y le exija lo que no tiene y la bautice con nombres paradójales. Es lo más seguro bajo el pie y bajo la espalda, cuando ha concluido la marcha. Es lo que afirma que vive, bruto, al posar sobre ellas las patas y al alimentarse. La tierra definitiva, la primera y la última: es la muerte (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 10).

A pampa na ótica do ensaísta é dispersão, é o lugar da dispersão; para além dos territórios da pré-cordilheira à cordilheira dos Andes, tudo é pampa:

El paisaje es dividido en tres partes: el árbol, la piedra y el llano. Pero cada uno de estos elementos se ha aislado, diferenciándose en tres grupos grandiosos. La llanura, con pocas excepciones, no tiene selva ni montañas; cada elemento del panorama forma un bloque, concentrando características que, alternadas y repartidas, hubieran

<sup>29</sup> Procede aclarar que no filósofo Martínez Estrada este termo se identifica com escatologia, enquanto que a rigor, o termo bíblico e na sua etimologia, apocalipse diz respeito à revelação no fim dos tempos e não a o fim da criação.



formado paisajes y núcleos de población. Pero ninguno de esos bloques es paisaje, sino un elemento del paisaje multiplicado por sí mismo (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 58 – 59)

E é o umbu<sup>30</sup> não só o símbolo da lhanura como também a forma corporal e espiritual da pampa, pois segundo o escritor, o umbu é uma árvore que concorda com a paisagem por causa das suas raízes, entortadas, atormentadas e em parte fora da terra, expostas pelos ventos da lhanura.

Solidão, como sinonímia de vastidão, conduz a outro substantivo abstrato e decorrente na pampa estradiana: o sacrifício. Ambos enquanto percepções ainda humanas podem se rastrear a milhões de anos quando o próprio levantamento continental da cordilheira dos Andes durante o período Cretáceo, quase no final da Era Secundária ou Mesozoica, a uns 70 milhões de anos, provocando o afundamento da região do centro e norte até o Brasil e criando o solo da pampa e tudo, segundo o filósofo, foi testemunhado por olhos completos<sup>31</sup> como os nossos: “Todavía el dragón es el animal natural de la llanura, donde pastó el milodonte” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 8).

O fóssil, reflete Martínez Estrada (1991), conta a história da terra e até a idade da terra, melhor do que história da espécie desaparecida; é uma peça anatômica que não apresenta interesse tanto à filogênese da sua espécie quanto à história natural; é uma peça única e múltipla e só para a paleontologia vale como um exemplar. O fóssil fala da vitória das forças todo-poderosas da natureza sobre as forças débeis e frágeis da vida e cujo único sentido é a luta contra ela:

El animal desaparecido con la extinción de la especie supone un paréntesis en el dominio definitivo del cosmos inconsciente, todo lo contrario de la historia, que no sólo es sucederse y cambiar, sino sobrevivirse, salvar del cambio y del transcurso, un quantum eterno. En el fósil la tierra muestra su brutal victoria y que ese ente alzado transitoriamente contra ella fue vencido. Tal ser fue un fugaz episodio en el largo monólogo de la materia accidentalmente viva (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 85 – 86).

Do acervo pampiano fóssil, o filósofo argentino destaca as aves corredoras e depredadoras, aves enormes não voadoras, de crânios volumosos maiores que os

<sup>30</sup> Lembrando que o umbu, do guarani *ombú*, vulto ou sombra, não é árvore e sim uma planta herbácea gigante.

<sup>31</sup> Martínez Estrada refere-se à fauna terminal do período Cretáceo Superior, composta basicamente por dinossauros quadrúpedes herbívoros e carnossauros. Destacam o herbívoro Argentinossauro e o carnívoro Giganotossauro, ambos os maiores dinossauros até o momento encontrados.

de um cavalo; conhecidas hoje em dia como “as aves do terror”. Estes colossos (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 90) tinham mandíbulas maciças, prolongadas em ponta e dobradas para baixo, apresentando um bico sólido e triangular que se curvava para baixo na forma de um formidável gancho de ataque. Estas aves foram os maiores predadores dominantes durante a Era Terciária ou Cenozóica, entre 65 e 2,5 milhões de anos atrás quando América do Sul era um continente isolado. Com o surgimento do istmo de Panamá por volta de 3 milhões de anos atrás que uniu os continentes antes separados, estas aves junto com o resto da megafauna sul-americana ganharam os territórios da hoje América do Norte, enquanto a fauna norte-americana composta por mastodontes, lhamas, camelídeos, porcos, servos, antas, canídeos e tigres dentes-de-sabre se espalharam rapidamente pelo continente austral<sup>32</sup>. Estes últimos pela sua condição natural de predadores dizimaram as aves do terror e tomaram o seu lugar no pódio dos predadores. Já um único gênero, *Titanis wallei*, conseguiu migrar para a América do Norte somente. Descobertas recentes levantam a discussão da sua provável existência até uns 12 mil A. P. Porém as aves do terror já haviam desaparecido quando os primeiros humanos chegaram ao continente sul-americano. Uma das aves austrais foi batizada com o nome *kelenken*, nome de um espírito nativo da Patagônia.

Mas a pampa enquanto espaço aberto, vale a redundância, para a elaboração discursiva requer a habitação humana, o preenchimento decorrente da transumância sendo que: “Todo hombre de llanura es oriundo de outro lugar” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 71). Dos seus antigos povoadores vindos de outros lugares, como do Oceano Pacífico via África, Ásia, Melanésia e Polinésia até atingir o leste sul-americano ou via África, Ásia, Austrália, Antártica e estreito de Magalhães rumo ao Norte, o ensaísta reflete:

Aun los túmulos y cementerios que en el Río Negro o en el valle Calchaquí o en Campana atestiguan de ciudades prehistóricas, no nos dicen nada, aparte la curiosidad o el estudio; porque el indio es por excelencia el hombre sin historia. El indio no tiene pasado porque no tiene porvenir; ocupa meramente el espacio que llena su cuerpo, vivo o muerto, y como el animal, aun e sociedad desarrolla una vida que no sobrepasa los límites de los sentidos. Nace y muere clandestinamente (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 85).

---

<sup>32</sup> Este evento de cunho paleozoográfico é conhecido nos círculos da paleobiologia como o Grande Intercambio Americano ou Grande Intercambio Faunístico Americano.

Esta reflexão do escritor abrange o homem americano nos seus desdobramentos sociais, o próprio indígena, o mestiço, o *criollo* e ainda o gaúcho. Para o teórico argentino, estes segmentos sociais vivem um contínuo presente, amorfo e errante, sem nenhum ponto de partida tanto no passado quanto no futuro.

O indígena após séculos num confinamento aberto, vale o paradoxo, quando a chegada do intruso espanhol aventurou-se pelas lhanuras férteis logo de exilar-se, porém foi repellido e teve de se refugiar na vasta zona neutral, no meio de um mundo que não conheceu vida conclui Martínez Estrada (1991):

Aquí está delimitada la frontera entre América y Europa<sup>33</sup>, que penetró hasta los mismos bordes de los terrenos sedimentarios. En aquella zona están los fósiles más antiguos que se conocen, los yacimientos de petróleo, las minas metalíferas y las plantas xerófilas multimilenarias. Ahora es el mundo indígena y el receptáculo de las fuerzas primitivas, cuyos hálitos cunden imperceptiblemente por las ciudades, derriban por sí solas, las paredes y avientan los yuyos preparándose el avance. El indio se confinó en esas regiones para morir, porque esa tierra es la muerte (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 88).

Do espanhol conquistador que aportou no Rio da Prata a partir do século XVI, em 1516 com a expedição ao mando de Juan Díaz de Solís e que breve confrontaria o povoador autóctone, Martínez Estrada (1991) enxerga nele uma falta de amor pela nova terra e a construção de um sentimento de porvir alicerçado na luxúria e na avareza. A ausência da companhia da imagem feminina dos aventureiros ibéricos nestas latitudes denunciava a elaboração de projetos que cobrassem o respeito, a espera e a permanência. Na sua bagagem de vícios e costumes, o espanhol conquistador trouxe consigo o gerenciamento do tempo e a prática da rapina, porém o filho que nestas terras engendrou chegava para ficar e para compreender o que o pai ignorava: “Llegaba para oponerse al ansia de regreso de su estada eterna; al delirio del fausto la humilde verdad de su cuerpo mal vestido” (MARTÍNEZ ESTRADA, p. 17).

No choque e no processo de mestiçagem étnico-cultural entre o indígena autóctone e o intruso conquistador espanhol, não houve amizade entre o cristão e o indígena, pois tinham interesses e concepções cósmicas diferentes; do relacionamento o indígena se fez desconfiado, reservado e desafeto, enquanto o

---

<sup>33</sup> Em Martínez Estrada esta fronteira é uma fronteira geopolítica.

mestiço herdou por via materna esses rasgos no seu corpo e alma: “Sus relaciones eran fingidas, y el indio llevaba la peor parte. Acabó por convertir en una modalidad psicológica de recelo” (MARTÍNEZ ESTRADA, p. 21).

Esta mestiçagem cobrou um preço alto na mulher indígena, pois como salienta o autor (1991) serviu ao invasor de pele branca como noturno deleite, após um dia ocioso dava o seu sangue aos germes do cansaço e da frustração, e do prazer nascia a angustia, não havia nem amor nem fidelidade, pois enquanto macho e fêmea estavam juntos só anatomicamente, e no geral o machismo do intruso não reconhecia nem a sua própria etnia: “Mujeres y objetos eran bienes sobre los cuales el varón ejercía señorío fálico<sup>34</sup>” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 21).

Sobre o gaúcho, tido no imaginário coletivo rio-platense como o habitante das pampas por excelência, criando-se o binômio campo-gaúcho, Martínez Estrada não foi menos incisivo nas suas observações. Para o estudioso argentino o gaúcho, gerado de pai espanhol e mãe indígena, não conhecia nem a compaixão nem a clemência, só o desprezo, pois este elemento social foi carente de um contexto de direito que se impusesse a sua consciência, deixando-o só livre para poder compreender sim a sua relação com seu próprio potro e fazê-lo seu totem. Ao igual que um centauro, o centauro Nesso, para Martínez Estrada gaúcho e cavalo configuram e conformam uma mesma identidade ao ponto que o potro cumpre em relação com o homem à função de protetor da sua liberdade.

Com efeito, Martínez Estrada (1991) ainda vai mais longe nas suas considerações e traça um perfil do gaúcho por vezes permeado pela psicanálise, ao levantar que o gaúcho pertence ao individual e não pertence à prole, pertence à geografia e não às instituições, não tinha como criar raízes nem se concentrar em família, senão desgregar-se, espriar-se a si mesmo e converter-se em um número, em uma cifra de estatística, formando parte de uma sociedade anônima com valores sub-humanos, tendo que renunciar para sempre ao amor e entregar-se ao ódio, franco ou encoberto que é a norma da distância e da solidão.

O gaúcho, ainda acrescenta Martínez Estrada (1991), não possuía nada, era como um senhor sem feudo, um senhor errante, filho da planície e irmão do cavalo, era o cavalheiro do nada, desse nada incomensurável; não tinha poder nem lar nem

---

<sup>34</sup> Martínez Estrada (1991) levanta o desprezo para com o gênero feminino encontrado até no “Martín Fierro” de José Hernández, onde gaúcho no seu machismo exacerbado considera deprimente amar e unir-se em matrimônio ou até cavalgar numa égua.

rumo fixo, porém cultuava o seu orgulho e optou por levantar-se contra a justiça do poder constituído que lhe negava a propriedade. Todavia, pela falta de uma visão ideológica e por uma excessiva ingenuidade de acreditar na palavra dos caudillos de turno, se alistou em filas antagônicas de unitários e federais, pondo-se ao serviço de interesses dispersos que mais tarde não o favoreceriam nem o contemplariam. O gaúcho preferiu viver na vastidão desses domínios sem ter de capitular, pagando um preço alto o que resultou em ser o gaúcho faminto, o homem da tropa ignorante, seguidor de um sonho frustrado. Na solidão chegou a considerar-se um desamparado, uma vítima da injustiça do código e do tribunal distante e sem sabê-lo estava tendo um trato igual ao do indígena, a quem continuava olhando com desprezo.

Sem percebê-lo, o gaúcho era um produto de um prolongado sonho de grandeza e uma vítima da miragem do deserto pampiano e era no fim das contas seu fantasma vivo. No seu dia-a-dia, se não conseguia obter o desejado por direito, o faria com a faca na mão e até recorreria à propina toda vez que lhe fosse negada a aquisição ou troca de bens de consumo. A sua existência como elemento social argentino não foi além do ano 1880, ano em que se decreta a morte do gaúcho. Porém alguns sobreviveram e se transfiguraram, abdicando das suas origens:

Muchos permanecieron como gaúchos malos; otros, comenzando em las estancias como capataces y arreadores, llegaron a comandantes y general; de domadores de potros a presidentes de la República; de administradores de saladeros a tiranos o libertadores (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 30).

Das suas características sobressalientes, a coragem foi talvez a característica mais explorada por poetas e escritores que intentaram resgatar e perpetuar de alguma forma o papel e a passagem do gaúcho, porém na leitura estradiana o gaúcho enquanto tal, um híbrido condenado a uma curta existência, nunca foi de fato um tema poético, senão um exemplar etnográfico: “El gaúcho, por ejemplo, no es un ser en vías de formación, sino el tipo concluido de una naturaleza que tiene en grande sus formas. No es germen nuevo de nada, sino un ser invadido y acabado (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 97).

Estas mecânicas sociais iriam se reprisar no cotidiano da dispersão do intruso, do imigrante, - seja durante a Colônia, Emancipação, Independência e consolidação do Estado -, na sua aventura, procurando se assentar no espaço pampiano e tirar

proveito da sua natureza para poder satisfazer as suas expectativas que não passariam de ser modestas e limitadas, e não fariam sentido algum na própria fisionomia da pampa. Para o autor, os espaços físicos e psicológicos são, entre os indivíduos, cambiantes e vazios porque não se pode pensar no espaço sem pensar na alma, já que a extensão despovoada é como uma verdade sensível, é solidão; e ainda arremata: “Lo que se ha entendido siempre por Madre Naturaleza desde los Vedas y Homero, fue esa relación de hijo a regazo, de feto a placenta, que debe existir entre el hombre y su paisaje” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 69) condição esta que não foi atingida nem vingou no decorrer dos eventos históricos argentinos.

Os intentos de assentamentos permanentes que originariam povoados e mais tarde cidades no meio da vastidão da pampa durante o processo de consolidação nacional, após a vitória sobre a Coroa Espanhola em 1810 não foram o resultado de um plano diretor que servisse a um ideal comum de pátria. A divisão política da Argentina posterior à nomenclatura espanhola de virreinato foi estruturada com uma capital central, províncias e intendências ou municípios, porém que guardavam dentro de si, - ainda de uma forma discreta e quase que imperceptível -, o embrião do feudo e do latifúndio. A pampa era um espaço maquiado pela falsidade ideológica e testemunharia em breve as disputas internas entre os movimentos Unitários e Federais que promoviam visões de nação diferentes e irreconciliáveis<sup>35</sup>: enquanto o Unitarismo defendia a supremacia da capital bonaerense nos rumos da pátria, o Federalismo apostava na autonomia e respeito aos regionalismos provincianos.

Martínez Estrada é taxativo ao afirmar sobre a patente falta de coesão que arremeteu contra a nova nação:

Y a las formas más crudas de la barbarie evidente y peligrosa, sucedió la disolución nacional, del alma nacional, del ideal colectivo y de la fe en la comunidad, bajo el predominio del oro humillante, que era la caricatura de la prosperidad (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 67).

O saldo final decorrente deste processo de confrontação interna e instabilidade nacional que se atenuaria de forma considerável por volta da segunda metade do século XIX com a vitória do centralismo da metrópole Buenos Aires,

---

<sup>35</sup> Juan Bautista Alberdi, 1810 – 1884, escritor, diplomático, político, advogado e autor da Constituição argentina de 1854. Sobre o tema, soia dizer “Não são dois partidos, são dois países; não são Unitários e Federais, são Buenos Aires e as províncias...”

porém sem apaziguar as injustiças sociais, resultou na constatação da existência de um elevado número de povoados e cidades disseminados tanto na pampa úmida quanto a pampa seca ou estéril que revelavam a inoperância dos intentos de urbanização:

Tras mucho andar, el pueblo que primero se encuentra parece el último... las calles son anchas y de tierra, los frentes de las casas de ladrillos sin revocar, con terrenos baldíos entre unas viviendas y otras, separándolas. El crecimiento de esos pueblos es horizontal: un derrame por sus flancos. También hay ranchos de adobe o de chapa. Ese pueblo está envuelto por el campo, en la lucha que ha entablado contra la soledad, el vencido es él; está sitiado por el campo, enquistado y reducido a un curioso caso de mimetismo. El campo entra por las calles y por los terrenos con yuyos<sup>36</sup>. El campo llega hasta el patio y el patio entra hasta la cama.

O filósofo argentino ainda os compara com aerólitos, pedaços de astros habitados caídos nos campos aleatoriamente e nesta condição os povoados não tem vida própria porque não surgiu nem prosperou por exigências que o fizeram indispensável segundo a terra em que foi assentado e ainda se expõem à dependência da capital Buenos Aires para poder satisfazer as suas necessidades de subsistência. Seus habitantes são seres incompletos, sem forma psicológica precisa, com a única integridade e unidade do seu corpo; a sua alma está cruzada de zonas estéreis e o que sabem não ultrapassa a ignorância, enquanto a sua honra é um enfeite fora de moda.

A pobreza nestas paragens se apresenta como uma consonância decorrente dos quesitos naturais impostos pelo espaço sem limites da pampa, os esforços mostram-se insuficientes para usufruí-la e tirar proveito, se é que de fato houve como, a partir do modelo aplicado no século XIX que obedecia aos ditames da Segunda Fase da Revolução Industrial. Para Martínez Estrada os pobres sonham ricos sonhos de pobre e a solidão é a pobreza materializada:

Estos pobres del campo que viven de mate y galleta<sup>37</sup>, procrean pobreza, exhalan pobreza. Como el pueblo y las gentes trabajan para sí, cada vez van quedando más aislados y siendo más numerosos. En tanto esa gente vivía en su soledad, formaba un sistema con el ambiente, sin grados ni variedades, porque faltaba la relación con

---

<sup>36</sup> Yuyo em português mato, inço.

<sup>37</sup> Galleta, em português bolacha de campanha

otro estado mejor. La distancia los mantenía desvinculados de los demás y estaban cerca de todo, pues sus puntos de referencia, a los cuales estaban atados los hilos de sus vidas, eran el rancho, el árbol, el pozo, el perro y el caballo y su familia. Pero una vez que el Pueblo y con él su rancho, el árbol, el pozo, el perro y el caballo se unieron a la gran ciudad lejana, entraron a formar parte de otro sistema mayor; todo alrededor se puso en movimiento y su quietud tomó rigideces cadavéricas. Entonces aumentó la soledad del pobre, cuando hubo distancia y diferencia entre ese mundo local y el mundo inmenso. Todo lo que sirve para unir: telégrafo, ferrocarril, automóviles, los separaba más. La metrópoli comenzó a arrastrar para sí toda la campaña, colocando el pobre cada día más lejos, en los confines del mundo primitivo (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 84).

Aqueles poucos que conseguiram obter sucesso, porém demonstraram sintomas de complexo existencial de identidade e de procedência:

Constituyen archipiélagos vivos, rodeados de indiferencia y hostilidad, dueños de una fortuna que los aísla en el recelo y la envidia, de una casa que habitan como huéspedes, con hijos que prosiguen su vida moralmente emancipada, como hijos de la soledad. Estudian y se quedan e Buenos Aires avergonzándose de los padres y de su apellido. El nativo ve con disgusto las bajezas a que se abandona el extranjero que se enriquece; el extranjero no comprende que se enriquezca el nativo sin sentirse despojado; porque ignorante y pobre, todavía es un vástago de los conquistadores y colonos (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 80).

Mas o teórico não hesita em afirmar que, no geral, todo aquele que se aventurou na pampa para preencher seu espaço com seus projetos de prosperidade e sonhos de atingir fortuna e segurança familiar acabou vivendo sem cordura, pois o ser implantado na pampa não só não tem consciência do seu destino como que também não sabe o que fazer no imediato, portanto o seu empreendimento e bastardo e inútil.

Já sobre a metrópole Buenos Aires, centro de poder e condução do país, o estudioso arrisca a provocação de que a mesma foi crescendo em direta rivalidade com a república. Buenos Aires, chamada originalmente por ocasião da primeira fundação<sup>38</sup> pelo *adelantado* Don Pedro de Mendoza entre os dias 2 e 3 de fevereiro de 1536, de Real de Nuestra Señora del Buen Ayre tornou-se o centro no qual girou a vida argentina, a organização nacional, a cultura e a riqueza. A capital portenha

---

<sup>38</sup> A segunda fundação também conhecida por refundação aconteceu no dia 11 de junho de 1580, sob a supervisão de Don Juan de Garay.



apresentou uma fisionomia contrastante como o resto das outras cidades interioranas. Do discreto número de cidades que ostentaram prestígio e certa autonomia pelo seu papel exercido nas lutas emancipadoras contra a Coroa Espanhola e nas posteriores confrontações internas, o filósofo salienta:

Comparada con Buenos Aires, cualquier otra ciudad: Bahía Blanca, Rosario, Córdoba, Tucumán son campo, nada más que techos. Un aire campesino atraviesa las calles y se achata en las fachadas; pasa sobre los edificios sin silbar, el viento mudo de la pampa. Todo transpira un aroma rural (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 146).

O portenho, segundo Martínez Estrada (1991), é mais taxativo sobre a questão do interior: para o portenho, olhar para o interior é olhar para fora, ao exterior; interior para ele é a Europa, sabe que internar-se é deslocar a sua pessoa do conjunto do qual forma parte e que terá que lutar com fatos diferentes, não com a aventura, senão com as cinzas de uma aventura que queimou até o fim. O interior, continua o filósofo, não lhe atrai como nos anos passados, com a promessa da fortuna ou da liberdade, pois o interior já está purgado de ilusões, só resta o trabalho, a doença, a ignorância e o esquecimento.

Por outro lado, ainda que bem sucedida em uma primeira abordagem superficial e positivista, a metrópole bonaerense não satisfaz o essencial para poder reivindicar-se como tal. Com efeito, em Martínez Estrada uma cidade não é tal enquanto não existam os seus cidadãos como uma unidade.

Buenos Aires, primeira abstração simbólica de urbanismo embrionário e ponto de partida de futuros deslocamentos rumo ao interior e sul para a concretude de novos assentamentos, não atingiu um grau de modernidade compatível com as exigências de um convívio harmonioso e desinteressado entre os seus habitantes, empresa quase que impensável no modelo capitalista, sustentado e alimentado pela existência e antagonismo decorrente da estratificação social.

Martínez Estrada (1991) enxerga a metrópole em seus quase 200 km<sup>2</sup>, um casco urbano sem beleza; num mesmo quarteirão coabitam edificações que falam distintos idiomas no tempo, de épocas econômicas e de modas que perpetuam o precário, o fortuito; as casas de Buenos Aires, ainda que novas, tem o fachada murcha, são ensaios, casas provisórias para ocupar o terreno e dar-lhe valor.

Da arquitetura predominante, prossegue o pensador, junto às casas de um andar e de dois andares, há terrenos baldios e até arranha-céus de vinte ou trinta

andares que surgem como a ambição predominante, como um triunfo pessoal que anula o esforço das outras casas e prova a onipotência do baldio que fica a seu lado. Os arranha-céus num quarteirão de casas de um andar, perto de terrenos que ainda conservam as pastagens originais indica o mesmo e o contrário de um afundamento: expõe a fratura de um pedaço do solo em que tudo está assentado, sobre o qual se constrói a cidade que não oscila nem muda. Enquanto o baldio, uma célula da pampa, se correlaciona com milhões de quilômetros quadrados, o arranha-céu o faz com algo abstrato: uma aventura e um sonho em voz alta.

O terreno baldio, vestígio primordial de antigas paisagens, lugar ainda virgem, cenário lúdico improvisado por crianças para as suas mais variadas fantasias, um lugar de abandono e eventual depositário de lixo urbano alimenta uma outra reflexão em Martínez Estrada: os terrenos baldios de ontem são as casas de um andar de hoje, pois no início construía-se direto sobre o chão, hoje utiliza-se o primeiro andar como terreno e as casas de um andar hoje são os terrenos baldios das casas de dois ou mais andares: “Por eso Buenos Aires tiene la estructura de la pampa; la llanura sobre lo que va superponiéndose como la arena y el loess<sup>39</sup> otra llanura; y después otra” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 150).

Não só do meteorismo dos povoados e cidades que a pampa teve seu espaço violado e profanado. Com o advento da Segunda Fase da Revolução Industrial aportaram na Argentina em 1856 os primeiros trens e, por conseguinte, a elaboração do projeto de construção das primeiras malhas ferroviárias. Porém o traçado das mesmas não obedeceu às exigências econômicas locais nem a um estudo profundo das necessidades reais do país. Segundo Martínez Estrada (1991), o trem acentuou a pobreza nas regiões mais distantes, ainda colaborou com a fratura do território para deixa-lo reduzido só a um desenho linear dos seus trilhos e fomentou o cordão umbilical com Buenos Aires, pois o trem enquanto meio de locomoção apresentava um perfil simbólico e ideológico de Unitário e ainda: “No tenemos caminos porque no tenemos necesidades humanas de comunicarnos...” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 61). Todavia e mais preocupante: o olhar introjetado dos rios não como sendas navegáveis de aproximação e intercambio, senão como fronteiras e divisores naturais.

---

<sup>39</sup> Loess, do inglês *loose*, solto, livre; pó muito fino transportado pelo vento durante milhares de anos, que cobre um relevo já existente. São de variada composição, porém predominantemente calcários.

A pampa em Martínez Estrada parece acirrar e expor as chagas não cicatrizadas do individualismo, do egoísmo, da falsidade ideológica, do furto e da prebenda oriundos de uma matriz social cunhada sucessivamente no Feudalismo, Mercantilismo e por fim no Capitalismo e que carregaram como vícios, - quase que hereditários e cristalizados -, os pioneiros que pretenderam desbravar um espaço que, paradoxalmente, não lhes forneceu seu próprio lugar.

Martínez Estrada arrisca uma conclusão ainda compatível nos dias de hoje sobre a pampa como espaço possível para a habitação humana de grupos vindos do Velho Mundo:

Desde su descubrimiento, estas tierras fueron las tierras de la aventura, y la norma impresa perdura por dentro de todas sus instituciones como su pecado original. Lo nacional sigue su línea genealógica y lo financiero, monetario, económico y mercantil sigue sus leyes internacionales y crematísticas<sup>40</sup>. Su último aspecto es, a través de los colonos y los hombres de empresa, introducir en ella la novedad de sus personas hasta hacerle tomar forma de su intención. Contra una naturaleza indómita que repelía el uso de técnicas consumadas, el improvisador era el demiurgo. Mas hoy no tiene fuerza para manejar esa realidad en movimiento. En la lucha por la formación de nuestro país, lo que se ha hecho es superior a lo que se ha pensado y aprendido; y lo que llamamos crisis, problemas económicos delicados, falta de industrias, bajo precios y altas tarifas y analfabetismo, despoblación, inestabilidad de los bienes y de la vida y predominio de los capitales desvinculados del destino nacional, es la derrota del improvisador (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 252).

E ainda para o autor a pampa é como um paradoxo, uma prisão, um labirinto onde é possível ir a qualquer parte, porém não há saída e nem condições de afixar um lar nem estímulo para a formação de atividades laborais que consigam tirar o individuo da sua fase aventureira e das suas proezas pessoais.

Hernández Cuevas (2006) lembra que, em 1869, aprovaram-se as leis para cercar a pampa com arame farpado, novidade trazida pelo inglês Richard Newton. Este fato provocaria reações de espanto e horror tanto no indígena quanto no gaúcho por ter que se deparar, de um momento para outro, com um espaço com restrições e limitações. Agora o olhar de ambos não terminava na linha imaginária do horizonte e sim no cercado mais próximo. Sobre o mesmo, Martínez Estrada (1991) reflete que quanto mais o homem desejou para si a pampa, mais escravo se

---

<sup>40</sup> Crematística, termo aristotélico que diz respeito à busca e produção incessantes de riquezas por prazer.

converteu dela, fechando-se num círculo de arame farpado, criando o seu próprio cárcere, seja na pampa como campinha: “La casa de las afueras (de la ciudad), que se comunica con las colindantes, conserva igual grado de hostil reserva. El cerco del alambre de tejido o de ligustros delimita la psicología del dueño (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 148).

León Sigal <sup>41</sup>, na sua análise do texto de Martínez Estrada, filosofa o papel da pampa e o resultado da intromissão do europeu após quase quinhentos anos de ingerência e ensaios de povoamento e urbanização:

Cada uno es el primer y último habitante, comienza y termina, frente a la naturaleza, los gestos de una historia a la que no consigue sobrepasar. Pero la llanura también es engañosa. Y ha engañado – parece prevenir Martínez Estrada a algunos observadores europeos, ansiosos de romper la estrechez de sus vivencias de civilización -, porque su vacío simula apelar a la libertad de los individuos para que la llenen, la completen, la fecunden, confiriéndole una fisonomía humanizada. Sin embargo, sus fuerzas defraudan proyectos e ilusiones que los hombres no pueden dejar de reconocer. Porque esa llanura es un “desdoblamiento interior”, donde las aspiraciones pueden tomar dimensiones descomunales que tornan imperceptibles las barreras entre el hombre y el medio. La llanura es una ilusión que desrealiza tanto al individuo como al contorno. (SIGAL in MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 513).

Na sua própria radiografia, Sigal (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991) enxerga e levanta um epílogo do seu predecessor ao propor que, identificada com a lhanura, a natureza da Argentina não pode ser uma mãe bondosa nem benigna, senão uma madraستا possessiva e destruidora, pois dela deriva o sentimento fenomenal de solidão dos argentinos. Com a sua força terrível, lhes impõe a sua substância, os impregna com a sua índole vegetal e mineral; por isso cada um está só, encerrado em si mesmo frente à natureza que o engendrou como um exemplar idêntico aos outros da sua espécie. Cada um deve recomeçar, - com a suas forças ou debilidades -, a história sem futuro do gênero humano, ai onde não houve ninguém nem onde nada ocorreu.

No remate final sobre a sua visão da história argentina e por extensão a sul-americana o filósofo conclui: “Nuestra historia está en la paleontología y en la etnografía. No hay historia. Más importante que la historia es la historiografía. Nadie ha dicho la verdad. Nosotros no hacemos la historia, la escribimos” (MARTÍNEZ

---

<sup>41</sup> León Sigal, Argentina, professor da Universidade de Le Mans.

ESTRADA, 1991, p. 245). Esta visão estradiana tida por pessimista e reducionista encontra sentido se comparada à duração da existência da nação argentina até os nossos dias, - cinco séculos, uns 515 anos -, com a vida média de um megamamífero que atingiria uns 60 a 80 anos. Com efeito, sete ou oito gerações destes animais vivendo só sob os ditames das suas expectativas de existência regidas pelo instinto, representam a duração histórica da civilização argentina, processo este inacabado, fragmentado, em pedaços, concluiria Piglia (1986) anos mais tarde, não por obra do instinto e sim pelo desgaste provocado pela ausência de ética e de um projeto de tolerância, inclusão e de respeito à alteridade.

Todavia o pensador situa no Pleistoceno o marco temporal e terminal que divide um processo histórico e evolutivo natural, - que não transgrediu a harmônica cinegética do desenvolvimento dos seres vivos -, com um posterior período de chegada de grupos de forasteiros transcontinentais além do mar que fracassaram nos seus intentos de povoamento, assentamento e elaboração de um projeto de pátria e de estado livre, soberano, independente e comprometido com seus cidadãos: “Estaban intactos, cuando llegaron las carabelas, los hombres del Plesitoceno, com sus industrias de la Edad de Piedra y sus idiomas de la Edad de Bronce...” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 51). O uso da expressão *intactos* põe em manifesto um paradigma existencial que vingou por milhares de anos na América Austral quando comparado com os modelos do Velho Mundo: o Feudalismo, o Mercantilismo e posterior Capitalismo.

Em uma reflexão final sobre a sua radiografia das pampas, Martínez Estrada comenta e reconhece que a sua obra é um apocalipse, isto é, uma revelação ou divulgação de uma realidade profunda. Esta realidade profunda no pensamento estradiano diz respeito à postura em geral tida pela idiosincrasia argentina e em especial a portenha, historicamente centralista e isenta de autocrítica.

Eliade (2010), com seus estudos no campo das religiões e dos mitos ancestrais, pode acrescentar às teses de Martínez Estrada uma visão e leitura a partir do fato simbólico para equacionar e entender o fracasso das tentativas de povoar os territórios pampianos austrais. O mitólogo teoriza:

Instalar-se num território equivale, em ultima instancia, a consagrá-lo. Quando a instalação já não é provisória, como nos nômadas, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. “Situarse”

num lugar, organizá-lo, habitá-lo são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo”. Ora, esse “Universo” é sempre replica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses (ELIADE, 2010, P. 36).

Com efeito, o mitólogo constata que a instalação num território equivale de alguma forma à fundação de um mundo; um território desconhecido, estrangeiro, desocupado (seja no sentido desabitado, seja no sentido de desocupado pelos “nossos”, isto é ocupado por outra etnia) ainda faz parte da modalidade fluida e embrionária do “Caos<sup>42</sup>” e ao ocupa-lo o homem transcende-o simbolicamente em Cosmos mediante uma repetição ritual espiritual da cosmogonia, portanto o que deve tornar-se “o nosso mundo” deve ser criado previamente e deve seguir um modelo exemplar: a própria criação do Universo pelos Deuses. Portanto deve ser algo bem feito, algo programado, projetado de tal maneira de satisfazer e suprir as necessidades básicas de uma comunidade, sem deixar de lado a procura da harmonia para atingir uma existência em sintonia com os desejos dos arquitetos do Universo.

No caso específico dos espanhóis que aportaram no estuário do Prata, Eliade conjectura: “Os espanhóis e portugueses tomavam pose em nome de Jesus Cristo, dos territórios que haviam descoberto e conquistado. A ereção da cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo modo, a um “novo nascimento” (ELIADE, 2010, p. 35). Porém os fatos vindouros perpetrados pelos conquistadores hispano falantes no decorrer dos séculos seguintes, entre os quais destacam destruição, massacres e falsidade ideológica demonstraram às claras não só um afastamento como também uma negação à prédica do modelo de existência proposto pelo próprio Jesus. Esta atitude poderia ser traduzida para as culturas ancestrais tradicionais como uma confrontação e desrespeito ao consagrado pelos deuses, como um ato profano. A cruz, uma das hierofanias do Novo Testamento, transformou-se em instrumento de dominação e punição nas mãos dos conquistadores espanhóis e, assim, o símbolo da libertação e ressurreição cristãos ganhou um status profano. Eliade (2010) conclui sobre esta questão que na

---

<sup>42</sup> Em Eliade, a ideia de Caos se contrapõe a ideia de Cosmos, pois o Caos é um espaço homogêneo e profano, um espaço estrangeiro, povoado por espectros, demônios e seres estranhos; enquanto que a ideia de Cosmos obedece a o espaço habitado, o mundo, o nosso mundo. O Cosmos se torna, assim, num espaço com limites fixos e estabelece uma ordem cósmica que dará origem a uma cosmogonia.

realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente na medida em que ele reproduz a obra dos deuses.

No início do século XXI, Bengoa<sup>43</sup> (2004) acrescenta a sua percepção e contribuição para aferir o bioma em questão, munido da leitura de alguns dos autores acima mencionados conjuntamente com outros, como o militar, cartógrafo e engenheiro espanhol Félix de Azara; o professor, escritor e jornalista argentino Antonio Elio Brailovsky; o coronel do exército argentino, escritor e jornalista Lucio Victorio; o historiador e filósofo francês Michel Foucault e o próprio Jorge Luis Borges.

Bengoa (2004) defende na sua releitura do habitat pampiano quatro conceitos básicos para entender a elaboração da função representativa ou referencial da pampa: o primeiro diz respeito à pampa que se apresenta como uma paisagem quase que única no mundo pela a sua extensão, carência patente de árvores e por ter uma topografia extremadamente plana. O segundo conceito estas condições geológicas e de ecossistema influem nas atividades humanas, pois implicam a carência de madeira para todo uso possível da vida cotidiana, na dificuldade de criar limites e estabelecer redes de comunicação e, no caso da pecuária, fazem da condução do gado uma tarefa problemática. O terceiro conceito, estas características influem também nas ações e percepções individuais dos homens, pois a falta de elementos topográficos obriga a uma percepção visual mais apurada, devendo se acostumar aos objetos distantes; e finalmente o quarto e último conceito levantado pelo pesquisador argentino refere-se a essa influência em nível individual que termina presente de alguma maneira nas condutas coletivas, criando um espírito individualista, porém solidário, amante da liberdade, dos vastos horizontes, mas disposto a submeter-se sem análise a um eventual caudilho forte, oposto ao espírito urbano que começara na Europa com o advento do Renascimento.

Bengoa (2004) ainda resgata nas suas reflexões uma operação de campo durante a Conquista do deserto: a construção de “La Zanja de Alsina”, “A Trincheira de Alsina”, cuja principal intenção era poder povoar a imensidão do deserto pampiano, deter e controlar a presença e a ameaça do indígena autóctone e dificultar o traslado do gado roubado pelos aborígenes. De alguma forma o projeto satisfazia a necessidade dos fazendeiros e especuladores para apropriar-se das

---

<sup>43</sup> Guillermo Bengoa, Argentina, arquiteto e professor de História da Arquitetura da Universidade Nacional de Mar del Plata e de Gestão Ambiental na Universidade Nacional do Centro.

terras ocupadas pelos indígenas, desejo este que se remonta aos dias da dominação da coroa espanhola.

Em 1875, Adolfo Alsina então ministro de Guerra e da Marinha, do presidente Nicolás Avellaneda se propõe dominar uns 10 mil km com a construção de uma trincheira de centenas de quilômetros ao oeste da província de Buenos Aires. Para tal empresa, Adolfo Alsina contratou os serviços de um engenheiro francês Alfredo Ebelot<sup>44</sup> que projeta uma trincheira de mais de 400 km de comprimento, consistente numa fossa ou vala de 3,00 m de largura na superfície, 2,00 m de profundidade aproximadamente, e 0,60 m de largura no fundo, com um parapeito de grama de uns 4,00m de largura por 1,00 m de altura, e complementada com fortificações. As obras foram realizadas entre 1876 e 1877.

Porém como Bengoa afirma, em 1877 não existia na Argentina tecnologia disponível para mover 45 mil metros cúbicos de terra por quilômetro avançado, portanto não havia outra solução a não ser a mão-de-obra dos próprios contingentes de soldados, geralmente mal alimentados e com uniformes gastos e esfarrapados.

A empreitada não foi totalmente bem sucedida, mas como sugere Bengoa "... se trataba de la construcción de una defensa fija en territorio, una inmensa línea que permitiera delimitar, en el vacío pampiano, donde acaba la civilización y comenzaba la barbarie. A falta de un límite natural, el objetivo era crear una frontera artificial" (BENGOA, 2004, p. 110). A geologia do lugar se impôs ao controle humano e a pretendida "Grande Muralha argentina" como foi, por não poucos, chamada, não conseguiu driblar uma interminável planície cartesiana onde a única linha possível era e ainda é a linha reta.

Bengoa ainda reflete a modo conclusivo:

En millones de años en que estuvo poblada sólo por animales y en los diez mil años que estuvo poblada por los aborígenes, la pampa fue una vastísima llanura indiferenciada, con los 360 grados de horizontes libres al observador, sin árboles que pudieran perturbar la mirada, sin accidentes geográficos visibles. Un tapete verde bajo el cielo. Ni siquiera el poderoso afán civilizatorio del Imperio Español pudo con ella (BENGOA, 2004, p. 112).

Mas por outro lado e de certa forma paradoxal, a pampa - e em especial a pampa úmida -, mostrou outro lado, sem indícios de barbárie e selvageria, um

---

<sup>44</sup> O engenheiro Alredeo Ebelot transformaria a sua experiência nos campos argentinos num livro intitulado "La pampa. costumbres argentinas" de 1889.



espaço útil e generoso para os interesses do capital internacional, a partir do fomento e estímulo do comércio e indústria agropecuários:

Durante poco más de cien años, la pampa fue la civilización en Argentina y su exitoso modelo de explotación fue extrapolado hacia otros territorios del país. Aparentemente, la pampa indiferenciada había dado paso a una estructura territorial firme, con un hilado lógico de pueblos unidos según la racionalidad de la explotación capitalista (BENGOA, 2004, p. 112).

Pode-se dizer que a pampa em Bengoa não se distancia dos seus observadores que lhe precederam, porém a questiona como um condicionante natural, - cujos limites são a linha do horizonte e as águas do oceano -, ou um invento cultural antropológico posterior para conquistar um território e posteriormente poder lançar as bases de um projeto de país Estado. Ambas as possibilidades procedem, parece concluir o catedrático argentino: os sucessivos intentos de colocá-la a serviço da expansão na construção urbana da nação argentina fracassaram, mas por outro lado as mesmas ferramentas tiveram um saldo positivo na erradicação quase que total do aborígene a sua cultura milenar. Com efeito, as principais etnias indígenas os Onas, Tonas, Tehuelches e Patagones não sobreviveram à passagem ao século XX, porém de forma discreta e quase que inexpressiva foram descobertos alguns dos seus representantes que conseguiram testemunhar a Argentina dos anos setenta.

Como se pode apreciar pelo exposto, este bioma despertou uma série de inquietações não só científicas, mas em especial de cunho filosóficas que transitaram e foram vertidas em quase todas as modalidades de expressão. Rodríguez Barreiro, professor e escritor uruguaio, talvez tenha sintetizado e definido o papel e o lugar da pampa na construção do inconsciente coletivo rio-platense ao compara-la com a sintaxe da frase e comentar que a pampa é o predicado do sujeito. Tal afirmação encerra uma necessária desambiguação que conduz a reflexões tanto metafísicas como metalinguísticas, dentre as quais destacam a pampa como espaço aberto e sem limites, de recepção e trânsito de vida, e a pampa como um lugar produto do discurso humano.

Com efeito, as planícies argentinas para o cientista Florentino Ameghino são extensões, cuja antiguidade se perde no tempo e em cujas entranhas repousam os vestígios da presença do *Homo Pampeanus*, o Homem das Pampas, após um longo

processo evolutivo de quase 500 milhões de anos. Na visão darwiniana de Ameghino, durante a sucessão das eras geológicas, os peixes sucederam as amebas, anfíbios sucederam os peixes, répteis sucederam os anfíbios e geraram uma outra linhagem de répteis mamíferoides, dinossauros sucederam os répteis, originaram as aves e conviveram com os ancestrais dos mamíferos que, entre as suas diversificações e radiações adaptativas gestaram primatas e homínídeos até chegar ao que nós somos: o *Homo Sapiens Sapiens*.

Já na visão do literato Jorge Luis Borges, existem questões e reflexões socioantropológicas sobre a pampa e o seu eventual habitante, que nortearão a sua narrativa para além das teorizações de cunho científico da paleontologia argentina sobre a evolução do bioma pampiano. Estas questões, que não escapam de conter no seu seio um teor ideológico, serão resgatadas e discutidas a partir do conto em análise *O sul*, como também complementadas com considerações do conto curto *O fim*, por apresentarem um conteúdo argumental e discursivo comum e por fazer procedente e possível a especulação de um conto ser a continuidade do outro.

#### **4.2 O SUL: O QUÉ É O SUL?... QUE HÁ NO SUL?**

O Sul, pela a sua exploração narrativa, se apresenta em Borges como uma patente obsessão topológica. A sua referência pode se encontrar em outras das suas narrativas. Com efeito, em *Um doble de Mahomé* que forma parte de “História universal da infâmia”, o narrador em primeira pessoa adverte: “El verdadero Mahoma, que redactó el Qurán, ya no es visible a sus adeptos. Me han dicho que al comienzo los presidía, pero que pretendió dominarlos y fue exilado en el Sur” (BORGES, 1998, p. 132).

Já *O sul* é um conto curto que integra “Ficções”, uma coleção de contos que consta de duas partes: a primeira “O jardim de caminhos que se bifurcam”, de 1941, e a segunda, “Artifícios”, de 1944, onde aparece como o último conto da coletânea. Apesar do seu número discreto de páginas que o seu desenvolvimento narrativo exige, o conto apresenta uma profundidade interpretativa para além da sua superfície textual, que possibilita mais de uma leitura, levantando e propondo

desafios a serem confrontados e resolvidos com contribuições da filosofia, da história argentina e da sociologia da literatura.

Considerado como um conto que pode ser lido de forma linear num primeiro momento, numa visão mais apurada, as suas camadas interiores revelam a possibilidade de tratar-se de uma narrativa que pode ser dividida em dois momentos: no primeiro, os fatos acontecem até o início do período de convalescência de Juan Dahlman no hospital, repouso produto do seu ferimento involuntário na cabeça; e no segundo, os eventos correm por conta dos seus delírios profundos no quarto do hospital, só tendo cabimento e assento no mundo onírico. Não faltam as especulações sobre uma possível fenda no complexo espaço-tempo durante a viagem de trem que não o conduziria a seu destino, a fazenda familiar, e sim ao passado remoto.

Mas também é certo que o relato é de cunho autobiográfico:

El 24 de diciembre de 1938 Jorge Luis Borges subió uno a uno los peldaños de una escalera que, previsiblemente, lo llevaría al encuentro de una amiga extranjera, la que pasaría con él y su madre la Nochebuena. La penumbra de aquella escalera, su ya inocultable mala visión nocturna y el descuido de alguien, que dejó entreabierta la hoja de hierro de una ventana, hicieron lo demás. El golpe terrible contra el filo de la ventana y la abundante hemorragia, fueron seguidos por noches de insomnio altas fiebres y la pantalla de imágenes confusas que le brindaron las alucinaciones. A continuación, el herido perdió completamente la facultad del habla. La septicemia estaba declarada y la internación en el hospital público fue secuencia inmediata. Durante un mes, luego de una intervención quirúrgica de urgencia, Jorge Luis Borges – quien habría de comenzar a escribir cuentos fantásticos después de aquella terrible experiencia – estuvo vagando por ese ambiguo límite que separa la vida de la muerte (BENÍTEZ, 2004, p. 61).

Esta tese doutoral acolhe com beneplácito o amplo leque de possibilidades existente para equacionar o conto, pois não é o seu mérito julgar a procedência ou improcedência de alguma delas, e sim se focar no espaço onde se desenvolve a história, neste caso a pampa, o sul.

Com efeito, o próprio título do conto, a modo de prenúncio para o eventual leitor, prestigia um espaço, um lugar, ainda que vasto, amplo e genérico -, onde se passará majoritariamente toda a trama do mesmo. Borges não apela ao uso do termo *pampa* no seu conto, e em nenhum momento a menciona, a não ser pelo termo *Ihanura*, mas só logo após do uso do vocábulo *sul*. Na primeira leitura

habitual, o sul se apresenta como produto de confrontação e oposição entre dois pontos cardinais da rosa-dos-ventos: o Sul, em questão, ou meridiano, meridional ou austral e o Norte. Esta oposição geográfica diametral e antípoda encontra-se presente na narrativa borgiana sob a forma de outra dicotomia: de compreensões e leituras ideológicas de mundo que resultam antagônicas e por vezes irreconciliáveis.

A *Ihanura* e o sul, para o escritor bonaerense, são sinónimas como também podem ser consideradas uma a extensão da outra, além de constituir-se orografias humanizadas e inauguradas através do discurso dos seus povoadores autóctones e mais tarde pelos posteriores habitantes que chegaram na condição de desbravadores imigrantes. Sobre a *Ihanura*, Borges chegou a comentar:

“Como tanto argentino, soy nieto y hasta bisnieto de estancieros”, cuenta en uno de sus primeros libros y, aunque hombre de ciudad, le quedó en la sangre un apego al campo que se revela, no sólo en muchos versos suyos, sino en la espontánea respuesta dada durante un test de asociaciones de ideas, cuando le preguntaron qué le sugería la palabra libertad y contestó inmediatamente: Ihanura (JURADO, 1996, p. 33).

É na sua lírica e prosa que o literato procura expor o seu entendimento e sentir sobre o processo de elaboração e construção do sul, enquanto espaço e topologia para a habitação humana, ocupação histórica de remanentes culturas indígenas autóctones, imigrantes majoritariamente espanhóis e logo um aluvião de italianos, conjuntamente com o elemento híbrido da sociedade argentina: o próprio gaúcho.

*El Sur* poema do livro “Fervor de Buenos Aires”, de 1923, revela implicitamente uma considerável área do casco urbano bonaerense formado por casas com pátios interiores e com cisternas repousa na outrora pampa. Distante das comodidades materiais oferecidas pela Segunda Fase da Revolução Industrial, o sul é limítrofe com um Buenos Aires que se pretende europeu, mas enquanto capital argentina não atingiu tal status:

Desde unos de sus patios haber mirado  
las antiguas estrellas,  
desde el banco de  
la sombra haber mirado  
esas luces dispersas  
que mi ignorancia no ha aprendido a nombrar  
ni a ordenar en constelaciones,

haber sentido el círculo del agua  
 en el secreto aljibe,  
 el olor del jazmín y de la madre selva  
 el silencio del pájaro dormido,  
 el arco del zaguán, la humedad  
 - esas cosas, acaso, son el poema.  
 (BORGES, 1974, p. 19).

Mina<sup>45</sup> sobre esta dualidade da capital argentina expressa:

Buenos Aires fue frontera entre el interior y el exterior del país, entre lo nacional y lo extranjero, entre la pampa y el río, pero tuvo además otras fronteras dentro de sí misma: el suburbio, escenario privilegiado del tango, fue el límite entre el campo y la ciudad, verdadera colisión de valores, formas de vida, actitudes y creencias. El suburbio, al adquirir entidad propia con perfiles característicos, terminó constituyéndose en uno de los polos de la oposición entre suburbio y centro, con su correspondiente linde. Hubo también divisiones barriales que reflejaron el problema del “nosotros” versus los “otros” (forma de elaboración de la nueva identidad y de diluir las características previas), pero éste nunca se expresó como odio hacia los otros barrios, sino como un desmesurado amor hacia el propio (MINA, 2007, p. 45).

Em “Al horizonte del subúrbio”, poema pertencente ao livro “Luna de enfrente”, de 1925, o escritor expressa ter sapiência do processo habitacional conduzido na pampa e o decorrente convívio com a cultura e fauna do seu bioma. Mas reivindica a pampa, também, como um lugar escatológico e de tanatologia, reivindicação patente tanto em *O fim* como em *O Sul*:

Pampa:  
 Yo diviso tu anchura que ahonda las afueras,  
 yo me estoy desangrando en tus ponientes.  
 Pampa:  
 Yo te oigo en las tenaces guitarras sentenciosas  
 y en altos benteveos y en el ruido cansado  
 de los carros de pasto que vienen del verano.  
 Pampa:  
 El ámbito de un patio colorado me basta  
 para sentirte mía.  
 Pampa:  
 Yo sé que te desgarran  
 surcos y callejones y el viento que te cambia.  
**Pampa sufrida y macha que ya estás en los cielos,  
 no sé si eres la muerte. Sé que estás en mi pecho** (grifo do autor).

---

<sup>45</sup> Carlos Mina, Argentina, psicólogo e professor da faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires - UBA e pesquisador e ensaísta sobre o Tango.

(BORGES, 1974, p. 58).

Mas o Sul se localiza num lugar concreto e demarcado, como testemunha Borges através do seu personagem Juan Dahlman: “Nadie ignora que el Sur empieza del otro lado de Rivadavia<sup>46</sup>. Dahlman solía repetir que ello no es una convención y que quien atraviesa esa calle entra en un mundo más antiguo, más firme (BORGES, 1994, p. 81).

Sarlo (2008) em tal sentido ainda acrescenta que Constitución, a estação de trens de Plaza Constitución, é um dos portais do Sul. Por outro lado, o Sul foi usado como matéria prima no tangocanção. Homero Manzi não muito distante de Borges propõe uma leitura que recolhe saudades, frustrações e impotências, num espaço arquitetônico periférico e em intimidade com a pampa: o espaço da nostalgia, do que não chegou a ser. Com música de Anibal Troilo Pichuco, Homero Manzi escreveu *Sur* em 1949:

San Juan y Boedo antiguo, y todo el cielo,  
 Pompeya y más allá la inundación.  
 Tu melena de novia en el recuerdo  
 y tu nombre florando en el adiós.  
 La esquina del herrero, barro y pampa,  
 tu casa, tu vereda y el zanjón,  
 y un perfume de yuyos y de alfalfa  
 que me llena de nuevo el corazón.  
 Sur,  
 paredón y después...  
 Sur,  
 una luz de almacén...  
 Ya nunca me verás como me vieras,  
 recostado en la vidriera  
 y esperándote.  
 Ya nunca alumbraré con las estrellas  
 nuestra marcha sin querellas  
 por las noches de Pompeya...  
 Las calles y las lunas suburbanas,  
 y mi amor y tu ventana  
 todo ha muerto, ya lo sé...  
 San Juan y Boedo antiguo, cielo perdido,  
 Pompeya y al llegar al terraplén,

---

<sup>46</sup> A Avenida Rivadavia é uma das mais importantes artérias de Buenos Aires com 35 km de comprimento. Uma das maiores do mundo começa em Plaza de Mayo, o centro histórico de Buenos Aires e termina em Moreno, Província de Buenos Aires. Comumente considerada como o limite entre a Zona Norte e a Zona Sul, deve seu nome ao primeiro presidente argentino Bernardino Rivadavia. A avenida conta com um considerável número de linhas de ônibus, estações de trem e de subterrâneo, e atravessa uns 13 bairros de Buenos Aires.

tus veinte años temblando de cariño  
 bajo el beso que entonces te robé.  
 Nostalgias de las cosas que han pasado,  
 arena que la vida se llevó  
 pesadumbre de barrios que han cambiado  
 y amargura del sueño que murió.  
 (GOBELLO, 2012, p. 335).

Distante ideologicamente de Jorge Luis Borges, Joaquin Torres García<sup>47</sup> se manifesta sobre o Sul com um paradigma filosófico alternativo a seguir:

He dicho Escuela del Sur; porque en realidad, nuestro norte es el Sur. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte.<sup>48</sup>

Eladia Blázquez<sup>49</sup> por sua vez, deixa a sua visão sobre o Sul num tangocanção *El corazón al sur*, registrado em 1976, ano do Golpe de Estado na Argentina, perpetrado contra a então presidenta María Estela Martínez de Perón. Na sua produção, a autora recolhe, entre saudades e reflexões da maturidade, o olhar coletivo do imaginário portenho sobre o sul: um ponto cardinal que equivale a pobre e popular<sup>50</sup>. Dos seus estrofes destaca:

Mi barrio fue mi gente que ya no está,  
 las cosas que ya nunca volverán,  
 si desde el día en que me fui  
 con la emoción y con la cruz,  
 ¡yo sé que tengo el corazón mirando al sur!  
 La geografía de mi barrio llevo en mí,  
 será por eso que del todo no me fui:  
 la esquina, el almacén, el piberío...  
 lo reconozco... son algo mío...  
 Ahora sé que la distancia no es real  
 y me descubro en ese punto cardinal,

<sup>47</sup> Joaquín Torres García, 1871 – 1949, pintor, desenhista, escultor, escritor e professor uruguaio. Na década dos trinta, cria seu próprio estilo artístico conhecido como Universalismo Construtivo. Do seu amplo acervo de obras, “América invertida” de 1943 é uma das mais reconhecidas internacionalmente pelo seu apelo discursivo voltado à construção de uma América austral sob as bases da autoestima e valorização continental, na busca de um destino comum de realização como convergência de aspirações e expectativas de autogestão.

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/torres.htm>>. Acesso em: 02.01.2015.

<sup>49</sup> Eladia Blázquez, 1931 – 2005, pianista, guitarrista, compositora, autora e cantante de tangos durante a fase de menor popularidade sofrida pelo gênero, nos fins dos anos setenta.

<sup>50</sup> *Popular* neste contexto assume sinonímia de: distante da erudição e ilustração.

volviendo a la niñez desde la luz  
 teniendo siempre el corazón mirando al sur.  
 (GOBELLO, 1998, p. 26).

Com uma postura mais distante a da autora e a de Jorge Luis Borges e mais ideológica e politizada, Mario Benedetti define e descreve através do poema *El sur también existe*, o sul como espaço continental de emancipação e resistência contra o modelo econômico hegemônico mundial imposto pelos Estados Unidos e os países do primeiro mundo. A corrida armamentista, os tecnocratas, o consumismo, as teorias econômicas descompromissadas com o bem-estar da humanidade, a poluição ambiental dos países altamente industrializados, os costumes supérfluos e banais e a prepotência do Norte passam pelo crivo do olhar crítico do escritor.

Benedetti reflete este espaço como um lugar herdeiro e depositário das lutas por uma independência ainda não atingida, promovida desde os primórdios da criação dos países Estado por lutadores e ativistas como Tupac Amará, Joaquim da Silva Rabelo “Frei Caneca”, Joaquim Jose da Silva Xavier “Tiradentes”, San Martín, Simón Bolívar, José Artigas, José María Morelos, Emiliano Zapata, José Doroteo Arango “Pancho Villa”, Augusto Cesar Sandino, Ernesto Che Guevara e, mais recentemente, Salvador Allende e Raúl Sendic, entre tantos outros.

O título deixa transparecer a teimosia dos seus habitantes que do sofrimento e injustiças seculares ainda contrapõem o seu direito a uma existência de dignidade, decoro e reconhecimento. As suas duas estrofes últimas são explícitas:

[...] Con su corno francés  
 y su academia sueca  
 su salsa americana  
 y sus llaves inglesas  
 con todos su misiles  
 y sus enciclopedias  
 su guerra de galaxias  
 y su saña opulenta  
 con todos sus laureles  
 el norte es el que ordena.

Pero aquí abajo abajo  
 cerca de las raíces  
 es donde la memoria  
 ningún recuerdo omite  
 y hay quienes se desmueren  
 y hay quienes se desviven  
 y así entre todos logran



lo que era un imposible  
que todo el mundo sepa  
que el Sur,  
el Sur también existe...<sup>51</sup>

Este poema foi cantado, conjuntamente com outros poemas do autor em um uruguaio, pelo cantor, poeta, músico e compositor espanhol Joan Manuel Serrat em um LP lançado pela produtora e gravadora Ariola em 1985, coincidindo com a volta do Uruguai ao sistema democrático, após doze anos de regime militar. A partir deste momento, o poema ganhou notoriedade mundial, enquanto seu refrão *El sur también existe* transformou-se, aos poucos, num lema de autoafirmação e orgulho para quase toda a população da América Austral.

Uruguai fincado no meio da pampa também detêm uma idéia de Sul, porém um Sul mais concreto e arquitetônico e menos ligado às abstrações de cunho filosófico. Existe um Sul tangível, habitado e transitável, formado pelo Barrio Sur, Bairro Sul, localizado no extremo sul da cidade de Montevideo, delimitado pelas ruas, Andes, 18 de Julio, Ejido e a Rambla Sur (avenida beira-mar). Barrio Sur foi o primeiro bairro construído extramuros, fora da cidadela de Montevideo e foi desde muito tempo lugar de assentamento e habitação dos afrodescendentes uruguaios de tal forma que numa das suas ruas, Isla de Flores, se realiza anualmente o “Desfile de Llamadas”, rito ancestral dos negros que durante a escravidão recebiam um dia de soltura, vestiam as roupas usadas dos seus donos e saíam tocando seu tambor na rua, e com seu *repique*<sup>52</sup> chamavam os outros a se juntarem e tocar seu instrumento de percussão ao longo da rua. Candombe<sup>53</sup> é o gênero musical criado pelo negros afincados no Uruguai e tocado com três tipos de tambor: chico, piano e repique.

Mas o bairro recobrou prestígio e vigor durante a ditadura civil-militar uruguaia, após a derrubada do *conventillo*<sup>54</sup> do Mediomundo, em 5 de dezembro de 1978, sob o governo do Dr. Aparicio Méndez e o prefeito de Montevideu Oscar Victor Rachetti. Dois dias antes, em 3 de dezembro, efetuou-se a ordem de despejo dos seus moradores. O prédio se situava na rua Cuareim, Nº 1017, e acolhia um importante grupo de famílias afrodescendentes carentes. O prédio simbolizava a

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.poemas.de/el-sur-tambien-existe/>>. Acesso em: 02.01.2015.

<sup>52</sup> Repique, nome dado ao som da batida no tambor.

<sup>53</sup> Candombe, não confundir com Candomblé.

<sup>54</sup> Conventillo, português cortiço.

história, o templo do candombe e a cultura afro-uruguaia. O fato gerou consternação e repúdio gerais que logo em breve se transformariam num argumento sólido e abrangente de confrontação contra o poder de fato e que alinhavaria o discurso da oposição na clandestinidade: a intromissão do Norte capitalista do Primeiro Mundo que colocara seus fantoches militares como o apoio da oligarquia industrial montevideana, num pseudoproceto cívico militar, querendo calar as vozes dos sem voz e da esquerda austral.

O bairro foi fonte de inspiração para vários artistas uruguaios entre os quais destacam o recentemente falecido pintor, escultor e construtor de Casa Pueblo Carlos, Páez Vilaró; o compositor e cantor Rubén “Negro” Rada, e o também cantador Jaime Roos quem imortalizou o bairro montevideano com a canção “Durazno y Convención”, nome de ruas, escrita e lançada em 1984, sob a forma de um candomberock, de cujas estrofes sobressaem:

[...] La calle Durazno  
Atraviesa dos barrios  
De chata figura  
De amarga dulzura  
Son Sur y Palermo<sup>55</sup>  
Rivales y hermanos  
Que cruzan Durazno  
Camino del mar [...]<sup>56</sup>

Também o grupo Pareceres prestou homenagem tanto ao bairro como ao cortiço em “Por si vuelvo”:

[...] Barrio sur casas pintadas de colores diferentes  
Hoy entré a tu conventillo donde habita tanta gente  
Alegrías por doquier aunque se ve la pobreza  
Son morenos de grandezas que viven  
para sufrir su alegría permanente  
al chas chas<sup>57</sup> del tamboril [...]<sup>58</sup>

No Uruguai, o Sul se depara geológica e geograficamente com as águas do estuário do Rio da Prata, porém tanto para os montevidanos como para os interioranos, o Sul, - enquanto lugar -, hoje em dia ultrapassa o ideal de *terruño*<sup>59</sup> e

<sup>55</sup> Palermo, bairro que limita com Barrio Sur.

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://letras.mus.br/jaime-roos/538425/>>. Acesso em: 01.01.2015.

<sup>57</sup> Chas chas, onomatopeia do som do tambor.

<sup>58</sup> Disponível em: <[http://acordes.lacuerda.net/pareceres/por\\_si\\_vuelvo](http://acordes.lacuerda.net/pareceres/por_si_vuelvo)>. Acesso em: 02.01.2015.

<sup>59</sup> Terruño, de tierra; português: terra, querência.

se continentaliza como lugar de contestação e confrontação a partir da disseminação dos regimes militares instaurados na década dos anos setenta.

O Sul é um ideal de lugar onde se reivindica a humanização e dignificação do homem e assume corporeidade no continente sul-americano: uma utopia, uma nova chance para a humanidade para além da divisão da economia de mercado norte-americana e a economia planificada soviética de então. Com a implosão da União Soviética em 1989, esse ideal de identificação apregoa o fortalecimento das repúblicas austrais para fazer frente ao projeto homogeneizante da Globalização, tida por alguns a nova fase Neocolonialista da pós-Modernidade ou Capitalismo tardio.

Assim sendo, a América Austral, - o último lugar a ser habitado no ininterrupto movimento migratório humano de milhares de anos -, tenta ser o primeiro a indicar o novo rumo da humanidade no terceiro milênio.

Do exposto acima, salvo discretas discrepâncias no entendimento, interpretação e elaboração do Sul, existe um denominador comum que permeia todos os seus eventuais observadores: o Sul se apresenta, também, como uma fronteira, uma linha sutil e imaginária que atua como divisor; um espaço aberto que gera lugares com feições humanas e comporta a habitação humana em condição de pioneiros, colonos e imigrantes que estão numa subliminar oposição contra tudo aquilo tido como modelo e expressão de urbanismo civilizatório. O Sul é o outro lado, o passado, o espaço do início de um processo antrópico que durante a sua concretude deturpou-se e ficou inacabado, seja pelas falências e imperfeições humanas, seja pelas falências de uma economia de mercado alicerçada na competição desigual e na miragem da falsidade ideológica de que todos podem ter sucesso.

Por outro lado e em decorrência disto, o Sul transforma-se num espaço que se levanta e se contrapõe ao tido como civilização e renega do seu apelido e tratamento sarmientano de barbárie: é o espaço dos esquecidos, dos desamparados, é o espaço de uma construção social e cultural alternativa a partir da desconstrução e negligência daqueles imbuídos de uma missão civilizatória que logo resultou ilusória, ineficaz e incompleta.

Mas o Sul borgiano, - que a presente tese doutoral leva em consideração final para o desenvolvimento da mesma -, diz respeito a um espaço físico que na cosmogonia do autor encontra-se identificado em um contorno geográfico definido.

Como já foi exposto acima, a Avenida Rivadavia em Buenos Aires é onde começa o Sul, é o limite e a fronteira de duas realidades, tanto de cunho urbano como socioantropológicas. A periferia habitada pela classe trabalhadora, - que devia encarar mais de oito horas de labor em condições estafantes, insalubres e sem segurança -, e o arrabalde, reduto de *compadritos*, *orilleros*<sup>60</sup> e prostitutas e onde o Tango teve o seu início e estágio embrionário -, era o último recanto vestigial de um urbanismo mal sucedido. Com as suas ruas de paralelepípedos e ainda de terra, eram a antessala e o prenúncio físico dos domínios ancestrais da pampa através da campina.

Sobre esta questão, Sarlo (2008) comenta:

Naqueles anos, o termo *las orillas* designava bairros distantes e pobres, limítrofes **com a planície que cercava a cidade** (grifo do autor). O *orillero*, morador desses bairros, muitas vezes trabalhador dos matadouros e frigoríficos onde ainda se estimavam as destrezas rurais no manejo do cavalo e da faca, inscreve-se numa tradição *criolla* de maneira muito mais plena do que o *compadrito* suburbano (de quem Borges não propõe nenhuma idealização), cuja vulgaridade denuncia o recém-chegado, o imitador de costumes que não lhe pertencem. O *orillero* arquetípico é de linhagem hispano-*criolla*, e a sua origem é anterior à imigração; o *compadrito* suburbano, ao contrário, traz as marcas de uma cultura baixa e faz alarde de coragem ou ousadia para imitar as qualidades que são naturais ao *orillero*. O *compadrito* é vistoso, o *orillero* é discreto e taciturno (SARLO, 2008, p. 48).

Todavia Borges revela em “El tamaño de mi esperanza” de 1926 uma visão sobre a metrópole já levantada e discutida por Martínez Estrada nos seus ensaios:

Nuestra realidad vital es grandiosa y nuestra realidad pensada es mendiga. Aquí no se ha engendrado ninguna idea que se parezca a mi Buenos Aires, a este mi Buenos Aires innumerable que es cariño de árboles en Belgrano y dulzura larga en Almagro y desgana sorna orillera en Palermo y mucho cielo en Villa Ortúzar y proceridá taciturna en las Cinco Esquinas y querencia de ponientes en Villa Urquiza y redondel de pampa en Saavedra... **Ya Buenos Aires, más que una ciudad, es un país** (grifo do autor) y hay que encontrarle la poesía y la música y la pintura y la religión y la metafísica que con su grandeza se aviene. Ese es el tamaño de mi esperanza, que a todos nos invita a ser dioses y a trabajar en su encarnación. (BORGES, 1993, p. 13 – 14).

<sup>60</sup> *Orilleros*, de *orilla*, português margem, fio, limite, beira, orla da praia; o habitante, o morador de/da.

Para além da periferia bonaerense cinza, velha, de casas de um andar, de paredes descascadas e de tijolo visto, e ruas sem asfaltar, com ocorrência de pântanos e lodaçais, Homero Manzi consegue retratar esta topologia em seu tangocanção “Barrio de Tango” de 1942, com música de Anibal Troilo Pichuco:

Un pedazo de barrio, allá en Pompeya,  
 Durmiéndose al costado del terraplén;  
 Un farol balanceando en la barrera  
 Y el misterio de adiós que siembra el tren.  
 Un ladrido de perros a la luna  
 El amor escondido en un portón  
 Y los sapos redoblando en la laguna;  
 A los lejos, la voz del bandoneón [...] (GOBELLO, 2012, p. 57).

Como se observa, o Sul em Borges se confunde e se funde com a vastidão da pampa até absorver os territórios mais austrais, reivindicados como pertencentes à Patagônia: um mundo mais antigo e mais firme segundo o autor que o confessa no próprio conto O Sul.

Nesse Sul encontra-se outra arquitetura: a *pulperia* e o palanque; outro habitante: o gaúcho e o indígena; outro meio de locomoção: o cavalo; outra vegetação: o umbu; outras ilhas que não as dos deltas dos rios: as ilhas de eucaliptos e o contorno do horizonte ondulado e inatingível e não recortado aleatoriamente por prédios e arranha-céus. Esta dicotomia reflete a levantada e defendida por Domingo Faustino Sarmiento: civilização x barbárie, onde Buenos Aires é a Europa como a pampa é à barbárie.

No espaço simbólico proposto pela literatura borgiana, a pampa contém o gérmen da barbárie, enquanto no seu modelo de nação: campo, paisano, cavalo, palanque, pulperia, tradição oral estão em confrontação com o modelo ocidental e cristão: cidade, cidadão, escola, escrita, ilustração e tecnologia.

Sarlo (2008) defende que Borges enfrenta o problema da coexistência conflitiva desta dicotomia e a mesma é levada nas suas ficções literárias onde se percebe a existência de uma dobra, lugar de perigo entre duas superfícies culturais. Esta dobra une separando ou separa unindo e a instabilidade borgiana se produz quando se passa de uma superfície para a outra.

Deleuze (1989) já propunha tal existência a qual ele denominava de *pliege*; *fold*, dobra. Deleuze teoriza que em um mundo de dois andares, separados por uma

dobra que atua dos dois lados segundo um regime diferente, é uma contribuição e legado do Barroco. A dobra é tudo aquilo que separa. A dobra ou pliegue distingue e trabalha com a diferença, a duplicidade da dobra se produz nos dois lados que a dobra distingue, mas também relaciona porque promove uma cisão na qual cada termo remete ao outro, tensão em que cada dobra é tensionada pela outra.

Jorge Luis Borges viveu nessa dobra de realidades contrastantes e as levou para seu cotidiano de produção literária, talvez reconhecendo no seu íntimo seu lugar em algum ponto da mesma, entre um Norte e um Sul geopolíticos (sejam estes orientações cardinais em Buenos Aires ou o Norte europeu) e entre um modelo civilizatório e uma barbárie. Porém não constituíram outra coisa senão abstrações movidas na complacência de uma ideologia determinada e que ainda em estado de beligerância e ausência de reconciliação permanentes mostraram ser, embora antagônicas, vertentes que convergiam para um mesmo constructo.

No conto *O Sul*, o Sul aos poucos é revelado pelo autor: “Dahlman pudo sospechar que viajaba al pasado y no sólo al Sur” (BORGES, 1994, p. 83). Após a parada do trem no meio do campo, *Ihanura* silenciosa, um povoado desconhecido e um armazém orientam o percurso de Juan Dahlman, enquanto “Atados al palenque había unos caballos” (BORGES, 1994, p. 84). Uma vez no interior do armazém de ramos gerais, destaca-se entre os frequentadores um homem muito velho:

Era oscuro, chico y reseco, y estaba como fuera del tiempo, en una eternidad. Dahlman registro con satisfacción la vincha, el poncho de bayeta, el largo chiripá y la bota de potro y se dijo, rememorando inútiles discusiones con gente de los partidos del norte, que gauchos de ésos ya no quedan más que en el Sur (BORGES, 1994, p. 85);

um par de peões de fazenda que começaram a gozar de Juan Dahlman enquanto degustava a sua refeição, dos quais um resulta inconfundível: “El compadrito de cara achinada se paró, tambaleándose” (BORGES, 1994, p. 86) e por último, uma vez mais o escritor se detém para mencionar outra vez o homem muito velho: “Desde un rincón, el viejo gaucho extático, en el que Dahlman vio una cifra del Sur (del Sur que era suyo) le tiro una adaga desnuda que vino a caer a sus pies” (BORGES, 1994, p. 87).

O termo *cifra* usado por Borges no contexto do enunciado citado se apresenta como peça chave, pois seu campo sinonímico comporta *signo*, *expressão* e *representação*: em Borges o gaúcho é o elemento sócio-antropológico mais

representativo da pampa. Todavia esta cifra alberga dentro de si uma outra possibilidade que remete ao seu outro conto *O fim* que por sua vez remete a um outro texto tido como um clássico e por muito como a máxima expressão da literatura argentina: “Martín Fierro” de José Hernández. Com efeito, resulta procedente defender a tese de que esse gaúcho velho, extático não é outro que o próprio Martín Fierro, o que abre caminho para a discussão de um caso de intertextualidade implícita como ambas as obras.

Já o conto termina quando Juan Dahlman, com um facão na mão que dificilmente saberá manusear; “...sale a la llanura” (BORGES, 1994, p. 87), sai para a *Ihanura*, para a pampa, a mesma pampa na qual, quase dois séculos antes, em 1871, aportara seu avó, Johanness Dahlman, numa Buenos Aires que soterrava aos poucos com seu casco urbano uma considerável parcela da pampa úmida.

No outro conto curto *O fim*, uma pulperia perdida no meio da pampa é o lugar de encontro para um ajuste de contas pendente entre o gaúcho Martín Fierro e um negro. Sete anos atrás, Martín Fierro matara seu irmão num baile de campanha. Fierro bêbado faltou com respeito a sua mulher e quando o negro saiu na defesa da sua honra, Fierro o matou. Após um ríspido e obrigatório intercâmbio de cumprimentos, Fierro e o negro saem da pulperia, à pampa, à *Ihanura* e se posicionam, se medem e breve se confundem numa luta de facão. Entre esquivos e acertos, Fierro cai mortalmente ferido, sangrando. O negro em silêncio contempla a sua agonia até o fim, logo limpa seu facão e vai embora. A dívida está quitada.

Na cronologia ficcional borgiana, *O fim* precede a *O sul*, com efeito, o primeiro acontece por volta da segunda metade do século XIX, enquanto o segundo acontece no fim dos anos trinta do século XX. Quase que cem anos depois, a *Ihanura* geológica, a pampa indígena recobram seu espaço de vida e morte sob o mesmo ritual: um duelo de facão cujo principal testemunha é uma *pulperia*.

Estes elementos podem ser aferidos como indícios que possibilitam a procedência da defesa da continuidade dos contos em questão. Pode-se teorizar que os fatos de *O Sul* acontecem no mesmo lugar, ainda que um pouco mais urbanizado, porém na mesma *pulperia*. Aquele gaúcho extático como já foi debatido anteriormente, seria Martín Fierro, ou melhor dizendo, o seu fantasma, ou a sua aparição ou a sua imortalidade (?) criando, por sua vez, um fato real mágico numa narrativa identificada com o real fantástico. O pentágono Ihanura-silêncio-gaúcho-

facção-morte é o eixo entorno o qual giram os dois contos e o seu movimento conduz à barbárie borgiana.

Desta forma e pelo exposto até o momento, pode se considerar que o Sul borgiano é, quase na sua totalidade, pampiano tirando a discreta porção urbana bonaerense formada pela periferia localizada além da Avenida Rivadavia. O Sul se apresenta antigo, pretérito e até holocênico, em outras palavras pré-histórico, pois a epopéia humana dos seus habitantes autóctones não ultrapassou o estágio neolítico, a pedra polida: a faca lítica (!); enquanto a visão civilizatória do modelo europeu trazido primeiro pelos invasores, conquistadores e colonizadores espanhóis no século XVI e mais tarde pelo cânon da Segunda Fase da Revolução Industrial na segunda metade do século XIX resultaram inoperantes na vastidão dos territórios pampianos.

Mas a pampa em Jorge Luis Borges ainda pode guardar algo a mais que o périplo e o perambular existencialista de Juan Dahlman pelo Sul podem revelar.

#### **4.3 O SUL DE BORGES E DE JUAN DAHLMAN: A *LHANURA* DO ETERNO RETORNO...**

O autor da presente tese doutoral ao analisar a ficção borgiana achou indícios da presença, em não poucos contos, da ideia do eterno retorno, do voltar, noutras palavras do mito do Eterno Retorno. Jurado (1996) ao estudar as personagens em Borges propõe que o literato os utiliza para poder desenvolver temas míticos, ancestrais e existenciais dos quais destacam a questão do destino humano, o labirinto, o infinito, a percepção do momento que define a um homem e o eterno retorno, o mito do Eterno Retorno. Jurado ainda reconhece em Borges que a ideia de que somos movidos por uma mão cujo propósito ignoramos, está relacionada com a ideia de que somos apenas sonhos de um misterioso sonhador como as próprias personagens do conto “As ruínas circulares” na qual se narra a fábula de um homem que sonha com outro, até dá-lhe vida. Porém, muito tempo depois, descobre que ele mesmo não é outra coisa que a corporização do sonho de um outro alguém. A narrativa diz respeito à ideia do infinito a partir de uma sucessão de



finitos, a lenda do Golem que forma parte da tradição mística judaica (já mencionada anteriormente), o criador e o criado, e permeia o ato e processo da criação literária.

Entretanto o título sugestivo do conto “As ruínas circulares” abre também crédito para a outra questão: a noção cosmogônica de circularidade, dos ciclos, das idades ainda que o termo *ruínas* aplicado por Borges remeta a um estágio humano mal acabado, desgastado, em decadência, seja de ordem éticossocial ou literalmente arquitetônico.

O mito do Eterno Retorno é um conceito muito debatido, analisado e discutido, porém ainda é pouco compreendido. Tido como uma concepção filosófica comum das culturas ancestrais do continente euroasiático e logo encontrada também nos povos indígenas e civilizações ameríndias, o mito plantea a repetição infinita do mundo toda vez que o mesmo atingisse uma extinção total para logo voltar a criar-se e surgir uma vez mais até a próxima hecatombe cósmica.

Um exemplo disto é um poema “Mother Earth” dos Índios Pueblo da América do Norte que ocupavam as terras do sul oeste do que hoje são os Estados Unidos, intitulado:

I have killed the rabbit,  
 I have crushed the grasshopper  
 And the plants he feeds upon.  
 I have cut through the heart  
 Of trees growing old and straight.  
 I have taken fish from water  
 And birds from the sky.  
 In my life I have needed death  
 So that my life can be.  
 When I die, I must give life  
 To what has nourished me.  
 The Earth receives my body  
 And gives it to the plants  
 And to the caterpillars,  
 To the birds  
 And to the coyotes,  
 Each in its own time so that  
 The web of life is never broken.<sup>61</sup>

A ideia de um tempo linear no mito do Eterno Retorno conduz a uma serie de acontecimentos que seguem regras de causalidade; existe um principio e um fim certo que volta a gerar um novo início. Ainda que linear, o mito do Eterno Retorno

---

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.blackhawkproductions.com/poetrynative.htm>>. Acesso em: 15.01.2015.

em questão não deixa de ser cíclico, muito embora que alguns pensadores refutem a visão cíclica do tempo ao levantar que não se trata de ciclos nem novas combinações e outras possibilidades, senão que os mesmos fatos se repetem seguindo uma mesma ordem, sem abrir espaço para uma possível variação. Com efeito, a ideia do mito do Eterno Retorno diz respeito a um conceito circular da história e dos fatos, onde há ciclos, períodos, eras e idades os quais uma vez cumpridos, os fatos ocorrem sob outras circunstâncias mais uma vez, porém não iguais senão semelhantes.

Mircea Eliade, filósofo e historiador das religiões do mundo nos seus ensaios sobre o mito, defende o conceito de que o mito do Eterno Retorno é o resultado de uma crença religiosa universal de poder voltar à Idade de Ouro, com a prática do mito e do rito. Nos seus estudos sobre a questão, Mircea Eliade primeiramente arrisca uma definição sobre o mito e expressa:

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais<sup>62</sup>, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2010, p. 11).

Mircea Eliade (2010), ainda, acrescenta que a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas como alimentação, casamento, trabalho, educação, artes e sabedoria. Por outro lado, o mitólogo romeno adverte que o mito em si mesmo, não é garantia

---

<sup>62</sup> Os Entes Sobrenaturais são anteriores à criação do homem e são os arquitetos do Cosmo, os criadores de tudo quanto existe. Este grau de consciência elaborado pelo homem primitivo abre espaço para a teoria do astronauta antigo, teoria levantada e defendida por Erick Von Daniken e divulgada nos seus documentários realizados nos anos setenta “Eram os deuses astronautas?”

de bondade nem moralidade, pois a sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim uma significação ao Mundo e à própria existência humana e “Graças ao mito, como já dissemos, despontam lentamente as ideias de realidade, de valor, de transcendência” (ELIADE, 2010, p. 128). Os mitos registrados são sempre modificações mais ou menos sensíveis de um texto pré-existente, ainda reflete Mircea Eliade com um olhar comparatista.

O próprio Borges na *Parábola de Cervantes e de Quixote* do livro de 1960 “El hacedor” reflete na voz do narrador: “Porque en el principio de la literatura está el mito, y asimismo en el fin” (JURADO, 1997, p. 212).

Pela natureza do fenômeno do mito, o teórico romeno levanta a existência de vários mitos: da criação, da destruição, da renovação, do fim do mundo, do esquecimento e do eterno retorno. Deste último, Mircea Eliade dedicou um ensaio.

Ao estudar o mito em questão, Eliade (2006) destaca a existência de dois tipos de homens ou duas humanidades presentes no devir da evolução humana ao longo de milhares e até de milhões de anos. O primeiro ele denomina de “o homem das civilizações tradicionais” ou “o homem arcaico” e o segundo de “o homem histórico” ou “homem moderno” “que se sabe y se quiere creador de la historia” (ELIADE, 2006, p. 177). O primeiro homem diz respeito ao homem das antigas e ancestrais civilizações que se desenvolveram no continente euroasiático e porção norte da África, enquanto o homem moderno surge com o fim da Idade Média, o advento do Renascimento e o conseqüente deslocamento do Teocentrismo, que durou quase dez séculos, para o Antropocentrismo momento em que o homem se bem não se afasta de Deus, se preocupa mais com a sua vida terrenal, com a procura da sua felicidade e se percebe num mundo que inspira observação e que apresenta fenômenos e segredos que ultrapassam a demonização pregada pelo catolicismo apostólico romano.

E é o homem arcaico que se percebe inserido numa existência num mundo e num universo com uma matriz cíclica que se repete sem fim. Na sua mentalidade, segundo Eliade (2006), o homem arcaico, os objetos que povoam o mundo exterior, tanto quanto os atos humanos, não apresentam um valor intrínseco autônomo; um objeto qualquer se torna num receptáculo de uma força estranha que o diferencia do seu entorno e lhe confere um valor e sentido. Esta força pode estar na sua substância ou na sua forma; assim uma pedra vulgar se converterá em uma pedra

preciosa porque será impregnada com algo mágico ou religioso em virtude da sua forma ou origem.

Já o ato humano, contrapõe o filósofo romeno, aqueles que não dependem do puro automatismo, seu valor e significação não estarão vinculados à sua magnitude física bruta, senão à qualidade que lhes dá o fato de ser a reprodução de um ato primordial. A nutrição não se trata só de uma operação fisiológica para satisfazer o corpo, como também um ato que renova uma comunhão. Eliade (2006) ainda acrescenta que o casamento e a orgia coletiva remetem a protótipos míticos e se repetem porque foram consagrados no início dos tempos pelos deuses, antepassados ou mesmo pelos heróis.

O homem arcaico, continua o filósofo romeno, na sua concepção não reconhece ato que não haja sido vivido ou confrontado anteriormente por outro que não fosse outro homem. O que o homem arcaico faz já foi feito antes e a sua vida é o resultado da repetição ininterrupta de gestas inauguradas por outros e não concede ao acontecimento histórico nenhum valor em si, em outros términos, não o considera como uma categoria específica do seu próprio modo de existência.

Mircea Eliade reconhece nessa repetição consciente de fatos e façanhas paradigmáticas determinadas uma ontologia original e ainda acrescenta:

El producto bruto de la Naturaleza, el objeto hecho por la industria humana, no hallan su *realidad*, su *identidad*, sino en la medida en que participan en una realidad trascendente. El acto no obtiene sentido, *realidad*, sino en la medida en que renueva una acción primordial (ELIADE, 2006, p. 16).

O mito do Eterno Retorno, pela sua própria essência cíclica e de periodicidade de criação e destruição é decididamente ahistórico, se contrapõe ao historicismo. O homem arcaico revela um certo temor para com a história, isto é, com aqueles fatos novos que não foram vivenciados antes pelos seus ancestrais, fatos que desestabilizariam e modificariam o curso normal dos ciclos e o tiraria do regresso periódico aos mitos das origens. O homem arcaico enxerga uma harmonia no transcurso cíclico do tempo cósmico e infinito, enquanto se mostra inseguro e hesita perante o tempo concreto e linear do historicismo, carregado de experiências humanas. Ainda que possam levantar-se analogias comportamentais entre o homem arcaico e o homem histórico, Eliade (2006) defende que as lutas, conflitos e guerras apresentam uma causa e uma função rituais, pois se trata de uma oposição

estimulante entre as duas metades de um clã dado, ou uma luta entre os representantes de duas divindades, como o caso do antigo Egito, o combate entre dos grupos que representavam aos irmãos Osíris e Seth<sup>63</sup>, porém sempre se comemora um episódio do drama cósmico e divino.

O mitólogo romeno conclui:

Y la diferencia capital entre el hombre de las civilizaciones arcaicas y el hombre moderno, “histórico”, está en el valor creciente que éste concede a los acontecimientos históricos, es decir, a esas “novedades” que, para el hombre tradicional, constituían hallazgos carentes de significación, o infracciones a las normas (por consiguiente “faltas”, “pecados”, etc.) y que, por esa razón, necesitaban ser “expulsados” (abolidos) periódicamente (ELIADE, 2006, p. 192).

Por outro lado, os cataclismos orogênicos como terremotos, erupções vulcânicas e maremotos apresentam ocorrência nos tempos cíclicos e o homem arcaico não os desdenha por tê-los como eventos, também, formativos das gestas. Porém expressaria tanto horror como repúdio e abominação por aqueles desastres originados pela negligência e descasos humanos, como alagamentos urbanos provocados pela irresponsabilidade das autoridades municipais de uma cidade dada, como é o caso, hoje em dia, dos alagamentos na cidade de São Paulo.

Segundo Eliade (2006) a ideologia cíclica do homem das civilizações tradicionais ainda encontra eco nos séculos XV e XVI, nas teorias dos astrônomos, astrólogos e filósofos como Tycho Brahe, Johannes Kepler, Girolamo Cardano e Giordano Bruno entre outros<sup>64</sup>, e breve conviverá com o novo paradigma linear que professarão Francis Bacon e Blaise Pascal e a partir do século XVII momento em

<sup>63</sup> Lembrando que Osíris era um deus da mitologia egípcia associado com a vegetação e a vida no além, assassinado pelo seu próprio irmão Seth para ficar com seu trono.

<sup>64</sup> Giambattista Vico, 1668 – 1744, filósofo e pensador italiano procurou um caminho alternativo à metodologia cartesiana a través de leis que governavam a história humana para além da mera descrição dos fatos e eventos históricos. Vico propôs que existiram períodos da história humana que apresentavam semelhanças e que se repetiam periodicamente, porém que o movimento cíclico não era circular e de fases fixas e sim em espiral, pois as fases históricas nunca se repetem. O filósofo dividiu a história em três Eras ou Idades: a Idade dos Deuses, a Idade dos Heróis, e a idade Dos Homens. Postulou que a humanidade iniciou-se no obscurantismo e barbárie e termina na barbárie novamente. Para Vico, barbárie não é senão, injustiça social, selvageria e decadência moral e propõe um cronograma cíclico: barbárie, desenvolvimento, apogeu, decadência e nova barbárie. Muito embora a ação do homem aparente tiver controle sobre a natureza e as sociedades e ainda produza riquezas, simultaneamente estimula o declínio de toda cultura existente e cria uma nova era de barbárie. Sua obra prima foi *Ciência Nova*, escrita em 1725 onde expôs a sua cosmogonia a partir dos seus postulados a Sabedoria Poética e o conceito de História Ideal Eterna para o processo histórico humano.

que a linearidade histórica e a sua concepção progressista se afirmam na busca de um estágio de progresso que não terá fim. Todavia, Eliade reflete que, três séculos mais tarde, quase que na metade do século XX, não tardaram em aparecer reações contra a linearidade histórica e discursos favoráveis e interessados com a teoria dos ciclos. A literatura sul-americana não foi indiferente nem ficou de fora perante a discussão; não só Jorge Luis Borges incursiona nos ciclos como também o fará na década dos sessenta a pena de Gabriel García Márquez com “Cem anos de solidão”.

Mircea Eliade (2006) conclui sobre o assunto que, uma vez examinadas as crenças e concepções fundamentais das sociedades tidas como arcaicas e tradicionais, se constata uma rebeldia e rejeição pelo tempo concreto e pela sua nostalgia e saudades de um regresso periódico e cíclico aos mitos das origens. Esta negação à história se concretiza pelo mantimento de arquétipos e da constante repetição paradigmática de atitudes e gestos, enquanto a rejeição da ideia de progresso, um progresso que escapa ao conhecido, se apresenta como certa valoração metafísica da existência humana no Cosmos. Na visão do homem arcaico, a Natureza e as suas leis conformam uma hierofania, pois revelam o modo da existência da humanidade, e fora disto o homem cairia inevitavelmente num tempo profano e no caos.

No início do novo milênio, além da literatura, a sétima arte pronunciou-se sobre o mito do Eterno Retorno. “O tempero da vida” explora dramas íntimos e sociais, enquanto o gênero de ficção científica promoveu três filmes que debatem o tópico: “Missão: Marte”, “2012”, e “Prometheus”. Já outro filme, “Noé”, baseado no Gênesis do Antigo Testamento da Bíblia, apresenta um episódio histórico que discrepa e confronta a ortodoxia do texto bíblico e, por sua vez, não deixa de contemplar o mito em questão.

“O tempero da vida”, conta a história de Fanis um garoto grego que vive na cidade de Istambul, Turquia. Seu avô Vassilis é um cozinheiro e filósofo, apaixonado e conhecedor das especiarias que defende que a comida quanto a vida precisam de um pouco de sal para ganhar sabor: pimenta, picante e ardida, vai bem em todas as comidas e representa o Sol; canela, doce e ardente como toda mulher, representa Vênus, ou Afrodite; sal, utilizado para dar mais sabor às receitas, é a Terra, pois a vida requer sempre um pouco de sal. Segundo Vassili, a astronomia começa e está contida na palavra gastronomia, astros e temperos estão intimamente ligados. Fanis

passa a sua infância na venda de temperos de seu avô e brincando com Saime, seu primeiro grande amor da vida. Grécia e Turquia deflagram um conflito. *“Se eu me atrasar lembre-se de olhar para as estrelas onde quer que você esteja. No céu há coisas que nós podemos ver, mas há também coisas que não podemos ver. Fale sempre sobre as coisas que outros não podem ver. As pessoas gostam de ouvir histórias sobre coisas que elas não podem ver. Com a comida é a mesma coisa. Que importa não vermos o sal se a comida está saborosa?”* Ihe recomenda Vassilis a seu neto antes se separarem por causa do desentendimento entre gregos e turcos.

Já adulto, Fanis se torna um astrofísico que usa seus saberes gastronômicos herdados de Vassilis para temperar a vida das pessoas que o cercam. Aos 35 anos, Fanis decide deixar Atenas e voltar a Istambul para reencontrar seu avô e seu primeiro amor. Como todo primeiro amor, só restaram recordações e uma relação impraticável com Saime. Do seu avô, a venda abandonada e fechada. Mas as lembranças de Fanis o conduzem ao próprio quarto que serviu de sala de aprendizagem sobre os temperos. Na mesa onde tantas vezes aprendeu a identificar cada uma das especiarias, ainda restam vestígios. A conformação dos temperos remete à forma de uma galáxia. Fanis observa nostálgico como surpreso. Uma hesitação tênue toma conta dele. Observa em silêncio. Assopra na superfície da mesa, como dando um sopro de movimento, de vida. Uma nebulosa se levanta. As sementes, as pedrinhas de sal e as pimentas se elevam, recobram giros e evoluções, e um novo sistema planetário surge...

Em “Missão: Marte”, no ano de 2020 uma missão tripulada chega ao planeta Marte. O comandante Luke Graham consegue um pouso perfeito no planeta vermelho, mas fenômenos desconhecidos causam um acidente que mata três dos quatro tripulantes. Nos últimos instantes, antes do fim, o comandante da missão consegue enviar uma enigmática mensagem à Terra. Após algum tempo, uma missão de resgate é lançada pela NASA, com o objetivo de descobrir o que aconteceu e trazer de volta possíveis sobreviventes. Após perigosas dificuldades e a morte de um astronauta, a nova equipe pousa no planeta, reencontra um sobrevivente e descobre a existência de uma construção arquitetônica em forma de rosto. Uma vez no seu interior, a tripulação toma posse de uma mensagem holográfica deixada pelos seus: o planeta vermelho há milhões de anos atrás, apresentava condições semelhantes à Terra e era habitado por seres inteligentes

que parente uma hecatombe, provocada pelo impacto de um meteoro, o abandonaram e uma nave deles se dirigiu à Terra para semeá-la de vida. Toda a história da evolução da vida terrestre foi programada e supervisionada pelos antigos habitantes de Marte. No momento do retorno à nave à Terra, o comandante Jim Mac Donnel lembra das palavras da sua falecida esposa, também astronauta, “*O universo não é caos, é união, e vida que busca vida. Foi para isso que a gente nasceu, não é? Para descobrir um mundo novo e enxergar o que vem depois e o que a gente é...*”. O comandante decide ir em busca dos seus criadores ao responder ao “*Vamos para casa*” de um dos seus colegas: “*É para onde eu quero ir. Você não entende. Este é o motivo de tudo...*” O resto da tripulação volta para a nave e decola rumo à Terra, enquanto o comandante Jim inicia a sua viagem às origens, ao retorno.

Em “2012”, devido a um bombardeio de erupções solares que atinge à Terra, o núcleo do planeta começa a se aquecer a uma velocidade vertiginosa, provocando erupções vulcânicas, terremotos, chuva de meteoros e maremotos que elevam o nível mundial das águas que em questão de horas devastarão toda a civilização humana. Mas as potências já cientes do que aconteceria mandaram construir arcas nas montanhas do Himalaia, embarcações gigantes que serão ocupadas pelos governantes das principais potências, a classe dominante mundial, cientistas, milionários e para tudo aquele que pudesse honrar o valor da passagem: mil milhões de Euros. Com muita dificuldade as arcas zarpam e navegam erraticamente por dias ao igual que o Noé bíblico, até os cataclismos cessarem, momento quando atingem a região sul do continente africano, agora mais elevado do nível do mar que antes. Os sobreviventes reiniciarão a história humana no mesmo lugar onde surgiu há quase quatro milhões de anos atrás<sup>65</sup>. O mito do Eterno Retorno se concretiza tanto no espaço atemporal como no espaço real.

Este final e o momento em que a abóboda da Capela Sistina racha e uma das rachaduras atravessa os afrescos da Criação do Homem, separando o dedo de Deus do homem tornam-se os episódios mais emblemáticos como simbólicos da trama da ficção.

---

<sup>65</sup> Os registros fósseis apontam o Australopiteco como um dos ancestrais do homem. Seus restos foram achados na região sul da África. O gênero conta com várias espécies: *Australopithecus afarensis*; *A. africanus*; *A. anamensis*; *A. aethiopicus*; *A. garhi* e *A. bosei*.



“Prometheu”, produzido em 2012 sob a direção de Ridley Scott, apresenta um roteiro semelhante a “Missão: Marte”. Em 2089, arqueólogos descobrem pinturas que descrevem a presença de forasteiros gigantes entre homens, indicando e apontando para um alinhamento de planetas que sugere a sua procedência. Estas pinturas rupestres e registros e pedra ocorrem em varias culturas humanas. Os cientistas acreditam ter achado a estrela de onde estes forasteiros vieram há milhares de anos. Breve os cientistas formam parte da tripulação de uma missão espacial financiada pela iniciativa privada que irá ao seu encontro. Em 2093 pousam no planeta e descobrem indícios de vida primitiva e inteligente: “os engenheiros”, alienígenas criadores da raça humana. Uma cientista não aceita o que seria a verdade por trás da criação e se aferra ao crucifixo que carrega. Após a morte de toda a missão em combate contra os engenheiros que planejavam acabar com a sua criação, o homem, e com uma criatura oriunda do lugar, usada para experimentos e criar híbridos, a cientista decide ir atrás da origem deles, no intuito de não aceitar a inexistência de Deus. Ela procurará as origens, as suas e cobrará do Eterno Retorno.

Importante lembrar que os roteiros acima descritos remetem a outro filme que levantou pela primeira vez tais inquietudes e angústias existenciais na procura de um ou vários criadores: “2001: uma odisséia no espaço” de 1968, dirigido e produzido por Stanley Kubrick, e escrito por Arthur Clarke e Stanley Kubrick: australopitecos se deparam com a presença de um monólito que ao tocá-lo transforma a suas existências e gera a inteligência. Passados os milhões de anos, astronautas o encontram enterrado na lua. Ao estudá-lo, se descobre a sua procedência, seu planeta de origem. Uma missão vai ao seu encontro. Ao chegar o único astronauta sobrevivente na viagem contacta o que seria o criador ou criadores, envelhece para logo voltar ao estado fetal. O mito do Eterno Retorno do homem das culturas arcaicas é absorvido e introjectado pela sociedade ocidental.

“Noé” resgata o episódio bíblico de Gênese do Antigo Testamento, porém sem se comprometer em manter uma leitura ortodoxa e ao pé da letra do evento antediluviano. Esta atitude gerou a rejeição do próprio Papa Francisco e da Igreja Católica Apostólica Romana. Para além das leituras e dramatizações já realizadas e geralmente acríicas e por vezes até ingênuas do evento, o roteiro se foca num panorama sombrio do lugar e num Noé sem escrúpulos e de atitudes

fundamentalistas: no seu afã de proteger um canídeo com escamas<sup>66</sup>, mata três pessoas famintas; ele não fala com Deus, ele sonha e interpreta o dilúvio como castigo de Deus perante um mundo corrompido; e ainda não admite dentro da arca a gravidez da sua filha produzida antes do dilúvio, por carregar um ser que foi gerado no mundo pecador e, portanto, deve ser morto ao nascer.

Mas o que passou despercebido, até da crítica, foi a cena de um lugar inóspito e abandonado onde aparecem os vestígios de uma cidade ou de instalações. Noé e a sua família a percorrem perambulam pelo lugar desértico, onde se divisam encanamentos, restos de turbinas e motores (!?), que numa primeira leitura resultariam paradoxais ou até apócrifos. Porém o roteirista abre a possibilidade de outra humanidade altamente tecnológica haver existido antes e haver atingido o mesmo grau de barbárie e poluição que a nossa atualmente envereda. Com efeito, numa leitura crítica, as santas escrituras não especificam o grau de tecnologia existente antes do dilúvio, como também não o negam em momento algum.

Como se pode apreciar, os ciclos e a periodicidade previstos pelo mito do Eterno Retorno são contemplados no texto bíblico, ainda que com o posterior surgimento do Cristianismo e a prédica da fé e do perdão, o mito sofra alterações: a fé e o perdão predicados por Jesus de Nazareth durante seu ministério lhe outorgam ao homem tanto a possibilidade de operar e atingir o milagre<sup>67</sup>: trazer à realidade o que não há ou não existe e ir além do impossível; como também o poder de redimir e redimir-se. Estas atitudes paradigmáticas lhe conferem ao ser humano uma liberdade que não gozara enquanto atrelado às gestas e eventos repetitivos do mito em questão. Com efeito, Kolosimo (1981) reivindica na figura e no mito de Ulisses uma das máximas de Dante Alighieri da sua “Divina comédia”, no Inferno, Canto XXVI, sentenças 118 – 120:

He aqui, pues, la figura de Ulises reflejada em cada mito, em cada comprobación y deducción científicas. Es la figura que refleja todas las de los héroes civilizadores del pasado, del presente y del futuro:  
*Para vivir cual brutos no os hicieron,  
 Sino para alcanzar virtud y ciencia...*

<sup>66</sup> O diretor do filme se permite incluir na fauna de então um terapsídeo, réptil mamiferoide, ancestral dos mamíferos atuais, como também salvar na arca um casal de elefantes pré-históricos e um casal de macrauquénias, espécies comentadas e descritas na megafauna sul-americana, no capítulo inicial.

<sup>67</sup> Sobre a questão, Eliade (2006) levanta que se os milagres têm sido poucos ou raros desde a aparição do Cristianismo, não por causa do Cristianismo, senão dos cristãos.

*En torno a mí pueblos serán dichosos...  
Y vuelta nuestra popa en la mañana,  
Del loco vuelo haciendo alas los remos...  
(KOLOSIMO, 1981, p. 236).*

Esta máxima de alguma forma remete a outro episódio mítico onde se poderia rastrear a sua verdadeira origem: a lenda do titã Prometeu quem roubou o fogo sagrado dos deuses do Olimpo e o entregou à humanidade para poder tirá-los das cavernas onde moravam como bestas.

Se bem o homem arcaico ou das civilizações tradicionais ostentava o poder da criar e ser livre, consumando uma repetição cíclica e periódica dos fatos, porém melhorada, com a fé apregoada por Jesus que vai além da fé abraâmica de obediência:

E aconteceu depois destas coisas, que provou Deus a Abraão, e disse-lhe: Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi. Gênesis 22:1-2.

O homem atingiria uma liberdade criadora sem limites, ao ponto de poder intervir no estatuto ontológico do Universo (ELIADE, 2006) e a possibilidade de se igualar, inclusive, ao seu próprio criador: “Portanto, sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito...” Mateus 4: 48.; “...porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar; e nada vos será impossível...” Mateus 17: 20.

Mas o mito do Eterno Retorno foi, também, uma das inquietudes filosóficas de Friedrich Nietzsche. Abordado na sua obra “A gaia ciência” (2003), levanta a teoria de que não só os fatos se repetem como também os sentimentos, as ideias e os pensamentos de forma infinita e incansável. Porém o filósofo contrapõe ao mito do regresso o ascenso do superhomem, “*übermensch*” diante de uma humanidade medíocre, tradicionalista, tratada como rebanho, como massa de manobra, presa fácil das religiões de turno, que vive sem intensidade, sem ideais, cultuando os valores do passado e não arrisca um novo sentido à humanidade, sem o desejo de converter cada momento em algo transcendental e maravilhoso ou que pelo menos justifique que a existência terrenal.

Já o super-homem em Nietzsche aposta na coragem, na procura incessante da felicidade, da autonomia, do individualismo, sem a necessidade de Deus ou das muletas das religiões históricas, um indivíduo com poder sobre si mesmo e sobre os demais, sem temores, que ama intensamente a vida, cobra sentido crítico ao mundo e exalta os instintos ascendentes. Na sua galeria de modelos a seguir, o filósofo reconhece o papel histórico desempenhado por Júlio César, Jesus, Sócrates, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Shakespeare, Goethe e Napoleão. Ainda que controversa a sua tese e usada como um dos referenciais teóricos do nacional-socialismo idealizado por Adolf Hitler para a construção do Terceiro Reich e as purgas étnicas, a sua visão dialoga em concordância com o mito debatido.

Oriundo das ciências exatas, Henri Poincaré<sup>68</sup>, propôs o Teorema da Recorrência no qual o matemático postula que um sistema dado com uma quantidade finita de energia e confinado num volume espacial finito, retornará após um longo tempo a um estado arbitrariamente próximo ao inicial. O matemático sugere (BRUSH; HOLTON, 2004) que um mundo limitado só por leis da mecânica passará sempre por um estado muito próximo ao inicial e conforme as leis experimentais aceitas, o Universo tende para certo estado final do qual nunca se afastará, neste estado final, - quase que uma espécie de morte -, todos os corpos estarão em repouso a igual temperatura. Todavia se o Universo experimentasse uma morte térmica por igualdade de temperaturas, posteriormente voltaria a reviver. De alguma forma este teorema converge com o a lei sobre a conservação da matéria teorizada por Antoine Laurent Lavoisier: “Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Ainda que possa só existir uma relação de cunho formal, o teorema de Poincaré não deixa de aderir ao conceito mítico também.

E finalmente Jorge Luis Borges (1974) obcecado pelo tempo reflete as suas inquietudes sobre a circularidade e os ciclos em “História da eternidade” onde apresenta de forma sinóptica a visão platônica, cristã e nietzschiana sobre o tempo e a eternidade. Borges comenta nele que a identidade pessoal reside na memória e que a anulação desta conduz a idiotice. Assim cabe pensar o mesmo do Universo, e sem uma eternidade, sem um espelho delicado e secreto do que passou pelas almas, a história universal é tempo perdido e nela a nossa história pessoal, a qual nos hesita incomodamente. O autor ainda dedica um ensaio ao que ele chama de

---

<sup>68</sup> Henri Poincaré, 1854 – 1912, França, físico, matemático e filósofo das ciências.

Doutrina dos Ciclos, noutras palavras o Eterno Regresso ou Eterno Retorno sobre o qual não deixa de esconder a sua incredulidade acerca da factibilidade de mesmo. Borges apela ao postulado por Nietzsche:

El número de todos los átomos que componen el universo es, aunque desmesurado, finito, y sólo capaz como tal de un número finito (aunque desmesurado también) de permutaciones. En un tiempo infinito, el número de las permutaciones posibles debe ser alcanzado, y el universo tiene que repetirse. De nuevo, nacerás de un vientre, de nuevo crecerá tu esqueleto, de nuevo arribará esta misma página a tus manos iguales, de nuevo cursarás todas las horas hasta la de tu muerte increíble (BORGES, 1974, p. 385).

Para poder neutralizar a procedência do mesmo, empresa que Borges (1974) acha árdua, o próprio reflete, munido dos seus saberes como autodidata das ciências, que o de hidrogênio foi calculado na cem milionésima parte de um centímetro e tal medida, ainda que inimaginavelmente pequena, pode ser divisível:

Rutherford lo define según la imagen de un sistema solar, hecho por un núcleo central y por un electrón giratorio, cine mil veces menor que el átomo. Dejemos ese núcleo y ese electrón y concibamos un frugal universo compuesto por diez átomos...Postulemos también – siempre de acuerdo con la conjetura de Nietzsche – que el número de cambios de ese universo es el de las maneras en que se pueden dispones los diez átomos, variando el orden en que estén colocados. ¿Cuántos estados diferentes puede conocer es mundo antes de un eterno retorno? La indagación es fácil: basta multiplicar  $1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 \times 7 \times 8 \times 9 \times 10$ , prolija operación que nos da la cifra de 3.628.800. Si una partícula casi infinitesimal de universo es capaz de semejante variedad, poca o ninguna fe debemos prestar a una monotonía del cosmos (BORGES, 1974, p.385).

Também o escritor argentino refuta as asseverações do filósofo alemão quem recorre à segunda lei de termodinâmica que declara que existem processos energéticos irreversíveis para o qual Borges replica que calor e luz não são mais do que formas de energia, pois basta projetar uma luz sobre uma superfície negra para que se converta em calor, porém o calor não voltará a sua forma original de luz. Esta comprovação anularia o estatuto do labirinto circular do Eterno Retorno.

Contudo, Borges reconhece que existe uma incerteza final de ordem metafísica. Já confrontando com o imperador e filósofo romano Marco Aurélio, - para quem um século, um ano, uma noite e até o incapturável agora contém integralmente toda a história -, Borges questiona à luz do debate se os destinos de Poe, os vikings,

de Judas Iscariote e a do seu próprio eventual e circunstancial leitor são o mesmo destino, um único destino possível, a história universal é de fato de um homem só. Não em vão e a modo de epílogo, Borges resgata as palavras de Marco Aurélio: “Quien ha mirado lo presente, ha mirado todas las cosas: las que ocurrieron en el insondable pasado, las que ocurrirán en el porvenir...” (BORGES, 1974, p. 396).

“El alef”, conto já apresentado e mencionado no capítulo II, provoca e desconcerta o leitor com a existência de uma pequena esfera de intolerável fulgor, transtemporal que resgata todos os momentos e lugares da história da humanidade, localizada debaixo de uma escada. Este estranhamento põe em manifesto uma inquietude, por vezes angustiante, em Borges: refutar a nível consciente um modelo paradigmático defendido por um matemático e logo por um filósofo de algo que estrutura os alicerces da sua própria literatura (!). Com efeito, este antigo casarão da rua Garay, impregnado de saudades e nostalgias, guarda na sua arquitetura íntima um lugar onde o retorno se concretiza no complexo espaço-tempo borgiano, porém talvez não seja este o único portal tangível que se manifesta na narrativa do autor argentino: a lhanura pampiana aberta e vasta, sem os limites impostos por paredes de concreto, pode ser mais uma morada de residência do outro *locus* que acolhe o Eterno Retorno.

#### 4.4 A *LHANURA* AGUARDA MAIS UM CONFRONTO, ESTA VEZ SEM FACAS...

No conto curto *O Sul* existe algo a mais que vai além da dicotomia socioestrutural debatida nos seus sedimentos profundos sob o binômio civilização-barbárie. Constata-se a curiosa necessidade, por vezes imperiosa, da sua personagem central, Juan Dahlman, de ir rumo ao Sul, de viajar ao Sul, de abandonar as facilidades outorgadas pela sua civilização ocidental e cristã, entre as quais destacam a biblioteca e os benefícios urbanos. Juan Dahlman troca estas mordomias pela vastidão e solidão silenciosa da pampa. A sua própria exploração num terreno jamais pisado antes e a sua determinação de não ficar estático até chegar à *pulperia* só para merendar são indícios de inquietude e busca por algo, seja a nível consciente ou não.

Irônica e tragicamente seu périplo continua, mas de uma forma impensável até uns momentos atrás, e irá rumo à planície para defender a sua vida, e em certo modo, também, a sua honra, aceitando um ritual que não deixa de ser ancestral e residual de outras culturas estrangeiras. Na sua procura pelo Sul em oposição ao Norte, Dahlman ratifica a sua identidade, porém, também, ao fazê-lo, quer as suas origens para poder responder-se questões de índole filosófica tão antigas como a própria humanidade: quem sou e de onde eu venho.

Piglia (1986) neste sentido sinala que a história em Borges e a história que cunha a própria história argentina, que revela antagonismos e conflitos, onde a biblioteca cumpre o papel de testemunhar e posteriormente dar fé ao acontecido:

La cadena de los antepasados literarios funda otra tradición y convierte a la literatura en una saga familiar. El espacio simbólico de esa herencia es la biblioteca paterna “de limitados libros ingleses”. Lugar de acumulación, la biblioteca paterna es a la literatura lo que la memoria es a la historia. Ámbito de aprendizaje e iniciación, (“Más que una escuela me ha educado una biblioteca: la de mi padre...”) en el espacio saturado de la biblioteca, la cultura se convierte en herencia y propiedad familiar (PIGLIA, 1986, p. 32).

Piglia ainda defende a discussão sobre a existência de duas linhagens no autor: uma paterna, associada à cultura e ilustração europeia, em especial a anglo-saxã; e a outra materna, decorrente dos fatos históricos argentinos dos tempos da

fundação, independência e guerras fratricidas que geraram constantes de conflitos sociais e desembocaram até nos dias de Borges.

Nesta dupla ascendência em Borges, levantada por Piglia, podem-se detectar os indícios de confusão na construção do perfil de identidade do escritor:

De hecho, eso dos linajes son las dos tradiciones que, según Borges, definen la cultura argentina. O mejor: esta ficción del doble origen fija en el núcleo familiar un conjunto de contradicciones que son históricas y que han sido definidas como esenciales por la tradición por tradición ideológica que se remonta a Sarmiento. Las armas y las letras, lo criollo y lo europeo, el coraje y los libros, la vida y la cultura, lo oral y lo escrito: en última instancia, estas oposiciones de las que Borges se siente heredero no hacen más que reproducir y variar la fórmula básica de la contradicción entre civilización y barbarie. Esta oposición ideológica es obligada por Borges a tomar de una doble tradición familiar (PIGLIA, 1968, p. 32).

Sarlo sobre a questão comenta:

É bem sabido: a história, para Borges como para Joyce, é o desconcerto da diferença irreductível. Borges construiu uma literatura que pode se ler como resposta racionalista à desordem que ele percebeu do século. Inútil pretender que esta leitura seja a única possível: simplesmente encontrei essas perguntas sobre a sociedade, a história e os valores submetidos à luz perfeita de seus textos. A busca de uma ordem impossível, mas desejada e a certeza de que toda ordem tem consequências desconhecidas e terríveis se unem na inquietante serenidade da sua escrita (SARLO, 2008, p.157)

Juan Dahlman vai à procura das suas raízes que de alguma forma estão no passado argentino. O passado argentino é o território pampiano. Dahlman, por sua vez, vivencia uma jornada terrestre, como também uma jornada introspectiva: uma jornada às suas origens. Não resulta difícil ver em Juan Dahlman o álter ego literário de Jorge Luis Borges: o empregado público, o bibliotecário, o acidente doméstico, a ferida na cabeça, a convalescência e a atração pelo Sul.

A *Ihanura* argentina, a pampa, ou o Sul como lugar de origem em Borges literário, - e por que não no Borges factual? -, tornam possível um diálogo interdisciplinar entre Florentino Ameghino e o próprio Jorge Luis Borges, entre paleontologia e literatura.



A nostofilia, lembranças do de nascimento ou do lar dos ancestrais, não é só uma característica e atributo de certos animais<sup>69</sup> como o salmão que torna a seu lugar de nascimento para procriar, senão uma necessidade de Juan Dahlman em seu caráter de descendente de anglo-saxões.

Para Borges os eventos se bifurcam, tomam caminhos tortuosos, se distanciam, porém em determinado momento se encontram, há um choque, um impacto, e há uma arquitetura circular e cíclica por trás dos mesmos; indícios do mito do Eterno Retorno, ainda que subestimado pelo próprio autor. E no universo borgiano, há sempre; um espaço para a fatalidade que pode ser traduzida por uma dobra como já foi analisado anteriormente. A descoberta de uma verdade em Borges carrega um alto preço a pagar.

Na sua procura, Juan Dahlman atinge um inesperado fim no preciso momento que alcança o espaço que ele procura, o espaço da sua própria ancestralidade: é no espaço vácuo em que tudo começou, começa e termina.

A morte de Juan Dahlman que breve deverá acontecer de maneira brutal e arcaica: com uma arma branca, uma faca, facão ou adaga, - ainda que variações de um modelo básico -, remetem a uma das primeiras invenções<sup>70</sup> do ser humano que se remonta ao período Paleolítico o período da pedra lascada, entre 2 milhões de anos até uns 10 mil anos antes do presente, segundo registros fósseis.

A sua morte é uma morte primitiva, pré-histórica, primordial, ancestral, não moderna como seria o caso de um disparo de arma de fogo, revolver ou similar, tecnologia produzida pela revolução industrial. A sua morte é violenta, visceral, uma violação do seu corpo, uma penetração, o objeto se introduz no seu corpo, é uma invasão concretizada a partir de um talho que provoca uma abertura desgarradora e considerável. É uma morte selvagem, o sangue esvazia o corpo, é uma morte de animal. Milhares de anos antes, foi a morte de um animal da megafauna que a pampa tantas vezes testemunhara ver; morte feita nas mãos de paleodígena que devia saciar as necessidades de consumo e vestimenta da sua horda.

Porém, não são poucos os teóricos que vem na morte por faca de Juan Dahlman, uma atração paradoxal inconsciente de Borges tanto por um referencial

---

<sup>69</sup> Certas espécies de dinossauros como o Maiassauro (“dinossauro boa mãe”) eram nostfílicos.

<sup>70</sup> O percutor, ou pedra percutora, uma pedra golpeada contra outra para lascas e dar uma forma, talvez seja o primeiro dispositivo ou ferramenta humano. O mesmo criará a faca, a lança, e a flecha e os raspadores. E com estes, breve surgirá a talha da madeira que conduzirá à criação das canoas e o princípio da roda.

típico da barbárie, quanto por um estilo de dirimir diferenças antagônicas: o duelo. O autor da presente tese não entra no mérito de julgar a procedência da tal conjectura e a considera, também, plausível, digna e merecedora de análise.

Martínez Estrada (1991) ao analisar a faca<sup>71</sup> comenta que é um adorno íntimo que se guarda entre as carnes e a roupa interior, algo reservado, privado e secreto da pessoa e que é exibido só em momentos supremos e extremos como o insulto e o desrespeito, pois simboliza tirar uma parte íntima para fora. Neste ponto o autor defende que a faca remete e se assemelha ao membro fálico<sup>72</sup> e ainda: “... quien muestra el cuchillo sin necesidad es un idecoroso” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 33). Por outro lado, a faca constitui a síntese de todas as ferramentas criadas e manipuladas pelo homem desde as suas origens como tal, e acrescenta “Ameghino encontró cinco clases de cuchillos diminutos, de piedra, en nuestra pampa” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 34). Com efeito, o paleontólogo destaca:

Los cuchillos son los objetos de piedra más numerosos que se encuentran en los terrenos superficiales de la provincia de Buenos Aires, y sus formas son también muy variadas; unos son más que simples hojas de piedra, al paso que otros presentan un trabajo de una ejecución bastante esmerada. Creemos poder dividir los numerosos objetos de este tipo que hemos recogido en cinco clases:

- 1ª. Cuchillos de simples hojas de piedra planas, triangulares, cuadrangulares y pentagonales.
- 2ª. Cuchillos de hojas de piedra, triangulares, cuadrangulares y pentagonales, trabajadas en uno de los bordes.
- 3ª. Cuchillos de hojas planas afiladas en uno de los bordes.
- 4ª. Cuchillos semilunares o semicirculares.
- 5ª. Cuchillos pequeños tallados en fragmentos de piedra diversos y de formas variadas (AMEGHINO, 1918, p. 134).

Florentino Ameghino ainda faz a ressalva sobre o conceito de faca, que deve se entender como tal enquanto produto da indústria humana pré-histórica:

Como en todas partes donde se encuentran instrumentos de piedra, en las pampas se hallan juntamente con éstos un gran número de fragmentos de esos que los arqueólogos dieron de llamar *cuchillos*, cuyo nombre ha substituido Lubbock por el de *hojas* o *lajas*, a las

<sup>71</sup> Segundo Charles Berlitz (1988) a palavra *faca* significa “pedra que corta” pelo qual a sua antiguidade se remonta a uns 10 mil anos, no período Paleolítico.

<sup>72</sup> Esta tese que defende o escritor argentino encontra procedência na descoberta de uma faca ritual decorada asteca, feita de madeira com incrustações de conchas, madrepérolas e malaquita, cuja empunhadura é um indivíduo agachado e a lâmina de corte seu pênis. A faca forma parte do acervo do Museu Britânico.

cuales los franceses llaman *éclat de silex*, reservando el nombre de cuchillos para los pedernales que presentan un trabajo que se conoce ha sido hecho verdaderamente con la intención de producir un instrumento cortante (AMEGHINO, 1918, p. 126 – 127).

Com seu uso cotidiano, reflète o filósofo argentino, o matador de vacas virou um individuo cruel quando passou a ser um matador de homens, e a faca, facão ou adaga tornaram-se um elemento da barbárie ainda que a barbárie fosse e é de quem o empunha eventualmente: “Los unitarios mandaban castrar, los federales degollaban...” (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 32).

A leitura estradiana ainda comenta sobre a faca:

Debajo de la almohada es el perro fiel, y en la cintura el ojo occipital de la sospecha, de esa mitad del hombre que está a su espalda. Es más que el dinero en el bolsillo y que la mujer en la casa: es el alimento en cualquier lugar, el reparo del sol y de la lluvia; la tranquilidad en el sueño; la fidelidad en el amor; la confianza en los malos caminos; la seguridad en sí mismo; lo que sigue estando con uno cuando todo puede ponerse en contra; lo que basta para pobrar la justicia de la fama y la legitimidad de lo que se posee (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 33).

A faca, sem margem de erro, é uma ferramenta que ocupa um lugar de privilégio na narrativa borgiana, não só nos contos curtos acima analisados, como também em “O punhal” onde arrisca um micro ensaio sobre a sua natureza:

En un cajón hay un puñal. Fue forjado en Toledo, a fines del siglo pasado; Luis Melián Lafinur se lo dio a mi padre, que lo trajo del Uruguay; Evaristo Carriego lo tuvo alguna vez en la mano. Quienes lo ven, tienen que jugar un rato con él, se advierte que hace mucho que lo buscaban; la mano se apresura a apretar la empuñadura que la espera; la hoja obediente y poderosa juega con precisión en la vaina. Otra cosa quiere el puñal. Es más que una estructura hecha de metales; los hombres lo pensaron y lo formaron para un fin muy preciso; es, de algún modo eterno, el puñal que anoche mató un hombre en Tacuarembó y los puñales que mataron a César. Quiere matar, quiere derramar brusca sangre. En un cajón del escritorio, entre borradores y cartas, interminablemente sueña el puñal con su sencillo sueño de tigre, y la mano se anima cuando lo rige porque el metal se anima, el metal que presiente en cada contacto al homicida para quien lo crearon los hombres. A veces me da lástima. Tanta dureza, tanta fe, tan apacible o inocente soberbia, y los años pasan, inútiles (BORGES, 1974, p. 156).

Jurado lembra sobre a questão da faca no imaginário borgeano:

El cuchillo es uno de los personajes principales de las historias y de las evocaciones de malevos, la secta del cuchillo y del coraje que Borges no puede admirar con la razón, pero que atrae alguna zona irracional de su compleja psicología. Los ejemplos son demasiado numerosos para demorarme en ellos, pero esto me recuerda la atracción que ejercía sobre Borges un puñal, también toledano, pero sin filo, que yo tenía como cortapapeles sobre mi escritorio; no cesaba de jugar con él, de empuñarlo inconscientemente durante todo el tiempo en que me dictaba la doctrinas de la mansa filosofía budista (JURADO, 1997, p. 100 – 101).

No *Homem da esquina rosa*, drama desenvolvido na periferia bonaerense, a faca ou punhal de um terceiro personagem dirige as discórdias entre dois guapos: Rosendo Juárez o pegador, homem da Lujanera e Francisco Real o Corralero. Ambos os homens são destros e eruditos no uso da arma branca, símbolo de poder e autoridade no arrabalde. Porém um estudo mais profundo da Lujanera permite conjecturar que a sua psicologia enxerga no domínio da faca ou punhal uma concreta extensão do membro fálico do portador. Com efeito, o pegador Francisco Real recusa um duelo com o Corraleiro e inexplicavelmente vai embora, enquanto o Corralero é morto por quem conta a história. A Lujanera ao ficar sabendo do episódio, breve espera um encontro com o autor da facada.

Já no *O encontro* do livro “O informe Brodie” mostra às claras o fascínio borgiano pelas armas brancas. Com efeito, após um relatório histórico de duelos dirimidos por facas, não são dois homens que brigam em um novo duelo e sim as próprias facas num enfrentamento casual dentro de uma vitrine onde repousam há muito tempo. As facas pertenceram a ilustres, temidos e admirados compadritos e foram guardadas como relíquias. Mas as facas são movidas e manobradas por alma humana: “En su hierro dormía y acechaba un rencor humano” (BORGES, 1974, p. 1043). O narrador do conto ainda conclui: “Las cosas duran más que la gente. Quien sabe si la historia concluye aquí, quien sabe si no volverán a encontrarse” (BORGES, 1974, p. 1043) com o qual o autor argentino deixa pairando no ar a eterna e atemporal conflitividade e beligerante condição humana concretizada na prática com o uso da arma branca em vez de outras tecnologias de matar e assassinar.

Por outro lado, a faca se transforma em mais um elemento, um referencial que alimenta a existência do mito do Eterno Retorno por trás do conto. A faca foi uma arma-ferramenta presente desde os primórdios da humanidade no só na prática da

caça como também nos ritos e sacrifícios: no gênese bíblico, o próprio Abraham sacrificaria seu único filho com uma faca; no ritual iniciático como o da circuncisão hebraica para atingir a nacionalidade judaica dos seus varões; nas oferendas dos astecas que a usavam nas suas cerimônias para extrair o sangue dos sacrificados e entrega-lo ao deus sol para continuar brilhando.

Jung (JULIEN, 1993) enxerga na espada ou punhal um símbolo de vontade ligado à ideia de penetração numa direção precisa, determinada e a um desejo de atingir um objetivo projetado. Com efeito, na cultura cigana da península ibérica a faca ou o facão eram usados também para desmatar e abrir caminhos no seu constante deslocamento, mas por outro lado servia como arma de justiça implacável e infalível na ocorrência de casos de infidelidade conjugal.

A faca também carregou o estigma da traição e do assassinato ao longo da história. O imperador Julius Cesar foi uma de suas vítimas mais ilustres ou talvez a maior ao cair crivado por um volumoso número de facadas: cada uma delas representava a traição e a vingança que encobriam uma mentira. Poderia haver sido asfixiado ou estrangulado, como foram Lúcio Élio Sejano, prefeito da Guarda Pretoriana, o imperador Tibério e o imperador Comodo, enquanto tomava banho, uma forma humilhante de morte. Todavia, para os conspiradores de Julius César, a faca satisfazia todos os quesitos para execução e os mais importantes: a conspiração, uma arma oculta e a vingança.

No conto “A intrusa”, muito embora não apareça de uma forma explícita a forma da morte de Juliana, a mulher que ambos compartilhavam: “A trabajar, hermano. Después nos ayudarán los caranchos. Hoy la maté. Que se quede aquí con su pilchas, ya no hará más perjuicios” (BORGES, 1974, p. 1028); pode-se teorizar que a faca tenha sido a arma do assassinato: uma morte rápida, de pouco sofrimento e inesperada pela própria vítima. Outra modalidade como golpes ou asfixia não corresponderiam ao histórico dos irmãos.

El barrio los temía a los Colorados (os irmãos); no es imposible que debieran alguna muerte. Hombre a hombre pelearon una vez a la policía. Se dice que el menor tuvo un altercado con Juan Iberra, en el que no llevó la peor parte, lo cual, según los entendidos, es mucho. Fueron troperos, cuarteadores, cuatrerros y alguna vez tahúres. Tenían fama de avaros, salvo cuando la bebida y el juego los volvían generosos. De sus deudos nada se sabe y ni de dónde vinieron. Eran dueños de una carreta y una yunta de bueyes (BORGES, 1974, p. 1025).

No “Martín Fierro”, de José Hernández, seu personagem principal, o próprio Martín Fierro impelido pela sua exclusão, desrespeito e injustiças sofridas na própria pele se transforma em um delinquente forçado e um hábil manipulador de facas com as quais dirime todos os seus conflitos eventuais e circunstanciais. De todos eles, o mais emblemático talvez seja a sua briga em um baile de campanha que termina em duelo com um negro, que o enfrentou por haver desrespeitado a sua mulher. Martín Fierro bêbado tratara a moça de vaca. Depois de várias manobras, esquivos e movimentos rápidos, o gaúcho acerta o negro:

[...] Por fin en una topada  
en el cuchillo lo alcé  
y como un saco de güesos  
contra un cerco lo largué.

Tiró unas cuantas patadas  
y ya cantó pal carnero.  
Nunca me puedo olvidar  
de la agonía de aquel negro [...]

(HERNÁNDEZ, 1973, p. 58).

Uma vez consumada a morte, Martín Fierro faz questão de cumprir o ritual pós-duelo de então

[...] Limpié el facón en los pastos  
desaté mi redomón,  
monté despacio y salí  
al tranco pa el cañadón [...]

(HERNÁNDEZ, 1973, p. 58).

Borges, no seu conto *O fim*, assume a sua licença literária e recria o acerto de contas entre o irmão do negro e Martín Fierro sete anos depois, em uma *pulperia*. Desta vez, o gaúcho morre e a conta está quitada, saldada. Fierro morre sangrado pelas feridas provocadas pelo facão

Una embestida y el negro reculó, perdió pie, amagó un hachazo a la cara y se tendió en una puñalada profunda, que penetró en el vientre. Después vino otra que el pulpero no alcanzó a precisar y Fierro no se

levantó. Inmóvil, el negro parecía vigilar su agonía laboriosa (BORGES, 1994, p. 72)

e seu executor ainda repete o ato derradeiro que Fierro fizera sete anos atrás, após matar o seu irmão: “Limpió el facón ensangrentado en el pasto, y volvió a las casas con lentitud, sin mirar para atrás (BORGES, 1994, p. 72). Neste ritual é possível conjecturar que o indivíduo ciente de haver provocado uma morte, - e conforme a situação um assassinato -, procura “limpar” ou tirar a sua mácula apelando à terra, à grama, - que dão suporte ao resto dos seres vivos -, e de alguma forma devolvendo o sangue, a energia extraída do oponente à natureza. De fato, o ciclo da vida não pode parar apesar de fatos eventuais, circunstanciais ou premeditados que escapam ao senso de justiça e até violam as leis do Cosmos.

Este ritual não é o único que diz respeito à faca ou ao facão. Com efeito, enterrar taxativamente uma arma branca, seja esta faca, facão ou adaga no chão, na terra ou no solo demonstra o fim de um ato hostil ou um ciclo de brigas, lutas e violência. A atitude revela uma trégua, uma reflexão, compromisso com a paz e o pronto restabelecimento da harmonia entre grupos antagônicos ou rivalidades pessoais. A lâmina da faca enterrada até o seu mango representa um cessar, um retorno a suas origens orogênicas: sílex ou metais são oriundos das profundezas da terra, de camadas geológicas. Há um tributo implícito ao mito do Eterno Retorno nesta atitude também.

Na narrativa borgiana a faca atravessa os tempos e trás haver percorrido todos os continentes durante milhares de anos onde melhorara seu design, incorporara metal na sua lâmina e madeira, marfim ou osso na sua empunhadura, retorna a seu lugar de origem: a pampa. O ciclo, o período, a era se fecham.

E finalmente Juan Dahlman se entrega à pampa, pois ele vai à *Ihanura* onde estão as respostas, onde está o fim, o fim do seu périplo, da sua viagem, da sua jornada e da sua introspecção, mas onde esteve e está o princípio, o princípio de tudo.

Onde Jurado enxerga no conto *O fim* uma possível e por vezes confusa intuição de Deus por parte de Borges: “Hay una hora de la tarde – se lee en *El fin* – en que la llanura está por decir algo; nunca lo dice o tal vez lo dice infinitamente y no lo entendemos o lo entendemos pero es intraducible como una música...” (JURADO, 1997, p. 97 – 98) frase já citada, o autor deste trabalho vê indícios suficientes para

consolidar a defesa da pampa como o berço topológico da humanidade no discurso literário de Borges.

Os labirintos por Jorge Luis Borges professados o conduzem à *Ihanura*, ao Sul, à pampa. Na pampa, Dahlman vivencia o mesmo fim de Martín Fierro no conto *O fim*, o mesmo fim que levaram as bestas da megafauna: o hipparion, o mastodonte, o megatério e o gliptodonte abatidos e posteriormente manufaturados com a ajuda e serventia da faca. A *Ihanura*, a pampa e o Sul tem a faca como complemento artificial; seu melhor referencial antrópico. A faca vira uma extensão destas topologias.

Assim a *Ihanura* torna-se o espaço do escatológico, como também do tanatológico. Juan Dahlman há de morrer e será enterrado no mesmo lugar. Seu corpo voltará à terra: “Do pó viestes e ao pó retornarás...” Gênese, 3:19. Dahlman satisfará o ciclo, o tempo circular.

A pampa, enquanto figura feminina e, por conseguinte Grande Útero Materno<sup>73</sup> universal no ideário indígena, receberá o corpo de Juan Dahlman. Seus ossos compartilharão o mesmo lugar dos habitantes ancestrais que perambularam na vastidão da pampa, tanto homínídeos como bestas selvagens. Juan Dalhman retornará ao lar. O lar do *Homo Pampeanus*, como defendera incansavelmente Ameghino. Seu corpo ocupará um lugar em um estrato geológico superficial e nele se somará qual folha de um livro aos profundos horizontes geológicos que contam e revelam a história da vida.

O fim dará lugar a um novo início, pois não há fim sem início, porque os ciclos mais uma vez se sucederão e o mito do Eterno Retorno cobrará mais uma vez a sua pertinência. A pampa seguirá extática, contemplativa dos mesmos fenômenos e rituais humanos.

Desta forma, Florentino Ameghino em seu caráter de paleontólogo e Jorge Luis Borges, nas suas inquietudes literárias, comungam uma visão cosmogônica que abre espaço para um diálogo convergente que compartilha a tese de que a pampa é o lugar de origem da ancestralidade do homem, é o berço do ser humano. Enquanto Ameghino levanta e defende a sua tese com provas, segundo ele, irrefutáveis, a partir do registro fóssil de homínídeos e elementos da megafauna colhido e retirado dos estratos geológicos dos sedimentos pampianos, Borges cede e se rende à força

---

<sup>73</sup> No em vão nas culturas indígenas da América do Sul, os mortos eram sepultados de lado, em posição fetal, direto na terra ou em urnas funerárias enterradas.



ancestral do mito do Eterno Retorno e fixa no final de linha da jornada de Juan Dahlman, no Sul o lugar do mito, o lugar onde tudo começou e tudo terminou, onde nasceram os ancestrais milenares de Juan Dahlman que iniciariam algum dia a epopeia de conquistar o mundo novo, no Velho Mundo (aderindo às teses ameghianas e de Peter Lund) e onde ele morrerá.

Mito e ciência coincidem sobre a pampa e se complementam. Mas por outro ângulo, a leitura mítica do mundo é, em verdade, o estado embrionário das ciências que alcançarão a maturidade como tais milhares de anos depois, no Renascimento, momento histórico em que o homem se afasta do divino, das deidades, de Deus, se aproxima dos seus semelhantes com um olhar na horizontal, não tanto quanto na vertical para o divino, e repara e começa observar a Natureza: o lobo já não mais será um animal endemoniado, ladino na visão católica apostólica romana da Idade Média, e sim um mamífero carnívoro, selvagem e passível de domesticação.

O mito do Eterno Retorno, por sua vez, guarda em si um conhecimento do fato cíclico, com uma poética que obedecia às restrições linguísticas e de compreensão lógicas no momento do desabrochar das suas origens, porém não distantes do que a paleobiologia defenderia a partir do século XIX: uma origem molecular adenética comum de tudo ser vivo quanto existe no planeta Terra, uma linha evolutiva de milhões de anos gravada na rocha, em fósseis e contemplada nos estágios embrionários e fetais comuns entre peixes, anfíbios, reptéis, mamíferos e ser humano. Cada ser humano carga na sua biologia a própria história da vida na terra e nem o processo de finitude normal consegue apagar: as moléculas irão à terra e recomeçarão a criação de um novo ser, um novo ente, seja em forma vegetal, animal e até humana. Cada parte está em tudo e tudo está em cada parte.

Este diálogo proposto de cunho interdisciplinar revela uma intertextualidade implícita entre ambas às obras e um interdiscurso de caráter convergente ao colocar Borges a pampa no centro das inquietudes filosóficas da sua personagem Juan Dahlman e das teorizações paleontológicas de Ameghino. A pampa como cenário geológico e geográfico humano, no discurso de Ameghino, adquire proporções tanto relevantes como revolucionárias, de confrontação, defendendo um modelo de povoamento tido como “profano” à época da sua publicação, enquanto em *O Sul* a sua menção derradeira e direta aparece como uma alusão que não perpassa a descrição de um vocábulo: *Ihanura*, porém o mesmo recebe uma dimensão tão profunda quanto em constante expansão, ao igual que seu sinônimo quéchua.

Por outro lado, o paleontólogo Florentino Ameghino até o final dos seus dias manterá viva a relevância da pampa como bioma gerador da existência humana no planeta, da mesma forma que o literato Jorge Luis Borges carregará consigo seu estado íntimo de atração pela *Ihanura*, pelo Sul, pela pampa onde enxergara uma passagem humana que viveu excluída e à margem dos benefícios que ilusoriamente traria o modelo civilizatório europeu. Todavia nessa precariedade encontrada na *Ihanura*, no Sul, na pampa, Borges vislumbrava um mundo primordial, talvez os ecos da sua fascinação quando criança por dinossauros, sobre o qual Jurado comenta:

Más adelante, agotada la fauna contemporánea, se interesó con pasión por los animales antediluvianos. Norah y él tenían una colección de ellos de juguete, y ésta fue su primera incursión en la paleontología; sabía perfectamente, según dicen, todos los difíciles nombres de aquellos reptiles gigantes extinguidos (JURADO, 1997, p. 36).

O escritor, também, enxergava nela um mundo ainda por construir ou inacabado.

Ambos os autores fazem da pampa a sua matéria prima principal para as suas inquietações filosóficas e produções escritas. Ameghino fez da pampa seu entorno cotidiano em virtude das suas pesquisas, como também a acolhe como seu primeiro lar ancestral ontológico. Borges por sua vez, ainda que aderindo a tese popular portenha de que o Sul começa na Avenida Rivadavia, elaborou e recriou a história da sua existência sem considerar que de fato sempre viveu na pampa, ainda que Buenos Aires enquanto cidade capital de Argentina tenha contribuído para apagar e esquecer uma parcela do território pampiano virgem.

Com efeito, Borges cidadão presenciou e testemunhou na sua lírica a periferia bonaerense, a dobra, *the fold, el pliegue* entre duas realidades, sem compreender talvez que a pampa não foi totalmente esmagada e esquecida debaixo do casco da cidade, virando um híbrido de cimento e ferro, mas conservando a relva, a argila e as ondulações orográficas características por encima da vontade dos sucessivos projetos arquitetônicos e urbanos.

Este último confronto proposto pelo autor da tese entre Florentino Ameghino e Jorge Luis Borges que se dá no âmbito da paleontologia e a literatura, e longe de facas, revela para além de debates e conjecturas, que as suas ontologias estão ligadas à *Ihanura*, a pampa, ao Sul, e são em definitiva, filhos da vastidão, da solidão, do vácuo, participantes de propostas e projetos científicos e sociopolíticos que, no fim das contas, não vingaram. Ameghino e Borges perambularam pela

pampa em séculos diferentes, vivenciaram-na e testemunharam-na, cada um segundo a sua percepção e seu credo, segundo a sua esperança, e acreditaram haver tangenciado a pampa com seu parecer discursivo. Muniram-se de uma logística e ferramentas, contudo, arbitrariamente humanas e deixaram a sua pegada para as futuras gerações comprovarem o status de validade ou improcedência dos seus discursos, segmentos estes não isolados que alimentam e alimentarão outros no afã de descrever e compreender o que é a pampa quando humana...

E assim, dá-se por encerrada a terceira parte do trabalho. A continuação, no próximo e último segmento, o autor deste trabalho exporá as suas reflexões e conclusões sobre a tese em questão.

## 5 CONCLUSÕES

Como resultado final deste trabalho, podem-se aventar quatro conclusões que estão amparadas pelos princípios e postulados propostos pelo filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin e que dão sustentação aos estudos e análises de Literatura Comparada.

Em primeiro lugar, conforme os estudos realizados pelo mencionado filósofo, todo discurso ou enunciado, seja oral ou materializado, em forma de produção textual ou de qualquer outra forma de manifestação artística, como pintura, escultura, música, dança, teatro, fotografia e cinema entre outros, está impregnado de outros discursos ou enunciados anteriores a sua própria existência. Assim sendo, não existe discurso ou enunciado que não contenha dentro de si ou não remeta a outros discursos. Portanto, no que diz respeito à produção do texto literário, não existe texto algum que, no mínimo, não faça alusão, mencione, remeta, cite ou copie parcial ou totalmente outro texto já existente.

Segundo, todo discurso ou enunciado, oral ou materializado, obedece a uma visão ou concepção ideológica vigente, imperante em algum lugar do tempo e do espaço e que se articula pela a sua supremacia. Portanto, não existe discurso ou enunciado sem conteúdo de cunho ideológico, seja o discurso daquele que detém o poder como também daquele que se levanta, se emancipa e confronta o poder constituído. A ação humana em todas as suas possíveis manifestações desde tempos imemoriais foi, é e será ideológica. Está condição inata desacreditará o velho ditado popular “ficar em cima do muro”, pois no momento de se identificar com o mesmo, seu eventual defensor assumirá uma postura com sua correspondente ideologia.

Terceiro, à luz dos postulados levantados por Henry H. H. Remak, que fazem possível o diálogo entre literatura e as ciências exatas, as artes, a religião, história e filosofia, procede afirmar que a confrontação dos textos de paleontologia e literatura aqui analisados torna-se possível e viável, pois muito embora sejam o primeiro de cunho denotativo e o outro de natureza conotativa, - abrindo assim este último a várias interpretações e compreensões -, ambos são produtos que não deixam de ser, também, artísticos, estéticos e culturais e que na sua estrutura profunda e adenética guardam as três grandes perguntas que a humanidade como um todo se faz desde que se considera como tal: quem sou eu, de onde eu venho e quanto tempo eu tenho.

Quarto, o texto científico “A antiguidade do homem no Prata”, de Florentino Ameghino, e o texto literário *O Sul*, de Jorge Luis Borges, satisfazem as condições mínimas para defender a tese de que ambos possibilitam a criação de um diálogo interdisciplinar. Neste diálogo entre paleobiologia e literatura, há indícios de se tratar de um caso de intertextualidade implícita ao se constatar a relevância do bioma sul-americano pampa tanto nos estudos paleontológicos de Ameghino quanto na ficção narrativa de Borges. Por outro lado, este caso de intertextualidade implícita revela um interdiscurso que, pelas suas características, se apresenta de natureza convergente, pois ambos os autores, ainda que separados por quase um século, enxergam na pampa argentina o espaço continental ancestral onde aparecera o ser humano há milhares de anos. Enquanto o cientista Florentino Ameghino procura comprová-lo com a metodologia paleontológica, o escritor Jorge Luis Borges apela na sua narrativa ficcional aos ecos ancestrais do mito do Eterno Retorno, colocados nas inquietações existenciais da sua personagem principal do conto *O Sul*, Juan Dahlman, assim como também resgatando de alguma forma a sua primeira incursão na paleontologia durante a infância, momento este em que abandona a zoologia apta e compreensível dos animais da hoje em dia para assumir o desafio de abstrair, refletir e imaginar criaturas antediluvianas e de não fácil nomenclatura.

É importante ressaltar neste ponto que a pesquisa não focou a sua atenção na possibilidade de que Borges aderisse explicitamente ao autoctonismo ameghiano, pois não foram achados comentários nem opiniões do literato sobre o que diz respeito às teorias que conjecturam o possível lugar do berço da humanidade. Isto, no entendimento do autor da presente tese doutoral, não

desqualifica nem derruba a procedência do autoctonismo implícito na sua narrativa ficcional analisada.

Por outro lado, a paleontologia ainda que um ramo da ciência biológica que trabalha com a comprovação, revela uma inquietude filosófica ao procurar nos vestígios orgânicos as presenças que conduzam ao ser humano. Com efeito, a paleontologia trabalha com o vestígio das presenças que provocam e exigem do cientista uma predisposição à imaginação crítica e objetiva, porém a ausência da certeza absoluta perante um fenômeno dado e acontecido a milhares ou milhões de anos abre espaço para múltiplas interpretações. Neste momento aflora uma possível aproximação da paleobiologia com o texto literário: teorizar não se distancia do binômio imaginar/idealizar o qual por sua vez não está muito longe de ficcionar.

Porém, longe de pretender chegar a uma conclusão com todo exposto, - pois nem a paleontologia nem a literatura podem atingir tal estágio tido como final -, o propósito desta análise foi debater e discutir que a pampa enquanto tal, um produto discursivo humano, o espaço aberto, vasto, sem limites, que não admite conclusão, que não admite contornos antrópicos temporais e relativos, se presta como matéria prima para a criação de discursos ideológicos e entre eles destacam aqueles que tentam sacramentar, canonizar e dar força de lei a práticas, comportamentos e atitudes que acolhem desde a ingenuidade à falácia existente na crença e convencimento do direito à propriedade, como também as teses de outros que defendem a ocupação e apropriação progressiva do solo, a partir de enfoques arbitrários impregnados de cobiça e falsidade ideológica.

A pampa se apresenta como o espaço desconhecido, ancestral que tenta e seduz à exploração e ocupação; é o segundo espaço vital com o qual o homem se depara após deixar o útero materno: o primeiro espaço fechado, confortável, já projetado, previsto, com sentido e significado próprios, que não precisa da abstração humana para a sua concretude, utilidade e funcionalidade, e que só obedece aos ditames da evolução biológica e cósmica; a inteligência e consciência. O Eu (com os seus dois desdobramentos o *Eu sou* e o *Eu estou*) chegará depois.

A pampa é o oposto, o espaço-desafio imposto ao homem de ter que se deslocar, transumar, batizar, nomear, dar uma utilidade, dar uma funcionalidade, dar um destino, se deparar com outros, os outros que já estavam, estão ou estarão, para defender, reivindicar, sobreviver, enfrentar, invadir, conquistar, exterminar, submeter,

crer na premissa da apropriação devida ou indevida, e ainda crer na precedência do pertencimento definitivo e permanente da terra.

A pampa é o campo (vale a redundância mais uma vez) da provação, é o teatro de operações entre a carga instintiva de sobrevivência e a luta daqueles que primeiro chegaram e dos outros que vieram depois, munidos, com os seus cânones religiosos, culturais, vícios materiais e manias, ao amparo de um etnocentrismo dado.

A pampa se apresenta como a fisionomia do principio e do fim; revela como foi o principio da terra, do mundo e como será também a sua escatologia, independente de qualquer ação tectônica ou antrópica; a pampa se apresenta como o lugar dos lugares do acolhimento do homem.

A sua concepção feminina levantada durante os estágios da ancestralidade humana austral, não está longe simbolicamente com a funcionalidade orogênica de servir de cenário matriz e palco base para a criação e transformação dos relevos. Simbologia e abstração humanas comungam com a concretude da física e da matéria do cosmos; inércia, dinâmica, destruição, transformação, estabilidade e inercia novamente sucedem-se *in aeternum*. A pampa foi, é e será; enquanto o homem na sua ontologia discursiva a imagina, a procura resolver, a procura humanizar com ideologias do momento, pois o ser humano não tem sapiência real do que está lá fora, a não ser uma vaga ideia que pretende consolar e brindar certa ilusão de segurança para os seus dilemas e conflitos existenciais.

Pode-se defender, então, que a pampa como ente, que se perde no horizonte atemporal e imemorial e remonta a suas origens ao levantamento da cordilheira dos Andes, - por volta do final da Era Secundária, no período Cretáceo, apogeu dos dinossauros como já foi exposto -, a pampa cujo limite é a linha do horizonte virtual do eventual observador, a pampa é o espaço que testemunha mudo o desenrolar da evolução e ajustes da Natureza. Presenciou o reinado dos dinossauros austrais, a sua decadência e extinção, a chegada dos mamíferos, o império da megafauna e a chegada das primeiras hordas de *Homo Sapiens*. Mas desta vez, nestes últimos 120 séculos, a pampa testemunha uma Natureza diferente: a natureza humana, uma natureza humana pós-neolítica que desembocará no decorrer dos milhares de anos na construção de uma nação que se assentou na sua orografia e que não conseguiu compreendê-la nem compreender-se como tal.

Para quem já esteve nos territórios pampianos, quesito necessário para poder conjectura-la, tem-se a sensação paradoxal de estar num lugar novo, mas velho ao mesmo tempo, quando apreciada desde a sua perspectiva geológica e orogênica. Para o visitante eventual e circunstancial se abre uma paisagem a descobrir: ainda com a megafauna totalmente extinta e os descendentes dos seus antigos paleohabitantes dizimados ou, na pior das hipóteses reduzidos a sua mínima expressão na sociedade ocidental e cristã argentina, a pampa ainda se mostra holocênica.

Este cenário propicia a defesa da procedência de que a pampa, - enquanto *Ihanura* com discreta ocorrência de ondulações que se opõem às elevações montanhosas de difícil acesso e habitabilidade -, é o lugar dos lugares onde se gestou uma parte da evolução, não só de seres antediluvianos e mesozoicos, como também acolheu na sua vastidão a diáspora humana pleistocênica. Ainda que não existam vestígios paleontológicos que, até o momento, confirmem a veracidade da pampa como bioma onde surgiu a raça humana, a pampa apresenta as condições para recomeçar uma e outra vez a caminhada do homem, de um outro homem histórico: o homem da pós-modernidade.

Todavia, o autor deseja encerrar a presente tese com uma poesia do grupo espanhol Aguaviva, escrita por Constantino Bartolo e Manolo Díaz, no início da década de setenta, quando a ditadura de Francisco Franco já se tornava insustentável e sem condições de continuar em pé. Pelo seu conteúdo, esta lírica converge de modo geral com as inquietudes de Florentino Ameghino, de Jorge Luis Borges e com as próprias expectativas da tese:

Somos filhos do instinto  
 escravos do porvir  
 prisioneiros sujeitos pelas correntes do passado;  
 somos as pedras rodantes  
 os cantos rodados  
 the rolling stones  
 que descem como loucos pela ladeira...  
 Somos caquinhos mecânicos de carne  
 que atraí o íman do declive  
 sempre rodando  
 cada vez mais depressa  
 cada vez mais perto  
 do salto  
 do abismo  
 do final  
 do além...



E nem sequer sabemos quem nos colocou lá em cima  
nem quem nos deu o primeiro impulso  
nem quem nos jogou ao vazio  
nem quem nos condenou a rodar...  
Somos as pedras rodantes  
os cantos rodados  
The Rolling Stones...  
Uma montanha  
uma pedra  
um salto  
um vazio  
a nada...  
(GONZÁLEZ LUCINI, 1989, p. 20 – 21, tradução livre).

## REFERÊNCIAS

**2001: uma odisseia no espaço.** Direção: Stanley Kubrick. Estados Unidos, Reino Unido. Produção: Stanley Kubrick. Metro Goldwing Mayer, 1968. Inglês, 142 min. Cor.

**2012.** Direção: Roland Emmerich. Estados Unidos. Produção: Roland Emmerich, Mark Gordon, Harold Kloser, Larry J. Franco e Ute Emerich. Columbia Pictures, 2009. Inglês, 158 min. cor.

**A intrusa.** Direção: Carlos Hugo Christensen. Argentina, Brasil. Produção: Carlos Hugo Christensen, Ubirajara Raffo Constant e Orígenes Lessa. 1979. Português, 100 min., cor.

AB'SABER, A.N. **Os domínios morfoclimáticos na América do Sul: primeira aproximação.** Geomorfologia, v.52, p.1-21, 1977.

AGUIRRE, Joaquín María. **Intertextualidade.** Disponível em: <<http://www.literaturas.com>.> Acesso em: 02.05.2014.

ALVES DE FARIA, Álvaro. **Borges, o mesmo e o outro.** São Paulo: Editora Escrituras, 2001.

AMEGHINO, Florentino. **La antigüedad del hombre en el Plata – Parte Primera.** Buenos Aires: “La Cultura Argentina”, 1918.

\_\_\_\_\_. **La antigüedad del hombre en el Plata – Parte Segunda.** Buenos Aires: “La Cultura Argentina”, 1918.

**ANAHY de las Misiones.** Direção: Sergio Silva. Produção: Mónica Schmiedt. M.Schmiedt Quanta e Consórcio Europa Severiano Ribeiro, 1997. Português, 110 m, cor.

ARAMAYO, Silvia; BAYÓN, Cristina; MANERA, Teresa; POLITIS, Gustavo. **Following the tracks of the first South Americans**. Evolution: Education and Outreach. Vol. 4, Issue 2, March 2011.

ARAÚJO, Felipe. **O pampa**. Instituto Pampa Brasil. Disponível em: <[http://www.pampabrasil.org.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=50&Itemid=57](http://www.pampabrasil.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=57)>. Acesso em: 04.05.2013.

ARBEA GARILAN, Antonio. **Colección de oro del estudiante – Cuentos hispanoamericanos de la Colonia al Irrealismo**. Santiago de Chile: Sociedad Comercial y Editorial Santiago Limitada, 1998.

BACHELAR, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1977.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENEDETTI, Mario. **El sur también existe**. Disponível em: <http://www.poemas.de/el-sur-tambien-existe/>. Acesso em: 02.01.2015.

BENÍTEZ, Luis. **Borges la tiniebla y la gloria**. Guías básicas de lectura. Madrid: Ediciones Lea, 2004.

BENGOA, Guillermo. **Horizonte velludo: paisaje y poder en la pampa**. Revista Nómadas, nº 22, abril de 2005, Universidad Central de Colombia.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERGIER, Jaques; PAUWELS Louis. **El retorno de los brujos**. Barcelona: Editorial Plaza y Janes, 1981.

BESSIÉRE, Jean et al. **Histoire des poétiques**. Paris: PUF Fondamental, 1997.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. A literatura comparada diante dos avanços tecnológicos. In: JOBIM, Jose Luis. Et al. (Org.) **Sentidos dos lugares**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

BOLCATTO CUSTÓDIO, Luiz Antônio. **Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; IPHAN, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar, Ética do humano – Compaixão pela Terra**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BONOMO, Mariano; POLITIS, Gustavo. **Nuevos datos sobre el “Hombre fósil” de Ameghino**. Asociación Paleontológica Argentina. Publicación especial 12 (2011). Vida y obra de Florentino Ameghino, pp. 101-119. ISSN 0328 – 347X.

BORGES, Jorge Luis. **Artificios**. Madrid: Editorial Alianza Cien, 1994.

BORGES, Jorge Luis; BULLRICH, Silvina. **El compadrito**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

\_\_\_\_\_. **El puñal**. Disponível em:

<[http://www.rincondelpoeta.com.ar/cuento\\_elpunal.htm](http://www.rincondelpoeta.com.ar/cuento_elpunal.htm)>. Acesso em: 01.19.2015.

\_\_\_\_\_. <http://www.frases.comyr.com/frases/frases-202.htm>.> Acesso em: 20.10.2009).

\_\_\_\_\_. **Historia universal de la infamia**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. **Obras completas 1923 – 1972**. 14. ed. Buenos aires: Emecé, 1974.

BRUSH, Stephen G.; HOLTON, Gerald. **Introducción a los conceptos y teorías de las ciencias físicas**. 2. ed. Barcelona: Editorial Reverté, 2004.

CARPENTIER, Alejo. **Reino de este mundo**. 6. ed. México: Compañía General de las Ediciones, 1973.

CARREÑO, Lorena; FRANK, Federico C.; VIGLIZZO, Ernesto F. **La situación ambiental argentina. Ecorregiones Pampa y Campos y Malezales. Situación ambiental en las ecorregiones Pampa y Campos y Malezales**. Disponível em: <<http://www.fvsa.org.ar/situacionambiental/pampa.pdf>> Acesso em:22.09.2014.

**CARMELITO**. Agenda do samba choro. Re: Carmelito. Mensagem da Tribuna Livre, uma lista de discussão sobre o samba e choro. Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0703/0092.html>> acesso em: 27.04.2015.

CARNAC, Pierre. **La historia empieza en Bimini**. Barcelona: Plaza & Janes, S. A. Editores, 1977.

CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada – Textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CEIA, Carlos. **Dicionário de termos literários**. Disponível em: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&link\\_id=919:literatura-comparada&task=viewlink](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=919:literatura-comparada&task=viewlink). Acesso em: 01.10.2014.

CIONE, Alberto L.; FIGINI, Aníbal J.; TONNI, Eduardo P. **Predominance of arid climates indicated by mammals in the pampas of Argentina during the Late Pleistocene and Holocene**. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology* 147 (1999) 257 – 281. La Plata: Elsevier Science B. V. 1999.

CONSTITUCIÓN WEB. **Mensaje del Presidente de la República Argentina, Nicolás Avellaneda, ante la Asamblea Legislativa (1876)**. Disponível em: [http://constitucionweb.blogspot.com.br/2010/09/mensaje-del-presidente-de-la-republica\\_25.html](http://constitucionweb.blogspot.com.br/2010/09/mensaje-del-presidente-de-la-republica_25.html). Acesso em: 24.12.2014.

**CORAZÓN de fuego/El último tren**. Direção: Diego Arsuaga. Argentina, Espanha, Uruguay. Produção: Mariela Besuievsky, Pablo Bossi, Gerardo Herrero, Oscar Kramer, Carlos Mentasti. Patagonik Film Group, 2002. Espanhol, 94 m, cor.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada – Reflexões**. São Paulo, Annablume, 2013.

DAIREUX, Godofredo. **Los dioses de la pampa**. Disponível em: <http://literatura.itematika.com/libro/394/los-dioses-de-la-pampa.html>. Acesso em: 16.11.2014.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo. Volume I, África, Brasil e Terra do Fogo**. Coleção L&PM Pocket, vol. 693. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2014.

DE CASTRO, Gilberto; FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. **Diálogos com Bakhtin**. 3. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.

DEL CAMPO, Estanislao. **Fausto**. Buenos Aires: Colihue, 2007.

DELFINO, Liliana; PIAGGIO, Mario. **Vegetación del Uruguay**. Disponível em: [http://micol.fcien.edu.uy/flora/uy\\_veget.htm](http://micol.fcien.edu.uy/flora/uy_veget.htm). Acesso em: 20.09.2014.

DELEUZE, Gilles. **El pliegue. Leibniz y el Barroco**. Barcelona: Paidós, 1989.

DIXON, Douglas et al. **Enciclopedia de dinosaurios y animales prehistóricos**. 5. ed. Barcelona: Plaza & Janes, Tusquets, Fundació La Caixa y Museo de la Ciencia, 1993.

ELIADE, Mircea. **El mito del eterno retorno**. 2. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ENGELS, Friedrich; MARX Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. URSS: Edições Progresso, 1987.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FARIÑA, Richard; Vizacaíno Sergio H. **Hace solo diez mil años**. 6. ed. Montevideo: Editora Fin de Siglo, 2009.

FERNÁNDEZ, Nieves García; LOBATO, Jesús Sánchez. **Español 2000, Nivel Superior**. 7. ed. Madrid: Editora SEGEL, 1995.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FONSECA, Juarez. **Ora bolas - O humor de Mario Quintana. 130 historinhas compiladas e adaptadas por Juaréz Fonseca**. 4. ed. Coleção L&PM Pocket, vol. 538. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GAINARD, Romain. **La pampa argentina. Ocupación-Población-Explotación. De la conquista a la crisis mundial (1550 – 1930)**. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1989.

GALEANO, Eduardo. **A descoberta de América que ainda que ainda não houve**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1988.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestes**. Paris: Senil, 1982.

GERCHUNOFF, Alberto. **Los gauchos judíos**. 2. ed. Buenos Aires: Aguilar Argentina S. A. Ediciones, 1975.

GOBELLO, José. **Letras de Tango, Selección 1897 – 1981**. Fascículo N° 2. Buenos Aires: Editorial Ediciones Centro Editor S. A., 1997.

GOBELLO, José. **Letras de Tango, Selección 1897 – 1981**. Fascículo Nº 22. Buenos Aires: Editorial Ediciones Centro Editor S. A., 1998.

GOBELLO, José. **Todo Tango. Letra de Tango que cuentan historias**. Buenos Aires: Ediciones Libertador, 2012.

GONZÁLEZ LUCINI, Fernando. **Veinte años de canción en España (1963 – 1983) Volumen 3. Los problemas sociales y la solidaridad**. 2. ed. Madrid: Ediciones de la Torre, 1989.

HAHN, Oscar. **Fundadores del cuento fantástico hispanoamericano**. Santiago de Chile: Salesianos S. A., 1998.

HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**. 15. ed. Buenos Aires: Editorial Lozada, 1973.

HERNÁNDEZ CUEVAS, Juan Carlos. Visiones decimonónicas de América: Martí y Sarmiento. Letralia Tierra de letras, la revista de los escritores hispanoamericanos en Internet. Año XI – Nº 50 – 9 de octubre de 2006, Cagua – Venezuela. Disponible em: <[http:// www.letralia.com/150. Juan Carlos Hernández Cuevas.htm](http://www.letralia.com/150_Juan_Carlos_Hernandez_Cuevas.htm)>. Acceso em: 22/12/11.

IBARRA GRASSO, Dick Edgar. **América en la prehistoria mundial**. Buenos Aires: TEA, 1982.

INGENIEROS, José. **Las doctrinas de Ameghino**. Buenos Aires: Ramón J. Roggero y Cia. Editores, 1951.

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**. São Paulo: Ática, Série Temas, vol. 31, Estudos Literários, 1992.

JOHNSON, Randal. **Literatura e cinema - Macunaíma: do modernismo ao cinema novo**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

JULIEN, Nadia. **Dicionário do símbolos**. São Paulo: Editora Rideel Ltda., 1993.

JURADO, Alicia. **Genio y figura de Jorge Luis Borges**. 3. ed. Buenos Aires: Eudeba SEM, 1996.

KAUFMANN, Cristian A.; MESSINEO, Pablo C.; POLITIS, Gustavo G. **El poblamiento temprano de las llanuras pampeanas argentinas y uruguayas**. Disponible em:

<[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=el+poblamiento+temprano+de+las+llanas+pampeanas+de+argentina+y+uruguay](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=el+poblamiento+temprano+de+las+llanas+pampeanas+de+argentina+y+uruguay)>. Acesso em:30.09.2014.

KERN, Arno (Org.). **Arqueología pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1991.

KOLOSIMO, Peter. **Odisea estelar**. Barcelona: Plaza y Janes Editores, 1981.

**LA redota**. Direção: César Charlone. Uruguay. Produção: José María Morales e Sancho Gracia. Wanda Films, Lusa Films, AIM Produções, Cimarrones Películas, 2009. Español, 108 m. cor.

LAMBERT, Mark. **Los fósiles**. Barcelona: Editorial Fontalba, 1979.

LEÓN, R. **Vegetation**, en: Soriano, A. y R. Coupland (eds.), Natural Grasslands: introduction and Western Hemisphere. Amsterdam: Elsevier, 1991.

**LOS gaúchos judíos**. Direção: Juan José Jusid. Argentina. Produção: Leopoldo Torres Nilson, Ana María Gerchunoff, Jorge Goldberg e Oscar Viale. 1974. Espanhol, 110 min. cor.

**LUA de outubro**. Direção: Henrique de Freiras Lima. Argentina, Brasil, Uruguai. Produção: Carlos Piwowarski, Mariangela Brando. 1997. Português, 100 min. Cor.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **Érico Verisimo e o regime militar**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=3255>>. Acesso em: 02.05.14.

MAGLIO, Federico Martín. **El pensamiento de Domingo Faustino Sarmiento**. (Maglio, 1999. Disponível em: <<http://www.fmmeduacion.com.ar/Historia/Notas/sarmiento.htm>>. Acceso em 24.12.2014.

MAGNUSSEN SAFFER, Mariano. **1911 – 2011 Cien años sin el sabio Florentino Ameghino. Historia y legado**. Paleo revista argentina de paleontología. Año 9, Nº 60. Septiembre de 2011.

MAINGUENEU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. **Radiografía de la pampa – Edición crítica**, Leo Pollman coordinador. 2. ed. Madrid: ALLCA XX, 1996.



MAUPASSANT, Guy de. **Contos fantásticos – O horla e outras histórias**. Coleção L&M POCKET, vol. 24. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MINA, Carlos. **Tango la mezcla milagrosa (1917 – 1956)**. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

MIOTTI, Laura; SALEMME, Mónica. **Poblamiento, movilidad y territorios entre las sociedades cazadoras-recolectoras de Patagonia**. *Complutum* 15: 177-206. 2004. Disponível em: <<http://ecaths1.s3.amazonaws.com/argentina1/CMPL.2004.15.177.206%20%28Miotti-Salemme%29.pdf>>. Acesso em: 24.12.2014.

**MISSÃO: Marte**. Direção: Bryan de Palma. Estados Unidos. Produção: Tom Jacobson. Buena Vista Pictures, 2000. Inglês, 114 min. Cor.

MOLACHINO, Justo R.; PRIETO, Jorge Mejía. **Borges ante el espejo**. México: Lectorum, 2005.

MONTENEGRO, Néstor. **Borges por el siglo de los siglos**. Buenos Aires: Ediciones Simurg, 1999.

NATIVE AMERICAN POETRY AND PRAYERS. **Mother Earth**. Disponível em: <<http://www.blackhawkproductions.com/poetrynative.htm>>. Acesso em: 15.01.2015.

NETRINI, Sandra. **Literatura comparada**. São Paulo: EDUSP, 1977.

NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luis Beethoven. **O povo de Luzia**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

**NOÉ**. Direção: Darren Aronofsky. Produção: Darren Aronofsky, Scott Franklin, Ric Kidney e Mary Parent. Paramount Pictures, 2014. Inglês, 138 min.

**O tempero da vida**. Direção: Tassos Boulmetis. Grecia, Turquia. 2003. Grego, turco, 107 in. Cor.

PADOA, Emanuele. **Historia de la vida sobre la Tierra, la evolución de los animales y de las plantas**. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1968.

PALENA, Walter. **Borges y la guerra de las Malvinas**. La Capital, domingo 01 de abril de 2012, 01:00. Disponível em: <<http://www.lacapital.com.ar/politica/Borges-y-la-guerra-de-Malvinas-20120401-0039.html>>. Acesso em: 03.05.2014.

PALERMO, Miguel Ángel. **Los habitantes más antiguos del país**. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1993.

**PAMPA bárbara**. Direção: Hugo Frugonese e Lucas Demare. Argentina. Produção: Ruben W. Cavalotti e Enrique de Rosas. Artistas Argentinos Asociados, 1945. Espanhol, 98 mm., preto e branco.

**PAMPA salvaje**. Direção: Hugo Fregonese. Argentina, Espanha, e Estados Unidos. Produção: Jaime Paredes. Bronston Internacional, 1966. Inglês, 112 m. cor. brasil.

PARECERES. **Por si vuelvo**. Disponível em: <[http://acordes.lacuerda.net/pareceres/por\\_si\\_vuelvo](http://acordes.lacuerda.net/pareceres/por_si_vuelvo)>. Acesso em: 02.01.2015

PESSIS, Anne Marie. **Imagens da pré-história**. Parque Nacional da Serra da Capivara. Brasil: FUNDHAM, 2003.

PIGLIA, Ricardo. **La Argentina en pedazos, Borges y los dos linajes**. Revista Fierro, Buenos Aires, N° 22, p. 32, junio, 1986.

PODGORNY, Irina. **De la santidad laica del científico Florentino Ameghino y el espectáculo de la ciencia en la Argentina moderna**. Argentina: Entrepasados, año VI, N° 13, 1997.

POLITIS, Gustavo. **The pampas and campos of South America**. Chapter 14 – Handbook of South American Archeology. New York: Helaine Silverman and William Isbell Springer, 2008.

**PROMETHEUS**. Direção: Ridley Scott. Estados Unidos. Produção: David Giler, Walter Hill, Ridley Scott e Tony Scott. 20<sup>th</sup> Century Fox, 2012. Inglês, 124 min. Cor.

ROANI, Gerson. **Literatura e judaísmo – O rosto judeu de Borges**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

RODÓ, José Henrique. **Parábolas**. Buenos Aires: Editorial Kapeluz, 1972.

ROMANINI, Vinicius. **O Brasil de Luzia**. Revista Terra, São Paulo, Ano 12, N° 151, novembro 2004.

ROMERA, Ángel. **Retórica, manual de retórica y recursos estilísticos**. Disponível em: <<http://retorica.librodenotas.com/Recursos-estilisticos-semanticos/intertextualidad>>. Acesso: 02.05.2014.

ROOS, Jaime. **Durazno y Convención**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/jaime-roos/538425/>>. Acesso: 01.01.2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humanismo**. 4. ed. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.

SARLO, Beatriz. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2008.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Disponível em: <<http://www.elhistoriador.com.ar/sarmiento.htm>>. Acesso em: 30.10.07.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**. Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social – Colección de autores de la Literatura Universal, volumen VII. Montevideo: Barreiro y Ramos Ltda. 1964.

SEGRE, Cesare. **Principios del análisis del texto literario**. Barcelona: Critica, 1986.

SILVA PINTO, Luia Adroaldo. **O autoctonismo – Teoria e cenário**. Porto Alegre: Editora AGE Ltda., 2003.

TADIE, Jean Yves. **A crítica literária no século XX**. Rio de Janeiro: Bertran de Brasil, 1992.

TERRA, Guillermo Alfredo. **Sociología y vocabulario del habla popular argentina**. Buenos aires: Editorial Plus Ultra, 1968.

TORRES GARCÍA, Joaquín. **Joaquín Torres García**. Disponível em: <<http://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/torres.htm>>. Acesso em: 05.02.2015

TORRES VINDAS, Javier. **El concepto de ideología en Mijaíl Bajtín**. Agencia Latinoamericana de información. América Latina en movimiento. 18.08.2007. Disponível em: <<http://alainet.org/es/active/18143>>. Acesso em: 15.02.2015.

VACAREZZA, V. H. **Biología e higiene humanas**. 13. ed. Montevideo: Palacio del Libro, 1971.

VERISSIMO, Erico. **Incidente en Antares**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIDART, Daniel. **Los cerritos de los indios del este uruguayo**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1996.